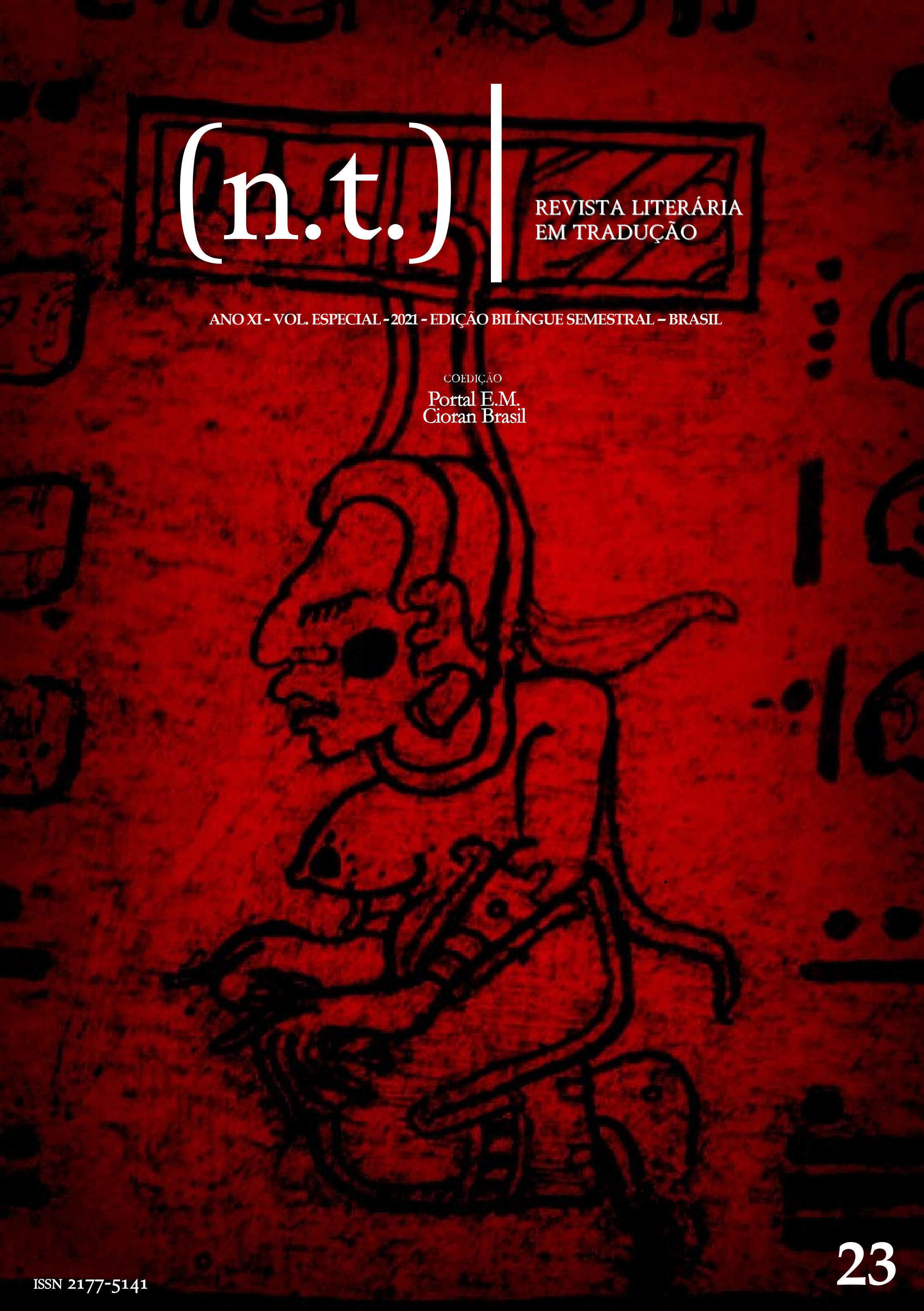


(n.t.)

REVISTA LITERÁRIA EM TRADUÇÃO

ANO XI - VOL. ESPECIAL - 2021 - EDIÇÃO BILÍNGUE SEMESTRAL – BRASIL

COEDIÇÃO
Portal E.M. Cioran Brasil

ISSN 2177-5141

23

tradução
μετάφραση
ترجمه
ਅਨੁਵਾਦ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
තභතවා
תרגום
vertaling
번 역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Nota do Tradutor -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 – [recurso eletrônico].

Semestral, ano 11, n. 23, vol. especial ilustrado, 2021
Bilíngue: 15 idiomas
Gleiton Lentz e Roger Sulis, editores; Rodrigo Menezes, coedição;
Julio Cabrera, argumento; Isabela Sancho, ilustração
Sistema requerido: PDF
Modo de acesso: https://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Archive.Org
ISSN 2177-5141

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada na Sumários.Org e Latindex

Licenciada na Creative Commons – Open Access

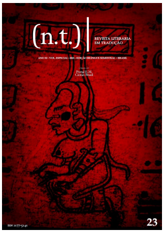
As traduções publicadas na revista são de propriedade intelectual de seus respectivos tradutores, amparada pela Lei dos Direitos Autorais, Lei nº 9.610, de 1998. Qualquer reprodução, sem a devida menção ou licença, será considerada apropriação indevida. E qualquer cópia de trechos, excertos ou passagens das traduções, será considerada plágio.

INTRO

"Quem é tão alto a ponto de subir aos céus?
Quem é tão vasto a ponto de abarcar a terra?"

O diálogo do pessimismo

EDITORIAL



www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

EDIÇÃO E COORDENAÇÃO
Gleiton Lentz

COEDIÇÃO E CONSULTORIA
Roger Sulis

REVISÃO E ASSISTÊNCIA
Amanda Zampieri

CONSULTORIA LINGUÍSTICA
Scott Ritter Hadley

REVISÃO DOS ORIGINAIS
Equipe (n.t.)

(n.t.)
EDIÇÃO ESPECIAL

COEDIÇÃO
Rodrigo Menezes
(Portal E.M.Cioran)

ARGUMENTO
Julio Cabrera

ILUSTRAÇÃO
Isabela Sancho

Esta é segunda edição especial da revista (n.t.) em mais de uma década de projeto. Desta vez, tematizamos o fenômeno do suicídio. Ao reunir 29 autores estrangeiros, em 15 idiomas diferentes, este número é uma espécie de Suicidário que contempla os mais variados pontos de intersecção entre a literatura e o ato. Por isso, apostando no cosmopolitismo e na pluralidade de vozes, decidimos preparar uma antologia literária e humanística que se presta a uma reflexão multidisciplinar e crítica sobre a questão. Afinal, a literatura é um meio privilegiado de ir além de nossas províncias pessoais, sempre tão demarcadas, e abordar sensivelmente certos tabus, tocar o intocável, dizer o indizível. Os estudos literários têm muito a contribuir para uma compreensão humanizada do ato do suicídio.

Nos últimos anos, houve um aumento significativo de publicações sobre o tema, tanto no campo dos estudos literários quanto nas ciências humanas em geral. São obras que abordam, por diferentes caminhos, e com métodos variados, esse fenômeno tão estigmatizado, tratado como crime ou pecado, contribuindo para elucidá-lo e humanizá-lo. O propósito deste Suicidário não é diferente. É uma edição temática especial da (n.t.) que vem se somar à extensa bibliografia* disponível sobre o suicídio, oferecendo-se como um aporte humanístico valioso em torno desse que, segundo Camus, em *O mito de Sísifo*, é o único problema filosófico realmente sério, pois julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à interrogação fundamental da filosofia.

A presente edição abre com um ensaio inédito de Julio Cabrera (1944-), filósofo argentino radicado no Brasil, mundialmente conhecido pelos seus estudos em matéria de ética negativa e um dos principais representantes latino-americanos do antinatalismo contemporâneo. Trata-se de um argumento filosófico com o propósito de "humanizar o ato suicida, removendo-o do invólucro de estranheza que habitualmente o acompanha". Segundo Cabrera, é preciso compreender e aceitar a escolha do suicida, sem condená-lo nem louvá-lo, uma vez que "suicidar-se nunca é heroico. [...] Continuar vivendo, pelo contrário, é sempre heroico", argumenta o filósofo. O ensaio conta com versões em três idiomas: português, espanhol e inglês.

Em seguida, na seção Poesia e Prosa, apresentamos as traduções, dispostas em ordem cronológica, cujo critério é a data de nascimento dos autores. Elas recobrem, em seu conjunto, um amplo arco histórico que vai da Antiguidade aos tempos atuais. O primeiro dos textos, o antigo diálogo mesopotâmico intitulado *Servo, serve-me!*, na tradução de Gleiton Lentz, é um tratado filosófico em acádio do primeiro milênio a.C., que aborda o suicídio como um ato soberano, uma possibilidade de libertar-se dos grilhões da servidão. Vale frisar que, muito embora esta edição tenha o suicídio como eixo temático, nem todos os autores

* Ao final deste número, na seção Index, constam as bibliografias relativas a este editorial, ao ensaio de Julio Cabrera e à curadoria da revista como um todo. Em seu conjunto, fornecem um aporte bibliográfico substancial sobre a questão do suicídio.

reunidos aqui foram os *autores* de suas mortes. Dito isso, o *post-scriptum* apresenta aforismos inéditos de Emil Cioran, pensador romeno que viveu meditando sobre o suicídio, mas que se manteve aquém do ato, na tradução de *Encontros com o suicídio*, por Rodrigo Menezes.

E entre o *diálogo* e os *encontros*, eis os autores e as traduções que compõem este Suicidário: o francês Gérard de Nerval, com *Passeios e lembranças*, por Vera Lúcia de Azevedo Siqueira; o armênio Yeghia Temirtchipashian e sua *Canção disforme*, por Fernando Januário Pimenta e Lusine Yeghiazaryan; o andaluz Ángel Ganivet, com *Os corvos*, por Willian Henrique Cândido Moura; o francês Léon Deubel, com *Os malditos*, por Cílio Lindemberg; o romeno Urmuz e seu *Filme documentário da morte*, por Fernando Klabin; a estadunidense Sara Teasdale, com *Só*, por Alison Silveira Morais; o austríaco Georg Trakl, com *Cemitério de São Pedro*, por Marcos Müller; o italiano Carlo Michelstaedter, com *Despertar*, por G. Lentz; o grego Napoleon Lapathiotis, com *Estou só*, por Miguel Sulis; a argentina Alfonsina Storni, com *Eu no fundo do mar*, por Luciana Lima Silva; o russo Vladímir Maiakóvski, com *A todos*, por Verônica Filíppovna; o russo Serguei Essênin, com *Meus sonhos*, por V. Filíppovna; o grego Kóstas Karyotákis, com suas *Elegias e Sátiras*, por Théo de Borba Moosburger; o francês Jacques Rigaut, com *Serei sério como o prazer*, por Natan Schäfer; o japonês Osamu Dazai, com *Cerejas*, por Karen Kazue Kawana; a italiana Antonia Pozzi e sua *Oração à poesia*, por Camila Vicentini Camargo e Cláudia Tavares; o franco-uruguaio Albert Caraco, com *Breviário do Caos*, por Rodrigo Menezes; o sueco Stig Dagerman, com *A nossa necessidade de consolo é impossível de satisfazer*, por Paula Castro e José Daniel Ribeiro; o japonês Yukio Mishima, com o *Poema de Morte*, por Renan Kenji Sales Hayashi; o catalão José Agustín Goytisolo, com *Adeus*, por Gabriela Ghizzi Vescovi; o francês Jean-Pierre Duprey, com *O fim e a maneira*, por N. Schäfer; a estadunidense Sylvia Plath, com *As danças da noite*, por Beta M. X. Reis; a argentina Alejandra Pizarnik, com *A última inocência*, por Júlia Corrêa; a persa Ghazaleh Alizadeh e suas *Últimas palavras*, por M. Sulis; a turca Nilgün Marmara, com *Túmulo*, por Leonardo da Fonseca; e o chinês Haizi, com *Diante do mar, flores abrem na primavera*, por Marcelo Medeiros e Zhou Chunlin.

E esta edição leva na capa Ixtab, a "deusa da corda", segundo a mitologia maia (*Ix* = mulher; *tab* = corda), considerada por muito tempo a deusa do suicídio por enforcamento. Sua imagem aparece na página 53 do *Códice de Dresden* (c. 1250-1200 d.C.), um dos quatro códigos maias remanescentes, o qual desempenhou um papel fundamental na decifração da escrita mesoamericana. Nele, Ixtab é representada como uma mulher morta, de olhos fechados, enforcada nos galhos de Yaxche. Essa interpretação remonta à época da conquista espanhola, por parte do inquisidor Diego de Landa, que escreveu sobre Ixtab em sua *Relación de las cosas de Yucatán* (1566). Leituras mais recentes questionam a sua interpretação como a deusa dos suicidas, alegando que se trata de um equívoco eurocêntrico acerca das crenças maias. Ela seria, na verdade, uma deusa lunar, Ixchel, pois aparece no *Códice* em uma

Agradecimentos

Fac-símiles e originais: ▪ Oxford University Press (Ing.), para "arad mitanguranni"; ▪ Gallica (Fra.), para "Promenades et Souvenirs", de G. de Nerval; ▪ Biblioteca Virtual de Andalucia (Esp.), para "Los grajos", de Á. Ganivet; ▪ Gallica (Fra.), para "Les maudits", de L. Deubel; ▪ Archive. Org (EUA), para "St.-Peters-Friedhof", de G. Trakl; ▪ Liber Liber (Itá.), para "Risveglio", de C. Michelstaedter; ▪ Biblioteca del Congreso de la Nación (Arg.), para "Yo en el fondo del mar", de A. Storni; ▪ Wikisource.org (EUA), para "Всем", de V. Maiakóvski; ▪ Библиотека Максима Мошкова (Rús.), para "Мои мечты", de S. Essênin; ▪ Wikisource.org (EUA), para "Je serai sérieux comme le plaisir", de J. Rigaut; ▪ 青空文庫 (Jap.), para "桜桃", de O. Dazai; ▪ Google Books (EUA), para "Bréviaire du Chaos", de A. Caraco; ▪ Google Books (EUA), para "Vårt behov av tröst är omättligt", de S. Dagerman; ▪ きずな出版 (Jap.), para "辞世", de Y. Mishima; ▪ Openlibrary.org (EUA), para "La fin et la manière", de J.-P. Duprey; ▪ Archive.Org (EUA), para "La última inocencia", de A. Pizarnik. **Direitos de publicação:** ▪ Սարգիս Խաչենց, Փրինթինֆո e Ars Poetica (Armê.), para "Անգեղն երգ", de Y. Temirtchipashian; ▪ Editura Minerva (Rom.), para "Filmul documentar al morții", de Urmuz; ▪ Buccaneer Books (EUA), para "Alone", de S. Teasdale; ▪ Ταξιδευτής (Gré.), para "Είμαι μόνος", de N. Lapathiotis; ▪ Εκδόσεις Γ. Οικονόμου (Gré.), para "Ελεγεία και Σάτιρες", de K. Karyotákis; ▪ Garzanti Editore (Itá.), para "Preghiera alla poesia", de A. Pozzi; ▪ Fenda Edições (Port.), para "A nossa necessidade de consolo é impossível de satisfazer", de S. Dagerman; ▪ Editorial Laia (Esp.), para "Adiós", de J. A. Goytisolo; ▪ Faber and Faber Limited (Ing.), para "The Night Dances", de S. Plath; ▪ توس (Irã), para " كلمات اخر", de G. Alizadeh; ▪ Everest (Tur.), para "Mezar", de N. Marmara; ▪ 作家出版社, para "面朝大海春暖花开", de Haizi; ▪ Gallimard (Fra.), para "Rencontres avec le suicide", de E. M. Cioran. **Direitos autorais cedidos:** ▪ Julio Cabrera, para o ensaio trilíngue "Para uma Crítica da razão suicida".

seção dedicada aos eclipses lunares. O que se sabe é que havia, de fato, na mitologia maia, uma divindade chamada Ixtab, cujos atributos podem ter sido distorcidos ao longo da história. De todo modo, seu nome significa – etimológica e iconograficamente – a "mulher da corda", sendo descrita geralmente como uma mulher com um nó de enforcamento no pescoço. De resto, os suicidas, na antiga sociedade maia, detinham um *status* comparável ao das vítimas sacrificiais, das mulheres que morriam no parto e dos guerreiros mortos em combate. Ixtab atuava como uma espécie de "guia das almas", protegendo os suicidas e conduzindo-os para o céu, onde repousariam eternamente à sombra de uma Yaxche ("árvore da vida").

Dedicamos a Ixtab esta edição, desejando que ela conduza – qual uma psicopompa – os autores aqui reunidos para o seu merecido repouso à sombra de uma Yaxche. E sob a égide da deusa maia, apresentamos aqui 29 traduções de poetas, escritores e filósofos que contemplaram, cada um a seu modo, o impasse da lucidez diante da existência que pode levar (ou não) à "evasão para fora da luz", como diria Camus. A heterogeneidade dá o tom do Suicidário, cuja polifonia de vozes é preservada como uma virtude não apenas estética. Os textos traduzidos vão de poemas a ensaios, de contos breves a aforismos, de bilhetes a cartas de despedida – abordando de maneira explícita ou implícita, sóbria ou romanticamente apaixonada, a questão do suicídio. A (n.t.) espera contribuir, com esta edição, para os estudos e debates acerca do suicídio, na interface entre literatura e filosofia, psicologia, antropologia, sociologia, entre outras áreas das ciências humanas.

Este número conta também com a coorganização de Rodrigo Menezes, editor do Portal E.M. Cioran Brasil, e com a ilustração de Isabela Sancho, artista gráfica (além de escritora e psicanalista) convidada que preparou a série de 20 ilustrações intitulada "Eu Sou!". Seus traços em lápis negro, delineados sobre um fundo branco, traduzem com maestria os sentimentos mais íntimos e os desejos mais silenciosos dos autores vertidos.

(n.t.) | 23°

Publicada na Ilha do Desterro,
em Santa Catarina, Brasil.

Edição especial coeditada
com o Portal E.M. Cioran Brasil.

© Todos os direitos reservados
aos autores, tradutores e editores.

Licenciada na Creative Commons,
Licença Internacional 4.0
Open Access

ISSN 2177-5141

Na convicção de apresentar uma publicação humanisticamente valiosa, convidamos os leitores da revista a explorar as páginas deste número especial de nossa (interminável) *torre de babel*, a conhecer os autores – conduzidos por Ixtab – e descobrir o que cada um deles tem a dizer em seu próprio idioma, a *auscultar* suas vozes dissonantes, mas sempre com algo em comum, vozes que se impuseram o silêncio eterno, mas que seguem vivas graças ao ofício dos tradutores. Pois traduzir é reavivar.

Boa literatura traduzida, deste e do outro mundo. ■

Os editores.
Desterro/São Paulo, julho de 2022.

SUMÁRIO

ARGUMENTO

"Se te queres matar..." – Para uma Crítica da razão suicida
"Si te quieres matar…" – Hacia una Crítica de la razón suicida
"If you want to kill yourself…" – For a Critique of Suicidal Reason
de Julio Cabrera
12

POESIA E PROSA

𒀵 𒈪𒋫𒄖𒀭𒉌 | Servo, serve-me!
O diálogo do pessimismo
de Anônimo
por Gleiton Lentz
60

Promenades et Souvenirs | Passeios e lembranças
de Gérard de Nerval
por Vera Lúcia de Azevedo Siqueira
72

Անզեղն երգ | Canção disforme
de Yeghia Temirtchipashian
por Fernando Januário Pimenta e Lusine Yeghiazaryan
87

Los grajos | Os corvos
de Ángel Ganivet
por Willian Henrique Cândido Moura
99

Les maudits | Os malditos
de Léon Deubel
por Cílio Lindemberg
120

Filmul documentar al morții
Filme documentário da morte
de Urmuz
por Fernando Klabin
140

Alone | Só
de Sara Teasdale
por Alison Silveira Morais
148

St.-Peters-Friedhof | Cemitério de São Pedro
de Georg Trakl
por Marcos Müller
158

Risveglio | Despertar
de Carlo Michelstaedter
por Gleiton Lentz
169

Είμαι μόνος | Estou só
de Napoleon Lapathiotis
por Miguel Sulis
193

Yo en el fondo del mar | Eu no fundo do mar
de Alfonsina Storni
por Luciana Lima Silva
207

Всем | A todos
de Vladímir Maiakóvski
por Verônica Filíppovna
217

Мои мечты | Meus sonhos
de Serguei Essênin
por Verônica Filíppovna
223

Ελεγεία και Σάτιρες
Elegias e Sátiras
de Kóstas Karyotákis
por Théo de Borba Moosburger
242

Je serai sérieux comme le plaisir
Serei sério como o prazer
de Jacques Rigaut
por Natan Schäfer
264

桜桃 | Cerejas
de Osamu Dazai
por Karen Kazue Kawana
272

Preghiera alla poesia | Oração à poesia
de Antonia Pozzi
por Camila Vicentini Camargo e Cláudia Tavares
288

Bréviaire du Chaos | Breviário do Caos
de Albert Caraco
por Rodrigo Menezes
302

Vårt behov av tröst är omättligt
A nossa necessidade de consolo é impossível de satisfazer
de Stig Dagerman
por Paula Castro e José Daniel Ribeiro
325

辞世 | Poema de Morte
de Yukio Mishima
por Renan Kenji Sales Hayashi
337

Adiós | Adeus
de José Agustín Goytisolo
por Gabriela Ghizzi Vescovi
341

La fin et la manière | O fim e a maneira
de Jean-Pierre Duprey
por Natan Schäfer
351

The Night Dances | As danças da noite
de Sylvia Plath
por Beta M. X. Reis
364

La última inocencia | A última inocência
de Alejandra Pizarnik
por Júlia Corrêa
376

كلمات اخر | Últimas palavras
de Ghazaleh Alizadeh
por Miguel Sulis
384

Mezar | Túmulo
de Nilgün Marmara
por Leonardo da Fonseca
387

面朝大海春暖花开
Diante do mar, flores abrem na primavera
de Haizi (Zha Haisheng)
por Marcelo Medeiros e Zhou Chunlin
403

POST-SCRIPTUM

Rencontres avec le suicide
Encontros com o suicídio
de E.M. Cioran
por Rodrigo Menezes
412

INDEX

Ilustrações de Isabela Sancho
Bibliografia
428

argumento

(n.t.) | Códice de Dresden

"Se te queres matar..."

Para uma Crítica da razão suicida

Julio Cabrera

O texto: Ensaio inédito do filósofo argentino radicado no Brasil, reconhecido internacionalmente pelos seus estudos em matéria de *ética negativa* e considerado um dos principais representantes latino-americanos do antinatalismo contemporâneo, movimento que antecipou em seu livro *Projeto de ética negativa*, de 1989, onde já falava da imoralidade da procriação. O presente texto condensa o sistema de bioética negativa desenvolvido por Cabrera ao longo da sua obra, em livros como a *Crítica de la moral afirmativa* (2014, 2ª edição), *Mal-estar e moralidade* (2018) e *Discomfort and moral impediment* (2019). À diferença das abordagens tradicionais do suicídio, que o situavam dentro da tese da bondade intrínseca da vida, Cabrera insere a questão do suicídio dentro do contexto antinatalista. Isto significa indagar se, uma vez que aceitamos que a vida humana não é boa – mas, no máximo, suportável – e que o ato procriador é moralmente problemático (tese central do antinatalismo), disso decorre ou não o suicídio imediato. No texto se defende a ideia de que o suicídio é uma *possibilidade* real da vida, logicamente plausível e eticamente defensável, possibilidade que pode realizar-se de imediato, mais adiante ou nunca. Essa realização acontece quando os atritos da estrutura terminal da vida, recebida no nascimento, predominam totalmente sobre a criação intramundana de valores positivos, tornando a vida insuportável. Esta abordagem pessimista e antinatalista resgata o suicídio do mito do seu suposto "enigma" e contribui para uma humanização do ato. O artigo constitui uma genuína *Crítica* no sentido kantiano (*Kritik*), uma teoria filosófica – na intersecção entre ontologia, epistemologia, ética, política e estética – que busca determinar os *limites* e as *condições de possibilidade* do suicídio como escolha de vida e de morte (voluntária) eticamente justificada. *Ontologia*: falar de suicídio exige falar de nascimento, da estrutura do mundo e especialmente da vida humana, em sua *terminalidade* constitutiva. *Epistemologia*: as razões do suicídio são tão compreensíveis, e tão opacas, quanto as razões da vontade de viver *a qualquer custo*. *Ética*: a decisão de matar-se ou prosseguir cabe unicamente ao indivíduo, que detém a última palavra. *Política*: é preciso compreender e aceitar a escolha do suicida, sem condená-lo ou louvá-lo. *Estética*: é preciso pensar a própria morte, segundo as palavras de Ronald Dworkin, como "o efeito da última cena de uma pela teatral".

Entendendo que o trabalho da filosofia consiste em virar o mundo e a vida às avessas, questionando suas convenções e sua própria estrutura, contra o senso comum, Cabrera desconstrói preconceitos e tabus atávicos, argumentando – usando Kant contra ele mesmo – que, se não existe nenhum imperativo moral que diga que "*deve-se viver a qualquer custo*", existe o imperativo "*deve-se estar disposto a morrer quando a moralidade assim o exige*". Retomando o célebre *Elogio* de Erasmo de Rotterdam, somente a *loucura* nos faz perseverar na vida *apesar de tudo*, e essa continuidade pode ser tão moralmente digna quanto a escolha pela morte voluntária. Em uma tensão dialética iluminadora com grandes pensadores da tradição filosófica europeia, como Agostinho, Erasmo, Kant e Sartre, esta *Crítica da razão suicida* é um aporte filosófico essencial em torno da questão – "humana, demasiado humana" – do suicídio. Detalhe: "*Se te queres matar...*" é o título de um poema de Fernando Pessoa, citado por Cabrera.

O autor: Julio Cabrera, filósofo nascido em meados do século XX e programado para morrer em inícios do século XXI, natural de Córdoba (Argentina), em cuja universidade (a terceira mais antiga da América Latina, de 1613) obteve seu doutorado em filosofia da linguagem e estética. Proponente de uma filosofia pluralista da linguagem, de uma ética negativa, de uma abordagem negativa da argumentação e de uma teoria *logopática* do cinema, é autor de aproximadamente duas dezenas de livros, alguns em coautoria, além de numerosos artigos em países europeus (Itália, Alemanha, Espanha, Portugal, França) e latino-americanos (Colômbia, Chile, México, Uruguai, Venezuela, Argentina, Brasil). Entre seus livros mais relevantes estão *Projeto de ética negativa* (São Paulo, 1989: 2011), *A Lógica condenada* (São Paulo, 1987), *Crítica de la Moral Afirmativa* (Barcelona, 1996: 2014), *Cine: 100 años de filosofía* (Barcelona, 1999: 2015), *Margens das filosofias da linguagem* (Brasília, 2003: 2009), *Diário de um filósofo no Brasil* (Ijuí, 2010: 2013), *Mal-estar e Moralidade* (Brasília, 2018), *Discomfort and moral impediment* e *A negative approach to argumentation* (ambos em Inglaterra, 2019), e *Devorando Nietzsche. Por um niilismo sul-americano* (Bahia, 2022).

Os tradutores: Versão espanhola, original do autor; para a versão inglesa, tradução de Rodrigo Menezes.

"Se te queres matar..."
Para uma Crítica da razão suicida

"Deveríamos fazer um esforço para humanizar o ato suicida, removendo-o do invólucro de estranheza que o acompanha."

JULIO CABRERA

1. O problema bioético fundamental é o nascimento, se procriar é moralmente bom. Aborto, heterocídio[1] e suicídio são problemas derivados. Antes de perguntar pela moralidade do suicídio, há que se perguntar pela moralidade da procriação.

2. Houve um filósofo alemão que disse que a filosofia é o mundo às avessas. Segundo os valores vigentes, a vida é valiosa em si mesma, dar a vida é um ato generoso, a relação mãe-filho é o paradigma de uma relação moral, e tirar a própria vida é o mais abominável dos atos. O filósofo tem argumentos para mostrar que o valor da vida é problemático, que procriar enfrenta graves problemas morais, que a relação mãe-filho é egoísta e que suicidar-se pode ser um ato mais moral que continuar vivendo sem condições.

3. Em meus livros, tenho abordado demoradamente a questão do valor sensível e moral da vida humana[2]. Este argumento tem um pressuposto inicial: *uma vida humana possui uma estrutura.* Ela não consiste em um amontoado de elementos que podem ser "bons" ou "maus" segundo o ponto de vista que se assume. Meu argumento não acentua os "lados maus" da vida – como se costuma dizer –, mas aponta para uma estrutura que é sistematicamente adversa aos humanos.

---

[1] Neologismo para designar a morte de outra pessoa, diferentemente da própria morte.
[2] Cabrera, Julio. *Mal-estar e Moralidade*, capítulo I.

4. Essa estrutura de uma vida humana está formada por três elementos:

(a) A vida é *terminal* desde o nascimento. A morte não é um fenômeno adventício, mas está embutida no ser mesmo que nasce.

(b) Essa vida terminal não decorre tranquila, ela é *atritada*, sujeita a fricções. Os atritos podem ser resumidos em três: dor, desânimo e inabilitação moral. Doenças, acidentes, catástrofes naturais e sociais, depressões anímicas e agressões de outros humanos, desde pequenas fofocas até cruéis perseguições.

(c) Terceiro: os humanos estão equipados de *mecanismos* psicológicos e biológicos para se defender dos atritos da terminalidade de seu ser. São forçados a criar valores positivos para demorar a consumação da terminalidade atritada de seu ser, até serem derrotados por ela em qualquer momento da vida.

4.1. Obras de arte, recursos tecnológicos, façanhas esportivas, religiões e filosofias sublimes são produtos culturais que os humanos geram para enfrentar o avanço cotidiano da terminalidade.

4.2. Se a vida fosse originariamente um lugar bom, os humanos não teriam criado com tanto afinco outros mundos melhores para viver.

5. Convicto de haver uma Cidade de Deus, Agostinho de Hipona foi muito feliz em suas descrições sombrias acerca da cidade dos homens. A mortalidade humana não pode ser boa, posto que foi uma punição divina. Escreve Agostinho: "*Todas as pessoas desejam ser felizes. Se o desejam de fato, consequentemente, devem desejar também ser imortais, pois de outro modo não poderiam ser felizes*"[3]. Se o diagnóstico de Agostinho for correto, o será universalmente, mesmo para aqueles que não esperam entrar nunca na Cidade de Deus.

6. A deterioração da vida não é apenas sensível, mas também *moral*. Em uma vida inicialmente terminal e atritada, muito curta para desenvolver projetos, sempre ameaçados por catástrofes, em um corpo que envelhece dia a dia, vivendo no meio de outros milhares de humanos nas mesmas condições adversas, é praticamente impossível desenvolver uma genuína vida moral.

6.1. Somos obrigados a lutar, concorrer e derrotar, já começando por não nos importar de viver em uma sociedade sustentada pelo trabalho semiescravo da maioria da humanidade. Para continuar vivendo, teremos que apreender a cultivar certo grau de insensibilidade moral.

---

[3] Agostinho de Hipona, *A Trindade*, Livro XIII, capítulo 8.

6.2. A este fenômeno estrutural tenho chamado de *inabilitação moral*: a impossibilidade de sermos éticos com todos os humanos, em todos os nossos cenários de ação[4].

7. A noção de ética é complexa e há muitas formulações, mas para efeitos de julgamento moral da procriação, podem-se considerar as duas exigências de *não prejudicar* aos outros e de *não manipular* aos outros como as fundamentais. Ambas as exigências são transgredidas no ato procriador:

7.1. Se a vida que damos está marcada pela estrutura terminal atritada e premente, aquele que nasce é *prejudicado*, pois é colocado no processo mortal, doloroso, desanimador e agressivo em que consiste toda vida humana, com independência de seus conteúdos.

7.2. Em segundo lugar, tanto na procriação planejada como na "acidental", há *manipulação* de quem nasce, seja por excesso de projeto, seja por falta de projeto. Ter filhos é uma extraordinária maneira de aliviar a terminalidade atritada dos progenitores.

8. Se formos responsáveis e quisermos ainda levar uma vida moral, deveríamos nos abster de ter filhos (sem precisar ser abstinentes). Deveríamos ter a coragem e a força de suportar a estrutura terminal atritada de nosso próprio ser sem precisar gerar outro ser como parapeito para a dor e o vazio de nossa vida.

8.1. Não há nenhuma obrigação moral de procriar. E dada a estrutura do mundo, é mais plausível uma obrigação moral de *não* procriar.

8.2. Contra a fácil objeção de que, de ser universalizada esta máxima, a humanidade acabaria, deve-se responder que a sobrevivência da humanidade não é uma exigência moral, mas apenas sensível. A humanidade deveria estar disposta a desaparecer se a moralidade assim o exigisse.

9. O que foi anteriormente exposto descreve o ambiente vital dentro do qual é possível introduzir a questão do suicídio. Esta questão não pode ser colocada hoje da mesma forma que há 40 anos, quando a procriação não tinha sido rigorosamente questionada. (Meu *Projeto de ética negativa*, que já falava do problema moral da procriação, foi publicado em 1989, antes do surgimento do movimento antinatalista, consolidado pela publicação do livro de David Benatar em 2006).

---

[4] Cabrera, Julio. *Mal-estar e Moralidade*, capítulo II.

9.1. *Se* aceitarmos a descrição estrutural da vida humana e que procriar é prejudicial e manipulador, não será igualmente imoral continuar a viver esta vida? Se for imoral ter nascido, poderá ser moral continuar vivendo?

10. Uma vida como mostrada pela descrição estrutural nunca pode ser "boa" ou "bela". Ela poderá, no máximo, ser mantida no nível do *suportável*, em virtude da eficácia dos valores positivos com os quais os humanos conseguem adiar a consumação da terminalidade adquirida no nascimento. Prazeres, alegrias e realizações são, elas próprias, terminais, além de pontuais, rápidas e onerosas (alegrias tristes, segundo Agostinho), e acontecem dentro do registro do suportável.

10.1. É perfeitamente natural que os humanos experimentem, de vez em quando, algum tipo de *desânimo* pelo fato de estarem, inevitável e irreversivelmente, embutidos dentro de um ser terminal atritado que vai esmagá-los quando se consumar totalmente.

10.2. Assim como a angústia é o *pathos* da abertura ao ser (Heidegger) e a náusea o *pathos* da contingência (Sartre), o desânimo é o *pathos* da terminalidade do ser.

10.3. O depressivo está certo. O ser mesmo deprime.

11. Uma vida *suportável* mantém como horizonte a possibilidade de ela, em certo momento, tornar-se *insuportável*, tanto sensivelmente (na forma de dores e desânimos) quanto moralmente (nas variadas formas da inabilitação moral). O continuar vivendo pode tornar-se moralmente indigno para nós e prejudicial aos outros.

11.1. Intuitivamente, muitos dirão ser exagerado considerar a vida como apenas "suportável", sendo que a maioria a experimenta como boa. Mas as pessoas conseguem viver em virtude do enterramento cotidiano da terminalidade atritada do seu ser, através de uma forte naturalização do sofrimento físico, psicológico e moral. O sofrimento acaba coincidindo com o ser, e vivido naturalmente no fluxo da vida.

11.2. A maioria dos humanos não se suicida, mas a maioria só consegue viver sob a proteção de hábitos, manias e neuroses, consumindo remédios e drogas ou envolvendo-se em diversões ou atividades febris que os mantêm ocupados, quando não caem em doenças mentais graves por não conseguirem se inserir em uma vida em cotidiano acabamento.

12. Dentro dessa análise estrutural da vida humana, abre-se, pois, de forma totalmente natural, a possibilidade vital de *não continuar vivendo*. Isso não é apenas uma possibilidade *lógica* (não contraditória), mas uma possibilidade *real* da vida humana. Uma vida dada assimetricamente, e que tenha as

características estruturais apontadas (terminalidade atritada forçosamente resistida até a derrota), mantém dentro de si, como possibilidade perfeitamente plausível, o querer acabá-la antes de sua plena consumação, quando ela se torna, a juízo do afetado, sensível e/ou moralmente *insuportável*.

12.1. A possibilidade do suicídio surge plausivelmente toda vez que a estrutura terminal do ser predomina fortemente sobre os valores criados no intramundo. Aceitamos, pré-reflexivamente, continuar vivendo enquanto esses valores são predominantes sobre a estrutura. O menor predomínio da estrutura sobre os valores positivos faz com que apareça naturalmente em nossas mentes a ideia de suicídio, mesmo que ela seja descartada de imediato.

12. 2. A vida pode ser vista (se tivermos sorte) como uma agradável viagem de trem, com o trem caindo em um abismo na estação terminal. Nada mais compreensível que querer saltar em uma estação anterior.

13. Kant faz uma diferença imensa entre o suicida, que tem a "intenção de se autodestruir", e aquele que morre arriscando a vida por algo nobre[5]. Mas esses limites são difusos. Tão moralmente louvável parece aquele que se mata antes dos guardas do tirano chegarem, como aquele que se deixa prender e torturar, morrendo nas mãos dos outros (como o padre Pietro do filme *Roma, cidade aberta*, de Rossellini, e de milhares de pessoas mortas nas ditaduras).

13.1. É claro que, no primeiro caso, havia uma "intenção de se destruir", mas ela era moralmente motivada. Podemos até considerar mais moral o primeiro caso, porque, na sessão de tortura, a pessoa poderia perder totalmente a sua dignidade antes de ser morta. E se fosse liberada após a tortura (como acontece com o Winston, o personagem de *1984*, de George Orwell), poderia ainda olhar seu rosto em um espelho?

14. Aquele que se mata ou se deixa matar por outro para salvar a sua dignidade, seja em uma situação de doença terminal, seja em uma situação de perseguição política, ou em outras circunstâncias comprometedoras de uma vida digna, está praticando um tipo de suicídio perfeitamente admissível do ponto de vista lógico e moral.

14.1. Pelo contrário, aquele que opta por conservar a vida *a qualquer custo* se fecha para o princípio superior da moralidade, o "ir contra si mesmo", quando as exigências morais – não prejudicar e não manipular – assim o demandam.

---

[5] Kant, Immanuel. *Lições de ética*, p. 337.

14.2. Se querer preservar-se indefinidamente não pode considerar-se absolutamente bom do ponto de vista moral, o *não* querer preservar-se não pode considerar-se absolutamente mau do ponto de vista moral.

15. Dentro do antinatalismo contemporâneo existem duas posturas a respeito do preservar ou não a própria vida:

(A) Uma postura moderada sustenta que uma vida não digna de ser começada *pode ser digna de ser continuada*, se ela se mantiver dentro do suportável. Pois, uma vez nascidos, morrer pode ser ainda pior que continuar vivendo uma vida que seria melhor nunca ter começado.

(B) Uma postura mais radical sustenta que uma vida que não é digna de ser começada *tampouco é digna de ser continuada*, e propõe consequentemente o suicídio imediato.

15.1. Ambas as posturas se opõem à visão tradicional da total proibição do suicídio como mal moral absoluto. Mas enquanto na postura (A) o suicídio é uma possibilidade indefinidamente adiada, na postura (B) o suicídio é uma necessidade iminente.

16. A respeito de (A), o temor meramente sensível da morte não é *per se* motivo moral contra o suicídio. Pois a persistência na vida poderia ser motivada apenas pelo instinto ou pela vontade (nos termos de Schopenhauer). É preciso ver se o interesse em continuar vivendo é *moralmente* motivado.

16.1. Neste sentido, seguindo uma ideia de Kant, não existe nenhum imperativo moral incondicional que diga: “Deve-se viver a qualquer custo!”, mas sim existe um imperativo moral: “Deve-se estar disposto a morrer quando a moralidade assim o exige”. A dignidade deve estar por cima do mero desejo de sobrevivência (e nisto consiste basicamente a moralidade)[6]. Por outro lado, Kant concede graciosamente que a vida tem pouco valor, mas que o suicídio deve ser evitado por dever, não pela vida ser valiosa: “*Ele só vive ainda por dever e não porque encontra na vida o mínimo gosto*”[7].

17. A postura (A) tem o problema de favorecer um continuar indefinido da vida, que afinal de contas se pareça com uma vida não guiada por ideias antinatalistas. A postura (B) tem o problema de apostar em um suicídio não ético na urgência de fugir de sofrimentos futuros e de uma morte garantida. (A) pode fazer com que vivamos demasiado, e (B) que vivamos muito pouco.

---

[6] *Ibid.*, p. 340.
[7] Kant, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*, livro I, cap. 3, p. 143.

18. A postura intermediária mais razoável seria a seguinte: continuar vivendo uma vida minimalista que inclua não procriar, criar obras belas e fazer militância em favor dos já vivos, *mas em permanente "disposição para a morte"*. Estar pronto para morrer em qualquer momento em que a dignidade seja posta em risco, hoje mesmo se for preciso[8].

18.1. Uma moralidade do suicídio deve situar-se, pois, entre a sua total impossibilidade (na condenação absoluta das éticas tradicionais) e a sua total necessidade (nas diversas formas de niilismo radical). Do ponto de vista filosófico, é tão absurda uma "recomendação" irrestrita do suicídio quanto a sua "prevenção" irrestrita. Recomendar *todo* tipo de suicídio seria conceber o suicídio como necessário. Prevenir *todo* tipo de suicídio seria conceber o suicídio como impossível[9].

18.2. Suicídio como possibilidade significa: que pode ser realizado de imediato, daqui a um tempo, ou nunca. Suicídio como possibilidade não exclui *suicídio-já* (a escolha niilista) e *suicídio-nunca* (a escolha tradicional). Elas são excluídas como opções absolutas a serem impostas a todos, mas permanecem como desdobramentos do suicídio como possibilidade. *Suicídio-já* e *suicídio-nunca* são duas realizações da possibilidade do suicídio.

18.3. Em uma sociedade livre, deveríamos respeitar a vontade do cristão que se recusa *totalmente* ao suicídio e a vontade do niilista que quer se suicidar *de imediato*. Ambos estão exercendo seu direito de utilizar a possibilidade do suicídio como a entenderem melhor.

19. Estas considerações fornecem o que podemos chamar uma *matriz suicida*, completamente geral, a forma lógica do suicídio como possibilidade: "*É eticamente justificado (embora não recomendado nem impedido) deixar de viver em todas as situações em que a criação intramundana de valores, norteada pela exigência de não prejudicar e não manipular aos outros, for literalmente (ou previsivelmente) bloqueada pelo avanço do ser-terminal do ser da vida em seus desdobramentos naturais ou sociais, impedindo o exercício da dignidade*".

19.1. Casos em que essa matriz se aplica de maneira evidente: negros africanos se jogando na água para evitar a escravidão, conselhos judeus se suicidando em pleno para não ter que continuar matando colegas[10], pessoas se jogando das torres do World Trade Center no meio das chamas, passagei-

---

[8] Cabrera, Julio. *Mal-estar e Moralidade*, cap. III.
[9] Cabrera, Julio. *Projeto de ética negativa*, cap. II, aforismo 30.
[10] Bauman, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*, pág. 167.

ros do Titanic se afogando voluntariamente ou se dando tiro. Todos eles, suicídios para salvar a dignidade, suicídios indignados.

19.2. Alguém poderia objetar: as pessoas se suicidam por motivos muito mais banais do que fugir da consumação da terminalidade de seu ser; este parece um motivo demasiado metafísico. Mas também no cotidiano homens e mulheres se suicidam seguindo essa matriz. Pensemos, por exemplo, na miséria econômica, vivida com desespero e total falta de perspectivas por milhares de pessoas. O dinheiro oferece um poderoso parapeito contra os atritos da terminalidade do ser, que os mais pobres sofrem de maneira direta. Os suicidas por pobreza extrema também o fazem sobre o pano de fundo do estrangulamento de suas magras possibilidades de criar valores positivos para proteger-se dos atritos da terminalidade do seu ser.

19.3. Esta matriz deve justificar eticamente os suicídios de Sêneca e Walter Benjamin, cometidos por motivos de estrangulamento social de possibilidades, e os de Arthur Koestler ou Mário Monicelli, que se mataram para fugir de uma doença incurável e moralmente inabilitante.

19.4. A princípio, seria difícil justificar eticamente com essa matriz suicídios que incluem heterocídios, suicídios agressivos, suicídios por vingança, suicídios performáticos ou por competição (roleta russa), ou suicídios por autenticidade existencial (como o de Alain, o protagonista de *O fogo fátuo*, de Drieu La Rochelle, filmado por Louis Malle). A justificativa ética desses suicídios – para serem cobertos pela matriz – é relativa ao grau de confiança que estejamos dispostos a dar à autonomia de quem preferiu partir dessa maneira.

20. Se as exigências de não prejudicar e não manipular servem para condenar a procriação, não servirão também para condenar o suicídio? Uma objeção corriqueira, que até os antinatalistas usam, é que o suicídio prejudica e manipula outras pessoas. *Mas quem são elas?*

20.1. A maioria das pessoas no mundo não nos conhece, de maneira que não serão afetadas pela nossa partida.

20.2. Nossos inimigos não lamentarão nossa morte; pelo contrário, irão festejá-la. Para criar inimigos não precisamos fazer nada errado; às vezes, os criamos apenas ao defender nosso ponto de vista político ou familiar ou mesmo esportivo. Infelizmente, vivemos em um mundo de invejas, orgulhos feridos e concorrência ansiosa, onde é mais fácil ter muitos inimigos do que um único amigo. Se o suicídio for condenado por prejudicar nossos poucos amigos, por que não seria elogiado por alegrar nossos muitos inimigos?

20.3. No que se refere aos nossos amigos, se realmente o são, eles aceitarão nosso desejo de deixar a vida e compreenderão os nossos motivos, apesar da pena que isso possa provocar-lhes. Se esses motivos são éticos (a salvaguarda de nossa dignidade) poderemos provocar algum dano sensível em nossos amigos, mas nenhum dano moral (aplicando a distinção kantiana).

20.4. Assim também o entenderão os progenitores, e com maior razão, porque, ao dar a vida, nunca houve qualquer garantia de não estar gerando alguém que não conseguiria criar valores positivos suficientes para suportar as pressões da terminalidade do ser dada ao nascer.

20.5. Entre os mecanismos psicológicos e biológicos de proteção dados na estrutura da vida, está aquele que permite aos humanos superar a morte de seres queridos, mesmo suicidas, depois de certo tempo. São raríssimos os casos em que os sobreviventes se matam por não suportar a morte da pessoa amada, ou mesmo que fiquem paralisados indefinidamente por causa disso. (O ator francês Charles Boyer se suicidou dois dias depois do falecimento de sua esposa, mas é um caso excepcional, considerado por muitos como um ato insano).

20.6. Não apenas a natureza, mas também a sociedade insiste em que esqueçamos a pena causada pela morte do ente querido e "toquemos o barco para frente" (e se alguém continua triste depois de anos da perda, será levado para um bom psicólogo).

20.7. O grande poeta Fernando Pessoa, sob o pseudônimo de Álvaro de Campos, escreveu um belo poema chamado "Se te queres matar", acerca do esquecimento do suicida: "*Fazes falta?* (...) *Ninguém faz falta; não fazes falta a ninguém... Sem ti tudo correrá sem ti. Talvez seja pior para outros existires que matares-te... Talvez peses mais durando, que deixando de durar...* (...) *Descansa: pouco te chorarão... O impulso vital apaga as lágrimas pouco a pouco...* (...) *Há primeiro em todos um alívio da tragédia um pouco maçadora de teres morrido... Depois a conversa aligeira-se quotidianamente, e a vida de todos os dias retoma o seu dia... Depois, lentamente esqueceste. Só és lembrado em duas datas, aniversariamente: Quando faz anos que nasceste, quando faz anos que morreste.* (...) *Se queres matar-te, mata-te... Não tenhas escrúpulos morais, receios de inteligência!... Que escrúpulos ou receios tem a mecânica da vida?* (...) *Não vês que não tens importância absolutamente nenhuma?* (...)"

21. Sendo a vida tão problemática, sensível e moralmente, e estando a procriação sujeita a tantas objeções éticas, deveríamos fazer um esforço para tentar *humanizar o ato suicida*, removendo-o do invólucro de estranheza que habitualmente o acompanha. Trata-se de sentir e de entender que aquele que

chegou a realizar a possibilidade sempre aberta do suicídio não é um ser monstruoso que perdeu a sua humanidade, mas, pelo contrário, um ser plenamente humano que encena, com maior ou menor sucesso, uma possibilidade aberta *para qualquer um de nós*.

21.1. Descobrir-se mortal é sempre uma revelação traumática para uma criança ou para um adolescente: saber que tudo isso que lhe foi “dado”, com todos seus prazeres e realizações, lhe será roubado: a juventude, a saúde, a vida dos que ama, e sua própria vida.

21.2. Para suicidar-se basta estar vivo.

21.3. A noção de “tendência suicida” é um recorte interno dentro da terminalidade do ser, da nossa tendência natural ao acabamento. O ser tem tendências suicidas. “Tendências suicidas” têm tudo o que nasce.

22. Fala-se do “enigma do suicídio”, de porque alguém chegou a cometer um ato tão absurdo. Mas a *razão* de matar-se é clara e sempre a mesma, aquela expressa na matriz suicida. O “enigmático” pode ser, em todo caso, porque essa *razão* – sempre presente desde que nascemos – se transformou em *motivo* para o suicídio precisamente *neste* momento, *neste* lugar, *nestas* circunstâncias.

22.1. A estrutura terminal do ser não é suficiente para *mover* a ação; são os entes intramundanos que fornecem as forças motivacionais para realizar a possibilidade sempre aberta do suicídio. Amores decepcionados, miséria econômica, fugas políticas ou doenças incuráveis são apenas os cenários eventuais em que a Grande Razão do suicídio se realiza concretamente.

23. Três notáveis escritores latino-americanos se suicidaram quase ao mesmo tempo. Espírito antidemocrático e vergonha social podem tentar explicar o suicídio do poeta argentino (cordobês como eu) Leopoldo Lugones em 1938, aos 63 anos. O câncer ou um amor decepcionado podem tentar explicar o suicídio da poetisa suíço-argentina Alfonsina Storni no mesmo ano de 1938, aos 46 anos. O suicídio da esposa e ter sido responsável pela morte de um amigo, podem tentar explicar o suicídio do escritor uruguaio Horacio Quiroga em 1937, aos 57 anos. Mas esses são detalhes. Os três sentiram que a sua terminalidade tinha se consumado, e que os valores que eram capazes de criar não seriam suficientes para adiar essa consumação. Eles utilizaram esses conteúdos erráticos como móveis concretos atormentadores para realizar a razão estrutural de querer, simplesmente, *sair daqui*[11].

---

[11] Cabrera, Julio. *Projeto de ética negativa*, cap. II, aforismo 28.

24. O diretor Michelangelo Antonioni explicou em uma entrevista que, quando estava filmando *As amigas* (1955), teve que mudar o roteiro por causa da censura italiana. Em lugar de apresentar o suicídio de Rosetta como motivado pelo simples vazio da existência, o motivo passou a ser o desengano amoroso com Lorenzo, que rompe com ela por fidelidade a outra mulher. O motivo do suicídio ficou, assim, palatável para a censura. O que se exige é que se apresente um motivo intramundano para o suicídio, mas nunca o mundo mesmo. O grande motivo estrutural é ocultado por trás dos motivos imediatos. O mundo mesmo tem que ser inocentado.

25. Se entendemos a vida em sua estrutura, não existe nenhum "enigma" no suicídio. Pelo contrário, à luz desta análise estrutural da vida, é enigmático entender por que a maioria dos humanos continua vivendo mesmo em meio aos mais terríveis sofrimentos. Ver pessoas doentes e miseráveis, morrendo de fome e se humilhando diariamente para poder comer, e que, mesmo assim, insistem em continuar vivendo, *isso sim é um completo enigma!*

25.1. Erasmo de Rotterdam deu um nome àquilo que mantém os humanos na vida, "apesar de tudo": *loucura*; e fez seu elogio. Ele declara que só a loucura pode explicar o desejo de propagar a espécie tendo filhos e "oferecer o pescoço ao cabresto do matrimônio"[12]. Segundo ele, todo o agradável deve-se à loucura que, em suas névoas, esconde a realidade aos humanos (XII). É a loucura que permite a amizade e o amor, obnubilando o amante para os defeitos do amado (XIX); é a loucura que mantém os velhos vivendo pensando que ainda são jovens (XIV); é a loucura o que nos faz pensar, pelo amor-próprio, que valemos algo (XXII) e que nos faz pensar que alcançaremos a fama escrevendo livros (XXVIII e L).

25.2. Se a loucura é o afastamento da realidade em favor de algum tipo de ilusão, então, seguindo Erasmo, continuar vivendo é sempre um ato de loucura. Mas então, por oposição, aquele que opta por *não* continuar vivendo de ilusões, afasta-se da loucura e assume a realidade com todas as consequências. Ele pretende consumar aquilo em que consiste, estruturalmente, uma vida humana desde o começo. Ele não introduz rupturas, mas está em plena harmonia com o mundo.

26. Da terminalidade do ser não se segue automaticamente o suicídio nem o continuar. A decisão de matar-se deve ser sempre *nossa*, é um exercício de autonomia no qual temos a última palavra. Ao referir-se à liberdade, Sartre escreve: "(...) *não é a rigidez de uma situação ou os sofrimentos que ela impõe que constituem motivos para que se conceba outro estado de coisas, no qual tudo*

---

[12] Erasmo de Rotterdam. *Elogio da loucura*, XI.

sairá melhor para todos; pelo contrário, é a partir do dia em que se pode conceber outro estado de coisas que uma luz nova ilumina nossas penúrias e sofrimentos e decidimos que são insuportáveis”[13]. Tampouco a dignidade possui uma definição única e geral. A dignidade é algo que cada um de nós deverá definir e honrar em sua pessoa.

26.1. Cada um decide quando a estrutura terminal do ser predominou totalmente sobre a criação de valores positivos. Mas é claro que essa decisão é sempre ambígua. A suposta decisão poderá ser um pedido de auxílio ou uma ameaça. Quem proclama querer matar-se pode não querer realmente fazê-lo. E não sabemos se os que conseguiram morrer realmente o queriam. Esses problemas não têm solução geral. Às vezes se diz, com razão, que alguém se matou porque estava obnubilado, sujeito a ideias confusas. Mas todas as decisões humanas são opacas, todas são impuras, influenciadas por outras pessoas, pela sociedade, pelas leituras, pela infância. Nenhuma motivação humana é totalmente transparente.

26.2. Os motivos para continuar vivendo são tão opacos quanto os motivos para matar-se[14].

26.3. Temos que aprender a dar um voto de confiança à autonomia dos suicidas. Especialmente se, como no caso de escritores e artistas, eles conseguiram elaborar cuidadosamente suas partidas. Seria estranho tentar dissuadir do suicídio a Arturo García Buhr, Carlos Thomson, Florencio Parravicini, Walmor Chagas, Pedro Armendáriz, Charles Boyer, Capucine, Patrick Dewaere, Tony Hancock, Margaux Hemmingway, Max Linder, George Sanders, Gig Young, Jack London, Cesare Pavese, Ernest Hemingway, Heinrich Von Kleist (biografado por outro suicida, Stefan Zweig) , Otto Weininger, Jorge Cuesta, Gérard de Nerval, Yukio Mishima, Virginia Woolf, Walter Benjamin, Manuel Acuña, Drieu La Rochelle e Henry de Montherlant. Afinal, porque os amamos, preferimos respeitar as suas decisões, com toda a sua terrível opacidade.

26.4. Se eles querem partir, que partam, desde que não existe, como vemos, nenhum imperativo moral de continuar vivendo a qualquer custo. Em uma democracia tanática, sendo vida e morte estruturalmente inseparáveis, deixar as pessoas viver é também deixá-las morrer.

27. Há a corriqueira objeção de que todos estes resultados são apenas filosóficos e que a maioria das pessoas vive alegremente suas vidas sem pensar em morte e suicídio. Isso é verdade. Que a vida tem pouco valor, que a

---

[13] Sartre, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*, parte IV, cap. 1, seção 1.

[14] Cabrera, Julio. *Projeto de ética negativa*, cap. II, aforismo 16.

procriação é moralmente problemática e que alguns suicídios podem ser éticos, são resultados que o filósofo atinge *pensando* na vida, sem simplesmente vivê-la, como faz a maioria. O filósofo segue à risca a famosa máxima socrática: uma vida sem reflexão não merece ser vivida. Sócrates teria proferido essa frase precisamente no momento de seu suicídio, quando preferiu ingerir o veneno a continuar vivendo uma vida indigna.

27.1. A vida se sustenta em emoções e sentimentos muito mais que em razões, no instinto brutal de uma vontade que quer continuar vivendo contra todas as evidências. Pelo contrário, o filósofo dá prioridade à razão, à reflexão e aos argumentos sobre o impulso animal da vida. Se isso nos desagrada, melhor não chamar o filósofo, mas se o chamar, temos que aceitar pensar até o fim, mesmo que o fim seja nossa morte.

28. O que mais aterroriza do suicídio não é a sua ideia – sóbria, silenciosa e comovente – mas os procedimentos horríveis a que os suicidas têm que lançar mão por falta de meios calmos de partida. Assusta não tanto a morte, mas não a termos ao nosso sóbrio alcance. Assusta-nos que a morte não seja a *nossa* morte.

28.1. Se os dispositivos fossem de mais fácil acesso, isso diminuiria sensivelmente o sofrimento dos que desejam partir. Pois aumenta inutilmente a angústia saber que todas as saídas estão obstruídas, que teremos que agredir barbaramente nossos corpos por não ter à mão um dispositivo que talvez nunca usemos (como o alcoólatra que parou de beber, mas que precisa de uma garrafa sempre à mão, ou como aquele detetive do filme *O clã dos sicilianos*, que tinha parado de fumar, mas que sempre andava com um cigarro apagado na boca).

28.2. Outra forma de humanizar o suicídio seria concebê-lo como o maior desejo de todos nós: morrer dormindo.

28.3. Ronald Dworkin escreveu acerca do "humanizar a própria morte" em um registro estético: "*Preocupamo-nos com o efeito da última etapa de sua vida, sobre o caráter de tal vida como um todo, do mesmo modo como poderíamos nos preocupar com o efeito da última cena de uma peça teatral, ou com a última estrofe de um poema, sobre a totalidade do trabalho criativo*"[15]. E depois: "*Não há dúvida de que a maioria das pessoas atribui ao modo de morrer uma importância especial e simbólica: na medida do possível, querem que sua morte expresse e, ao fazê-lo, confirme vigorosamente os valores que acreditam ser os mais importantes para suas vidas. Essa antiga esperança é um*

[15] Dworkin, Ronald. *Domínio da vida*, p. 281, 295.

tema recorrente do teatro shakespeariano"[16]. Mas tudo isso é inimaginável fora da esfera da morte voluntária. Seria muito ingênuo esperar da assim chamada "morte natural" um desfecho belo. Se tanto nos custa aceitar a eutanásia, séculos serão gastos até aceitarmos a *eudemotanásia* (como mostrada, por exemplo, no filme *As invasões bárbaras*, de Denys Arcand). Nem mesmo as mortes voluntárias de escritores e artistas se aproximaram de uma morte feliz.

29. Quando pensamos em suicídio, já o fazemos dentro de um ambiente colonizado pelo cristianismo. Em outras culturas (por exemplo, indígenas) muito do que aqui foi colocado seria óbvio, e nem precisaria ser dito. É evidente que se optarmos por levar uma vida religiosa, se a vida foi dada por um Deus bom, então ela deve ser boa e temos a obrigação de conservá-la até o fim. Isso é perfeitamente coerente e compreensível. Não deveríamos sentir nenhum tipo de desprezo nietzschiano por uma vida religiosa, e podemos entender – e até admirar – a condenação radical do suicídio quando se assume essa perspectiva. Apenas lembremos disto: em uma sociedade plural não somos obrigados a levar uma vida religiosa.

29.1. Na perspectiva religiosa, o problema era saber como um Deus bom pôde criar um mundo onde há o mal. Na visão aqui apresentada, a pergunta se inverte: como em um mundo tão adverso e que provoca tanto mal-estar, os humanos ainda conseguiram forças para criar tanta beleza? Como seres, em tão péssimas condições como os humanos, conseguiram fazer maravilhas como as pinturas da Capela Sistina, a sinfonia número 40 de Mozart, *Morte em Veneza* de Luchino Visconti e "Tente outra vez!" de Raul Seixas? Como Plotino, com chagas em todo o corpo, conseguiu escrever as *Enéadas*, Tomás de Aquino escrever uma obra imensa em apenas 49 anos, Bartolomé de Las casas defender os direitos indígenas no meio do ódio dos poderosos e Hegel desenvolver uma filosofia tão rica antes de ser fulminado pela cólera. Como Kafka, destruído pela tuberculose laríngea, conseguiu escrever *Um artista da fome* em seu leito de morte, como Van Gogh, atacado pela pobreza e a loucura, conseguiu pintar seus corvos, como Beethoven conseguiu compor suas sinfonias quase completamente surdo, como Oscar Wilde, vilipendiado por todos, pôde compor seu *De Profundis* e Nietzsche produzir tão maravilhosa filosofia com excruciantes dores de cabeça que podiam durar dois dias?

29.2. Suicidar-se não é nunca heroico. O suicida apenas consegue salvar a pouca dignidade que a vida lhe deixou. Continuar vivendo, pelo contrário, é sempre heroico.

---

[16] *Ibid.,* p. 298.

30. Não nos matamos por não amar a vida. É a vida que não nos ama. Amamos a vida intensamente e gostaríamos de viver indefinidamente. É a vida que nos destrói desde o começo. Nosso amor pela vida é amor não correspondido.

"SI TE QUIERES MATAR..."

HACIA UNA CRÍTICA DE LA RAZÓN SUICIDA

"Deberíamos esforzarnos por humanizar el acto suicida,
sacándolo de la envoltura de extrañeza que suele acompañarlo."

JULIO CABRERA

1. El problema bioético fundamental es el nacimiento, si procrear es moralmente bueno. El aborto, el heterocídio[1] y el suicidio son problemas derivados. Antes de preguntar por la moralidad del suicidio, hay que preguntarse por la moralidad de la procreación.

2. Hubo un filósofo alemán que dijo que la filosofía es el mundo al revés. Según los valores imperantes, la vida es valiosa en sí misma, dar la vida es un acto generoso, la relación madre-hijo es el paradigma de una relación moral y quitarse la vida es el más abominable de los actos. El filósofo tiene argumentos para mostrar que el valor de la vida es problemático, que procrear enfrenta serios problemas morales, que la relación madre-hijo es egoísta y que suicidarse puede ser un acto más moral que seguir viviendo sin condiciones.

3. En mis libros he tratado extensamente la cuestión del valor sensible y moral de la vida humana[2]. Este argumento tiene un supuesto inicial: *una vida humana tiene una estructura*. No consiste en un conjunto de elementos que pueden ser "buenos" o "malos" según el punto de vista que se adopte. Mi argumento no enfatiza los "lados malos" de la vida, como a veces se dice, sino que apunta a una estructura que es sistemáticamente adversa a los humanos.

[1] Neologismo para significar la muerte de otra persona, a diferencia de la propia muerte.
[2] Ver Cabrera, Julio. *Mal-estar e Moralidade*, Capítulo 1.

4. Esta estructura de la vida humana está formada por tres elementos:

(a) La vida es *terminal* desde el nacimiento. La muerte no es un fenómeno adventicio, sino que está incrustado en el ser mismo que nace.

(b) Esta vida terminal no transcurre de manera tranquila, ella está sujeta a fricciones. Las fricciones se pueden resumir en tres: dolor, desánimo e inhabilitación moral. Enfermedades, accidentes, catástrofes naturales y sociales, depresiones anímicas y agresiones de otros humanos, desde pequeñas habladurías hasta crueles persecuciones.

(c) Tercero: los humanos están dotados de *mecanismos* psicológicos y biológicos para defenderse de las fricciones de la terminalidad de su ser. Se ven obligados a crear valores positivos para retrasar la consumación de la terminalidad friccionada de su ser, hasta que son vencidos por ella en cualquier momento de la vida.

4.1. Obras de arte, recursos tecnológicos, hazañas deportivas, religiones y filosofías sublimes son productos culturales que el ser humano genera para enfrentar el cotidiano avance de la terminalidad.

4.2. Si la vida fuera originalmente un lugar bueno, los humanos no habrían creado con tanta diligencia otros mundos mejores para vivir.

5. Convencido de que había una Ciudad de Dios, Agustín de Hipona fue muy acertado en sus sombrías descripciones de la ciudad de los hombres. La mortalidad humana no puede ser buena, ya que fue un castigo divino. Agustín escribe: "*Si todos los hombres desean ser felices y es su deseo sincero, han de querer, sin duda, ser inmortales; de otra suerte no podrían ser dichosos*"[3]. Si el diagnóstico de Agustín es correcto, será universalmente correcto, incluso para aquellos que no esperan entrar nunca en la Ciudad de Dios.

6. El deterioro de la vida no es sólo sensible, sino también moral. En una vida inicialmente terminal y sometida a fricciones, demasiado corta para desarrollar proyectos, siempre amenazada por catástrofes, en un cuerpo que envejece día a día, conviviendo con miles de otros humanos en las mismas condiciones adversas, es prácticamente imposible desarrollar una genuina vida moral.

6.1. Nos vemos obligados a luchar, competir y vencer, empezando por no importarnos vivir en una sociedad sustentada en el trabajo semi esclavo de la mayoría de la humanidad. Para seguir viviendo, tendremos que aprender a cultivar cierto grado de insensibilidad moral.

---

[3] Agustín de Hipona, *De la Trinidad*, libro XIII, capítulo 8, *Obras de San Agustín*, tomo V, p. 723.

6.2. A este fenómeno estructural lo he llamado *inhabilitación moral*: la imposibilidad de ser éticos con todos los humanos en todos nuestros escenarios de acción[4].

7. La noción de ética es compleja y tiene muchas formulaciones, pero a los efectos del juicio moral de la procreación, los dos requisitos de *no dañar* a los demás y *no manipular* a los demás pueden considerarse fundamentales. Ambos requisitos se transgreden en el acto procreador:

7.1. Si la vida que damos está marcada por una estructura terminal sujeta a fricciones y apremiante, se *perjudica* al que nace, puesto que se le coloca en el proceso mortal, doloroso, descorazonador y agresivo en que consiste toda vida humana, cualquiera que sea su contenido.

7.2. En segundo lugar, tanto en la procreación planificada como en la “accidental”, hay *manipulación* de quien nace, ya sea por exceso de proyecto, ya sea por falta de proyecto. Tener hijos es una extraordinaria manera de aliviar las fricciones de la terminalidad del ser de los progenitores.

8. Si somos responsables y aún queremos llevar una vida moral, deberíamos abstenernos de tener hijos (sin que debamos, por eso, ser abstinentes). Debemos tener el coraje y la fuerza para soportar la estructura terminal friccionada de nuestro propio ser sin tener que generar otro ser como parapeto para el dolor y el vacío de nuestras vidas.

8.1. No hay ninguna obligación moral de procrear. Y dada la estructura del mundo, una obligación moral de *no* procrear es más plausible.

8.2. Frente a la fácil objeción de que, si se universalizara esta máxima, la humanidad acabaría, hay que responder que la supervivencia de la humanidad no es una exigencia moral, sino sólo sensible. La humanidad debería estar dispuesta a desaparecer si la moralidad lo exigiera.

9. Lo expuesto en los ítems anteriores describe el ámbito vital dentro del cual es posible introducir el tema del suicidio. Esta pregunta no puede plantearse hoy de la misma manera que hace 40 años, cuando la procreación no había sido rigurosamente cuestionada. (Mi *Proyecto Ética Negativa*, que ya abordaba el problema moral de la procreación, fue publicado en 1989, antes del surgimiento del movimiento antinatalista, consolidado con la publicación del libro de David Benatar en 2006).

9.1. Si aceptamos la descripción estructural de la vida humana y que procrear es dañino y manipulador, ¿no es igualmente inmoral continuar viviendo esa vida? Si es inmoral nacer, ¿puede ser moral continuar viviendo?

---

[4] Cabrera, Julio. *Mal-estar e Moralidade*, capítulo II.

10. Una vida, tal como la muestra la descripción estructural nunca puede ser "buena" o "bella". Puede, a lo sumo, mantenerse al nivel de lo *soportable*, debido a la eficacia de los valores positivos con los que los humanos logran postergar la consumación de la terminalidad adquirida al nacer. Los placeres, las alegrías y los logros son en sí mismos terminales, además de puntuales, rápidos y costosos (felicidad infeliz, en los términos de Agustín), y ocurren dentro del registro de lo soportable.

10.1. Es perfectamente natural que los humanos experimenten, de vez en cuando, algún tipo de *desánimo* por el hecho de que están incrustados inevitable e irreversiblemente dentro de un ser terminal friccionado que los aplastará cuando esté completamente consumado.

10.2. Así como la angustia es el *pathos* de la apertura al ser (Heidegger) y la náusea el *pathos* de la contingencia (Sartre), el desánimo es el *pathos* de la terminalidad del ser.

10.3. El depresivo tiene razón. El ser mismo deprime.

11. Una vida *soportable* mantiene como horizonte la posibilidad de que, en un momento determinado, se vuelva *insoportable*, tanto sensiblemente (en forma de dolor y desánimo) como moralmente (en las diversas formas de inhabilitación moral). Seguir viviendo puede volverse moralmente indigno para nosotros y perjudicial para los demás.

11.1. Intuitivamente, muchos dirán que es exagerado considerar la vida como simplemente "soportable", ya que la mayoría la experimenta como algo bueno. Pero las personas logran vivir en virtud del entierro cotidiano de la terminalidad friccionada de su ser, a través de una fuerte naturalización del sufrimiento físico, psíquico y moral. El sufrimiento acaba coincidiendo con el ser, y se vive naturalmente en el fluir de la vida.

11.2. La mayoría de los humanos no se suicida, pero la mayoría sólo consigue vivir al amparo de hábitos, manías y neurosis, consumiendo medicinas y drogas, o dedicándose a diversiones o actividades febriles que los mantienen ocupados, cuando no caen en una enfermedad mental grave por no conseguir insertarse en una vida que va terminando cotidianamente.

12. Dentro de este análisis estructural de la vida humana, se abre, por tanto, de forma totalmente natural la posibilidad vital de *no continuar viviendo*. Esta no es sólo una posibilidad *lógica* (no contradictoria), sino una posibilidad *real* de la vida humana. Una vida dada asimétricamente, y que tiene las características estructurales señaladas (terminalidad friccionada, forzosamente resistida hasta la derrota), guarda en sí, como posibilidad perfectamente plausible, el deseo de acabar con ella antes de su plena consumación,

cuando se convierte, a juicio del afectado, en sensible y/o moralmente *insoportable*.

12.1. La posibilidad del suicidio surge plausiblemente siempre que la estructura terminal del ser predomina fuertemente sobre los valores creados en el intramundo. Aceptamos pre reflexivamente seguir viviendo mientras estos valores predominen sobre la estructura. El menor predominio de la estructura sobre los valores positivos hace que la idea del suicidio aparezca de forma natural en nuestra mente, aunque sea inmediatamente descartada.

12. 2. La vida puede verse (si tenemos suerte) como un placentero viaje en tren, con el tren cayendo a un abismo en la estación terminal. No hay nada más comprensible que querer bajar en una estación anterior.

13. Kant hace una diferencia enorme entre el suicida, que tiene la "intención de autodestruirse", y el que muere arriesgando su vida por algo noble[5]. Pero estos límites son borrosos. Tan moralmente encomiable es el que se mata antes de que lleguen los guardias del tirano, como el que se deja arrestar y torturar, y muere a manos de otros (como el padre Pietro en la película de Rossellini *Roma, ciudad abierta*, y miles de personas muertas en las dictaduras).

13.1. Por supuesto, en el primer caso, había una "intención de autodestruirse", pero ella estaba moralmente motivada. Incluso podemos considerar más moral el primer caso, ya que, en la sesión de tortura, la persona podría perder totalmente la dignidad antes de ser asesinada. Y si fuera liberada después de la tortura (como sucede con Winston, el personaje de George Orwell en *1984*), ¿podría seguir mirándose la cara en un espejo?

14. El que se quita la vida o se deja matar por otro para salvar su dignidad, ya sea en situación de enfermedad terminal, en situación de persecución política, o en otras circunstancias que comprometan una vida digna, comete una especie de suicidio. perfectamente admisible desde un punto de vista lógico y moral.

14.1. Por el contrario, quienes optan por preservar la vida *a toda costa* se cierran al principio superior de la moral, "ir contra uno mismo" cuando las exigencias morales – no dañar y no manipular – lo exigen.

14.2. Si querer conservarse indefinidamente no puede considerarse absolutamente bueno desde el punto de vista moral, *no* querer conservarse indefinidamente no puede considerarse absolutamente malo desde el punto de vista moral.

---

[5] Kant, Immanuel. *Lecciones de ética,* p. 337.

15. Dentro del antinatalismo contemporáneo, existen dos posturas respecto a la conservación o no de la propia vida:

(A) Una postura moderada sostiene que una vida que no es digna de ser iniciada *puede ser digna de ser continuada*, mientras se mantenga dentro de lo soportable. Porque una vez que se nace, morir puede ser peor que seguir viviendo una vida que sería mejor nunca haber empezado.

(B) Una postura más radical sostiene que una vida que no vale la pena comenzar *tampoco vale la pena de ser continuada*, y por lo tanto propone el suicidio inmediato.

15.1. Ambas posiciones se oponen a la visión tradicional de la prohibición total del suicidio como un mal moral absoluto. Pero mientras que en el caso (A) el suicidio es una posibilidad postergada indefinidamente, en el caso (B) el suicidio es una necesidad inminente.

16. En lo que se refiere a (A), el miedo meramente sensible a la muerte no es *per se* una razón moral contra el suicidio. Porque la persistencia en la vida podría estar motivada tan sólo por el instinto o la voluntad (en términos de Schopenhauer). Hay que ver si el interés por seguir viviendo tiene una motivación *moral*.

16.1. En este sentido, siguiendo una idea de Kant, no existe un imperativo moral incondicional que diga: "¡Hay que vivir a toda costa!", pero sí existe un imperativo moral que dice: "Hay que estar dispuesto a morir cuando la moralidad lo exija". La dignidad debe estar por encima del mero deseo de supervivencia (y en esto consiste básicamente la moralidad)[6]. Por otro lado, Kant amablemente concede que la vida tiene poco valor, pero que el suicidio debe evitarse por deber, no porque la vida sea valiosa: "*Él vive únicamente por el deber, no porque tenga el más mínimo gusto por la vida*"[7].

17. La posición (A) tiene el problema de favorecer una continuación indefinida de la vida que, al final, puede asemejarse a una vida no guiada por las ideas antinatalistas. La posición (B) tiene el problema de apostar por un suicidio poco ético ante la urgencia de escapar del sufrimiento futuro y de una muerte garantizada. (A) puede hacer que vivamos demasiado y (B) que vivamos muy poco.

18. La posición intermedia más razonable sería la siguiente: seguir viviendo una vida minimalista que incluye no procrear, crear obras bellas y hacer militancia a favor de los ya nacidos, *pero en permanente "disposición a la*

[6] *Ibid.*, p. 340.
[7] Kant, Immanuel. *Crítica de la Razón Práctica*, libro I, cap. 3, p. 105.

muerte". Estar preparado para morir en cualquier momento en que la dignidad esté en riesgo, incluso hoy mismo si fuera necesario[8].

18.1. Una moral del suicidio debe pues situarse entre su imposibilidad total (en la condenación absoluta de la ética tradicional) y su necesidad total (en las diversas formas de nihilismo radical). Desde un punto de vista filosófico, una "recomendación" irrestricta del suicidio es tan absurda como su "prevención" irrestricta. Recomendar *todo* tipo de suicidio sería concebir el suicidio como necesario. Prevenir *todo* tipo de suicidio sería concebir el suicidio como imposible[9].

18.2. El suicidio como posibilidad significa: que puede llevarse a cabo inmediatamente, dentro de cierto tiempo, o nunca. El suicidio como posibilidad no excluye el *suicidio-ya* (la opción nihilista) y el *suicidio-nunca* (la opción tradicional). Se excluyen sólo como opciones absolutas a imponer a todos, pero permanecen como despliegues del suicidio como posibilidad. El *suicidio-ya* y el *suicidio-nunca* son dos realizaciones de la posibilidad del suicidio.

18.3. En una sociedad libre, debemos respetar la voluntad del cristiano que se niega *totalmente* a suicidarse y la voluntad del nihilista que quiere suicidarse de *inmediato*. Ambos están ejerciendo su derecho a utilizar la posibilidad del suicidio como mejor les parezca.

19. Estas consideraciones proporcionan lo que podríamos llamar una *matriz suicida* completamente general, la forma lógica del suicidio como posibilidad: "*Está éticamente justificado (aunque no recomendado ni impedido) abstenerse de vivir en todas las situaciones en las que la creación intramundana de valores, guiada por la exigencia de no dañar y no manipular a los demás, es literalmente (o previsiblemente) bloqueada por el avance del ser-terminal del ser de la vida en su desenvolvimiento natural o social, impidiendo el ejercicio de la dignidad*".

19.1. Casos en los que esta matriz es evidentemente aplicable: negros africanos tirándose al agua para evitar la esclavitud, consejos judíos suicidándose en pleno para no tener que seguir matando compañeros[10], gente tirándose desde las torres del World Trade Center en medio de las llamas, pasajeros del Titanic que se ahogan voluntariamente o se disparan un tiro. Todos ellos, suicidios para salvar la dignidad, suicidios indignados.

19.2. Alguien podría objetar: las personas se suicidan por razones mucho más banales que huir de la consumación de la terminalidad de su ser; esto parece

---

[8] Cabrera, Julio. *Mal-estar e Moralidade*, cap. III.
[9] Cabrera, Julio. *Projeto de ética negativa*, cap. II, aforismo 30.
[10] Bauman, Zygmunt. *Modernidad y Holocausto*, pág. 169.

un motivo demasiado metafísico. Pero también en la vida cotidiana hombres y mujeres se suicidan siguiendo esta matriz. Pensemos, por ejemplo, en la miseria económica, vivida con desesperación y total falta de perspectivas por miles de personas. El dinero ofrece un poderoso parapeto contra las fricciones de la terminalidad del ser, que son sufridas directamente por los más pobres. Los suicidas por extrema pobreza también lo hacen en el contexto de la estrangulación de sus exiguas posibilidades de crear valores positivos para protegerse de las fricciones de la terminalidad de su ser.

19.3. Esta matriz debe justificar éticamente los suicidios de Séneca y Walter Benjamin, cometidos por motivos de estrechamiento social de las posibilidades, y los de Arthur Koestler o Mário Monicelli, que se quitaron la vida para escapar de una enfermedad incurable y moralmente incapacitante.

19.4. En un principio, sería difícil justificar éticamente con esta matriz suicidios que incluyen heterocidios, suicidios agresivos, suicidios por venganza, suicidios performáticos o por competición (ruleta rusa), o suicidios por autenticidad existencial (como el de Alain, el protagonista de *El fuego fatuo*, de Drieu La Rochelle, filmado por Louis Malle). La justificación ética de estos suicidios – para poder ser amparados por la matriz – es relativa al grado de confianza que estemos dispuestos a dar a la autonomía de quienes optaron por partir de esta manera.

20. Si las exigencias de no dañar y no manipular sirven para condenar a la procreación, ¿no servirán también para condenar al suicidio? Una objeción común, que incluso usan los antinatalistas, es que el suicidio daña y manipula a otras personas. *Pero ¿quiénes son esas personas?*

20.1. La mayoría de las personas en el mundo no nos conoce, por lo que no se verán afectados por nuestra partida.

20.2. Nuestros enemigos no lamentarán nuestra muerte; al contrario, la celebrarán. Para crear enemigos no necesitamos hacer nada malo; a veces los creamos simplemente defendiendo nuestro punto de vista político o familiar o incluso deportivo. Desafortunadamente, vivimos en un mundo de envidia, orgullo herido y competencia ávida, donde es más fácil tener muchos enemigos que un único amigo. Si el suicidio es condenado por dañar a nuestros pocos amigos, ¿por qué no debería ser alabado por alegrar a nuestros muchos enemigos?

20.3. En cuanto a nuestros amigos, si realmente lo son, aceptarán nuestro deseo de dejar la vida y entenderán nuestros motivos, a pesar de la pena que les pueda causar. Si estos motivos son éticos (la salvaguardia de nuestra

dignidad) podemos infligir algún daño sensible a nuestros amigos, pero ningún daño moral (aplicando la distinción kantiana).

20.4. Así lo entenderán también los padres, y con mayor razón, porque, al dar la vida, nunca hubo ninguna garantía de no estar generando a alguien que no será capaz de crear los valores positivos suficientes para soportar las presiones de la terminalidad del ser dado al nacer.

20.5. Entre los mecanismos psicológicos y biológicos de protección dados en la estructura de la vida, se encuentran los que permiten al ser humano superar la muerte de seres queridos, incluso suicidas, después de cierto tiempo. Es muy raro que los sobrevivientes se suiciden porque no puedan soportar la muerte del ser querido, o incluso que queden paralizados indefinidamente a causa de ello. (El actor francés Charles Boyer se suicidó dos días después de la muerte de su esposa, pero es un caso excepcional, considerado por muchos como un acto insano).

20.6. No solo la naturaleza, sino también la sociedad, insisten en que olvidemos el dolor causado por la muerte de un ser querido y "continuemos navegando hacia adelante" (y si alguien todavía está triste después de años de pérdida, será llevado a un buen psicólogo).

20.7. El gran poeta Fernando Pessoa, bajo el seudónimo de Álvaro de Campos, escribió un hermoso poema llamado "Si te quieres matar", sobre el olvido del suicida: "*¿Haces falta?* (...) *Nadie hace falta; no le haces falta a nadie... Sin ti todo marchará sin ti. Quizá sea peor para los otros que existas que si te matas… Quizás peses más durando que dejando de durar...* (...) *Descansa: poco te llorarán…El impulso vital borra las lágrimas poco a poco...* (...) *Hay primero en todos, un alivio de la tragedia un tanto incómoda de tu muerte... En seguida la conversación se anima a cada día, y la vida cotidiana retoma su día... Luego, lentamente te olvidan. Solo se te recuerda en dos fechas, en tu cumpleaños y en tu muerte: cuando hace años que naciste, cuando hace años que te has muerto.* (...) *Si quieres matarte, mátate... ¡No tengas escrúpulos morales, recelos de inteligencia!... ¿Qué escrúpulos o recelos tiene la mecánica de la vida?* (...) *¿No ves que no tienes absolutamente ninguna importancia?* (...)"

21. Siendo la vida tan problemática, sensible y moralmente, y la procreación sujeta a tantas objeciones éticas, deberíamos esforzarnos por tratar de *humanizar el acto suicida*, sacándolo de la envoltura de extrañeza que suele acompañarlo. Se trata de sentir y comprender que quien se ha dado cuenta de la posibilidad siempre abierta del suicidio no es un ser monstruoso que ha perdido su humanidad, sino, por el contrario, un ser plenamente humano que

escenifica, con mayor o menor el éxito, una posibilidad abierta *a cualquiera de nosotros*.

21.1. Descubrirse mortal es siempre una revelación traumática para un niño o un adolescente: saber que todo lo que le fue “dado”, con todos sus placeres y sus logros, le será robado: la juventud, la salud, la vida de sus seres queridos, y su propia vida.

21.2. Para suicidarse basta con estar vivo.

21.3. La noción de “tendencia suicida” es un corte interno dentro de la terminalidad del ser, de nuestra tendencia natural a terminar. El ser tiene tendencias suicidas. “Tendencias suicidas” tiene todo lo que nace.

22. Se habla del “enigma del suicidio”, de por qué alguien llegó a cometer un acto tan absurdo. Pero la *razón* de quitarse la vida es clara y siempre la misma, expresada en la matriz suicida. Lo “enigmático” puede ser, en todo caso, por qué esa *razón* – siempre presente desde que nacemos – se convirtió en *motivo* de suicidio precisamente en *este* momento, en *este* lugar, en *estas* circunstancias.

22.1. La estructura terminal del ser no basta para *mover* la acción; son los elementos intramundanos los que proporcionan las fuerzas motivacionales para realizar la posibilidad siempre abierta del suicidio. Amoríos decepcionados, miseria económica, fuga política o enfermedades incurables son tan sólo escenarios ocasionales en los que se realiza concretamente la Gran Razón del suicidio.

23. Tres notables escritores latinoamericanos se suicidaron más o menos al mismo tiempo. El espíritu antidemocrático y la vergüenza social pueden tratar de explicar el suicidio del poeta argentino (cordobés como yo) Leopoldo Lugones en 1938, a la edad de 63 años. El cáncer o un amor decepcionado pueden tratar de explicar el suicidio de la poeta suizo-argentina Alfonsina Storni en el mismo año 1938, a la edad de 46 años. El suicidio de su esposa y ser responsable de la muerte de un amigo pueden intentar explicar el suicidio del escritor uruguayo Horacio Quiroga en 1937, a la edad de 57 años. Pero éstos son detalles. Los tres sintieron que su terminalidad había sido consumada, y que los valores que eran capaces de crear no serían suficientes para postergar esa consumación. Usaron estos contenidos erráticos como móviles concretos atormentadores, para realizar la razón estructural de querer simplemente *salir de aquí*[11].

---

[11] Cabrera, Julio. *Projeto de ética negativa*, cap. II, aforismo 28.

24. El director Michelangelo Antonioni explicó en una entrevista que cuando estaba filmando *Las Amigas*, tuvo que cambiar el guion debido a la censura italiana. En lugar de presentar el suicidio de Rosetta como motivado por el simple vacío de la existencia, el motivo pasó a ser la desilusión amorosa con Lorenzo, quien rompe relaciones con ella por lealtad a otra mujer. El motivo del suicidio quedó así aceptable para la censura. Lo que se requiere es presentar un motivo intramundano para el suicidio, pero nunca el mundo mismo. Se esconde el gran motivo estructural detrás de los motivos inmediatos. El mundo mismo debe ser exonerado.

25. Si entendemos la vida en su estructura, no hay ningún "enigma" en el suicidio. Por el contrario, a la luz de este análisis estructural de la vida, es desconcertante comprender por qué la mayoría de los humanos continúa viviendo en medio de los sufrimientos más terribles. Ver gente enferma y miserable, muriendo de hambre y humillándose a diario para poder comer, y que aun así se empeñan en seguir viviendo, *¡eso sí es un completo enigma!*

25.1. Erasmo de Rotterdam dio un nombre a lo que mantiene a los humanos en la vida, "a pesar de todo": *locura*; e hizo su elogio. Afirma que sólo la locura puede explicar el deseo de propagar la especie teniendo hijos "ofreciendo el cuello al cabestro del matrimonio"[12]. Según él, todo lo placentero se debe a la locura que, en sus brumas, oculta la realidad a los humanos (XII). Es la locura la que permite la amistad y el amor, cegando al amante para no percibir las faltas del amado (XIX); es la locura la que mantiene vivos a los viejos pensando que aún son jóvenes (XIV); es la locura que nos hace pensar, por amor propio, que valemos algo (XXII) y que nos hace esperar que alcanzaremos la fama escribiendo libros (XXVIII y L).

25.2. Si la locura es un alejamiento de la realidad en favor de una especie de ilusión, entonces, siguiendo a Erasmo, seguir viviendo es siempre un acto de locura. Pero entonces, en cambio, quien opta por *no* seguir viviendo de ilusiones, se aleja de la locura y asume la realidad con todas sus consecuencias. Pretende consumar aquello en lo que una vida humana consiste estructuralmente desde el comienzo. No introduce rupturas, sino que está en plena armonía con el mundo.

26. Ni el suicidio ni el continuar viviendo se siguen automáticamente de la terminalidad del ser. La decisión de quitarse la vida debe ser siempre *nuestra*, es un ejercicio de autonomía en el que tenemos la última palabra. Al referirse a la libertad, Sartre escribe: "(...) *no es la rigidez de una situación ni los sufrimientos que impone los que constituyen razones para concebir otro estado*

[12] Erasmo de Róterdam. *Elogio de la locura*, XI.

de cosas, en el que todo saldrá mejor para todos. Al contrario, es a partir del día en que puede concebirse otro estado de cosas que una nueva luz ilumina nuestras penas y sufrimientos y decidimos que son insoportables"[13]. Tampoco la dignidad tiene una definición única y general. La dignidad es algo que cada uno de nosotros debe definir y honrar en su persona.

26.1. Cada uno decide cuando la estructura terminal del ser ha predominado totalmente sobre la creación de valores positivos. Pero, por supuesto, esta decisión es siempre ambigua. La supuesta decisión puede ser un pedido de auxilio o una amenaza. Aquellos que afirman querer suicidarse pueden no querer realmente hacerlo. Y no sabemos si los que lograron morir realmente lo querían. Estos problemas no tienen solución general. A veces se dice con razón que alguien se suicidó porque estaba obnubilado, sujeto a ideas confusas. Pero todas las decisiones humanas son opacas, todas son impuras, influenciadas por otras personas, por la sociedad, por las lecturas, por la infancia. Ninguna motivación humana es totalmente transparente.

26.2. Las razones para continuar viviendo son tan opacas como las razones para suicidarse[14].

26.3. Tenemos que aprender a dar un voto de confianza a la autonomía de los suicidas. Especialmente si, como en el caso de escritores y artistas, lograron elaborar cuidadosamente sus partidas. Sería extraño intentar disuadir del suicidio a Arturo García Buhr, Carlos Thomson, Florencio Parravicini, Walmor Chagas, Pedro Armendáriz, Charles Boyer, Capucine, Patrick Dewaere, Tony Hancock, Margaux Hemmingway, Max Linder, George Sanders, Gig Young, Jack London, Cesare Pavese, Ernest Hemingway, Heinrich Von Kleist (biografiado por otro suicida, Stefan Zweig), Otto Weininger, Jorge Cuesta, Gérard de Nerval, Yukio Mishima, Virginia Woolf, Walter Benjamin, Manuel Acuña, Drieu La Rochelle y Henry de Montherlant. Después de todo, porque los amamos, preferimos respetar sus decisiones, con toda su terrible opacidad.

26.4. Si quieren irse, que se vayan, ya que no existe, como vimos, ningún imperativo moral de seguir viviendo a toda costa. En una democracia tanática, donde la vida y la muerte son estructuralmente inseparables, dejar vivir a las personas es también dejarlas morir.

27. Existe la objeción común de que todos estos resultados son tan sólo filosóficos y que la mayoría de las personas vive felizmente sus vidas sin pensar en la muerte y el suicidio. Eso es verdad. Que la vida tiene poco valor, que la

[13] Sartre, Jean-Paul, *El Ser y la Nada*, parte IV, cap. 1, sección 1.
[14] Cabrera, Julio, *Projeto de ética negativa*, cap. II, aforismo 16.

procreación es moralmente problemática y que algunos suicidios puedan ser éticos, son resultados que el filósofo alcanza al *pensar* la vida en lugar de simplemente vivirla, como lo hace la mayoría de la gente. El filósofo sigue estrictamente la famosa máxima socrática: una vida sin reflexión no vale la pena de ser vivida. Sócrates habría pronunciado esta frase precisamente en el momento de su suicidio, cuando prefirió ingerir el veneno a seguir viviendo una vida indigna.

27.1. La vida se basa en emociones y sentimientos mucho más que en razones, en el instinto brutal de una voluntad que quiere seguir viviendo contra toda evidencia. Por el contrario, el filósofo da prioridad a la razón, la reflexión y la argumentación sobre el impulso animal de la vida. Si esto nos desagrada, es mejor no llamar al filósofo, pero si lo hacemos, tendremos que aceptar pensar hasta el final, aunque el final sea nuestra muerte.

28. Lo más aterrador del suicidio no es su idea – sobria, silenciosa y conmovedora – sino los horribles procedimientos a los que tienen que recurrir los suicidas por falta de medios tranquilos de partida. Lo que aterroriza no es tanto la muerte, sino no tenerla a nuestro sobrio alcance. Nos asusta que la muerte no sea *nuestra* muerte.

28.1. Si los dispositivos fueran de más fácil acceso, esto reduciría significativamente el sufrimiento de aquellos que desean partir. Porque aumenta inútilmente la angustia saber que todas las salidas están bloqueadas, que tendremos que agredir brutalmente nuestro cuerpo por no tener a mano un dispositivo que tal vez nunca usemos (como el alcohólico que ha dejado de beber, pero que necesita tener una botella siempre a mano, o como aquel detective de *El clan de los sicilianos*, que había dejado de fumar, pero que siempre llevaba un cigarrillo sin encender en la boca).

28.2. Otra forma de humanizar el suicidio sería concebirlo como el mayor deseo de todos nosotros: morir mientras dormimos.

28.3. Ronald Dworkin escribió sobre "humanizar la propia muerte" en un registro estético: "*Nos preocupamos acerca del efecto de la última etapa de su vida, sobre el carácter de esa vida como un todo, de la misma manera como podríamos preocupamos acerca del efecto de la última escena de una obra teatral, o de la última estrofa de un poema, sobre todo el trabajo creativo*"[15]. Y luego: "*No existe duda de que la mayoría de las personas tratan la forma de morir como algo de una importancia especial y simbólica; querrían, si fuera posible, que sus muertes expresaran, y confirmaran así vividamente, los valores que consideran los más importantes de sus vidas. Esta antigua esperanza es un*

[15] Ronald Dworkin, *El domínio de la vida: una discusión acerca del aborto, la eutanasia y la libertad individual*, p. 260.

tema recurrente del drama shakespeariano"[16]. Pero todo esto es inimaginable fuera del ámbito de la muerte voluntaria. Sería muy ingenuo esperar un desenlace bello de la llamada "muerte natural". Si aún nos cuesta tanto aceptar la eutanasia, pasarán siglos hasta que aceptemos la *eudemotanásia* (como muestra, por ejemplo, la película *Las invasiones bárbaras*, de Denys Arcand). Ni siquiera las muertes voluntarias de escritores y artistas se acercaron a una muerte feliz.

29. Cuando pensamos en suicidio, ya lo hacemos en un ambiente colonizado por el cristianismo. En otras culturas (p. ej., indígenas) mucho de lo que se ha dicho aquí sería obvio y no necesitaría decirse. Es evidente que, si elegimos llevar una vida religiosa, si la vida nos la dio un Dios bueno, entonces la vida debe ser buena y tenemos la obligación de conservarla hasta el final. Esto es perfectamente coherente y comprensible. No deberíamos tener ningún tipo de desprecio nietzscheano por una vida religiosa, y podemos comprender – e incluso admirar – la radical condenación del suicidio cuando se adopta esta perspectiva. Sólo tenemos que recordar lo siguiente: que en una sociedad plural no estamos obligados a llevar una vida religiosa.

29.1. Desde una perspectiva religiosa, el problema era entender cómo un Dios bueno pudo haber creado un mundo donde hay maldad. En la visión que aquí se presenta, la pregunta se invierte: ¿cómo en un mundo tan adverso y que causa tanto malestar, el ser humano aún logró encontrar fuerzas para crear tanta belleza? ¿Cómo seres en tan malas condiciones como los humanos lograron hacer maravillas como las pinturas de la Capilla Sixtina, la sinfonía 40 de Mozart, *Muerte en Venecia* de Luchino Visconti y "Tente outra vez"[17] de Raúl Seixas? Cómo Plotino, con llagas por todo el cuerpo, consiguió escribir las *Enéadas*, Tomás de Aquino hacer una obra inmensa en apenas 49 años, Bartolomé de Las Casas defender los derechos indígenas en medio del odio de los poderosos y Hegel desarrollar una filosofía tan rica antes de ser aniquilado por el cólera. Cómo Kafka, destrozado por una tuberculosis laríngea, logró escribir *Un artista del hambre* en su lecho de muerte. ¿Cómo Van Gogh, azotado por la pobreza y la locura, logró pintar sus cuervos, cómo Beethoven consiguió componer sus sinfonías casi completamente sordo, como Oscar Wilde, vilipendiado por todos, pudo componer su *De Profundis* y Nietzsche producir una filosofía tan maravillosa con dolores de cabeza insoportables que podían durar dos días?

---

[16] *Ibid.,* p. 276.

[17] "¡Inténtalo de nuevo!" es una canción del popular cantante brasileño Raul Seixas (1945-1989), de su álbum *Aeon* (1975). Como en el caso de muchas canciones de Raul Seixas, la letra de "Tente outra vez!" fue escrita por Paulo Coelho, su colaborador musical, que se volvería uno de los escritores brasileños más leídos de todos los tiempos (n.t.).

29.2. Suicidarse nunca es heroico. El suicida sólo logra salvar la poca dignidad que la vida le dejó. Continuar viviendo, por el contrario, es siempre heroico.
30. No nos matamos por no amar la vida. Es la vida la que no nos ama. Amamos la vida intensamente y nos gustaría vivir indefinidamente. Es la vida la que nos destruye desde el comienzo. Nuestro amor por la vida es un amor no correspondido.

"If you want to kill yourself..."
For a Critique of suicidal reason

"An effort should be made to humanize the act of suicide, freeing it from the aura of strangeness that accompanies it."

JULIO CABRERA

1. The fundamental bioethical problem is birth, whether procreating is morally good or not. Abortion, heterocide and suicide are derived problems. Before questioning the morality of suicide, we must inquire into the morality of procreation.

2. There was a German philosopher who once said that philosophy is the world upside down. According to the prevailing ideas, life has a positive value, procreating is a generous act, the mother-child relationship is the paradigm of a moral relation and taking one's own life is the most abominable act. The philosopher has arguments to demonstrate that the value of life is problematic, that procreating entails serious moral problems, that the mother-child relationship is selfish, and that suicide may be more moral an act than to continue living unconditionally.

3. In my books, I have thoroughly addressed the issue concerning the sensible and the moral value of human life.[1] That argument contains an initial premise: *a human life has a structure*. Life is not a bunch of elements that can be "good" or "bad" depending on the perspective. My argument does not accentuate the "bad aspects" of life—as it is usually said—but points to a structure which is systematically adverse to humans.

4. This structure of human life is composed of three elements:

[1] Cabrera, Julio. *Discomfort and Moral Impediment,* chapters 2-4.

(a) Life is *terminal* since birth. Death is not an adventitious phenomenon, but it is embedded within the being who is born.

(b) Such terminal life does not run smooth, it is frictioned, subject to frictions. They may be summed up in three types: pain, discouragement, and moral impediment (illnesses, accidents, natural and social catastrophes, psychic depressions, and aggression from other human beings, from small gossip to ruthless persecutions).

(c) Third: humans are equipped with psychological and biological mechanisms to cope with the frictions of the terminality of their being. They are forced to create positive values with the purpose of postponing the consummation of the frictioned terminality, until they are finally defeated by it at any moment in their lives.

4.1. Works of art, technological devices, sports achievements, religions, and sublime philosophies are all cultural products made up by humans to cope with the daily progress of terminality.

4.2. If life were originally a good place to be, humans wouldn't have tenaciously created other worlds, better ones, to live in.

5. Convinced of the existence of a City of God, Augustine of Hippo was immensely successful in his somber descriptions of the city of men. Human mortality cannot be good, since it was a divine punishment. Augustine writes: "Since all men, therefore, will to be happy, certainly if they will truly, then they also will to be immortal, for otherwise they could not be happy".[2] If Augustine's diagnosis is correct, it shall be universally so, even for those who don't expect to enter the City of God.

6. The deterioration of life is not only sensible, but also *moral*. In a life that is terminal and subject to frictions from its very beginning, too short to take up projects and always threatened by catastrophes of all sorts, in a body that gets older day by day, living amid thousands of other human beings in the same adverse conditions, it becomes practically impossible to cultivate a genuinely moral life.

6.1. We are forced to struggle, to compete and to win, and we are obliged not to mind living in a society maintained by the slave-like labor of most people. To go on living, we must learn to cultivate a certain degree of moral insensitivity.

---

[2] Augustine of Hippo. *On the Trinity*, book XIII, chapter 8.

6.2. I have named this structural phenomenon the *moral impediment*: the impossibility of being ethical towards everyone in all our scenarios of action.[3]

7. The notion of ethics is a rather complex one, with many different formulations, but when it comes to a moral assessment of procreation two requirements may be deemed fundamental: not to *cause harm* to others and *not to manipulate* others. Both moral requirements are transgressed in procreation.

7.1. If every life that is born is marked by a frictioned, pressing, terminal structure, to be born is to be *harmed*, because it is thrown into the mortal, painful, discouraging, aggressive process which every human life consists of, whatever its contents happen to be.

7.2. Secondly, both in the case of a planned procreation as in the case of an "accidental" one, *manipulation* of the one who is born always takes place, be it due to an excess of projects, be it due to a lack of them. Having children is an extraordinary way of relieving the frictioned terminality of the progenitors.

8. If we are responsible and wish to lead a moral life, we should abstain from having children (without the need to be sexually abstinent). We should have the courage and the strength to bear the frictioned, terminal structure of our own being without the urge to generate other beings as a safeguard for the pain and emptiness of our own lives.

8.1. There isn't a moral obligation to procreate. Furthermore, judging by the very structure of life, a moral obligation *not* to procreate would be more plausible.

8.2. Against the easy objection that, if such a maxim were to be universalized, humanity would disappear, it should be replied that the survival of mankind is not actually a moral demand, but a sensible one. Humanity should be willing to disappear if morality thus required.

9. What has been previously outlined describes the life environment in which it becomes possible to introduce the problem of suicide. This issue cannot be addressed in the present time as it was 40 years ago, when procreation had not yet been strictly questioned (my *Projeto de Ética Negativa*,[4] in which I had already addressed the moral problem of procreation, appeared in 1989,

---

[3] Cabrera, Julio. *Discomfort and Moral Impediment*, chapter 5.

[4] Later republished as *A Ética e suas negações: não nascer, suicídio e pequenos assassinatos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

before the emergence of the antinatalist movement, consolidated by the publication of David Benatar's book, in 2006).

9.1. If we accept the structural description of human life, and that procreation is harmful and manipulative, isn't it equally immoral to continue living this life? If being born is immoral, can it be moral to go on living?

10. A life such as the one displayed by the structural description could never be "good" or "beautiful." It can at best be kept on a *bearable* level by virtue of the efficacy of the positive values with which human beings manage to postpone the consummation of the terminality acquired at birth. Pleasures, joys, and achievements are terminal themselves, apart from being occasional, fleeting, and expensive ("unhappy happiness", according to Augustine), and they take place within the frame of the merely bearable.

10.1. It is perfectly natural that humans sometimes experience discouragement by the fact of being inevitably and irreversibly embedded in a frictioned, terminal being that is bound to crush them at the time of its full consummation.

10.2. Just as anguish is the *pathos* of openness to being (Heidegger), and nausea is the *pathos* of contingency (Sartre), discouragement is the *pathos* of the terminality of being.

10.3. Those who are depressed are right. Being is itself depressing.

11. A *bearable* life always keeps on the horizon the possibility of becoming, at any given time, *unbearable*, both in a sensible (in the form of pains and discouragements) as in a moral way (in the varied forms of moral impediment). To keep on living can turn out to be morally unworthy for us and harmful to others.

11.1. Intuitively, some will argue that it is it is rather exaggerated to judge life as merely 'bearable', when most people see it as good. But people in general manage to live by continuously repressing the frictioned terminality of their being, by means of a strong naturalization of physical, psychological, and moral suffering. Suffering ends up coinciding with the very being and it is lived naturally through the flow of life.

11.2. Most humans do not commit suicide, but most cannot live unless they find themselves under the protection of habits, manias and neuroses, consuming medicines and drugs or indulging in entertainment and feverish activities to keep them busy, and some of them eventually develop serious mental illnesses for not being able to adapt to a life that is always in a daily process of finishing.

12. In the frame of this structural analysis of human life, the possibility of *not going on living* appears in a perfectly natural way. It is not only a *logical* possibility (non-contradictory), but also a real possibility in human life. A life given asymmetrically, having the structural properties mentioned above (frictioned terminality against which we are forced to fight until we are defeated), keeps within itself, as a perfectly plausible possibility, the will to put an end to it before its full consummation, whenever it becomes sensibly and/or morally *unbearable* according to the judgment of the affected.

12.1. The possibility of suicide arguably appears whenever the terminal structure of being strongly prevails over the values created within the world. On a pre-reflexive level, we accept to go on living while these values prevail over the structure. The slightest prevalence of the structure over positive values naturally brings to one's mind the idea of suicide, even if it is immediately rejected.

12.2. Life may be regarded (if we are lucky) as a pleasant trip on a train that falls into an abyss at the terminal station. Nothing is more comprehensible than someone who wants to get off the train at an earlier station.

13. Kant establishes a major difference between the Suicide, the one who "intends to self-destruct", and the one who dies risking their life for some noble cause.[5] But these limits are rather fuzzy. The one who kills himself before the tyrant's soldiers arrive seems no less praise-worthy than the one who allows himself to be imprisoned and tortured and dies at the hands of others (such as the priest Pietro in Rossellini's film, *Rome, Open City*, and thousands of people killed in dictatorships).

13.1. In the first case there was clearly an "intention to self-destruct", but it was morally motivated. We might as well regard the first case as being more moral, because those in a torture session could lose their dignity altogether before finally being killed. What if they were set free after being tortured (as in the case of Winston in George Orwell's *1984*), could they still look at themselves in the mirror?

14. He who kills himself or lets himself be killed by another to save his dignity, due to a terminal disease, political persecution or any other circumstances that hinder a dignified life, commits a kind of suicide that is perfectly acceptable from a logical and moral standpoint.

[5] Kant, Immanuel, *Lições de ética*, p. 337.

14.1. On the contrary, he who chooses to perpetuate life at any cost is excluded from the higher moral principle of "going against oneself" when the moral demands of not harming and not manipulating so require.

14.2. If wanting to continue living indefinitely cannot be considered absolutely good from the moral point of view, *not* wanting to continue living indefinitely cannot be considered absolutely bad from the moral point of view.

15. In contemporary Antinatalism there are two positions concerning the preservation of one own's life.

(A) A moderate position holds that a life not worth-starting *may be worth-continuing* if it can be kept within the limits of the bearable. For, once born, to die may be even worse than to go on living a life that should never have been started.

(B) A more radical position holds that a life not worth-starting is *likewise not worth-continuing*, thus advocating for immediate suicide.

15.1. Both positions oppose the traditional view of the total prohibition of suicide as an absolute moral evil. However, whereas for position (A) suicide is an indefinitely postponed possibility, for position (B) suicide is an imminent necessity.

16. Concerning (A), the merely sensible fear of death *per se* is not a moral reason against suicide. For the persistence in living might as well be motivated solely by instinct or by will (in Schopenhauer's terms). It must be verified if the interest in going on living is *morally* motivated or not.

16.1. In this sense, following one of Kant's ideas, there is no unconditional moral imperative that states: "One must live at any cost!", but there is a moral imperative according to which 'one must be willing to die whenever morality thus demands". Human dignity must be placed above the mere will to survive (morality basically consists in precisely this).[6] Kant, on the other hand, graciously admits that life is of little value, but suicide should be avoided all the same, although not because life is valuable in itself: "He now lives only because it is his duty, not because he has the slightest taste for living."[7]

17. Position (A) faces the problem of favoring an indefinite continuation of a life that, after all, does not differ much from a life not guided by anti-natalist ideas. Position (B) faces the problem of betting on a non-ethical

---

[6] Kant, Immanuel. *Lições de ética*, p. 340.
[7] Kant, Immanuel. *Critique of Pactical Reason*, book 1, chapter 3, p. 113.

suicide in the urge to escape from future sufferings and the certainty of death. (A) may lead us to live too much, and (B) too little.

18. A more reasonable, intermediary position would be to live a minimalistic life free from the need to procreate, to create beautiful works, to militate on behalf of the already-living, but in *a permanent "disposition to die"*. To be willing to die at any moment, if dignity is at stake, even today if necessary.[8]

18.1. A morality of suicide should therefore be placed between the total impossibility (its absolute condemnation by traditional ethics) and its total necessity (the various forms of radical nihilism). From a philosophical standpoint, an unrestricted "recommendation" of suicide is just as absurd as its unrestricted "prevention". To recommend *all kinds* of suicide would amount to conceiving of suicide as necessary. To prevent *all kinds* of suicide would amount to conceiving of suicide as impossible.[9]

18.2. Suicide as a possibility means: that it can be performed immediately, or afterwards, or never. Suicide as possibility excludes neither suicide-now (the nihilistic choice) nor suicide-never (the traditional choice). They are excluded as absolute options to be imposed on everyone, but they remain as realizations of suicide as a possibility. Suicide-now and suicide-never are two forms of realization of the possibility of suicide.

18.3. In a free society the will of the Christian who *totally* refuses suicide should be respected just as the will of the nihilist who wants to put an end to his life immediately. Both are exerting their right to make use of the possibility of suicide in whatever way they think is better.

19. These considerations provide what may be called a *general matrix of suicide*, the logical form of suicide as a possibility: "*It is ethically justified (though not recommended or impeded) to cease to live in any situation in which the creation of intramundane values, guided by the imperatives of not harming and not manipulating others, becomes literally (or predictably) hindered by the progress of the terminality of the being of life in its natural or social outcomes, thus preventing the exercise of dignity*."

19.1. Cases in which this matrix applies in quite an evident way: African black men jumping into the water to escape slavery, Jewish councils committing collective suicide so as not to go further in the killing of colleagues,[10] people jumping off the World Trade Center amid flames, passengers of the

---

[8] Cabrera, Julio. *Discomfort and Moral Impediment*, chapter 8.
[9] Cabrera, Julio. *Projeto de Ética Negativa*, chapter II, aphorism 30.
[10] Bauman, Zygmunt. *Modernity and the Holocaust*, p. 140.

Titanic voluntarily drowning or shooting themselves. In all these cases, they are suicides committed to save dignity, "indignant suicides."

19.3. The matrix should ethically justify the suicides of Seneca and Walter Benjamin, committed due to the strangling of social possibilities, and those of Arthur Koestler or Mário Monicelli, who killed themselves to escape illnesses that were incurable and morally debilitating.

19.4. In principle, it would be difficult to ethically justify with this matrix certain types of suicides, such as those including heterocides, aggressive suicides, revenge suicides, performative or competitional suicides (such as in Russian roulette), or suicides out of existential authenticity (such as Alain's, the protagonist of *Le Feu follet*, by Drieu La Rochelle, filmed by Louis Malle). The ethical justification of these suicides—so that they can be encompassed by the matrix—is relative to the degree of trust one is willing to grant to the autonomy of those who chose to pass away like that.

20. If the imperatives of not harming and not manipulating serve as condemnatory cases against procreation, wouldn't they serve to condemn suicide as well? A usual objection, one that even antinatalists resort to, is that suicide harms and manipulates other people. But *who are they*?

20.1. Most people in the world do not know us, therefore they are not going to be affected by our passing.

20.2. Our enemies will not regret our death; on the contrary, they will most likely celebrate it. One does not need to do anything wrong in order to make enemies; we sometimes make them only by defending our political or familiar or even sports-wise preferences. Unfortunately, we live in a world of jealousy, wounded prides, and anxiety-laden competition, where it is easier to make a handful of enemies than a single friend. If suicide is condemned because it hurts our few friends, why should it not be praised for making our many enemies happy?

20.3. When it comes to our friends, if they are really such, they shall accept our wish and understand our motivation to leave life, despite the grief it may cause them. If these reasons are ethical (the safeguard of one's dignity) we may cause our friends to suffer on a sensible level, but no moral harm can be caused to them (applying the Kantian distinction).

20.4. The progenitors shall understand it as well, and with greater reason, because when you give life to someone, it is by no means guaranteed that he or she will manage to create sufficient positive values in order to bear the pressure of terminality given at birth.

20.5. Among the psychological and biological mechanisms of protection featured in the structure of life there is the one that allows for human beings to overcome the death of their beloved ones, even that of Suicides, after a certain time. There are very few cases in which the survivors commit suicide or become forever paralyzed by the inability to cope with the loss of a loved one (the French actor Charles Boyer committed suicide two days after the passing of his wife, but this is an exceptional case, one that is considered by many as an act of insanity).

20.6. Not only nature but society as well insists that we forget the pain caused by the death of a beloved one and 'move on with life' (and if one is still bereaved so many years after the loss, they will be taken to a good psychologist).

20.7. The great poet Fernando Pessoa, under the pseudonym Álvaro de Campos, wrote a beautiful poem, "*If you want to kill yourself…*," about forgetting the Suicide. *Somebody needs you?* […] *No one is needed, nobody needs you… If you're not around, things will go on without you. Maybe things will get worse for others if you go on living instead of dying… Maybe it'll get harder if you go on enduring than if you stopped enduring… Others grieve for you?... Are you already sorry that they'll weep over you? You can bet they won't for long… The life force, little by little, dries the tears* […] *At first everyone feeling relieved / By your death, that slightly irritating tragedy. Then the talk growing livelier day by day, as ordinary life for everyone takes over again… Then slowly you're forgotten. Only two dates are remembered each year: The day you were born, the day you died.* […] *If you want to kill yourself, why not do it? Forget the moral scruples, the mental qualms! What scruples or qualms are there in life grinding on and on?* […] *Can't you see, you're not the slightest bit important?* […]"[11]

21. Being that life is so problematic, both on a sensible and moral level, and being procreation subject to so many ethical objections, an effort should be made to try to *humanize the act of suicide*, freeing it from the aura of strangeness that normally accompanies it. We should feel and understand that he or she who realizes the ever-open possibility of suicide is not a monstrous being who's lost all humanity, but, on the contrary, a fully human being who has brought forth, with greater or lesser success, a possibility that remains open *to anyone of us*.

---

[11] Pessoa, Fernando. "If you want to kill yourself, how come you don't want to kill yourself?", in Honig, E.; Brown, Susan M. (eds.), *Poems of Fernando Pessoa*. Translated by Edwin Honig and Susan M. Brown. San Francisco: City Light Books, 1998, p. 92-94.

21.1. Realizing that one is mortal is always a traumatic revelation for a child or a teenager: to know that all they have been "given," with all their joys and accomplishments, will be taken from them: youth, health, the life of loved ones, their own lives.

21.2. To be able to commit suicide, it's enough to be alive.

21.3. The notion of "suicidal tendency" is an internal cutout within the terminality of being, our natural tendency to finishing. Being has suicidal tendencies. Everything that is born has "suicidal tendencies."

22. People often talk about the "enigma of suicide", of why someone comes to realize such an absurd act. However, the *reason* is clear and always the same, namely the one expressed in the matrix of suicide above. What can appear as "enigmatic" may be, in any case, the question of why this reason—ever present since our birth—has become a *motivation* for suicide in precisely *this* moment, *this* place, *these* circumstances.

22.1. The terminal structure of being is not sufficient to *bring about* the action. It is the intramundane elements that provide the motivational forces to realize the ever-open possibility of suicide. Broken hearts, economic misery, political persecution, and incurable diseases are some of the occasional scenarios in which the Great Reason of suicide takes place in a concrete way.

23. Three renowned Latin-American writers committed suicide almost at the same time. An antidemocratic mind and social shame may allegedly explain the suicide of Argentinian poet (born in Cordoba such as myself) Leopoldo Lugones in 1938, at the age of 63. A cancer or a broken heart may allegedly explain the suicide of Swiss-Argentinian poetess Alfonsina Storni, in that same year of 1938, at the age of 46. The suicide of his wife and the responsibility for the death of a friend may allegedly explain the suicide of Uruguayan writer Horacio Quiroga in 1937, at the age of 57. However, these are nothing but details. The three of them felt as though their terminality had come to a dead end, and that the values they could create were no longer sufficient to postpone its consummation. They resorted to such erratic contents as concrete, tormenting motives to realize the structural reason for simply wanting to *get out of here.*[12]

24. Filmmaker Michelangelo Antonioni explained in an interview that when he was shooting *The Girlfriends*, he was forced to change the screenplay due to the Italian censorship. Instead of presenting Rosetta's suicide as being

[12] Cabrera, Julio. *Projeto de Ética Negativa*, chapter II, aphorism 28.

motivated by the sheer emptiness of existence, the motive then becomes the romantic disappointment with Lorenzo, who breaks up with her because of his fidelity to another woman. The reason for suicide thus became palatable in the eyes of the censorship. What is demanded is that a concrete motive is given for the suicide, never the world as such. The great structural reason is thus concealed behind immediate motivations. The world itself must be exonerated.

25. If life is understood in its very structure, there is no "enigma" in suicide. On the contrary, in the light of the structural analysis of life, what turns out to be enigmatic is why most people go on living even amid the most atrocious of sufferings. To see people living sick and miserable, starving, and subject to daily humiliation to just feed themselves, insisting on continuing to live that way, this is totally enigmatic!

25.1. Erasmus of Rotterdam gave a name to that which keeps humans in life "in spite of everything": *folly*, and he praised it. Erasmus declares that folly alone can explain man's urge to perpetuate the species by having children and to "stick his head into the halter of marriage".[13] According to him, all things joyous stem from folly which in its mist hides reality from humans.[14] It is folly that makes for friendship and love, blinding lovers to the flaws of their loved ones,[15] it is folly that allows for the aged to believe that they will be forever young,[16] and folly is what makes us think, out of self-love, that we are worth something,[17] and that we will become famous for our books.[18]

25.2. If folly is the detachment from reality in favor of some kind of illusion, therefore, according to Erasmus, to go on living is always an act of madness. And so, by opposition, the one who chooses *not* to go on living on illusions is drawn apart from folly and assumes reality in all its consequences. He intends to consummate that in which a human life structurally consists of from the very beginning. Suicide does not introduce ruptures but is rather in full harmony with the world.

26. Suicide does not automatically follow from the terminality of being, nor does continue living. The choice to kill oneself should always be *one's own*, as an exercise in autonomy at which we have the last word. Reflecting on freedom, Sartre writes: "*It is not the rigidity of a situation with its sufferings that is the reason to conceive another state of affairs better for everyone. On the*

---

[13] Erasmus of Rotterdam. *The Praise of Folly*, 5, p. 15.
[14] *Ibid.*, 8, p. 22
[15] *Ibid.*, 9, p. 26
[16] *Ibid.*, 8, p. 24
[17] *Ibid.*, 10, p. 28
[18] *Ibid.*, 12, p. 35; 26, p. 73

contrary, it is from the day that we conceive another state of affairs that a new light illuminates our hardships and sufferings, and we decide that they are unbearable".[19] Neither does dignity have a single general definition. Dignity is something that each one of us shall define and honor in our own persons.

26.1. Each one must decide when the terminal structure of being has become totally predominant over the creation of positive values. But that choice is, of course, always ambiguous. The supposed decision might as well be a cry for help or a threat. Whoever declares the wish to commit suicide may not be willing to do so. And we do not know whether those who succeeded to die really wanted to. These problems do not have a general solution. It is said sometimes, and rightly so, that someone committed suicide because they were obnubilated, subject to obscure ideas. However, all human decisions are opaque, all of them are impure, influenced by other people, by society, by readings, by childhood. No human motivation is altogether transparent.

26.2. The motives to go on living are just as opaque as the motives to commit suicide.[20]

26.3 We must learn to give a vote of confidence to the autonomy of Suicides. Especially if, as in the case of writers and artists, they have managed to carefully prepare their passings. It would be odd to try to dissuade from suicide Arturo García Buhr, Carlos Thomson, Florencio Parravicini, Walmor Chagas, Pedro Armendáriz, Charles Boyer, Capucine, Patrick Dewaere, Tony Hancock, Margaux Hemmingway, Max Linder, George Sanders, Gig Young, Jack London, Cesare Pavese, Ernest Hemingway, Heinrich Von Kleist (biographed by another Suicide, Stefan Zweig), Otto Weininger, Jorge Cuesta, Gérard de Nerval, Yukio Mishima, Virginia Woolf, Walter Benjamin, Manuel Acuña, Drieu La Rochelle, and Henry de Montherlant. After all, it is because we love them that we'd rather respect their decisions, with all their terrible opacity.

26.4. If they want to go, let them go, as there is no moral imperative to go on living without conditions. In a thanatic democracy, and since life and death are inseparable, letting someone live is also letting someone die.

27. An ordinary objection argues that these findings are all too philosophical, and that most people live their lives happily without ever thinking about death or suicide. That is true. That life contains little value, that procreation is morally problematic and that some suicides might as well be ethically justified, these are findings gathered by the philosopher by *thinking*

---

[19] Sartre, Jean-Paul. *Being and Nothingness*, section IV, chapter 1.
[20] Cabrera, Julio. *Projeto de Ética Negativa*, chapter II, aphorism 16.

of life, instead of simply living it, as most people do. The philosopher strictly follows the well-known Socratic maxim: an unexamined life is not worth living. Socrates is supposed to have said that at the very moment of his suicide, preferring to take the poison rather than to continue living an unworthy life.

27.1. Life lies in feelings and emotions rather than in reasons, in the brutal instinct of a will to perpetuate life against all evidence. The philosopher, on the contrary, prioritizes reason, reflection, and arguments over the sheer impulse of animal life. If that upsets us, it would be better not to invite the philosopher in the first place, but if we do, we should be willing to think all the way until the end, even if the end turns out to be our own death.

28. What is most terrifying about suicide is not the idea—sober, silent, and touching—but the horrible procedures that Suicides need to resort to for not having more peaceful ways to get out of here. What is frightening is not death itself, but the fact that we don't soberly have it at our reach. What is frightening is the fact that this death is not *our* death.

28.1. If the means were more easily accessible, it would drastically reduce the suffering of those who want to leave. The anguish increases uselessly when we know that all the exits are blocked, and that we will have to brutally attack our bodies because we don't have a friendly device at hand that we may never use (such as the alcoholic who quits drinking but still needs to have a bottle at hand, or the detective in the movie *The Sicilian Clan* who quits smoking but always has an unlit cigarette in his mouth).

28.2. Another way to humanize suicide would be to understand it in terms of the greatest desire of most humans: to die in their sleep.

28.3. Ronald Dworkin wrote about "humanizing one's own death" in an aesthetic approach: "*We worry about the effect of his life's last stage on the character of his life as a whole, as we might worry about the effect of a play's last scene or a poem's last stanza on the entire creative work*"[21] Also: "*There is no doubt that most people treat the manner of their deaths as of special, symbolic importance: they want their deaths, if possible, to express and in that way vividly to confirm the values they believe most important to their lives. That ancient hope is a recurrent theme of Shakespearean drama*".[22] However, this is all unimaginable outside the frame of voluntary death. It would be too naive to expect such a beautiful outcome from so-called "natural death". If it takes us so much time to accept euthanasia, it will take centuries before we accept

[21] DWORKIN, Ronald. *Life's Dominion*, p. 199.
[22] *Ibid.*, p. 211

eudemothanasia (as shown, for example, in *The Barbarian Invasions*, directed by Denys Arcand). Not even the voluntary deaths of writers and artists come close to a merry death.

29. When we think of suicide, we already do it within an environment colonized by Christianity. In different cultures (indigenous ones, for instance), much of what has been stated here would come across as obvious, it would go without saying. Of course, if we choose to lead a religious life, and if life was created by a good God, then life must be good, and we have the obligation to preserve it until the very end. That's perfectly coherent and comprehensible. We should not feel any sort of Nietzschean contempt for the religious lifestyle, and it is perfectly possible to understand – even to admire – the radical condemnation of suicide that takes place from a religious standpoint. Let us just remember this: in a plural society no one is forced to lead a religious life.

29.1. From the religious perspective, the problem consisted of knowing how a good God could create a world where there is evil. From the perspective presented herein, the question is inverted: how is it possible that in a world so hostile and that causes so much discomfort, humans still find strength to create so much beauty? How beings in such precarious conditions as humans manage to produce such wonders as the paintings in the Sistine Chapel, Mozart's Symphony no. 40, Luchino Visconti's *Death in Venice* or Raul Seixas's "Tente outra vez"[23]? How is it possible that Plotinus, in spite of the sores all over his body, was able to write the *Enneads*, that Thomas Aquinas wrote an immense work in only 49 years of age, that Bartolomé de las Casas fought for indigenous rights amid the hatred of the powerful, that Hegel developed such a splendid philosophy before cholera got hold of him, that Kafka, overwhelmed by laryngeal tuberculosis, was able to write *The Hunger Artist* on his deathbed, and that Van Gogh, torn apart by poverty and madness, was able to paint his crows, that Beethoven managed to compose his symphonies when he was almost completely deaf, that Oscar Wilde, vilified by everyone, could still write *De Profundis*, that Nietzsche produced such a wonderful philosophy while suffering from excruciating headaches that tormented him for two days?

29.2. Committing suicide is never heroic. Suicide only saves the meager dignity that life has not yet removed. To continue living, on the contrary, is always heroic.

[23] "Tente outra vez" [Try once again] is a ballad by Brazilian singer-songwriter Raul Seixas (1945-1989), from his album *Aeon* (1975). As in the case of many other songs by Raul Seixas, the lyrics for "Tente outra vez" were written by Paulo Coelho, his musical partner at the time who would later become one of the most popular Brazilian authors of all times.

30. We do not kill ourselves because we don't love life. It's life that does not love us. We love life and we would like to live indefinitely. It is life that ruins us from the very beginning. Our love for life is an unrequited love.

poesia e prosa

(n.t.)|Códice de Dresden

Servo, serve-me!

O diálogo do pessimismo

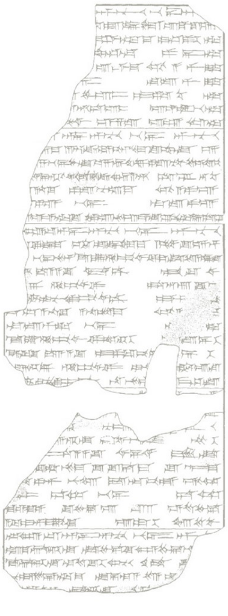
O texto: Conhecido na tradição oriental como *arad mitanguranni* (*Servo, serve-me!*), “O diálogo do pessimismo” é uma antiga composição literária mesopotâmica, de escrita acadiana, reproduzida nas épocas assíria e babilônica. Escrito por volta de 1000 a.C., é considerado um exemplo da literatura sapiencial do Oriente Próximo, um gênero muito popular entre os escribas mesopotâmicos, cujo treino para o ofício consistia em reproduzir antigos textos e provérbios. O texto retrata um diálogo entre um senhor e seu servo, dividido em dez seções que versam desde adorar os deuses, formar uma família, organizar uma ceia, etc. Em cada uma delas, o senhor volúvel indica que tomará tal curso de ação, a que o servo fornece boas razões, mas logo o senhor muda de ideia, declinando da decisão, à qual o servo imediatamente fornece razões igualmente válidas. As interpretações entre os assiriólogos acerca do diálogo têm variado, se se trata de um tratado filosófico niilista ou uma sátira social. Geralmente é considerado um texto que tematiza a futilidade das ações humanas ou uma afirmação do absurdo da vida, uma vez que não há escolhas definitivas certas e erradas, ou ainda, que se trata de uma enquete cômica, pelo tom humorístico e blasfemo entre o senhor e o servo. Mas é também um trabalho de reflexão, que pode ser visto sob uma ótica filosófica, pois ao discutir tanto o viés *pessimista* quanto o viés *otimista* das ações humanas, mostra que ambos são igualmente válidos para se tomar uma decisão, e não necessariamente contrapostos. O diálogo também traz uma reflexão acerca da frivolidade da existência, ao abordar o suicídio como uma escolha. A possibilidade de uma visão niilista da vida na antiga mesopotâmia não pode ser descartada, já que no diálogo se discutem as vantagens do suicídio e a subversão dos valores. Em cada seção, o senhor começa falando da vida com entusiasmo para logo esmorecer, concluindo que a única ação valiosa na vida seria propriamente o ato de tirá-la, mas o senhor e o servo não conseguem chegar a um consenso sobre qual dos dois deveria realizar tal ação primeiro, encerrando o diálogo. Segundo assiriólogos, o texto faz alusão a outras obras importantes da literatura mesopotâmica, como o *Hino a Šamaš*, a *Epopeia de Gilgamesh* e um antigo ditado sumério que aparece em *Gilgamesh and the Land of the Living*.

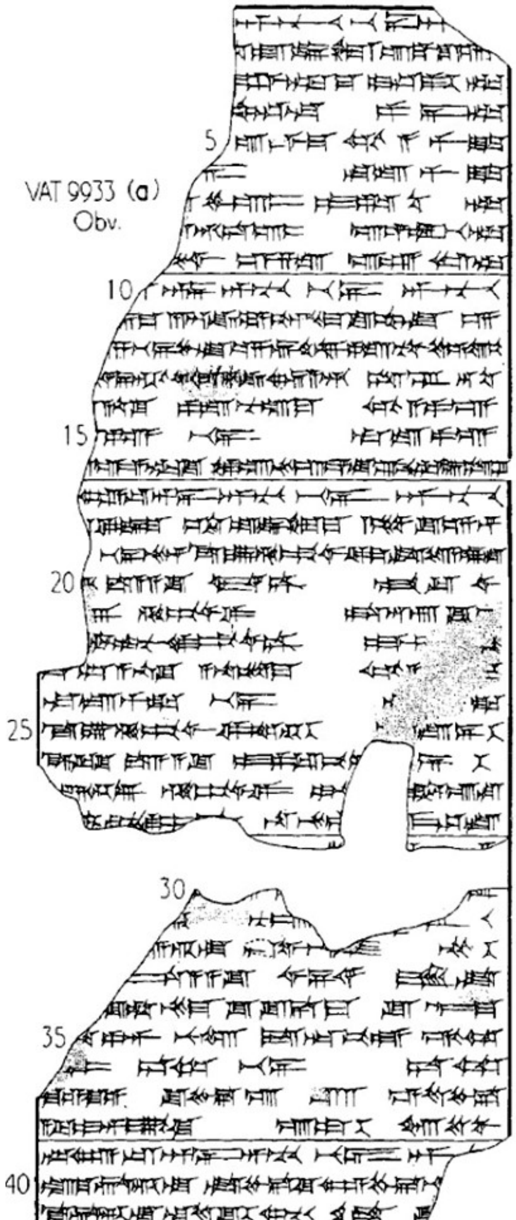
Edição de referência e placas: Lambert, W. G. *Babylonian Wisdom Literature*. Oxford: Clarendon Press, 1960.

Tabuinhas em cuneiforme: Vat 9933 (Vorderasiatisches Museum, Berlim); K 10523 e K 13830 (British Museum, Londres); A... I e A... 2 (Eski Şark Eserleri Müzesi, Istambul).

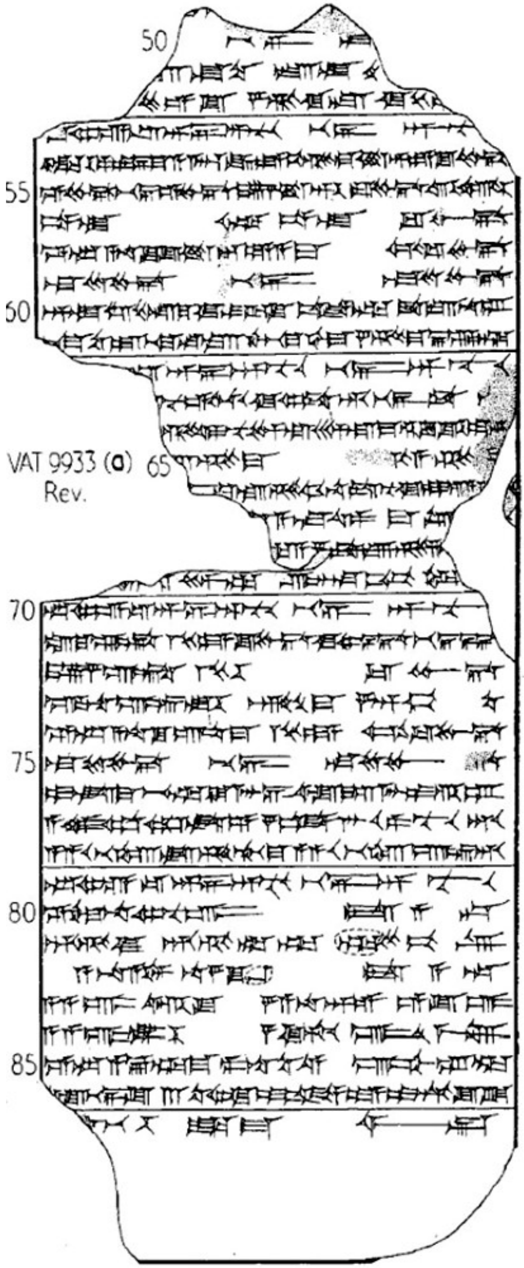
O AUTOR: Texto acadiano, de autoria anônima, encontrado em cinco versões manuscritas diferentes: quatro tabuinhas em cuneiforme originárias de Assur e Nínive e uma da Babilônia. O texto da versão assíria está bem preservado, pois apenas 15 de suas 86 linhas estão danificadas, enquanto a tabuinha babilônica é substancialmente diferente das versões assírias e incompleta. Já as partes fragmentadas do texto foram recuperadas parcialmente ou reconstruídas por W. G. Lambert (1960). Esta tradução utiliza a versão assíria Vat 9933 como texto principal, em cotejo com as versões assírias K 10523 e K e dois fragmentos não numerados de Assur, A... I e A... 2. Os complementos das partes danificadas, indicadas entre colchetes e [cursiva] na tradução são de Lambert, enquanto que os complementos entre colchetes e em [*itálico*] são reconstruções tradutórias, com base no contexto dos cinco manuscritos.

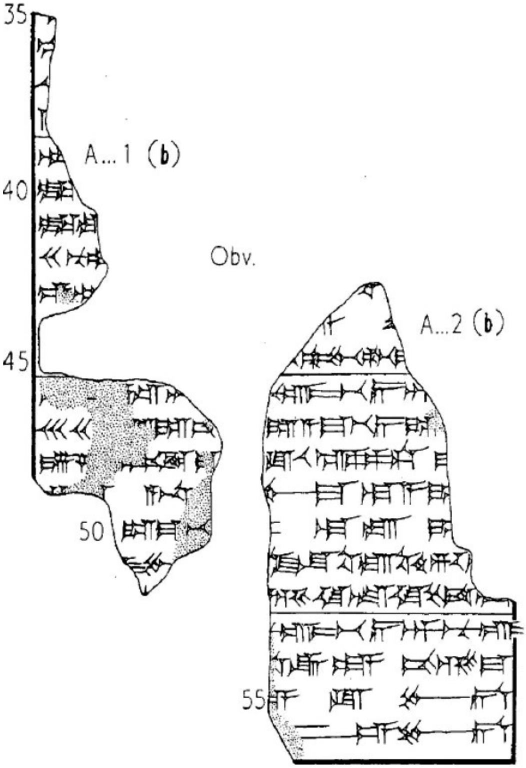
O TRADUTOR: Gleiton Lentz, editor da (n.t.), é pós-doutor em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), doutor em Literatura (UFSC/Università di Firenze), tradutor e revisor. Dedica-se ao estudo das escritas antigas e suas literaturas, incluindo a maia e a suméria. Já ministrou cursos de língua e cultura suméria para a Casa Guilherme de Almeida e para a Babel Tradutória (Great/Usp). Para a (n.t.) traduziu En-hedu-Ana e o *Hino a Nisaba*.

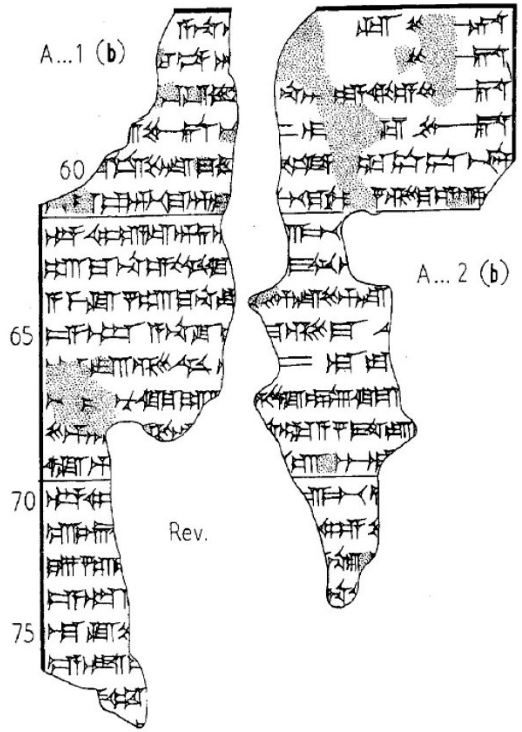




VAT 9933 (a)
Obv.


VAT 9933 (a)
Rev.
50
55
60
65
70
75
80
85


35
40
45
50
A...1 (b)
Obv.
A...2 (b)
55


A...1 (b)
A... 2 (b)
Rev.
60
65
70
75

K 10523 (C)

K 13830 (D)

SERVO, SERVE-ME!
O DIÁLOGO DO PESSIMISMO

“Quem é tão alto a ponto de subir aos céus?
Quem é tão vasto a ponto de abarcar a terra?”

“[Servo, serve-me]!” – “Estou aqui, meu senhor, estou a[qui].”
“[Vai buscar a carruagem e atrela-a], que irei ao paláci[o].”
“[Vai, meu senhor, vai . . .], que isso te será útil,
[*Pois o rei, ao te ver*], te tratará com misericórdia.”
“[Não, servo], não irei ao palácio!”
“[Não vás, meu se]nhor, não vás!
[*O rei a um lugar que não a*]praz te enviará
[*E um caminho que n*]ão conheces fará que tomes.
[Dia e noi]te irá pôr-te em provação.”

“Ser[vo, serve]-me!” – “Estou aqui, senhor, estou aqui.”
“Vai [e traz-me] água para as mãos, que irei comer.”
“Co[me], meu senhor, come. As ceias sempre aliviam o coração,
[*A ceia de um homem é*] a ceia de seu deus; os de mãos lavadas vão
|com Šamaš[1].”
“Não, [ser]vo, não comerei.”
“Não [co]mas, meu senhor, não comas!
Pois ter fome e comer, ter sede e beber, é do humano.”

“Servo, serve-me!” – “Estou aqui, meu senhor, estou aqui.”
“Vai buscar a carruagem e atrela-a, que irei à estepe.”

---

[1] *Šamaš:* Deus do sol e da justiça, no panteão mesopotâmico. (n.t.)

"Vai, meu senhor, vai! Pois o caçador deve ter a barriga cheia.
Aos seus cães de caça não faltam ossos que triturar.
[A a]ve de rapina do caçador faz seu ni[nho]
E o onagro fugidio se [*farta na estepe*]."
"Não, servo, à estepe não i[rei]."
"Não vás, meu senhor, n[ão vá]s]!
Pois o caçador a razão pode [per]der
E seu cão de caça ter quebra[dos os den]tes.
A ave do caçador fez seu ninho no [*oco*] de um muro.
E o onagro fugi[di]o prefere o deserto com[o co]vil."

"Servo, serve-[me! – "Estou aqui, meu senhor, estou aqui.]"
"Irei formar uma [família, e ter fi]lhos."
"Forma, meu [senhor], for[ma]. Um lar [*construído*]..."
[...][2]
"Pois então, irei formar uma família." – "Não a formes.
Aquele que o faz destrói a casa de seu pai."

"Servo, serve-me!" – "Estou aqui, meu senhor, estou aqu[i]."
"Irei me rebelar!" – "Então, rebela-te, meu senhor, rebela[-te].
Se não te rebelares, onde encontrarás rou[pas]?
E quem permitirá que enchas a barri[ga]?"
"Não, servo, não me rebelarei."
["*Não te rebeles, meu senhor, não te rebeles!*][3] Quem o fizer será morto |ou esfolado,
Ou cegado ou detido e lançado à prisão."

"Servo, [ser]ve-[me!]" – "Estou aqui, senhor, estou aqu[i]."
"Uma mu[lher] hei de amar." – "Então, ama, meu senhor, a[ma].
Aquele que ama uma mulher esquece [do]res e mágoas."
"Não, servo, não amarei uma mulher."
"[Não a]mes, meu senhor, não a[mes].

[2] Entre as linhas 29-38, a tabuinha da versão assíria (Vat 9933) está em desordem e fragmentada. Há dois temas tratados: a formação de uma família ou a construção de um lar (linhas 29-31 e 37-38), preservado na tradução, e a postura diante de um processo (linhas 32-36), aqui suprimido por estar danificado. (n.t.)
[3] Não consta na versão assíria (Vat 9933) a resposta declinativa do servo, talvez omitida pelo escriba copista, que faz parte da estrutura do diálogo, agregada na tradução. (n.t.)

A mulher é uma armadilha – uma armadilha, um buraco, uma vala,
A mulher é uma adaga de ferro afiada que corta a garganta do ho[mem][4]."

"Servo, serve-me!" – "Estou aqui, meu senhor, estou aqui."
"Vai buscar água para as minhas mãos e despeja-a,
Que irei oferecer um sacrifício ao meu deus." – "Oferece, meu senhor,
|oferece.
Aquele que sacrifica ao seu deus satisfaz o coração.
E benefícios e mais benefícios acumula."
"Não, servo, não oferecerei um sacrifício ao meu deus."
"Não ofereças, meu senhor, não ofereças.
Pois o ensinarás a correr atrás de ti como um cão,
Já que ele exige rituais, auscultação, ou qualquer outra coisa."

"Servo, serve-me!" – "Estou aqui, meu senhor, estou aqui."[5]
"Irei fazer um investimento." – "Investe, meu senhor, [investe].
Pois ao credor, seu grão é seu grão, e assim sua renda aumen[ta]."
"Não, servo, não [in]vesti[rei]."
"Não invistas, me[u se]nhor, não invistas.
Pois fazê-lo é como a[mar uma mulher]; e recuperá-lo é como ter filhos...
Que irã[o] come[r teu] grão, te repreend[er sem trégua]
E te [fa]zer perder do teu grão a ren[da]."

"Servo, serve-me!" – "Estou aqui, meu senhor, estou aqu[i]."
"Irei fazer uma obra de caridade ao meu país." – "Fá-la, meu senhor, fá-la.
Aquele que faz uma obra de caridade ao seu país,
Coloca suas boas ações no [anel] de Marduk[6]."
"Não, servo, não farei uma obra de caridade ao meu país."
"Não faças, meu senhor, não faças.
Sobe até o topo dos antigos *tels*[7] e percorre-os[8].

---

[4] É indiscutível o tom misógino das linhas 51-52 que, pelo viés histórico, reflete apenas o arcaísmo da estratificação social entre os antigos mesopotâmicos. (n.t.)

[5] Segundo Victor A. Hurowitz em *Wisdom Literature in Mesopotamia and Israel* (2007), as linhas 62-69 fazem alusão ao *Hino a Šamaš* (linhas 118-127), encontrado na biblioteca de Assurbanipal (668-633 a.C.), em Nínive. (n.t.)

[6] *Marduk*: Deus mesopotâmico, protetor da cidade da Babilônia. (n.t.)

[7] O *tel* (no original, *tillāni*), termo arqueológico, refere-se aos montes onde se encontravam antigos assentamentos abandonados, em formato de cone baixo truncado, comuns na paisagem mesopotâmica de então. (n.t.)

[8] Segundo E. A. Speiser, no artigo "The Case of the Obliging Servant" (*Journal of Cuneiform Studies*, n. 3, 1954), a linha 76 alude ao trecho inicial e final da *Epopeia de Gilgamesh*. No entanto, para Lambert, em *Babylonian Wisdom Literature* (1960), não é possível afirmá-lo, pois ambas as ocorrências podem depender de uma fonte comum. (n.t.)

Vê os crânios dos nobres e plebeus,
Qual é o do malfeitor e qual é o do benfeitor?”

“Servo, serve-me! – “Estou aqui, meu senhor, estou aqui.”
“Então, o que podemos fazer de bom?”
“Que nos cortem os pescoços, o teu e o meu,
E que nos lancem ao rio, isso seria bom!
Quem é tão alto a ponto de subir aos céus?
Quem é tão vasto a ponto de abarcar a terra?[9]”
“Não, servo, te matarei primeiro para que me precedas.”
“E meu senhor não sobreviverá a mim nem três dias.”

[9] As linhas 83-84 são uma citação direta do que se presume ser um ditado proverbial sumério, que também aparece no épico *Gilgamesh and the Land of the Living*, segundo Speiser (1954) e Lambert (1960). (n.t.)

Passeios e lembranças
Gérard de Nerval

O texto: Publicada em 1855, na coletânea de contos *La bohème galant*, em que Gérard de Nerval narra sua boemia em Paris, seu encontro com poetas e passeios pelas ruas da capital francesa, há uma seção dedicada aos "Passeios e lembranças" ("Promenades et Souvenirs"), que inclui, entre outros, os seguintes contos aqui traduzidos: "Juventude" ("Juvenilia"), "Primeiros anos" ("Premières Années") e "Viagem ao norte" ("Voyage au Nord"). No conjunto, falam de suas memórias de infância e juventude, seus primeiros amores, seu olhar nostálgico sobre as modificações impostas pelo progresso e a resistência dos vilarejos franceses. É uma prosa poética plena de referências históricas e emocionais, típica do estilo romântico de Nerval, ele próprio um viajante *à la* Rousseau.

Texto traduzido: Nerval, Gérard de. "Promenades et Souvenirs". In. *La bohème galant*. Paris: Michel Lévy Frères, Libraires-Éditeurs, 1855, pp. 233-267.

O autor: Gérard de Nerval (1808-1855), poeta, escritor e tradutor francês, nasceu em Paris. Considerado um dos autores românticos mais importantes do século XIX, tornou-se conhecido em 1828 por sua tradução do *Fausto*, elogiada pelo próprio Goethe, além de ter publicado um folhetim dramático com Théophile Gautier e uma peça teatral com Alexandre Dumas. Dentre suas principais obras, que se caracterizam por elementos autobiográficos e alucinatórios, estão *Voyage en Orient* (1851), *Les filles du feu* (1854) e *Les Chimères* (1854). A partir de 1841, sofreu constantes crises de loucura que o levaram a passar temporadas em hospitais psiquiátricos. Com a saúde mental agravada e vivendo na miséria, suicidou-se aos 46 anos, enforcando-se em uma rua de Paris.

A tradutora: Vera Lúcia de Azevedo Siqueira é licenciada em Letras Português-Francês pela UFRJ e mestra em Educação pela UnB. Profissional de preparação de textos e revisão, dedica-se à tradução editorial desde 2018. Tem publicado resenhas em revistas eletrônicas nas áreas de patrimônio cultural, literatura e educação em museus. Para a (n.t.) traduziu Alphonse Daudet.

PROMENADES ET SOUVENIRS

"Que le vent enlève ces pages écrites
dans des instants de fièvre ou de mélancolie."

GÉRARD DE NERVAL

IV. JUVENILIA

Le hasard a joué un si grand rôle dans ma vie, que je ne m'étonne pas en songeant à la façon singulière dont il a présidé à ma naissance. C'est, dira-t-on, l'histoire de tout le monde. Mais tout le monde n'a pas occasion de raconter son histoire.

Et, si chacun le faisait, il n'y aurait pas grand mal : l'expérience de chacun est le trésor de tous.

Un jour, un cheval s'échappa d'une pelouse verte qui bordait l'Aisne, et disparut bientôt entre les halliers ; il gagna la région sombre des arbres et se perdit dans la forêt de Compiègne. Cela se passait vers 1770.

Ce n'est pas un accident rare qu'un cheval échappé à travers une forêt. Et cependant, je n'ai guère d'autre titre à l'existence. Cela est probable du moins, si l'on croit à ce que Hoffmann appelait l'*enchaînement des choses*.

Mon grand-père était jeune alors. Il avait pris le cheval dans l'écurie de son père, puis il s'était assis sur le bord de la rivière, rêvant à je ne sais quoi, pendant que le soleil se couchait dans les nuages empourprés du Valois et du Beauvoisis.

L'eau verdissait et chatoyait de reflets sombres, des bandes violettes striaient les rougeurs du couchant. Mon grand-père, en se retournant pour partir, ne trouva plus le cheval qui l'avait amené. En vain il le chercha, l'appela jusqu'à la nuit. Il lui fallut revenir à la ferme.

Il était d'un naturel silencieux ; il évita les rencontres, monta à sa chambre et s'endormit, comptant sur la Providence et sur l'instinct de l'animal, qui pouvait bien lui faire retrouver la maison.

C'est ce qui n'arriva pas. Le lendemain matin, mon grand-père descendit de sa chambre et rencontra dans la cour son père, qui se promenait à grands pas. Il s'était aperçu déjà qu'il manquait un cheval à l'écurie. Silencieux comme son fils, il n'avait pas demandé quel était le coupable : il le reconnut en le voyant devant lui.

Je ne sais ce qui se passa. Un reproche trop vif fut cause sans doute de la résolution que prit mon grand-père. Il monta à sa chambre, fit un paquet de quelques habits, et, à travers la forêt de Compiègne, il gagna un petit pays situé entre Ermenonville et Senlis, près des étangs de Châalis, vieille résidence carlovingienne. Là, vivait un de ses oncles, qui descendait, dit-on, d'un peintre flamand du XVIIe siècle. Il habitait un ancien pavillon de chasse aujourd'hui ruiné, qui avait fait partie des apanages de Marguerite de Valois. Le champ voisin, entouré de halliers qu'on appelle les *bosquets*, était situé sur l'emplacement d'un ancien camp romain et a conservé le nom du dixième des Césars. On y récolte du seigle dans les parties qui ne sont pas couvertes de granits et de bruyères. Quelquefois, on y a rencontré, en *traçant*, des pots étrusques, des médailles, des épées rouillées ou des images informes de dieux celtiques.

Mon grand-père aida le vieillard à cultiver ce champ, et fut récompensé patriarcalement en épousant sa cousine. Je ne sais pas au juste l'époque de leur mariage ; mais, comme il se maria avec l'épée, comme aussi ma mère reçut le nom de Marie Antoinette avec celui de Laurence, il est probable qu'ils furent mariés un peu avant la Révolution. Aujourd'hui, mon grand-père repose, avec sa femme et sa plus jeune fille, au milieu de ce champ qu'il cultivait jadis. Sa fille aînée est ensevelie bien loin de là, dans la froide Silésie, au cimetière catholique polonais de Gross-Glogaw. Elle est morte à vingt-cinq ans des fatigues de la guerre, d'une fièvre qu'elle gagna en traversant un pont chargé de cadavres, où sa voiture manqua d'être renversée. Mon père, forcé de rejoindre l'armée à Moscou, perdit plus tard ses lettres et ses bijoux dans les flots de la Bérésina.

Je n'ai jamais vu ma mère, ses portraits ont été perdus ou volés ; je sais seulement qu'elle ressemblait à une gravure du temps, d'après Prudhon ou Fragonard, qu'on appelait la *Modestie*. La fièvre dont elle est morte m'a saisi trois fois, à des époques qui forment dans ma vie des divisions singulières, périodiques. Toujours, à ces époques, je me suis senti l'esprit frappé des

images de deuil et de désolation qui ont entouré mon berceau. Les lettres qu'écrivait ma mère des bords de la Baltique, ou des rives de la Sprée ou du Danube, m'avaient été lues tant de fois ! Le sentiment du merveilleux, le goût des voyages lointains, ont été sans doute pour moi le résultat de ces impressions premières, ainsi que du séjour que j'ai fait longtemps dans une campagne isolée au milieu des bois. Livré souvent aux soins des domestiques et des paysans, j'avais nourri mon esprit de croyances bizarres, de légendes et de vieilles chansons. Il y avait là de quoi faire un poète, et je ne suis qu'un rêveur en prose.

J'avais sept ans, et je jouais, insoucieux, sur la porte de mon oncle, quand trois officiers parurent devant la maison ; l'or noirci de leurs uniformes brillait à peine sous leurs capotes de soldat. Le premier m'embrassa avec une telle effusion, que je m'écriai : « Mon père !… tu me fais mal ! » De ce jour, mon destin changea.

Tous trois revenaient du siège de Strasbourg. Le plus âgé, sauvé des flots de la Bérésina glacée, me prit avec lui pour m'apprendre ce qu'on appelait mes devoirs. J'étais faible encore, et la gaieté de son plus jeune frère me charmait pendant mon travail. Un soldat qui les servait eut l'idée de me consacrer une partie de ses nuits. Il me réveillait avant l'aube et me promenait sur les collines voisines de Paris, me faisant déjeuner de pain et de crème dans les fermes ou dans les laiteries.

V . PREMIÈRES ANNÉES

Une heure fatale sonna pour la France ; son héros, captif lui-même au sein d'un vaste empire, voulut réunir dans le champ de Mai l'élite de ses héros fidèles. Je vis ce spectacle sublime dans la loge des généraux. On distribuait aux régiments des étendards ornés d'aigles d'or, confiés désormais à la fidélité de tous.

Un soir, je vis se dérouler sur la grande place de la ville une immense décoration qui représentait un vaisseau en mer. La nef se mouvait sur une onde agitée, et semblait voguer vers une tour qui marquait le rivage. Une rafale violente détruisit l'effet de cette représentation. Sinistre augure, qui prédisait à la patrie le retour des étrangers.

Nous revîmes les fils du Nord, et les cavales de l'Ukraine rongèrent encore une fois l'écorce des arbres de nos jardins. Mes sœurs du hameau re-

vinrent à tire-d'aile, comme des colombes plaintives, et m'apportèrent dans leurs bras une tourterelle aux pieds roses, que j'aimais comme une autre sœur.

Un jour, une des belles dames qui visitaient mon père me demanda un léger service : j'eus le malheur de lui répondre avec impatience. Quand je retournai sur la terrasse, la tourterelle s'était envolée.

J'en conçus un tel chagrin, que je faillis mourir d'une fièvre purpurine qui fit porter à l'épiderme tout le sang de mon cœur. On crut me consoler en me donnant pour compagnon un jeune sapajou rapporté d'Amérique par un capitaine, ami de mon père. Cette jolie bête devint la compagne de mes jeux et de mes travaux.

J'étudiais à la fois l'italien, le grec et le latin, l'allemand, l'arabe et le persan. Le *Pastor fido*, *Faust*, Ovide et Anacréon, étaient mes poèmes et mes poètes favoris. Mon écriture, cultivée avec soin, rivalisait parfois de grâce et de correction avec les manuscrits les plus célèbres de l'Iram. Il fallait encore que le trait d'amour perçât mon cœur d'une de ses flèches les plus brûlantes ! Celle-là partit de l'arc délié du sourcil noir d'une vierge à l'œil d'ébène, qui s'appelait Héloise. – J'y reviendrai plus tard.

J'étais toujours entouré de jeunes filles ; – l'une d'elles était ma tante ; deux femmes de la maison, Jeannette et Fanchette, me comblaient aussi de leurs soins. Mon sourire enfantin rappelait celui de ma mère, et mes cheveux blonds, mollement ondulés, couvraient avec caprice la grandeur précoce de mon front. Je devins épris de Fanchette, et je conçus l'idée singulière de la prendre pour épouse selon les rites des aïeux. Je célébrai moi-même le mariage, en figurant la cérémonie au moyen d'une vieille robe de ma grand-mère que j'avais jetée sur mes épaules. Un ruban pailleté d'argent ceignait mon front, et j'avais relevé la pâleur ordinaire des mes joues d'une légère couche de fard. Je pris à témoin le Dieu de nos pères et la Vierge sainte, dont je possédais une image, et chacun se prêta avec complaisance ce jeu naïf d'un enfant.

Cependant, j'avais grandi ; un sang vermeil colorait mes joues ; j'aimais à respirer l'air des forêts profondes. Les ombrages d'Ermenonville, les solitudes de Morfontaine, n'avaient plus de secrets pour moi. Deux de mes cousines habitaient par là. J'étais fier de les accompagner dans ces vieilles forêts, qui semblaient leur domaine.

Le soir, pour divertir de vieux parents, nous représentions les chefs-d'œuvre des poètes, et un public bienveillant nous comblait d'éloges et de couronnes. Une jeune fille vive et spirituelle, nommée Louise, partageait nos

triomphes ; on l'aimait dans cette famille, où elle représentait la gloire des arts.

Je m'étais rendu très fort sur la danse. Un mulâtre, nommé Major, m'enseignait à la fois les premiers éléments de cet art et ceux de la musique, pendant qu'un peintre de portraits, nommé Mignard, me donnait des leçons de dessin. Mademoiselle Nouvelle était l'*étoile* de notre salle de danse. Je rencontrai un rival dans un joli garçon nommé Provost. Ce fut lui qui m'enseigna l'art dramatique : nous représentions ensemble des petites comédies qu'il improvisait avec esprit. Mademoiselle Nouvelle était naturellement notre actrice principale et tenait une balance si exacte entre nous deux, que nous soupirions sans espoir… Le pauvre Provost s'est fait depuis acteur sous le nom de Raymond ; il se souvint de ses premières tentatives, et se mit à composer des féeries, dans lesquelles il eut pour collaborateurs les frères Cogniard. – Il a fini bien tristement en se prenant de querelle avec un régisseur de la Gaîté, auquel il donna un soufflet. Rentré chez lui, il réfléchit amèrement aux suites de son imprudence, et, la nuit suivante, se perça le cœur d'un coup de poignard.

VII . VOYAGE AU NORD

Que le vent enlève ces pages écrites dans des instants de fièvre ou de mélancolie, – peu importe : il en a déjà dispersé quelques-unes, et je n'ai pas le courage de les récrire. En fait de mémoires, on ne sait jamais si le public s'en soucie, – et cependant je suis du nombre des écrivains dont la vie tient intimement aux ouvrages qui les ont fait connaître. N'est-on pas aussi, sans le vouloir, le sujet de biographies directes ou déguisées ? Est-il plus modeste de se peindre dans un roman sous le nom de Lélio, d'Octave ou d'Arthur, ou de trahir ses plus intimes motions dans un volume de poésies ? Qu'on nous pardonne ces élans de personnalité, nous qui vivons sous le regard de tous, et qui, glorieux ou perdus, ne pouvons plus atteindre au bénéfice de l'obscurité !

Si je pouvais faire un peu de bien en passant, j'essayerais d'appeler quelque attention sur ces pauvres villes délaissées dont les chemins de fer ont détourné la circulation et la vie. Elles s'asseyent tristement sur les débris de leur fortune passée, et se concentrent en elles-mêmes, jetant un regard désenchanté sur les merveilles d'une civilisation qui les condamne ou les oublie. Saint-Germain m'a fait penser à Senlis, et, comme c'était un mardi, j'ai pris

l'omnibus de Pontoise, qui ne circule plus que les jours de marché. J'aime à contrarier les chemins de fer, et Alexandre Dumas, que j'accuse d'avoir un peu brodé dernièrement sur mes folies de jeunesse, a dit avec vérité que j'avais dépensé deux cents francs et mis huit jours pour l'aller voir à Bruxelles, par l'ancienne route de Flandre, – et en dépit du chemin de fer du Nord.

Non, je n'admettrai jamais, quelles que soient les difficultés des terrains, que l'on fasse huit lieues, ou, si vous voulez, trente-deux kilomètres, pour aller à Poissy en évitant Saint-Germain, et trente lieues pour aller à Compiègne en évitant Senlis. Ce n'est qu'en France que l'on peut rencontrer des chemins si contrefaits. Quand le chemin belge perçait douze montagnes pour arriver à Spa, nous étions en admiration devant ces faciles contours de notre principale artère, qui suivent tour à tour les lits capricieux de la Seine et de l'Oise, pour éviter une ou deux pentes de l'ancienne route du Nord.

Pontoise est encore une de ces villes, situées sur des hauteurs, qui me plaisent par leur aspect patriarcal, leurs promenades, leurs points de vue, et la conservation de certaines mœurs, qu'on ne rencontre plus ailleurs. On y joue encore dans les rues, on cause, on chante le soir sur le devant des portes ; les restaurateurs sont des pâtissiers ; on trouve chez eux quelque chose de la vie de famille ; les rues, en escaliers, sont amusantes à parcourir ; la promenade tracée sur les anciennes tours domine la magnifique vallée où coule l'Oise. De jolies femmes et de beaux enfants s'y promènent. On surprend en passant, on envie tout ce petit monde paisible qui vit à part dans ses vieilles maisons, sous ses beaux arbres, au milieu de ces beaux aspects et de cet air pur. L'église est belle et d'une conservation parfaite. Un magasin de nouveautés parisiennes s'éclaire auprès, et ses demoiselles sont vives et rieuses comme dans la *Fiancée* de M. Scribe… Ce qui fait le charme, pour moi, des petites villes un peu abandonnées, c'est que j'y retrouve quelque chose du Paris de ma jeunesse. L'aspect des maisons, la forme des boutiques, certains usages, quelques costumes… A ce point de vue, si Saint-Germain rappelle 1830, Pontoise rappelle 1820 ; – je vais plus loin encore retrouver mon enfance et le souvenir de mes parents.

Cette fois, je bénis le chemin de fer, – une heure au plus me sépare de Saint-Leu : – le cours de l'Oise, si calme et si verte, découpant au clair de lune ses îlots de peupliers, l'horizon festonné de collines et de forêts, les villages aux noms connus qu'on appelle à chaque station, l'accent déjà sensible des paysans qui montent d'une distance à l'autre, les jeunes filles coiffées de madras, selon l'usage de cette province, tout cela m'attendrit et me charme : il me semble que je respire un autre air ; et, en mettant le pied

sur le sol, j'éprouve un sentiment plus vif encore que celui qui m'animait naguère en repassant le Rhin : la terre paternelle, c'est deux fois la patrie.

J'aime beaucoup Paris, où le hasard m'a fait naître, – mais j'aurais pu naître aussi bien sur un vaisseau, – et Paris, qui porte dans ses armes la *bari* ou nef mystique des Égyptiens, n'a pas dans ses murs cent mille Parisiens véritables. Un homme du Midi, s'unissant là par hasard à une femme du Nord, ne peut produire un enfant de nature lutécienne. On dira à cela : « Qu'importe ! » Mais demandez un peu aux gens de province s'il importe d'être de tel ou tel pays.

Je ne sais si ces observations ne semblent pas bizarres – cherchant à étudier les autres dans moi-même, je me dis qu'il y a dans l'attachement à la terre beaucoup de l'amour de la famille. Cette piété qui s'attache aux lieux est aussi une portion du noble sentiment qui nous unit à la patrie. En revanche, les cités et les villages se parent avec fierté des illustrations qui proviennent de leur sol. Il n'y a plus là division ou jalousie locale, tout se rapporte au centre national, et Paris est le foyer de toutes ces gloires. Me direz-vous pourquoi j'aime tout le monde dans ce pays, où je retrouve des intonations connues autrefois, où les vieilles ont les traits de celles qui m'ont bercé, où les jeunes gens et les jeunes filles me rappellent les compagnons de ma première jeunesse ? Un vieillard passe : il m'a semblé voir mon grand-père ; il parle, c'est presque sa voix ; – cette jeune personne a les traits de ma tante, morte vingt-cinq ans ; une plus jeune me rappelle une petite paysanne qui m'a aimé et qui m'appelait son petit mari, – qui dansait et chantait toujours, et qui, le dimanche au printemps, se faisait des couronnes de marguerites. Qu'est-elle devenue, la pauvre Célénie, avec qui je courais dans la forêt de Chantilly, et qui avait si peur des gardes-chasse et des loups !

PASSEIOS E LEMBRANÇAS

"Que o vento leve essas páginas escritas
em instantes de febre ou de melancolia."

GÉRARD DE NERVAL

IV. JUVENTUDE

O acaso desempenhou um papel tão importante em minha vida, que não me surpreendo quando penso na maneira singular pela qual ele presidiu meu nascimento. É a história de todo mundo, alguém dirá. Mas nem todo mundo tem chance de contar a própria história.

E, se cada pessoa o fizesse, não haveria problema: a experiência de cada um é o tesouro de todos.

Certo dia, um cavalo fugiu de um campo verde que rodeava o Aisne e logo desapareceu na mata; ele chegou à região sombria das árvores e se perdeu no bosque de Compiègne. Isso aconteceu nos idos de 1770.

Não é que seja acidente raro um cavalo escapar através de um bosque. No entanto, nem tenho outro nome para isso. Pelo menos é provável, caso se acredite no que Hoffmann[1] chamava de *encadeamento das coisas*.

Meu avô era jovem na época. Ele havia pegado o cavalo na estrebaria de seu pai, depois se sentou à margem do rio, sonhando com não sei o quê, enquanto o sol se punha entre as nuvens púrpuras do Valois e do Beauvoisis.

A água enverdecia e reverberava reflexos escuros, faixas violetas riscavam os rubores do poente. Voltando-se para partir, meu avô não mais encontrou

[1] Alusão a Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1776-1822), escritor romântico alemão, conhecido por seus contos fantásticos, presentes em *L'enchaînement des choses*. (n.t.)

o cavalo que o havia trazido. Procurou-o em vão, chamou-o até a noite. E teve que voltar para a fazenda.

Silencioso por natureza; evitava encontros, subiu até o quarto e adormeceu, contando com a Providência e com o instinto do animal, que poderia levá-lo de volta para casa.

Não foi o que aconteceu. Na manhã seguinte, meu avô desceu do quarto e encontrou o pai andando a passos largos no pátio. Ele já havia percebido que faltava um cavalo na estrebaria. Silencioso como o filho, não havia perguntado quem seria o culpado: ele o reconheceu, vendo-o à sua frente.

Não sei o que aconteceu. Uma forte reprimenda, sem dúvida, foi a causa da decisão que meu avô tomou. Ele subiu até o quarto, fez um pacote com algumas roupas e, através do bosque de Compiègne, chegou a uma pequena região situada entre Ermenonville e Senlis, próxima das lagoas de Chaalis, antiga residência carolíngia. Lá vivia um de seus tios que, segundo diziam, descendia de um pintor flamengo do século XVII. Ele morava em um antigo pavilhão de caça, hoje em ruínas, que fizera parte dos apanágios de Margarida de Valois. O campo vizinho, rodeado por um matagal chamado de *bosquezinho*, estava situado no local de um antigo acampamento romano e preservava o nome do décimo dos Césares. Ali se colhe centeio nas partes que não estão cobertas de granito e de urzes. Algumas vezes, ao *escavar*, foram encontrados nesse local potes etruscos, medalhas, espadas oxidadas ou imagens toscas de deuses celtas.

Meu avô ajudou o idoso a cultivar esse campo e foi patriarcalmente recompensado ao desposar a prima dele. Não sei exatamente a época de seu casamento; mas como ele casou com espada, e como minha mãe recebeu o nome de Marie Antoinette junto ao de Laurence, é provável que tenham se unido um pouco antes da Revolução. Hoje meu avô repousa, com sua mulher e a filha mais jovem, em meio a esse campo que ele cultivou outrora. Sua filha mais velha está sepultada bem longe dali, na fria Silésia, no cemitério católico polonês da Glasgow. Ela morreu aos vinte e cinco anos das fadigas da guerra, de uma febre que contraiu ao atravessar uma ponte cheia de cadáveres, onde sua carruagem quase capotou. Meu pai, forçado a se alistar ao exército em Moscou, perdeu mais tarde suas cartas e suas joias nas ondas do Berezina.

Jamais vi minha mãe, seus retratos foram perdidos ou roubados; sei apenas que ela se parecia com uma gravura da época, de autoria de Prud'hon ou Fragonard, que se chamava *A Modéstia*. A febre que a vitimou me arrebatou três vezes, em épocas que formam em minha vida divisões singulares, periódicas. Sempre, nessas ocasiões, senti meu espírito tocado por imagens

de luto e de desolação que envolveram minha infância. As cartas escritas por minha mãe das bordas do Báltico, ou das margens do Spree ou do Danúbio, me foram lidas tantas vezes! O sentimento do prodigioso, o gosto por viagens longínquas foram, sem dúvida, para mim, o resultado dessas primeiras impressões, assim como da longa estada que fiz em um campo isolado no meio dos bosques. Entregue com frequência aos cuidados de domésticos e de camponeses, meu espírito se nutriu de crenças estranhas, lendas e antigas canções. Havia ali motivo para fazer um poeta, e sou apenas um sonhador em prosa.

Eu tinha sete anos e brincava, despreocupado, na porta de meu tio, quando três oficiais apareceram diante da casa; o ouro enegrecido de seus uniformes mal brilhava sob seus capotes de soldado. O primeiro me abraçou com tanto entusiasmo, que exclamei: – Meu pai!... estás me machucando! A partir desse dia, meu destino mudou.

Os três voltavam do cerco de Estrasburgo[2]. O mais velho, salvo das ondas do Berezina congelado, se encarregou de me ensinar o que chamavam de meus deveres. Eu ainda era frágil, e a alegria de seu irmão mais novo me agradava durante minha tarefa. Um soldado que os atendia teve a ideia de me dedicar uma parte de suas noites. Ele me despertava antes do amanhecer e me levava a passear nas colinas vizinhas de Paris, alimentando-me com pão e creme de leite nas fazendas ou nas leiterias.

V . PRIMEIROS ANOS

Uma hora fatal soou para a França; seu herói, ele mesmo cativo no seio de um vasto império, quis reunir no *Campo de Maio*[3] a elite de seus heróis fiéis. Eu vi esse sublime espetáculo no camarote dos generais. Foram distribuídos aos regimentos estandartes adornados de águias de ouro, confiados, a partir daí, à fidelidade de todos.

Certa noite, vi instalar-se na grande praça da cidade um imenso cenário que representava uma embarcação no mar. A nau se movia sobre uma onda agitada e parecia navegar em direção a uma torre que marcava a costa. Uma

---

[2] Alusão ao evento conhecido como o segundo cerco de Estrasburgo, quando a guarnição da cidade se reuniu com o imperador Napoleão I, em 6 de junho de 1815, durante o período conhecido como "Cem Dias". (n.t.)

[3] Assembleia pública convocada por Napoleão e realizada em 1º de junho de 1815 (durante os "Cem Dias"), no local conhecido como *Champ de Mars*, em Paris, onde o imperador prestou juramento ao ato adicional às constituições do império. (n.t.)

rajada violenta destruiu o efeito dessa representação. Augúrio sinistro, que previa o retorno dos estrangeiros à pátria.

Revimos os filhos do Norte, e as éguas de raça da Ucrânia roeram uma vez mais a casca das árvores de nossos jardins. Minhas irmãs do vilarejo voltaram a toda pressa, como pombas chorosas, e me trouxeram em seus braços uma rolinha de pés rosados, que amei como uma outra irmã.

Certo dia, uma das belas senhoras que visitavam meu pai me pediu um pequeno favor: tive a infelicidade de lhe responder com impaciência. Quando voltei ao terraço, a rolinha havia voado.

Fiquei tão pesaroso, que quase morri de uma urticária que me levou à pele todo o sangue de meu coração. Pensaram em me consolar, dando-me como companheiro um filhote de macaco-prego trazido da América por um capitão, amigo de meu pai. Esse belo animal tornou-se a companhia de meus divertimentos e de minhas atividades.

Eu estudava ao mesmo tempo italiano, grego e latim, alemão, árabe e persa. *O pastor fido, Fausto*, Ovídio e Anacreonte eram meus poemas e meus poetas favoritos. Minha escrita, cultivada com esmero, por vezes rivalizava em graça e em correção com os manuscritos mais célebres do Irã. Ainda faltava o arremesso do amor atravessar meu coração com uma de suas flechas mais ardentes! Esta partiu do arco disparado da negra sobrancelha de uma virgem de olhos de ébano, que se chamava Héloise – a isso voltarei mais tarde.

Eu estava sempre cercado de jovens – uma delas era minha tia; duas mulheres da casa, Jeannette e Fanchette, também me cobriam de cuidados. Meu sorriso infantil lembrava o de minha mãe, e meus cabelos louros, levemente ondulados, cobriam com capricho a amplidão precoce de minha testa. Eu me encantei por Fanchette, e tive a ideia singular de casar-me com ela de acordo com os ritos dos ancestrais. Eu mesmo celebrei o casamento, simbolizando a cerimônia por meio de um antigo vestido de minha avó que eu havia jogado nos ombros. Uma fita com lantejoulas de prata cingia minha fronte, e eu havia disfarçado a palidez habitual de minha face com uma leve camada de maquiagem. Tomei por testemunha o Deus de nossos pais e a Virgem Santa, da qual eu tinha uma imagem, e cada um se prestou amavelmente a esse ingênuo jogo infantil.

Nesse meio tempo, eu havia crescido; um sangue vermelho coloria minha face; eu gostava de respirar o ar dos bosques profundos. As sombras de Ermenonville, as solidões de Morfontaine não tinham mais segredo para mim.

Duas de minhas primas moravam por lá. Eu ficava orgulhoso ao acompanhá-las nesses velhos bosques, que pareciam seus domínios.

À noite, para distrair velhos parentes, representávamos as obras-primas dos poetas, e um público indulgente nos cobria de elogios e de coroas. Uma jovem vivaz e espirituosa, chamada Louise, compartilhava nossos triunfos; ela era amada nessa família, onde representava a glória das artes.

Eu me entreguei com fervor à dança. Um mulato, chamado Major, me ensinava ao mesmo tempo os rudimentos dessa arte e os da música, enquanto um retratista, chamado Mignard, me dava aulas de desenho. A senhorita Nouvelle era a *estrela* da nossa sala de dança. Eu encontrei um rival em um bonito rapaz chamado Provost. Foi ele quem me ensinou a arte dramática: representávamos juntos pequenas comédias que ele improvisava com graça. A senhorita Nouvelle era naturalmente nossa atriz principal e mantinha um equilíbrio tão exato entre nós dois, que suspirávamos sem esperança... O pobre Provost depois se tornou ator sob o nome de Raymond; ele se lembrou de suas primeiras tentativas e passou a produzir espetáculos feéricos, nos quais teve como colaboradores os irmãos Cogniard. Ele acabou tristemente ao entrar em disputa com um gerente da *Gaîté*, em quem deu uma bofetada. De volta a casa, refletiu amargamente sobre as consequências de sua imprudência e, na noite seguinte, trespassou o coração com uma punhalada.

VII . VIAGEM AO NORTE

Que o vento leve essas páginas escritas em instantes de febre ou de melancolia – pouco importa: ele já dispersou algumas, e não tenho coragem de reescrevê-las. No que diz respeito às memórias, nunca se sabe se o público com elas se importa – e, no entanto, faço parte do grupo de escritores cuja vida se encontra intimamente ligada às obras que os tornaram conhecidos. Não somos também, sem querer, o tema de biografias diretas ou disfarçadas? É mais modesto se retratar em um romance sob o nome de Lélio, de Otávio ou de Arthur, ou trair suas mais íntimas emoções em um volume de poesias? Que nos perdoem esses arroubos de personalidade, nós que vivemos sob o olhar de todos e que, gloriosos ou perdidos, não mais podemos desfrutar do benefício do anonimato!

A propósito, se eu pudesse fazer um pouco de bem, tentaria chamar a atenção para essas pobres cidades abandonadas cujas ferrovias desviaram a

circulação e a vida. Elas se assentam tristemente sobre os destroços de sua fortuna passada, e se concentram em si mesmas, lançando um olhar desencantado às maravilhas de uma civilização que as condena ou as esquece. Saint-Germain me fez pensar em Senlis e, como era uma terça-feira, tomei o ônibus de Pontoise que agora só circula nos dias de feira. Gosto de me opor às ferrovias, e Alexandre Dumas, que acuso de ter ultimamente fantasiado um pouco minhas loucuras juvenis, disse com razão que eu gastei duzentos francos e levei oito dias para ir vê-lo em Bruxelas, pela antiga estrada de Flandres – apesar da ferrovia do Norte.

Não, jamais admitirei, quaisquer que sejam as dificuldades dos terrenos, que se faça oito léguas, ou, se preferirem, trinta e dois quilômetros, para ir a Poissy evitando Saint-Germain, e trinta léguas para ir a Compiègne evitando Senlis. Só na França se encontram caminhos tão mal feitos. Quando o caminho belga atravessava doze montanhas para chegar a Spa, ficávamos admirados diante desses fáceis contornos de nossa artéria principal, que seguem alternadamente os leitos caprichosos do Sena e do Oise para evitar um ou dois declives da antiga rota do Norte.

Pontoise ainda é uma dessas cidades, situadas nas alturas, que me agradam por seu aspecto patriarcal, seus passeios, seus pontos de vista, e a conservação de certos costumes, que não se encontram mais por aí. Por lá ainda se joga nas ruas, se conversa, se canta à noite na frente das portas; os donos de restaurante são confeiteiros; encontra-se neles algo da vida familiar; as ruas, em escadarias, são divertidas de se percorrer; o passeio traçado sobre os antigos percursos domina o magnífico vale por onde corre o Oise. Por ali caminham bonitas mulheres e belas crianças. A gente se surpreende ao passar e inveja todo esse pequeno mundo tranquilo que vive à parte em suas velhas casas, sob suas belas árvores, em meio a esses belos aspectos e a esse ar puro. A igreja é bela e perfeitamente conservada. Ao lado, uma loja de novidades parisienses se ilumina e suas jovens são vivazes e risonhas como em *A Noiva*, do senhor Scribe[4]... Para mim, o que faz o encanto das pequenas cidades um pouco abandonadas é que ali encontro alguma coisa da Paris da minha juventude. O aspecto das casas, a forma das lojas, certos usos, alguns costumes... Desse ponto de vista, se Saint-Germain lembra 1830, Pontoise lembra 1820 – vou mais longe ainda reencontrar minha infância e a lembrança de meus parentes.

[4] Alusão a Eugène Scribe (1791-1861), célebre dramaturgo francês do século XIX, autor de comédias, dramas e *vaudevilles*, entre outros. (n.t.)

Dessa vez, eu abençoo a ferrovia – uma hora no máximo me separa de Saint-Leu: – o curso do Oise, tão calmo e tão verde, recortando ao luar suas ilhotas de álamos, o horizonte festonado de colinas e de bosques, os vilarejos de nomes conhecidos chamados a cada estação, o sotaque já sensível dos campesinos que sobem de um trajeto a outro, as jovens de cabeça coberta por lenços, conforme o uso dessa província, tudo isso me comove e me encanta: parece que respiro outro ar; e, ao pôr o pé no chão, experimento um sentimento mais vivo ainda do que o que me animava outrora ao passar pelo Reno: a terra paterna é duas vezes a pátria.

Gosto muito de Paris, onde o acaso me fez nascer – mas eu poderia muito bem ter nascido em um barco – e Paris, que traz em suas armas o *bari* ou a nave mística dos egípcios, não tem em seus limites cem mil verdadeiros parisienses. Um homem do Sul, unindo-se ali por acaso a uma mulher do Norte, não pode produzir uma criança de natureza luteciana. A propósito, alguém dirá: "Pouco importa!" Mas pergunte um pouco às pessoas da província se importa ser dessa ou daquela região.

Não sei se essas observações parecem bizarras ao tentar estudar os outros em mim mesmo, percebo que há no apego à terra muito do amor pela família. Essa devoção que se apega aos lugares é também uma porção do nobre sentimento que nos une à pátria. Por outro lado, as cidades e os vilarejos se enfeitam orgulhosamente com a celebridade que provém de seu solo. Lá não há mais divisão ou ciúme local, tudo se relaciona ao centro nacional, e Paris é o lar de todas essas glórias. Podem me dizer por que amo todo mundo nessa região, onde encontro entonações conhecidas outrora, onde as velhas têm os traços daquelas que me embalaram, onde os rapazes e as moças me lembram os companheiros de minha adolescência? Um idoso passa: foi como se visse meu avô; ele fala, é quase a sua voz; essa jovem pessoa tem os traços de minha tia, morta aos vinte e cinco anos; outra mais jovem me lembra uma pequena camponesa que me amou e me chamava de seu maridinho, que sempre dançava e cantava e, nos domingos de primavera, fazia coroas de margaridas. O que aconteceu com ela, pobre Célénie, com quem eu corria no bosque de Chantilly, e que tanto temia os guarda-caças e os lobos!

Canção disforme
Yeghia Temirtchipashian

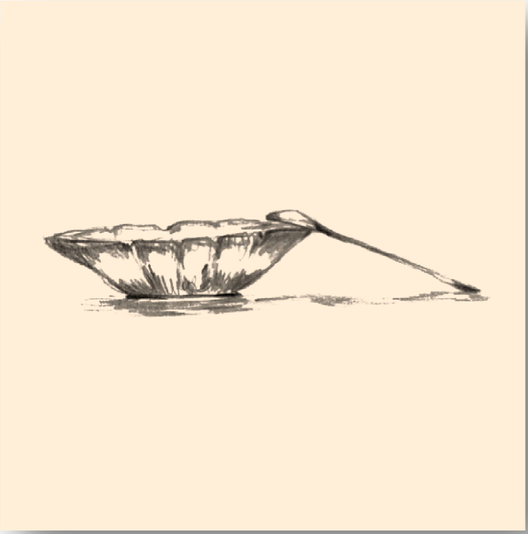
O texto: Seleção com três poemas de Yeghia Temirtchipashian: "Canção Disforme" ("Անզգեղն երգ"), "Morte em Vida" ("Մահակենդանություն") e "Só" ("Մինակ"), do livro *Անզգեղն երգ* (*Canção disforme*). Sua poesia, que implementa uma estética que se aproxima à de Poe e Baudelaire, toca temas intimistas, como a solidão e a morte, reflexo de sua personalidade melancólica. Em "Canção Disforme", faz alusão a um pássaro negro que vaticina sua morte e o acolhe; em "Morte em Vida", fala da angústia de viver e da maldição de ser escritor; e, em "Só", sobre o que ficou para trás e que os anos transformam em memórias espectrais. Sua complexa poesia combina tanto elementos do Armênio Ocidental quanto recursos do Armênio Clássico, língua que deixou de ser falada no século XII, mantendo-se em uso estritamente literário e litúrgico até o século XVIII. Diversas palavras e expressões usadas pelo autor são de difícil localização e compreensão: mais uma característica de sua lírica obscura, destinada a poucos iniciados.

Texto traduzido: Տեմիրճիպաշյան, Եղիա. *Անզգեղն երգ* (Բանաստեղծություններ). Երևան: Սարգիս Խաչենց/Փրինթինֆո/Ars Poetica, 2015.

O autor: Yeghia Temirtchipashian (1851-1908), poeta, escritor e filósofo armênio, nasceu em Khasgiugh, antiga Constantinopla. Estudou, dentre outros, Homero, Shakespeare, Byron e Goethe. Embora tenha apoiado a nova ortografia para o Armênio moderno em 1876, que fora rejeitada, seus escritos refletem o Armênio Clássico (Գրաբար). Editou diversas revistas, como *Գրական և իմաստասիրական շարժում* (*Movimento literário e filosófico)* e *Երկրագունտ* (*Globo terrestre*). Publicou seu primeiro livro em 1878, o opúsculo *Դամբարանն* (*Tumba*), e lançou em 1894 o *Ֆրանսերէնէ-հայերէն բառարան* (*Dicionário francês-armênio*), reimpresso até 2002. Seu complexo persecutório o fazia frequentemente mudar de residência. Nos últimos anos de vida, viveu em Pera (atual Beyoğlu), onde se suicidou aos 57 anos, enforcando-se com um cachecol.

Os tradutores: Lusine Yeghiazaryan é docente da área de Língua e Literatura Armênia na USP, tendo como áreas de atuação principais a Linguística e o Ensino de Línguas. É responsável por contribuições inéditas em língua portuguesa para o ensino de armênio.

Fernando Januário Pimenta é docente da área de Língua e Literatura Armênia na USP. Foi professor de Língua Portuguesa em escolas públicas estaduais e municipais em São Paulo. Atua hoje nos Estudos da Tradução aplicados à literatura armênia.



“E novas sombras à alma.”

« Եվ նոր մշուշներ՝ հոգիիս: »

Անգեղն երգ

«Երկինքն է մռայլ, երկիրն արձակ զընտա՛ն է.
Համայնք յըստուերս. ըստուերք յայերս, յալիս, յանդս:»

ԵՂԻԱ ՏԵՄԻՐՃԻՊԱՇՅԱՆ

ԱՆԳԵՂՆ ԵՐԳ

Սեւ մեծ թռչուն մը, սեւ ամպի նըման,
Մեծ սեւահեր գլխոյս վերեւ միշտ գայ ման:
Է՞ պահապանն իմ նա հրեշտակ. այլ սե՛ւ է.
Ջերդ սեա՛ւ գիշեր, զերդ սեա՛ւ գեհեն, նա սե՛ւ է:

Սոսկատեսիլ սեւ թռչուն մ'է լայնաթեւ,
Կըտուցն երկայն. եւ չարաշուք որպէս դեւ.
Մարմնոյս վըրայ, մարմնոյս շուրջն յար թեւածէ.
Հիւծեալն իմ անձ – ասեմ – արդեօք մեռա՞ծ է:

Ճերմակ կէ՛տ մ'իսկ յիւր թեւս յաւէտ չերեւիր.
Ինքն իսկ է մութն, հոսէ փետրոցն արհաւիր.
Մազիլն է սե՛ւ, սո՛ւր,– անփայլակ ժա՛նտ դաշոյն.
Եւ՝թուի իմըն՝ կաղկանձէ զերդ անսուա՛ղ շուն:

Լայնատարած թեւօքն իմ լոյսն հատանէ.
Երկինքն է մռայլ, երկիրն արձակ զընտա՛ն է.
Համայնք յըստուերս. ըստուերք յայերս, յալիս, յանդս,
Ծածկէ յինէն ըզձիւնն իսկ հաւն եւ ըզշանթս:

Ոչ տեսանեմ զիմ դէմս. տըժգո՞յն եմ յաւէտ.
Կուսին ի դէմս ոչ ակնարկեմ լուսաւէտ.

Սեւ են աստղունք, սեւ է լըճակ, սեւ՝ շուշան...
Ի՞նչ ձայն է...– Սե՛ւ կաղկանձէ հաւն հանգոյն շան:

Եւ ինձ թըւի թէ կամ առ եզրն անդունդի՛ն,
Եւ թէ դըժխեմ հաւն հոտոտէ զցուրտն իմ դին.
Ինձ, ա՛հ, թուի թէ՝ սեւ թըռչնոյն հետ վիճին պայք.
«Ի բա՛ց» գոչեալ. մարմնոյդ՝ մեր ծոցն է հուսկ կայք:

Այլ է հըզօր, անագորոյն, անողոք,
Սեւ մեծ թըռչունն. ի զո՛ւր աղերսք կամ բողոք.
Իր թեւոց տակ մահահամբոյր, սեաւ, անհո՛ւն,
Կամ. տասն ամ է՝ հընչեց ժամն յամր իմ մահուն...:

Պայծառ գիշեր մ՚էր... Մօտայի ժայռին վրայ,
Տասն ամ յառաջ, յանկո՛ւր մարտի, վա՛հ, կորա՛յ:
Ցիս էր ոսոխս. նա կոչուէր Նիւթ, այլ խօսէր.
Աղաղակէր. «Ունա՛յն են կեանք, փառք եւ սէր»:

Դեռահասակ ու սիրավառ, յուսալիր,
Ոգորեցայ թըշնամւոյն դէմ. «Օ՛ն, ելիր,
Հոգիդ իմ. դեւն հալածէ՛, յաղթանակէ՛.
Ձայնեցի: Զո՛ւր: Իմացայ թէ դատարկ է...:

Եւ Նիւթն յայնժամ զարեւս եւ զալս ետ ընդ ետ
Ցոյց ինձ տըւեալ, աղաղակե՛ց. «Ե՛ս եմ պետ.
Տիեզերաց ե՛ս յաւիտեան իշխեմ միայն».
Եւ ի խորոց ալեաց լըւայ քաղցրի՛կ ձայն...:

Նիւթ, Նիրվանա, կորուսին զիս այն գիշեր.
Նընջէ՛ր Աստուած, եւ էր հոգեակս ալ մաշե՛ր.
Լուսնին վրայ սեւ տեսայ միծ փոքր, անսովո՛ր,
Որ մեծացաւ, ինձ մօտեցաւ, ահաւո՛ր:

Մեռած էի՛: Գիշակեր անգղն էր այն բիծ,
Որ երկնայած այն դիակէն՝ լուսնէն՝ ինձ
Եկաւ, գըզուեալ ու հոտոտեալ ու լիզեալ
Ըզծոցն իմ մերկ, ուր կա՛յր Յիսուս խաչելեալ...:

Եղերական այն սեաւ հաւուն թեւոց տակ
Շըրջիմ յերկրի. Նա՛ պահապանն իմ հրեշտակ.
Ո՛չ եւս կուրծքիս վրայ խաչ, կուրծքիս ալ ետեւ
Չի՛ք սուրբ հաւատք: Ես դիակ մ՚եմ մըշտատեւ:

Լուսնին նըման,– հայի՛մ, հիւծի՛մ թէ մեծնա՛մ,–
Միշտ դիակ մ՚եմ. ընդ սեա՛ւ թեւօքն յար գընամ.
Անգեղ միս տամ, թէեւ մանկանց ալ դասեր.
Եւ սարսռի՛մ միշտ, յորժամ լըսեմ ըզձայն «Սէ՛ր»:

Զիս սեւ թըռչունն այն գիշատէ կենդանւոյն:
Փըրկեցէ՛ք զիս. չե՛մ դիմանար այս ցաւոյն:
Ա՛հ, չեմ մեռեալ լիովին, զի… սիրե՛մ դեռ.
Չեմ ես դիակ. Ո՞չ. զի… կոչեն բնաւք զիս Նե՛ռ:

Ա՛հ, սեւ թըռչուն. տասնեակ ամ է. ալ չէ՞ բաւ.
Մարմինս, աւա՛ղ, լափուելով յար՝ չը հատա՞ւ:
Ա՛հ, սեւ թըռչուն. ա՛հ, սեւ երկին, սե՛ւ երկիր,
Ալ բա՛ւ է: Ժամ է որ լինիմ ափ մը կի՛ր…:

ՄԱՀԱԿԵՆԴԱՆՈՒԹՅՈՒՆ

Երկրես չվող մեն մի հոգի նս անձուկ
Երնցնե զաշխարհն աչացս իմ, բաբե՜,
Եվ անդրագույնն անհո՜ւն նս ինձ հայտնե,
Անծանոթի՜ն մտրակելով հիս անձուկ:
Ամեն մեռել զիս իրեն հետ կը թաղե.
Իբր ողջ կու լա՜մ, իբրև մեռել կորդնոտի՜մ,
Երկնավորին ես ի՞նչ արդյոք կը պարտիմ
Որ այս անլուր տանջանաց զիս կը մատնե…

Մա՜յրս է, Մա՜յրս է… որ կանիծե զիս.
«Տղա՜ս, գրող եղա՜ր, անօթի պիտի մեռնիս…»:

ՄԻՆԱԿ

Տարիներն որոնք ետևիս են՝
Իրենց զվարթության դառն հիշատակով
Զիս կչարչարեն.
Տարիներն որոնք առջիս են՝
Խելագարության ահռելի հեռապատկերով
Զիս կքարացնեն:

Հին տարիներն իրենց հետ ամեն բան,
Տարին ամե՜ն բան
Նոր տարիներն ոչի՜նչ պիտի բերեն ինծի.
-Նոր տարակույսներ պիտի բերեն մտքիս.
Նոր հուսախաբություններ՝ սրտիս,
Եվ նոր մշուշներ՝ հոգիիս:
Արագ արագ կու գան որպես գուժկան.
Ու համր համր կերթան:

Զի ծանրաբեռնյալ միշտ կե՜րթան
Նոր տարիներն՝ որոնք հի՜ն են այժմ:
Անկողիները մեկիկ մեկիկ ծրարեցան.
Պնակները մեկիկ մեկիկ վերցան.
Ու ձայները մեկիկ մեկիկ մարեցան:
Ու տունս հիմա՝ մեկ անկողնյակ.
Ու սեղանս հիմա՝ մեկ պնակ.
Ու բնավ կենդանի ձայն մ՝արձագանք:

Ես կերակուրս կուտեմ ու կերակուրս զիս կուտե,
Ես սենկաներս կպտտիմ և ուրվականք զանգիս սենյակները կպտտին.
Եվ պատերուն վրա պատանքի պես ճերմակ՝
Կպտտին գիրկընդխառն իմ սիրեցյալս ստվերները:
Կպտտին գիրկընդխառն հին տարիներուն ստվերները:
Հին բարի տարիներն անգութ
Երջանկության պայծառաշող պատկերներ
Աչքիս տակ միշտ կպտտցնեն:
Ու տարիներն որ պիտի գան
Սև սև սարսուռներ
Հոգիիս մեջ կը պտտեցնեն...:

CANÇÃO DISFORME

"O céu é sombrio; a terra, uma masmorra sem fim!
Sombras em tudo: sombras no ar, nos vales, nos campos."

YEGHIA TEMIRTCHIPASHIAN

CANÇÃO DISFORME

Um pássaro grande, negro, qual nuvem negra,
Grande, paira sempre sobre minha cabeleira negra.
É meu anjo da guarda? Ou é negro –
Como a preta noite! Como a preta geena! Ele é negro!

Um horripilante pássaro negro, largas asas!
Longo bico; agourento tal o diabo,
Encimando meu corpo, volteando meu corpo, sempre alado,
Meu ser prostrado – digo: está já morto?

Jamais um ponto alvo aparece em suas asas,
Ele próprio é trevas; flui horror de suas plumas,
As garras pretas, cortantes – opacos e cruéis punhais,
E me parece um cão selvagem a uivar!

As asas esparramadas cegam minha luz,
O céu é sombrio; a terra, uma masmorra sem fim!
Sombras em tudo: sombras no ar, nos vales, nos campos,
Enquanto a ave cobre a neve e os raios.

Não vejo meu rosto: estou para sempre desbotado?
Não enxergo o rosto da virgem iluminado.

São negros os astros, é negro o lago, negros os lírios…
Mas que som…? A ave negra uiva como um cão!

E me parece que estou à beira do abismo!
E detesto que o pássaro fareje meu gélido corpo,
A mim, ah! Parece que trasgos lutam com o pássaro negro,
"Avante!" – urram; teu corpo enfim nos pertence.

Mas ele é poderoso, cruel e impiedoso,
O grande pássaro negro. São em vão súplicas ou rogos.
Sob suas asas mortíferas, pretas, infinitas!
Existo. Há dez anos, soou a hora calada de minha morte… .

Era uma noite reluzente… sobre a rocha de Moda,
Dez anos atrás, na batalha ignota! Ah! Perdi-me!
Lá estava meu rival. Chamava-se Matéria, e falou,
Bradou: "São vãos a vida, a glória e o amor!"

Adolescente e amoroso, esperançoso
Exauri-me contra o inimigo: "Oh! Levanta
Alma minha. Persegue o diabo! Vence!"
Vozeei. Em vão! Era para o vazio…

E a Matéria, então, o sol e a alegria, aquém e além,
Mostrou-me e bradou: "Sou eu o supremo!
No universo, só eu reinarei para sempre!"
E das profundezas ouviu-se uma voz dulcíssima…

Naquela noite, a Matéria e o Nirvana me levaram à perdição.
Deus dormia, e minh'alma se desgastava.
Sobre a lua, vi uma pequena marca negra, incomum!
Que cresceu e chegou a mim, horrorosa!

Eu morrera! O abutre carnívoro era aquela marca,
Que, daquele cadáver celeste, da lua, a mim
Veio, grudou-se, farejou e lambeu
O meu colo nu, onde havia o Cristo crucificado…!

Sob as asas da hedionda ave preta
Rodo a terra. É ele meu anjo da guarda!
Não mais há cruz em meu peito, nem atrás de meu peito
Não há a santa fé. Eu sou um cadáver sempiterno.

Qual a lua, – queira eu desvaneça, definhe ou cresça –
Sou ainda um cadáver. Rumo sempre às asas pretas.
Para que eu dê a carne disforme
E sempre me arrepie ao ouvir o som “Amor!”

A mim, aquele pássaro negro devora em vida.
Salvem-me! Não aguento esta dor!
Ah! Não morri por inteiro, pois… amo ainda!
Não sou cadáver. Não? Pois… alguns me chamam Anticristo!

Ah, pássaro preto! Há uma década – já não basta?
O meu corpo, ai! Consumindo-o sempre: não chega?
Ah, pássaro negro! Ah, céu negro! Terra negra!
Já basta. É hora de me tornar um punhado de cinzas.

MORTE EM VIDA

Mais uma alma só que parte angustiada desta terra
Que, oh! Eu outrora vi no mundo,
E que me revelou, além, o infinito
Golpeando-me angustiado como um desconhecido
Cada morto me enterra junto a si.
Como um vivo, choro, como um morto, sou carcomido
O que, será, posso contar ao Celestial?
Que me faz passar por estas ignotas torturas…

Minha mãe, minha mãe… que me amaldiçoa.
"Meu filho, você se tornou escritor, morrerá de fome…"

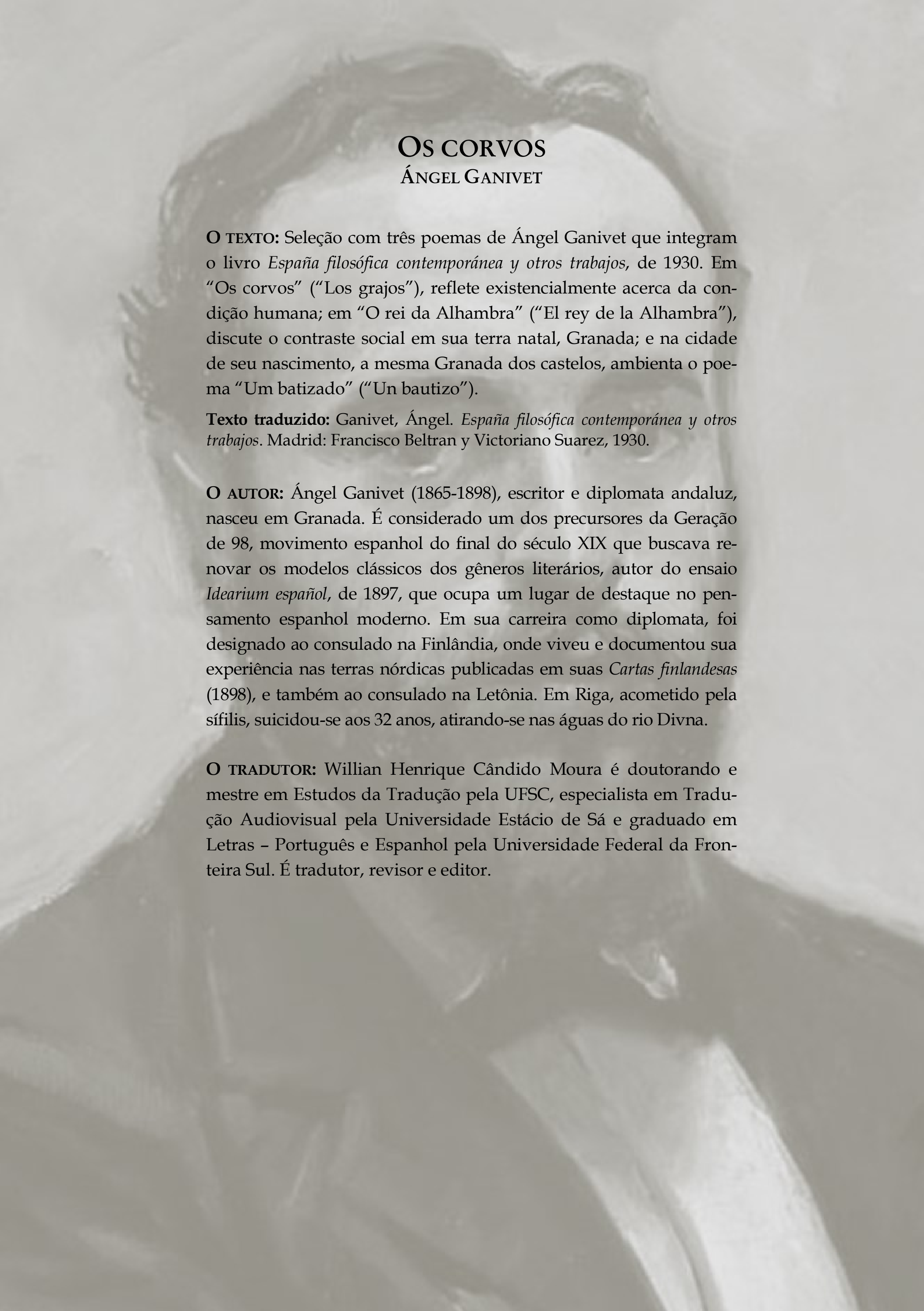
SÓ

Os anos que atrás estão,
Em acres lembranças de sua alegria,
Me torturam.
Os anos que à frente estão,
Em perspectivas medonhas de delírio,
Me petrificam.

Os velhos anos levam consigo tudo,
Os anos levaram tudo
Os novos anos nada me trarão.
Trarão novas incertezas à mente.
Novas desilusões ao coração,
E novas sombras à alma.
Vêm veloz, vêm, como um mensageiro atroz.
E mudas se vão, sem voz.

Pois sempre se vão num pesado fardo
Novos anos que já velhos estão.
Uma a uma as camas recobriram.
Um a um os pratos recolheram.
E uma a uma as vozes extinguiram.
Em casa, agora, uma cama só.
E na mesa, agora, um prato só.
E jamais o eco duma voz viva.

Eu como minha comida e minha comida me come,
Rodeio os aposentos, e aparições rodeiam os aposentos do meu crânio.
E, sobre as paredes como mortalhas brancas,
Rodeiam as sombras dos que amei abraçadas.
Rodeiam as sombras dos velhos anos abraçadas.
Os bons velhos anos cruéis
Imagens fulgurantes de felicidade
Fazem rodar sempre sob meus olhos.
E os anos que virão
Negros, negros calafrios
Em minh'alma farão rodar.



Os corvos
Ángel Ganivet

O texto: Seleção com três poemas de Ángel Ganivet que integram o livro *España filosófica contemporánea y otros trabajos*, de 1930. Em "Os corvos" ("Los grajos"), reflete existencialmente acerca da condição humana; em "O rei da Alhambra" ("El rey de la Alhambra"), discute o contraste social em sua terra natal, Granada; e na cidade de seu nascimento, a mesma Granada dos castelos, ambienta o poema "Um batizado" ("Un bautizo").

Texto traduzido: Ganivet, Ángel. *España filosófica contemporánea y otros trabajos*. Madrid: Francisco Beltran y Victoriano Suarez, 1930.

O autor: Ángel Ganivet (1865-1898), escritor e diplomata andaluz, nasceu em Granada. É considerado um dos precursores da Geração de 98, movimento espanhol do final do século XIX que buscava renovar os modelos clássicos dos gêneros literários, autor do ensaio *Idearium español*, de 1897, que ocupa um lugar de destaque no pensamento espanhol moderno. Em sua carreira como diplomata, foi designado ao consulado na Finlândia, onde viveu e documentou sua experiência nas terras nórdicas publicadas em suas *Cartas finlandesas* (1898), e também ao consulado na Letônia. Em Riga, acometido pela sífilis, suicidou-se aos 32 anos, atirando-se nas águas do rio Divna.

O tradutor: Willian Henrique Cândido Moura é doutorando e mestre em Estudos da Tradução pela UFSC, especialista em Tradução Audiovisual pela Universidade Estácio de Sá e graduado em Letras – Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul. É tradutor, revisor e editor.

“Tarde nos chega o amoroso anseio.”

“Tarde nos llega el amoroso anhelo.”

Los grajos

"Esa nube, algo muerto está rondando
y quizá esté lo muerto en nuestra alma."

ÁNGEL GANIVET

En La Veja

LOS GRAJOS

A mi querido amigo e ilustre cofrade
Matías Méndez Vellido.

– Bajo este cielo pródigo en colores,
en esta Vega diáfana, encendida,
dejemos, noble amigo, nuestra vida
pasar, gozando los tardíos amores.

Huyamos los estériles honores
y sea nuestra gloria no fingida,
la rústica beldad, en la escondida
quietud de un pobre huerto, entre las flores.

Así dije; y mi amigo señalando
una nube de grajos en el cielo,
me contestó con sentenciosa calma:

– Tarde nos llega el amoroso anhelo,
esa nube, algo muerto está rondando
y quizá esté lo muerto en nuestra alma.

EL REY DE LA ALHAMBRA

– Padre, ¿quién es ese viejo
que está hincado de rodillas
a la sombra de los arcos
de la Puerta de Justicia?
– Hijo, es un pobre que pide
una limosna bendita.
– ¿Cómo pide si no habla,
si a nadie sus ojos miran?
– No puede hablar porque es mudo,
habla su mano extendida:
ni puede ver porque es ciego,
más su mano tiene vista.
– Y entonces, ¿cómo no llora,
lamentando sus desdichas?
– ¿Cómo, hijo, quieres que llore
si están secas sus pupilas?

* * *

Pide el niño una moneda,
con la que al viejo socorre.
Besa el mendigo la dádiva
y en sus andrajos la esconde;
y otra vez la mano extiende
que implora con mudas voces.
Esfinge de los deseos
inacabables del hombre,
estatua del infortunio
deshecha en tristes jirones.
Imagen de la injusticia
de este mundo, es ese pobre
que, arrodillado, en la Puerta
de la Justicia se pone...
El mendigo se levanta,

que siente venir la noche,
y hacia su retiro emprende
la marcha con pasos torpes.
Dejando a un lado el Alcázar,
cerca de una vieja torre
llegó a una muralla en ruinas,
oculta entre zarzalones,
y por estrecha abertura
que hay en ella, entró y perdióse.

⁂

Sigue el padre con su niño
hasta la Puerta de Hierro.
Cuatro enterradores suben
por la Cuesta de los Muertos;
llevan al hombro un ataúd,
y, aunque les fatiga el peso,
como se acerca la noche,
caminan con pie ligero...
– Padre, si el pobre que antes
dejamos en su agujero
se muere, y nadie lo sabe,
¿quien enterrará su cuerpo?
– Hijo, si el pobre se muere
y nadie sabe que ha muerto,
quedará allí hasta que en polvo
se desmenucen sus huesos.
Un Alcázar será tumba
de su mísero esqueleto;
y el que fue rey del dolor
tendrá al fin, un panteón regio.

En el Albaicín

UN BAUTIZO

A mi amigo Rafael Gago,
meritísimo escritor granadino.

Allá va la ronda
de las chicas guapas;
dicen que hay bautizo
en la Plaza Larga.

Cuatro farolillos
a la veneciana
alumbran, bailando,
la puerta de entrada.
Angosta escalera
nos lleva a una sala
de negra techumbre,
de paredes blancas.
Hay cuadros de santos
y escenas de caza,
y sobre la cómoda,
herencia sagrada,
un espejo que hace
la cara achatada;
los que en él se miran
se ríen sin ganas.
Llena de confites,
la bandeja pasa
los vasos de vino,
la sangría helada,
copas de aguardiente
que salta las lágrimas
y para calmarse
la fresca alcarraza.

Pero vámonos al patio
que aquí el calor nos abrasa.
Los inquietos bailarines

se sientan bajo las parras;
los bombitos de colores
suspendidos de las latas
oscurecen a las flores
que a los sarmientos se abrazan
Ved aquella campanilla
cómo llora, mustia y lacia
porque hay debajo un farol
que está el infame, quemándola.
La reunión está muy sosa
no se bulle ni se habla
porque los más se marcharon
a la parroquia cercana;
mas el cortejo de vuelta
venir debe ya a la casa
porque se escucha a lo lejos
al rorro que grita: gña... gña…

Debajo de un cobertizo
donde hay un pilón con agua
y el lebrillo de lavar
y el fogón de la colada,
se oye el suave murmullo
que hacen hablando en voz baja
unas cuantas muchachuelas
a la redonda acucladas:
– ¿Es verdad que esa niñita
la han traído de la plaza?
– Dicen que vino de fuera
metida en una canasta.
– ¡Qué tonta eres, hija mía,
dice una más espigada;
eso no es más que un embuste
con que tu madre te engaña!
La verdad yo os la diré.
que yo estoy bien enterada...
¿Qué será lo que han hablado
en el corro las muchachas?

Ya saben lo que es ser madres
y aún llevan cortas las faldas.

El piano de manubrio
al aire sus notas lanza.
¡Qué polka más picaresca
qué respinguillos da el alma,
qué cosquillas tan suaves
por el cuerpo arriba avanzan!...
Ya llegan al corazón,
ya las parejas se enlazan
y con grave contoneo
toman el compás y bailan...
Lindo pretexto es bailar
con la mujer que se ama
para cogerla en los brazos
e irla meciendo con maña
respirando de su aliento,
juntitas cara con cara.

Esa jaquetona
que rompió la danza
es de la criatura
la madre envidiada.
Ya ha tenido siete
y dice con gracia
que a todos los santos
les celebra octava.
Y aquella del luto
que los pies arrastra
ya veis por el talle
que está adelantada...
Un nuevo bautizo
de aquí a dos semanas.
Y la morenilla,
de la rosa blanca
que apenas le llega
al novio a la barba

va pensando ahora:
– Si yo me casara...
La del cuerpo rosa
casi reclinada
sobre el pecho ufano
del que la acompaña,
debe decir cosas
acarameladas
con sus palabritas
suaves y blandas.
La del elegante
cinturón de plata
(malas lenguas dicen
que es de hoja de lata)
lleva un balanceo
y unos aires gasta
que decir parecen:
– Aquí va la nata
de las mozas crudas;
de las madres bravas.
Ya verán ustedes;
criaturas saladas
cuando yo entre en fuego
con el que me baila.
Viene detrás de ellos
una joven pálida;
sus ojazos negros
brillan como ascuas
sobre las cenizas
de su piel helada.
La pobre está enferma
y sus ojos cantan:

Tengo una pena muy grande
escondida en mis entrañas
porque me ha dicho un divé
que me han de enterrar con palma.

¿Pero señores, qué es lo que aquí ocurre?
¡Qué ha de ocurrir! Que una mozuela falta.
– Dicen que se ha fugado con su amante.
– La niña era bastante casquivana.
– La culpa es de la madre, porque el novio,
se quería casar como Dios manda.
– Es que el novio es un pájaro de cuenta
que vive de expender moneda falsa.
– Deberá de tener un nido oculto
y en él habrá escondido a la muchacha
porque ya han recorrido medio barrio
y no llevan camino de encontrarla.
– Yo no sé como Dios pone en el mundo
criaturas tan sin pizca de crianza,
dice una joven que con una amiga
va bailando, mohína y despechada.
Y el cura que también vino a la fiesta
y la preside, hecho un patriarca,
al saber que los novios se han fugado,
dice, sonriendo, con piedad cristiana:
– Esto terminará en boda y bautizo,
y todo quedará mejor que estaba.

¡Qué bonitos son los niños!
¡Qué alegrías traen las plácidas!
Cada niño es un Cupido:
sus sonrisas son sus alas,
sus miraditas las flechas
con que el corazón taladran
de la mujer, infundiéndole
del eterno amor, la llama.
Oíd la tosca voz del pueblo
que ahora sube a mi garganta.

«Yo quiero mujeres
de caeras anchas
que estas señoricas que hoy se están usando,
no sirven pa náa».

Albaicín ruiseñor,
de amor atalaya,
haz que por tus calles y que por tus cuestas
que a la ciudad bajan,
bajen tus mozuelas
frescotas y sanas
y sangre nueva y vida generosa
a raudales traigan.

Ya vuelve la ronda
de las chicas guapas;
se acabó el bautizo
de la Plaza Larga.
Mas no vuelven todas,
una de ellas falta.

¡Qué serena está la noche
y las estrellas qué claras!
Por las calles silenciosas
resuenan nuestras pisadas.
Enfrente los torreones
encantados de la Alhambra,
y allá abajo la ciudad
entre flores reclinada.

Solo se escuchan los trinos
que amorosos nos regalan
los humildes ruiseñores
ocultos en la enramada.

También los pájaros tienen
amores dentro del alma,
y con sus dulces gorjeos
saben cantar a su patria.

Yo me llevé un ruiseñor
lejos, muy lejos de España,
y a cantar de mí aprendió:
– ¡Quiero vivir en Granada!...

Os corvos

"Essa nuvem, algo morto está rondando
e talvez morta esteja nossa alma."

ÁNGEL GANIVET

Na Veiga de Granada

OS CORVOS

Ao meu querido amigo e ilustre confrade
Matías Méndez Vellido.

– Sob este céu pródigo em cores,
nesta Veiga diáfana, acendida,
deixemos, nobre amigo, nossa vida
passar, desfrutando dos tardios amores.

Fujamos dos estéreis valores
e seja nossa glória não fingida,
a rústica beldade, na escondida
quietude de um pobre horto, entre as flores.

Assim eu disse; e meu amigo apontando
para uma nuvem de corvos no céu,
me respondeu com sentenciosa calma:

– Tarde nos chega o amoroso anseio,
essa nuvem, algo morto está rondando
e talvez morta esteja nossa alma.

Na Alhambra[1]

O REI DA ALHAMBRA

– Pai, quem é esse velho
que está prostrado de joelhos
na sombra dos arcos
da Porta da Justiça?
– Filho, é um pobre que pede
uma esmola bendita.
– Como pede se não fala,
se seus olhos não olham para ninguém?
– Não pode falar porque é mudo,
fala com a mão estendida:
não pode ver porque é cego,
mas sua mão tem visão.
– E então, como não chora,
lamentando suas desgraças?
– Como, filho, queres que ele chore
se estão secas suas pupilas?

⁂

Pede a criança uma moeda,
com a qual o velho socorre.
Beija o mendigo a dádiva
e em seus trapos a esconde;
outra vez a mão estende
e implora com mudas vozes.
Esfinge dos desejos
inacabáveis do homem,
estátua do infortúnio
desfeita em tristes farrapos.
Imagem da injustiça
deste mundo, é esse pobre

[1] *Alhambra*: complexo de castelos fortificados, localizado na cidade espanhola de Granada. (n.t.)

que, ajoelhado, na Porta
da Justiça se põe…
O mendigo se levanta,
pois sente chegar a noite,
e até seu retiro empreende
a marcha com passos torpes.
Deixando de um lado o Alcácer,
próximo de uma velha torre
chegou a uma muralha em ruínas,
oculta entre espinheiros,
e por uma estreita abertura
que havia nela, entrou e desapareceu.

⁂

Segue o pai com sua criança
até a Porta de Ferro.
Quatro coveiros sobem
pela Ladeira dos Mortos;
levam no ombro um caixão
e, ainda que os canse o peso,
como se aproxima a noite,
caminham com passos ligeiros…
– Pai, se o pobre que antes
deixamos em seu buraco
morre, e ninguém sabe,
quem enterrará seu corpo?
– Filho, se o pobre morre
e ninguém sabe que ele morreu,
ficará ali até que em pó
se esmiúcem seus ossos.
Um Alcácer será a tumba
de seu mísero esqueleto;
e aquele que foi o rei da dor
terá, por fim, um panteão real.

No Albaicín

UM BATIZADO

A meu amigo Rafael Gago,
digníssimo escritor granadino.

Lá vai o cortejo
das garotas bonitas;
dizem que há um batizado
na Plaza Larga.

Quatro faroletes
à la veneziana
iluminam, dançando,
a porta de entrada.
Estreita escadaria
nos leva a uma sala
de negro telhado,
de paredes brancas.
Há quadros de santos
e paisagens de caça,
e sobre a cômoda,
herança sagrada,
um espelho que deixa
a cara achatada;
os que nele se olham
riem sem querer.
Cheia de doces,
a bandeja passa
as taças de vinho,
a sangria gelada,
doses de aguardente
que derramam as lágrimas
e para se acalmar
a fresca alcarraza[2].

[2] *Alcarraza*: vaso de argila utilizado para manter a água fresca, semelhante a um jarro, moringa. (n.t.)

Mas vamos ao pátio
porque aqui o calor nos abrasa.
Os inquietos bailarinos
se sentam sob as parreiras;
as lâmpadas coloridas
suspensas em latas.
escurecem as flores
que aos ramos se abraçam
Vede aquela campainha
como soa, triste e fraca
porque há debaixo dela uma lanterna
que está infame, queimando.
O encontro está muito sem graça
não há bagunça nem conversa
porque a maioria foi
até a paróquia mais próxima;
mas o cortejo de volta
deve ir logo para casa
porque se escuta ao longe
o bebê que grita: buá… buá…

Debaixo de um galpão
onde há um pilão com água
e uma bacia para se lavar
e a caldeira da lavanderia,
se ouve um suave murmúrio
que fazem falando em voz baixa
algumas moçoilas
em círculo agachadas:
– É verdade que essa garotinha
trouxeram da praça?
– Dizem que veio de fora
metida em uma cesta.
– Como você é tola, minha filha,
disse a mais alta;
isso não é mais que uma mentira
com que tua mãe te engana!

A verdade eu vos direi.
que eu estou bem inteirada…
  O que será que falaram
em coro as moças?

Já sabem o que é ser mãe
e ainda usam curtas as saias.

  O piano de manúbrio[3]
ao ar suas notas lança.
Que polca[4] mais picaresca
que alegria dá à alma,
que cócegas tão suaves
pelo corpo acima avançam!
Já chegam ao coração,
já os casais se abraçam
e com grave balanceio
seguem o compasso e dançam…
Lindo pretexto é dançar
com a mulher que se ama
para pegá-la nos braços
e ir mexendo com manha
respirando seu alento
juntinhas cara com cara.

  Essa jaquetona
que interrompeu a dança
é da criança
da mãe invejada.
Já teve sete
e diz com alegria
que todos os santos
celebram a oitava.
E aquela de luto
que os pés arrasta

---

[3] *Piano de manúbrio*: piano com manivela. (n.t.)
[4] *Polca*: dança típica da região da Boêmia. (n.t.)

já se vê pela cintura
que está adiantada…
Um novo batizado
daqui a duas semanas.
E a moreninha,
da rosa branca
que apenas alcança
do noivo a barba
vai pensando agora:
– Se eu me casasse…
A do corpo rosa
quase reclinada
sobre o peito ufano
de quem a acompanha,
deve dizer coisas
melosas
com suas palavrinhas
suaves e brandas.
A do elegante
cinto de prata
(as más línguas dizem
que é de lata)
balança para lá e para cá
e alguns ares gasta
que dizem se parecer:
– Aqui vai a nata
das moças cruas;
das mães corajosas.
Já verão vocês;
crianças engraçadas
quando eu entrar no fogo
com quem eu for dançar.
Vem detrás deles
uma jovem pálida;
seus grandes olhos negros
brilham como brasas
nas cinzas
de sua pele gelada.

A pobre está doente
e seus olhos cantam:

Tenho uma tristeza muito grande
escondida em minhas entranhas
porque me disse um *divé*[5]
que hão de me enterrar com palma.

Mas senhores, o que está acontecendo aqui?
O que há de ocorrer! Que uma moçoila falta.
– Dizem que fugiu com seu amado.
– A menina era bastante leviana.
– A culpa é da mãe, porque o noivo,
queria se casar como Deus manda.
– É que o noivo é um vigarista
que vive expedindo moeda falsa.
– Deve ter um lugar secreto
onde terá escondido a garota
porque já procuraram por meio bairro
e nem sinal de encontrá-la.
– Eu não sei como Deus coloca no mundo
criaturas tão sem educação,
disse uma jovem que com uma amiga
ia dançando, irritada e despeitada.
E o padre que também veio à festa
e a preside, feito um patriarca,
ao saber que os noivos fugiram,
disse, sorrindo, com piedade cristã:
– Isto terminará em casamento e batizado,
e tudo ficará melhor do que estava.

Que bonitas são as crianças!
Que alegria trazem as plácidas!
Cada criança é um Cupido:
seus sorrisos são suas asas,
seus olhares são as flechas

---

[5] *Divé/undivé*: palavra da língua caló, falada pelos povos ciganos, que significa *deus/divindade*. (n.t.)

que o coração da mulher
perfuram, infundindo-lhe
o eterno amor, a chama.
Ouvi a tosca voz do povo
que agora sobe em minha garganta.

“Eu quero mulheres
de ancas largas
que essas senhoritas usadas hoje
não servem pra nada”.

Albaicín rouxinol,
de amor sentinela,
faz com que em tuas ruas e em tuas ladeiras
que à cidade descem,
desçam tuas moçoilas
fresquinhas e sãs
e sangue novo e vida generosa
em abundância tragam.

Já está de volta o cortejo
das garotas bonitas;
acabou o batizado
da Plaza Larga.
Mas não voltam todas,
uma delas falta.

Que serena está a noite
E as estrelas que claras!
Pelas ruas silenciosas
ressoam nossos passos.
Em frente às fortalezas
encantadas da Alhambra,
e lá embaixo a cidade
entre flores reclinada.

Só se escutam os gorjeios
que amorosos nos presenteiam

os humildes rouxinóis
ocultos nas moitas.

Também os pássaros têm
amores dentro da alma,
e com seus doces gorjeios
sabem cantar à sua pátria.

Eu levei um rouxinol
longe, muito longe da Espanha,
que ao cantar comigo aprendeu:
– Quero viver em Granada!

Os malditos

Léon Deubel

O texto: Publicado postumamente em 1913, no mesmo ano de sua morte, *Régner – poèmes* reúne uma vasta coleção do que sobrou da obra poética de Léon Deubel. Os poemas aqui traduzidos, "Sofrimentos" ("Détresses"), "Os malditos" ("Les maudits") e "Mors" representam possíveis estágios observáveis na curta vida do poeta, um começo, um meio e um fim: em "Sofrimentos", ilustra-se parte das aflições e da miséria que enfrentou antes de morrer; em "Os malditos", Deubel presta homenagem a três grandes poetas malditos de seu tempo, Rimbaud, Verlaine e Laforgue, sem suspeitar que um dia também seria reconhecido como tal; e em "Mors", o eu-lírico poetiza em torno de sua própria morte, preanunciando que se tornaria autor de seu próprio fim.

Texto traduzido: Deubel, Léon. "Détresses"; "Les maudits"; "Mors". In. *Régner – poèmes*. Paris: Mercure de France, 1913.

O autor: Léon Deubel (1879-1913), poeta e escritor francês, nasceu em Belfort. Considerado um dos últimos poetas malditos, por seu espírito incompreendido e antissocial, e partícipe da escola simbolista, como um último suspiro do movimento, em sua obra Deubel prezava pela qualidade do que é eterno, do que é perene. Publicou seus primeiros cantos em 1899, *La Chanson balbutiante*, seguido de *Le Chant des Routes et des Déroutes* (1901), *Vers la vie* (1904), entre outros. Dono de um estilo complexo, e tendo passado boa parte da vida na miséria, não recebeu o devido reconhecimento em vida, obtido apenas postumamente. Após queimar todos os seus manuscritos, suicidou-se aos 34 anos, lançando-se no rio Marne.

O tradutor: Cílio Lindemberg de Araújo Santos, tradutor, escritor e poeta, é graduado em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Para a (n.t.) traduziu Mary E. Wilkins Freeman, Olivia Howard Dunbar, Charlotte Brontë e Guy de Maupassant.

“Tenho frio, a lâmpada morreu.”

“J'ai froid, la lampe est norte.”

Les maudits

“Mon âme est un miroir terni
Et ma chair colporte le frisson de l’Indéfini.”

LÉON DEUBEL

DÉTRESSES

I

Le Moi chanteur hurle sa plainte.
L. D.

J’ai faim, j’ai froid, la lampe est morte
Au fond ce soir infini,
Comme un beau rêve qu’on emporte
Pour la joie d’un destin béni.

Vient-on pas d’entr’ouvrir la porte ?
Mon âme est un miroir terni
Et ma chair immense colporte
Le frisson de l’Indéfini.

Les heures tombent une à une
Du cadran jauni de la lune
En des chutes musiciennes.

Et je souris d’un air tremblant
D’avoir fait le rêve touchant.
De rêver ma vie en la tienne.

II

Seigneur ! je suis sans pain, sans rêve et sans demeure,
Les hommes m'ont chassé parce que je suis nu,
Et ces frères en vous ne m'ont pas reconnu
Parce que je suis pâle et parce que je pleure.

Je les aime pourtant comme c'était écrit
Et j'ai connu par eux que la vie est amère,
Puisqu'il n'est pas de femme qui veuille être ma mère
Et qu'il n'est pas de cœur qui entende mes cris.

Je sens, autour de moi, que les bruits sont calmés,
Que les hommes sont las de leur fête éternelle,
Il est bien vrai qu'ils sont sourds à ceux qui appellent.
Seigneur ! pardonnez-moi s'ils ne m'ont pas aimé !

Seigneur ! j'étais sans rêve et voici que la lune
Ascende le ciel clair comme une route haute,
Je sens que son baiser m'est une pentecôte,
Et j'ai mené ma peine aux confins de sa dune.

Mais j'ai bien faim de pain, Seigneur ! et de baisers,
Un grand besoin d'amour me tourmente et m'obsède,
Et sur mon banc de pierre rude se succèdent
Les fantômes de Celles qui l'auraient apaisé.

Le vol de l'heure émigre en des infinis sombres,
Le ciel plane, un pas se lève dans le silence,
L'aube indique les fûts dans la forêt de l'ombre,
Et c'est la Vie énorme encor qui recommence !

(1900, Place du Carrousel, 3 heures du matin.)

III

De la douceur ! de la douceur ! de la douceur !
Paul Verlaine.

Douceur de chanter en tes livres,
O Verlaine ! le chant des joies,
– Dans les lointains un orgue broie
Le formidable ennui de vivre.

Je ne sais plus les soirs de cuivre
Et je suis soucieux des voies
Par où j'allais, aux matins, ivre,
Vers les frontons que tu déploies.

Car je n'ai su vaincre la chair,
Et me laisser aller au cher
Enivrement de tout bénir ;

Et ce sera ma pénitence
De rester malgré ma souffrance
Indigne de te devenir.

LES MAUDITS

I

ARTHUR RIMBAUD

Tel à courir le monde en qui tu connus mieux
La somptuosité rebelle de ton cœur,
Avide d'actes enfin permis à ta ferveur,
Tu vécus petit roi des chimères sans dieu.

Enfant, tu raillais bien, dressé devant la table
Ainsi que la statue proche du Commandeur
Les dogmes avilis et grognant dans l'étable
L'appel des libertés que fouaillent les montreurs.

Pour quels triomphes fous, d'or, de sonorités,
Laissas-tu celui qui, comme en un reliquaire,
Avec des chères mains d'ardente humanité,

Te cherchas loin, génial, aux abîmes du Livre ?
Tu partais à l'avant penché des bateaux ivres,
Et la Mort exila cet exil volontaire.

II

VERLAINE

La voix du rossignol qui monte dans les choses
M'est une douce invite à te lire, Verlaine,
Par ce soir, tandis qu'une brise tiède halène
Le long de l'avenue où des marbres reposent.

Tous les parfums se sont blottis au cœur des roses ;
Le jardin rêve au fond de sa légende ancienne,
Et les cygnes du lac, immobiles, retiennent
Le tranquille bonheur que leurs ailes enclosent.

Seule, au bord du grand ciel tremble une étoile d'or
Et la lune qui fait la page douce et mièvre
Se plaît sur ton poème amène où tout s'endort :

Parfums, lueurs, et vous, lentes musiques vieilles
Que traverse, innombrable, avec le vent qui bruit
Ton âme, ô vagabond, qui fut celle des nuits !

III

JULES LAFORGUE

Pierrot qu'on exila sous quelque redingote,
Grand-prêtre de Tanit, amant de Salammbô,
Qui fièrement voua sa jeunesse cagote
Au culte émancipé d'un astre comme il faut ;

Laforgue ! ô doux conteur des contes à soi-même,
Doux poète illuné des soirs de flânerie,
Vrai, le donquichotisme a sa monotonie
Quand les moulins à vent ne tournent qu'en nous-mêmes.

Aussi tu préféras correctement sortir
(Hamlet qui réprima le « *to be* » d'un sourire)
D'un monde mal acquis à tes chevaleries ;

Petit amant berné qui partait à la brune
Prouver par A plus B son amour à la lune,
Va, dors, convalescent des blessures de vie.

MORS

Troupeau passif et le lent que le destin décime,
Mes jours dans la clarté se traînaient languissants ;
La vie en moi baissait comme un soleil sanglant
Qui tombe, avec le soir, sur l'épaule des cimes.

Des heures, j'avais vu, par la fenêtre ouverte,
Battre, parmi l'azur plus bleu, l'aile plus blonde
Du fantastique oiseau de la Fièvre errabonde
Et trembler la splendeur de l'Été, rose et verte.

Depuis, une vigueur vint rafraîchir mon front,
Surnaturelle et de la mort avant-courière.
Librement, je laissai mes sens dans la clairière
Forcer la fuite d'or des jours à l'horizon.

D'un cri, je saluai les noires hirondelles,
L'angelus qui gravit son escalier d'azur,
Et, farouche, la Joie humaine, au regard pur,
Qui passait en chantant, ivre, sous les tonnelles.

J'ouvris les yeux sur la clameur de la lumière :
Le parfum des lilas passait, sentimental,
Et fluctuait au loin d'un rythme machinal,
Selon la courbe de la brise aventurière.

Je reconnus la vie à l'odeur de ses roses.
La mort pourtant venait à moi, en flux puissants,
M'apporter, en suivant le fleuve de mon sang,
Le lotus éternel de la Métamorphose.

Je l'attendais, les yeux fixés, comme aux écoutes
Sur l'image du monde ébloui de soleil,
Qui déployait devant mon beau désir vermeil,
À l'infini, le long phylactère des routes.

Les routes ! Elles offraient, servantes du mystère,
La gourde de l'éther et le manteau des cieux
Au pèlerin qui part, gardant sous sa paupière
Le paysage d'or qui mourut dans ses yeux.

Là-bas, elles allaient, sous les voiles de veuves
Dont les hauts peupliers bruissants les ont couvertes,
En regardant passer, dans leurs armures vertes,
Silencieusement, leurs ancêtres les Fleuves.

Ah ! fuir ! Les suivre enfin, hors de ce monde étrange ;
Fouler les paradis sous l'arche des clartés
Et faire flamboyer devant l'éternité
Son orgueil suscité comme un mauvais archange !

Partir ! Boire un instant à l'urne où se décante
Tout le vin des soleils que vendangent les dieux !
Boire au sein d'une étoile, à la plaie éclatante
Ouverte au flanc du ciel par l'éclair or et bleu.

Surgir dans le Mirage où trône la Chimère
Aux pieds de qui fleurit la douce Illusion,
Et sur elle penché, respirer son poison
Pour écarter de soi toute splendeur amère.

Vaincre l'ombre qui croît et ferme les espaces
Par où s'évade enfin mon être libre et fort
Qui rêve dans la nuit assoupie aux terrasses
D'atterrir au refuge étoilé du bon port.

*

Rêveur fou qu'agita le ciel de la grand'ville,
Je titubai, grisé, dans un ravin d'étoile.
Les âmes, devant moi, glissaient comme des voiles.
Les longs chemins montaient en cohorte immobile.

Eveillé, j'eus la joie confuse du vertige.
Des sœurs de charité, glissant leur pas serein,
Inclinaient vers mon front leurs cornettes de lin
Et je tombai, muet, des sommets du prestige.

J'avais vu se lever dans l'instant éphémère
La mort que je berçais au nid de mon cerveau :
Les yeux d'Argus de l'ombre ocellaient son manteau,
Son geste avait le don d'espoir de ceux des mères.

Mais un rayon, au mur trop blanc de l'hôpital,
Indiquait l'aube à ma stupeur désenchantée.
Une douceur neigeait dans mon âme hantée
Et le songe ferma ses transepts de métal.

Os malditos

"Minha alma é um espelho manchado
E minha carne propaga o tremor do Indefinido."

LÉON DEUBEL

SOFRIMENTOS

I

O Eu cantor grita sua insatisfação.
L. D.

Tenho fome, tenho frio, a lâmpada morreu
Ao fundo, essa noite infinita,
Como um belo sonho que se ganha
Para a alegria de um destino abençoado.

Não acabam de entreabrir a porta?
Minha alma é um espelho manchado
E minha carne imensa propaga
O tremor do Indefinido.

As horas caem uma a uma
Do mostrador amarelado da lua
Em quedas musicais.

E eu sorrio de forma tremente
Por ter tido o sonho comovente.
Por sonhar minha vida na tua.

II

Senhor! estou sem pão, sem sonho e sem morada,
Os homens me afugentaram porque eu estou nu,
E esses irmãos em ti não me reconheceram
Porque eu estou pálido e porque eu choro.

Eu os amo, contudo, como está escrito
E com eles eu aprendi que a vida é amarga,
Pois não há mulher que queira ser minha mãe
E não há coração que ouça os meus gritos.

Sinto, ao meu redor, que os ruídos estão acalmados,
Que os homens estão cansados de sua festa eterna,
É bem verdade que eles são surdos àqueles que chamam.
Senhor! perdoa-me se eles não me amaram!

Senhor! eu não tinha sonho e agora que a lua
Ascende ao céu claro como uma alta estrada,
Eu sinto que seu beijo é um pentecostes para mim,
E eu levei minha dor aos confins de sua duna.

Mas estou com muita fome de pão, Senhor! e de beijos,
Uma grande necessidade de amor me tormenta e me obseda,
E sobre meu banco de pedra dura vêm um após o outro
Os fantasmas Daquelas que a teriam apaziguado.

O voo da hora emigra para infinitos obscuros,
O céu plana, um passo se levanta no silêncio,
O alvorecer indica os troncos na floresta de sombra,
E ainda é a enorme Vida que recomeça!

(1900, Praça do Carrossel, 3 horas da manhã.)

III

Doçura! Doçura! Doçura!
Paul Verlaine.

Doçura de cantar em teus livros,
Ó, Verlaine! o canto das alegrias,
– Ao longe um órgão esmaga
O formidável tédio de viver.

Eu não conheço mais as noites de cobre
E eu estou preocupado com as vias
Por onde eu ia, pelas manhãs, bêbado,
Para os frontões que tu abrias.

Pois eu não soube vencer a carne,
E me abandonei à cara
Ebriedade para tudo abençoar;

E essa será minha penitência
De ficar apesar do meu sofrimento
Indigno de em ti me tornar.

OS MALDITOS

I

ARTHUR RIMBAUD

Tal como correr o mundo no qual tu conheceste melhor
A suntuosidade rebelde do teu coração,
Ávido por atos enfim permitidos ao teu fervor,
Tu viveste pequeno rei das quimeras sem deus.

Criança, tu riste muito, de pé na frente da mesa
Além da estátua próxima do Comandante
Os dogmas rebaixados e rosnantes no estábulo
O chamado das liberdades que açoitavam os mostradores[1].

Por quais triunfos irracionais, ouro, sonoridade,
Tu deixaste aquele que, como em um relicário,
Com mãos queridas de ardente humanidade,

Te procurou longe, genial, nas profundezas do Livro?
Tu partias na frente inclinado em barcos embriagados[2],
E a Morte exilou esse exílio voluntário.

---

[1] A antiga profissão de *montreur* consistia em apresentar animais (marmotas, serpentes, ursos, etc.) que faziam truques e outras exibições. (n.t.)
[2] Refere-se ao poema "Le Bateau ivre" ("O barco embriagado"), de Rimbaud, que conta, em primeira pessoa, a história de um barco sem dono, sacudido pelas ondas. (n.t.)

II

VERLAINE

A voz do rouxinol que sobe nas coisas
É-me um doce convite para te ler, Verlaine,
Por essa noite, enquanto uma brisa tépida exala
Ao longo da avenida onde marmóreas estátuas jazem.

Todos os perfumes se aninharam no coração das rosas;
O jardim sonha lá no fundo de sua lenda antiga,
E os cisnes do lago, imóveis, conservam
A tranquila felicidade que suas asas compreendem.

Sozinha, na borda do grande céu oscila uma estrela dourada
E a lua que torna a página suave e delicada
Deleita-se sobre o teu poema afável onde tudo adormece:

Perfumes, luares, e vós, lentas e velhas melodias
Que atravessam, inumeráveis, com o vento que farfalha
A tua alma, ó, vagabundo, que foi aquela das noites!

III

JULES LAFORGUE

Pierrô a quem exilaram sob alguma sobrecasaca,
Sumo sacerdote de Tanit[3], amante de Salammbô[4],
Que corajosamente devotou sua juventude pietista
Ao culto devidamente emancipado de um astro;

Laforgue! ó, doce contador de histórias a si mesmo,
Doce poeta iluminado das noites de passeio,
É verdade que o dom-quixotismo tem sua monotonia
Quando os moinhos de vento só giram em nós mesmos.

Também tu preferias corretamente sair
(Hamlet que reprimiu o "*to be*" com um sorriso)
De um mundo que mal reconheceu teu cavalheirismo;

Pequeno amante enganado que partia ao anoitecer
Para provar por A mais B seu amor pela lua,
Vai, dorme, convalescente das feridas de vida.

---

[3] Deusa fenícia da fertilidade, do nascimento, do crescimento e da beleza. (n.t.)
[4] Romance histórico de Gustave Flaubert, publicado em 1862. (n.t.)

MORS[5]

Rebanho passivo e lento que o destino dizima,
Meus dias na claridade se arrastam lânguidos;
A vida em mim diminuía como um sol sangrento
Que cai, com o anoitecer, sobre o ombro dos cumes.

Por horas, eu havia visto, pela janela aberta,
Bater, por entre o céu mais azul, a asa mais áurica
Do fantástico pássaro da Febre errabunda
E estremecer o esplendor do Verão, rosa e verde.

Desde então, um vigor veio refrescar minha fronte,
Sobrenatural e da morte de antemão.
Livremente, deixei meus sentidos na clareira
Forçar a fuga dourada dos dias no horizonte.

Com um grito, saudei as andorinhas-azuis,
O Angelus[6] que escalou sua escadaria celeste,
E, feroz, a Alegria humana, com um olhar puro,
Que passava cantando, ébria, sob as pérgolas.

Abri os olhos ao clamor da luz:
O perfume dos lilases passava, sentimental,
E flutuava ao longe com um ritmo maquinal,
Segundo a curva da brisa trapaceira.

Reconheci a vida pelo cheiro de suas rosas.
A morte, no entanto, vinha a mim, em fluxos poderosos,
Para me trazer, consoante o rio do meu sangue,
O lótus eterno da Metamorfose.

Eu a esperava, de olhos fixos, como nas escutas
Sobre a imagem do mundo ofuscado pelo sol,

---

[5] Mors (Morte) ou Leto, personificação da morte na mitologia romana. (n.t.)
[6] Na tradição católica, refere-se à Hora do Angelus, o momento da anunciação, dado mediante o Toque das Ave-Marias ou das Trindades. (n.t)

Que estendia diante do meu belo anseio vermelhíssimo
Para o infinito, o longo relicário das estradas.

As estradas! Elas ofereciam, servas do mistério,
O cantil de éter e o manto dos céus
Ao peregrino que parte, guardando sob sua pálpebra
A paisagem dourada que morreu em seus olhos.

Lá, elas iam, sob os véus das viúvas
Cujos altos álamos farfalhantes as tinham coberto,
Observando passar, em suas armaduras verdes,
Silenciosamente, seus ancestrais os Rios.

Ah! fugir! Segui-los enfim, fora desse mundo estranho;
Pisar nos paraísos sob o arco das clarezas
E resplandecer diante da eternidade
Seu orgulho despertado como um arcanjo malvado!

Partir! Beber um instante na urna onde se decanta
Todo o vinho dos sóis que colhem os deuses!
Beber no seio de uma estrela, na chaga ardente
Aberta ao flanco do céu pelo raio dourado e azul.

Surgir na Miragem onde se entroniza a Quimera
Aos pés de quem floresce a doce Ilusão,
E sobre ela inclinado, respirar seu veneno
Para afastar de si todo esplendor amargo.

Vencer a sombra que cresce e fecha os espaços
Por onde escapa enfim meu ser livre e forte
Que sonha à noite entorpecida nos terraços
Em aterrissar ao refúgio estrelado do porto certo.

*

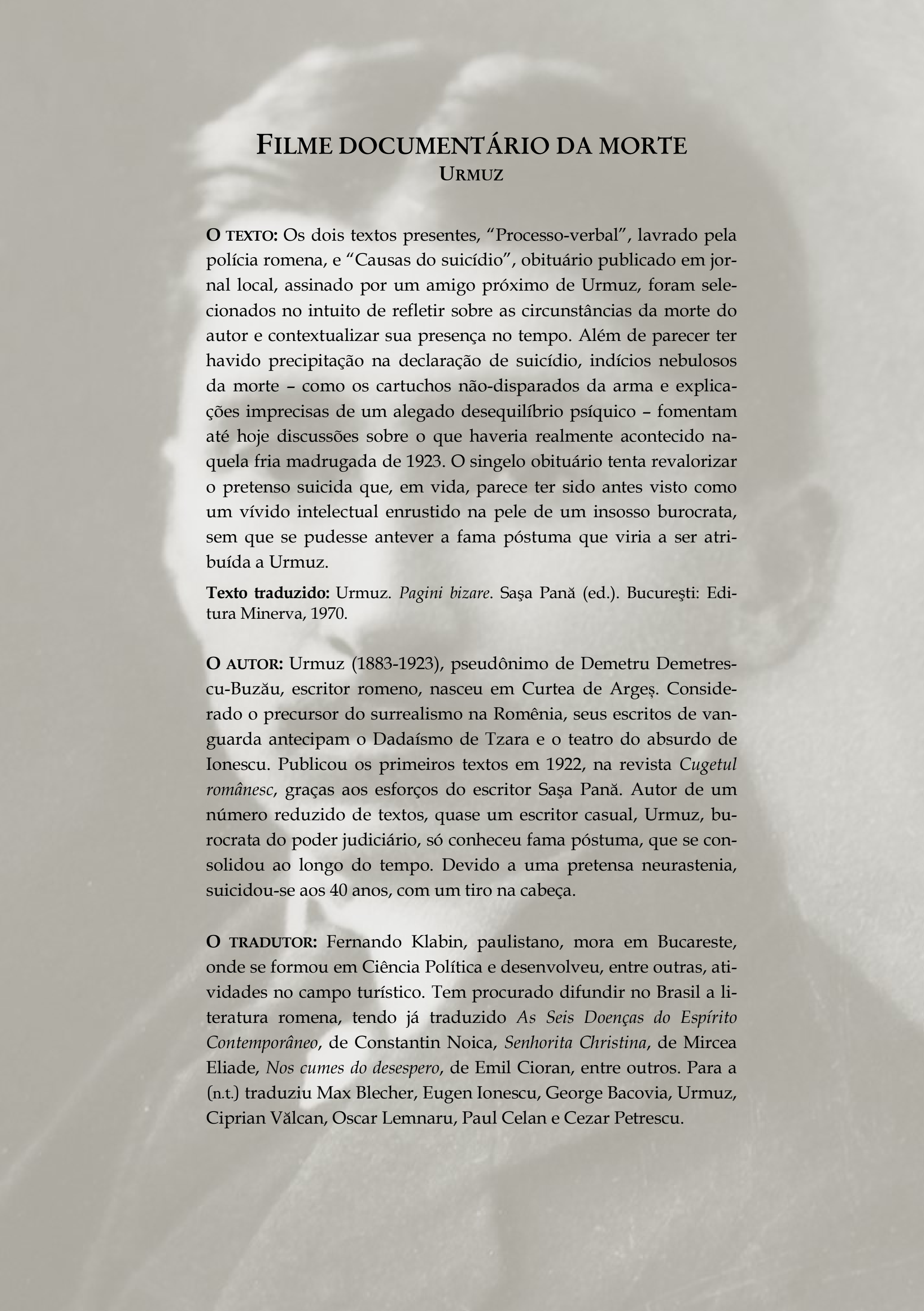
Louco sonhador que sacudiu o céu da cidade grande,
Tropecei, embriagado, em uma ravina estrelada.

As almas, diante de mim, deslizavam como véus.
Os longos caminhos ascendiam em coorte imóvel.

Acordado, tive a alegria confusa da vertigem.
Irmãs de caridade, resvalando seus passos serenos,
Inclinavam-se sobre minha fronte suas cornetas de linho
E caí, calado, das alturas do prestígio.

Eu havia visto se levantar no instante efêmero
A morte que embalava no ninho do meu cérebro:
Os olhos de Argos da sombra ornavam de ocelos seu manto,
Seu gesto tinha o dom de esperança daqueles das mães.

Mas um raio, na parede demasiado branca do hospital,
Indicava o amanhecer para meu desapontado espanto.
Uma doçura nevava em minha alma assombrada
E o devaneio fechou seus transeptos de metal.



FILME DOCUMENTÁRIO DA MORTE

URMUZ

O TEXTO: Os dois textos presentes, "Processo-verbal", lavrado pela polícia romena, e "Causas do suicídio", obituário publicado em jornal local, assinado por um amigo próximo de Urmuz, foram selecionados no intuito de refletir sobre as circunstâncias da morte do autor e contextualizar sua presença no tempo. Além de parecer ter havido precipitação na declaração de suicídio, indícios nebulosos da morte – como os cartuchos não-disparados da arma e explicações imprecisas de um alegado desequilíbrio psíquico – fomentam até hoje discussões sobre o que haveria realmente acontecido naquela fria madrugada de 1923. O singelo obituário tenta revalorizar o pretenso suicida que, em vida, parece ter sido antes visto como um vívido intelectual enrustido na pele de um insosso burocrata, sem que se pudesse antever a fama póstuma que viria a ser atribuída a Urmuz.

Texto traduzido: Urmuz. *Pagini bizare*. Saşa Pană (ed.). Bucureşti: Editura Minerva, 1970.

O AUTOR: Urmuz (1883-1923), pseudônimo de Demetru Demetrescu-Buzău, escritor romeno, nasceu em Curtea de Argeș. Considerado o precursor do surrealismo na Romênia, seus escritos de vanguarda antecipam o Dadaísmo de Tzara e o teatro do absurdo de Ionescu. Publicou os primeiros textos em 1922, na revista *Cugetul românesc*, graças aos esforços do escritor Saşa Pană. Autor de um número reduzido de textos, quase um escritor casual, Urmuz, burocrata do poder judiciário, só conheceu fama póstuma, que se consolidou ao longo do tempo. Devido a uma pretensa neurastenia, suicidou-se aos 40 anos, com um tiro na cabeça.

O TRADUTOR: Fernando Klabin, paulistano, mora em Bucareste, onde se formou em Ciência Política e desenvolveu, entre outras, atividades no campo turístico. Tem procurado difundir no Brasil a literatura romena, tendo já traduzido *As Seis Doenças do Espírito Contemporâneo*, de Constantin Noica, *Senhorita Christina*, de Mircea Eliade, *Nos cumes do desespero*, de Emil Cioran, entre outros. Para a (n.t.) traduziu Max Blecher, Eugen Ionescu, George Bacovia, Urmuz, Ciprian Vălcan, Oscar Lemnaru, Paul Celan e Cezar Petrescu.

“Uma alma tão complexa como a sua.”

„Un suflet atît de complicat ca al lui.“

FILMUL DOCUMENTAR AL MORȚII

„Am vorbit de sinuciderea de la Şosea."

URMUZ

PROCES-VERBAL

Astăzi 23 nov. 923

Noi N. Dezideratul, comisar de poliţie şeful circ. 3 perif. Buc.

S-a prezentat în faţa noastră sergentul de oraş cu seria 738 anume Roşu Gh. care raportează că pe şoseaua Kiselef în dosul Bufetului în bosket se găseşte un om împuşcat. Imediat ne-am transportat în localitate și aci în dosul bosketului într-un bosket în apropiere de şos. Jianu colţ cu str. D-tru Ghica în adevăr am găsit un individ culcat pe pămînt cu faţa în sus mort împuşcat în tîmpla dreaptă iar în mîna dreaptă ținea un revolver marca S.T.M. îmbrăcat în haine gri și pardesiu de asemenea gri cu vergi ghete negre şi pălărie maron la percheziția făcută s-a găsit asupra lui mai multe notiţe, scrisori și o carte de membru No. 10436 a soc. funcționarilor publici pe numele D. Demetrescu-Buzău ajutor Grefier Casaţie precum şi suma de lei 943 (nouă sute patruzeci şi trei) într-un portmoneu de culoare neagră tot asupra-i s-a mai găsit un ceasornic de aur fără capac şi 2 chei.

Cadavrul a fost lăsat în aceeași poziție și cu telegrama No. 12118 din 23 XI 923 ora 8 dimineaţă am anunţat pe cei în drept după care la faţa locului a sosit D-l procuror de serviciu și a ordonat transportarea cadavrului la morgă care a şi fost trimis cu adresa No. 12120 din 23 XI c. după ce mai întîi am stabilit că se numeşte D. Demetrescu-Buzău cu domiciliul în str. Apolodor 13 unde îşi are familia și s-a sinucis.

În urma acestora am anunţat telefonic prin circa I poliţia, familia cînd s-a prezentat D-I Stoicescu funcționar superior în ministerul de Industrie și Comerţ cumnat cu numitul care după ce ia cunoştinţă de caz ne face o declarație scrisă separat semnată propriu şi vizată de noi se anexează aci și din care rezultă că D-I Demetrescu-Buzău grefier la Curtea de casație București în ultimul timp suferia de nervi în ultimul grad boala care l-a determinat să-şi curme viaţa.

Ca aşa fiind prezentul proces-verbal cu una declarație una carte de membru 2 scrisori un bilet al Spitalului militar 2 chitanţe no. 172 şi 183 – spitalul Colţea 2 cărţi de vizită pe numele D. Demetrescu-Buzău Magistrat una chitanţă de 3000 lei una notă care cuprinde una coală jumătate 2 carneţele de note mai multe notițe și cărţi de vizită un ceasornic aur fără capace două chei mari şi una mică un portmoneu negru de piele suma 943 (nouă sute patruzeci şi trei lei) şi un revolver marca S.T.M. cu cinci cartuşe netrase se înaintează locului drept spre cale legală.

Drept pentru care am dresat prezentul proces-verbal spre cale legală.

Comisar (ss) *N. Dezideratu*

Asistent
(ss) *Cojocaru*
(ss) *I. Popescu*

CAUZELE SINUCIDERII

Am vorbit în ziarul nostru de ieri de sinuciderea de la Şosea. Demetrescu-Buzău era fiul regretatului medic cu acelaş nume.

Licențiat în drept, avind o rară cultură literară și artistică, Dem. -B. era bine cunoscut în cercurile intelectuale din Capitală. A fost mai mulți ani magistrat în provincie, dar nu se putea împăca din cauza firei sale cu viața de provincie: îl atrăgea viața Capitalei.

Nereuşind să obțină un loc de judecător în Bucureşti, s-a mulțumit cu situația de grefier la Curtea de casație.

În ultimul timp îl rodea o boală nemiloasă, ale cărei progrese repezi îl alarmase şi îl demoralizase cu totul. A căutat salvarea într-un glonţ de armă.

În cercul prietenilor săi, Buzău citea bucăți literare curioase de o căutată originalitate, încercînd să-şi arate disprețul chiar față de forma literară – după cum sfătuia Hajdeu pe pesimişti. Despre acest magistrat şi intelectual cunoscut, un ziar spunea că era „binişor îmbrăcat". Bietul Buzău!

Ar fi meritat o soartă mai bună și cu deosebire o moarte mai... bună, sau chiar mai rea, – dar nu aşa de rîsul celor care nu l-au cunoscut, care nu l-au înţeles şi care nici nu puteau să înțeleagă un suflet atît de complicat ca al lui.

Magistraţii au datoria să-i ia corpul de la morgă, iar prietenii să nu uite pe îndrăgostitul concertelor bune şi al cărţilor alese – pe bietul Buzău...

C.

Dimineaţa , 26 noiembrie 1923

FILME DOCUMENTÁRIO DA MORTE

"Falamos aqui sobre o suicídio da avenida."

URMUZ

PROCESSO-VERBAL

Hoje, 23 de novembro de 1923

Nós, N. Dezideratul, delegado de polícia, chefe do terceiro distrito policial da periferia de Bucareste.

Apresentou-se diante de nós o sargento urbano Gheorghe Roşu, registrado sob o número 738, que relata encontrar-se, na avenida Kisselef, na parte de trás do bufê, no mato, um homem alvejado. Dirigimo-nos de pronto até o local e, ali, na parte de trás do bufê, no mato próximo à avenida Jianu, esquina com a rua Dumitru Ghica, encontramos de fato um indivíduo deitado no chão, com o rosto virado para cima, morto, alvejado na têmpora direita, segurando, na mão direita, um revólver marca S.T.M.[1], vestido com roupas de cor cinza e um sobretudo igualmente de cor cinza com listras, galochas pretas e chapéu marrom. Na busca realizada, encontraram-se em sua posse diversas anotações, cartas e uma carteira número 10436 de membro da Sociedade dos Servidores Públicos, em nome de D. Demetrescu-Buzău, assistente de escrivão do Tribunal de Cassação, bem como a soma de 943 lei[2] (novecentos e quarenta e três) no interior de uma carteira de cor preta; também em sua posse foram ainda encontrados um relógio de ouro sem tampa e duas chaves.

[1] Possível menção à pistola M1912 da marca austríaca Steyr, difundida na Romênia da época. (n.t.)
[2] Moeda romena. (n.t.)

O cadáver foi deixado na mesma posição e, por meio do telegrama número 12118, das 8 horas da manhã de 23 de novembro de 1923, avisei quem de direito, quando chegou ao local o senhor procurador de serviço, que ordenou o transporte do cadáver para a morgue, o que ocorreu sob o número de protocolo 12120, de 23 de novembro do corrente ano, não antes de estabelecermos chamar-se D. Demetrescu-Buzău, domiciliado na rua Apolodor, número 13, onde mora sua família, e que se suicidou.

Ato contínuo, avisei a família por telefone, a partir da delegacia do primeiro distrito policial, no que se apresentou o Senhor Stoicescu, alto funcionário do Ministério da Indústria e Comércio, cunhado do supramencionado, quem, após tomar conhecimento do ocorrido, fez-nos uma declaração escrita em separado, assinada por ele mesmo e por nós rubricada, em anexo, da qual resulta que o Senhor Demetrescu-Buzău, escrivão do Tribunal de Cassação de Bucareste, vinha recentemente sofrendo de neurastenia, doença que, já em seu último estágio, determinou que tirasse a própria vida.

Eis o presente processo-verbal, com uma declaração, uma carteira de membro, 2 cartas, um requerimento do Hospital Militar, 2 recibos do Hospital Colţea números 172 e 183, 2 cartões de visita em nome do magistrado D. Demetrescu-Buzău, um recibo no valor de 3000 lei, uma anotação em folha e meia, 2 caderninhos de anotação, diversas anotações e cartões de visita, um relógio de ouro sem tampa, duas chaves grandes e uma menor, uma carteira preta de couro, soma de 943 (novecentos e quarenta e três lei) e um revólver marca S.T.M. com cinco cartuchos por disparar, tudo encaminhado ao local de direito por vias legais.

De modo que lavrei o presente processo-verbal por vias legais.

Delegado (a.) N. Dezideratu

Assistentes
(a.) Cojocaru
(a.) I. Popescu

CAUSAS DO SUICÍDIO

Falamos aqui, na edição de ontem, sobre o suicídio da avenida. Demetrescu-Buzău era filho do falecido médico de mesmo nome.

Formado em Direito, detentor de rara cultura literária e artística, Demetrescu-Buzău era bem conhecido nos meios intelectuais da capital. Em-

bora tenha sido, por vários anos, magistrado no interior, era incapaz, devido à sua natureza, de se acostumar à vida provinciana: era a vida na capital que o atraía.

Sem lograr obter um cargo de juiz em Bucareste, contentou-se com a condição de escrivão no tribunal de cassação.

Nos últimos tempos, vinha-o corroendo uma doença inclemente, cujo rápido progresso o alarmou e o desmoralizou por completo. Foi buscar a redenção na bala de uma arma de fogo.

Entre amigos, Buzău lia curiosas obras literárias de pensada originalidade, procurando demonstrar seu desprezo pela própria forma literária – o mesmo que Hajdeu propunha aos pessimistas[3]. Sobre esse conhecido magistrado e intelectual, um jornal mencionou estar "nada mal vestido". Coitado do Buzău!

Merecia um destino melhor e, em especial, uma morte... melhor, ou mesmo pior – mas que não fosse alvo do ridículo daqueles que não o conheceram, que não o compreenderam e que nem seriam capazes de compreender uma alma tão complexa como a sua.

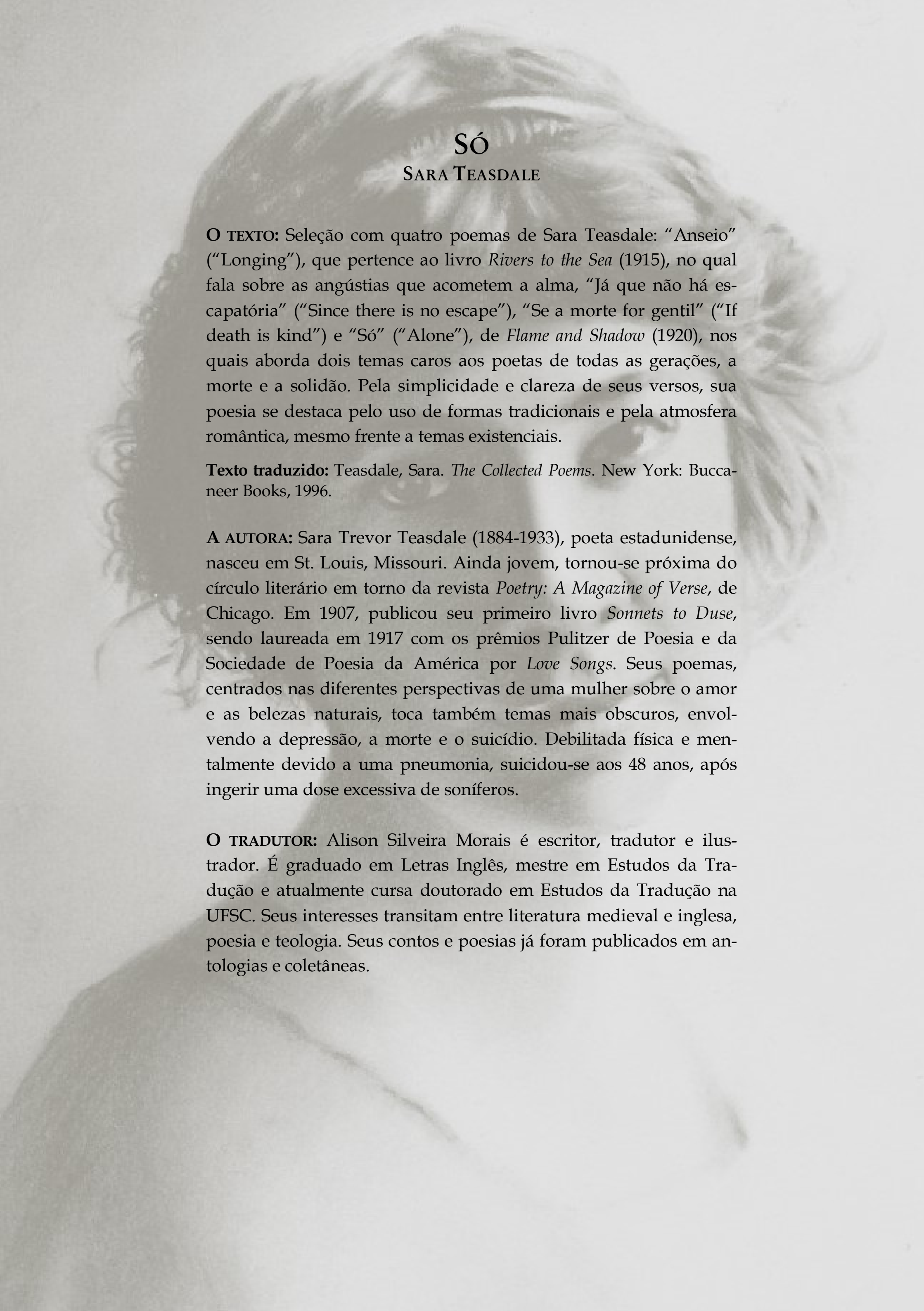
Os magistrados têm o dever de ir buscar o corpo na morgue e, os amigos, de não se esquecerem desse apaixonado por bons concertos e livros seletos – do coitado do Buzău...

C.[4]

Dimineaţa, 26 de novembro de 1923

[3] O escritor romeno Bogdan Petriceicu Hasdeu (1838-1907) recomendava que era preciso evitar o pessimismo, pois este "não vê nem quer ver o bem em lugar nenhum", mas apenas o mal por toda parte e sempre. (n.t.)

[4] Pressupõe-se que seja o ator e dramaturgo romeno George Ciprian (1883-1968), um dos poucos amigos íntimos de Urmuz. Sua exitosa comédia em 4 atos *Omul cu mârţoaga* (O homem do pangaré), de 1927, é atribuída por Saşa Pană a Urmuz. (n.t.)



Só

Sara Teasdale

O texto: Seleção com quatro poemas de Sara Teasdale: "Anseio" ("Longing"), que pertence ao livro *Rivers to the Sea* (1915), no qual fala sobre as angústias que acometem a alma, "Já que não há escapatória" ("Since there is no escape"), "Se a morte for gentil" ("If death is kind") e "Só" ("Alone"), de *Flame and Shadow* (1920), nos quais aborda dois temas caros aos poetas de todas as gerações, a morte e a solidão. Pela simplicidade e clareza de seus versos, sua poesia se destaca pelo uso de formas tradicionais e pela atmosfera romântica, mesmo frente a temas existenciais.

Texto traduzido: Teasdale, Sara. *The Collected Poems*. New York: Buccaneer Books, 1996.

A autora: Sara Trevor Teasdale (1884-1933), poeta estadunidense, nasceu em St. Louis, Missouri. Ainda jovem, tornou-se próxima do círculo literário em torno da revista *Poetry: A Magazine of Verse*, de Chicago. Em 1907, publicou seu primeiro livro *Sonnets to Duse*, sendo laureada em 1917 com os prêmios Pulitzer de Poesia e da Sociedade de Poesia da América por *Love Songs*. Seus poemas, centrados nas diferentes perspectivas de uma mulher sobre o amor e as belezas naturais, toca também temas mais obscuros, envolvendo a depressão, a morte e o suicídio. Debilitada física e mentalmente devido a uma pneumonia, suicidou-se aos 48 anos, após ingerir uma dose excessiva de soníferos.

O tradutor: Alison Silveira Morais é escritor, tradutor e ilustrador. É graduado em Letras Inglês, mestre em Estudos da Tradução e atualmente cursa doutorado em Estudos da Tradução na UFSC. Seus interesses transitam entre literatura medieval e inglesa, poesia e teologia. Seus contos e poesias já foram publicados em antologias e coletâneas.

"Estou só, apesar do amor."

"I am alone, in spite of love."

ALONE

"I am alone, as though I stood
On the highest peak of the tired gray world."

SARA TEASDALE

LONGING

I am not sorry for my soul
That it must go unsatisfied,
For it can live a thousand times,
Eternity is deep and wide.

I am not sorry for my soul,
But oh, my body that must go
Back to a little drift of dust
Without the joy it longed to know.

“Since There Is No Escape”

Since there is no escape, since at the end
My body will be utterly destroyed,
This hand I love as I have loved a friend,
This body I tended, wept with and enjoyed;
Since there is no escape even for me
Who love life with a love too sharp to bear:
The scent of orchards in the rain, the sea
And hours alone too still and sure for prayer –
Since darkness waits for me, then all the more
Let me go down as waves sweep to the shore
In pride; and let me sing with my last breath;
In these few hours of light I lift my head;
Life is my lover – I shall leave the dead
If there is any way to baffle death.

IF DEATH IS KIND

Perhaps if Death is kind, and there can be returning,
We will come back to earth some fragrant night,
And take these lanes to find the sea, and bending
Breathe the same honeysuckle, low and white.

We will come down at night to these resounding beaches
And the long gentle thunder of the sea,
Here for a single hour in the wide starlight
We shall be happy, for the dead are free.

ALONE

I am alone, in spite of love,
In spite of all I take and give –
In spite of all your tenderness,
Sometimes I am not glad to live.

I am alone, as though I stood
On the highest peak of the tired gray world,
About me only swirling snow,
Above me, endless space unfurled;

With earth hidden and heaven hidden,
And only my own spirit's pride
To keep me from the peace of those
Who are not lonely, having died.

Só

"Estou só, como se estivesse de pé
No mais alto pico triste e acizentado do mundo."

SARA TEASDALE

ANSEIO

Eu não sinto pena de minha alma
Que seguirá insatisfeita,
Pois pode viver mil vezes,
Na eternidade vasta e profunda.

Eu não sinto pena de minha alma,
Mas oh, meu corpo deve se render
E voltar ao pequeno monte de poeira
Sem a alegria que ansiava conhecer..

"Já que não há escapatória"

Já que não há escapatória, já que no momento derradeiro
Meu corpo será completamente destruído,
Essas mãos que amo como amei um companheiro
Esse corpo que cuidei, chorei e que tenho usufruído;
Já que não há escapatória nem para mim
Que ama a vida com um amor afiado demais para suportar:
O aroma dos pomares na chuva, o mar
E horas sozinha, muito quieta e com a certeza de orar –
Já que a escuridão espera por mim, então afinal
Deixe-me descer como as ondas que alcançam o litoral
Com orgulho; e deixe-me cantar com meu último suspiro;
Nessas poucas horas de luz, minha cabeça viro;
A vida é minha amante – não hei de morrer
Se houver alguma forma de a morte combater.

SE A MORTE FOR GENTIL

Talvez se a Morte for gentil e houver regresso dela,
Retornaremos a essa terra em uma noite perfumada,
E tomaremos esse caminho para encontrar o mar, e se inclinar
Respirar a mesma madressilva, baixa e alva.

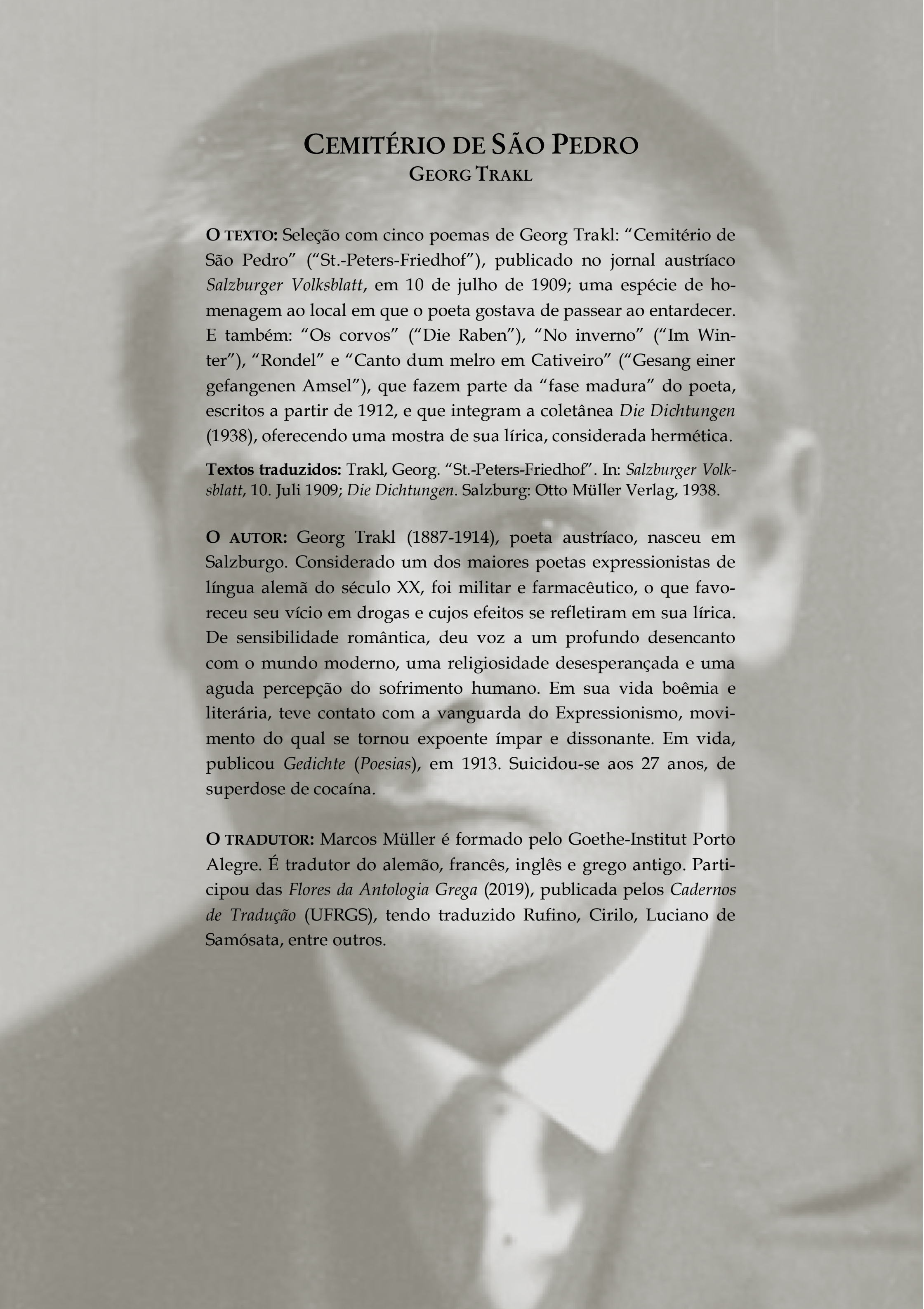
Desceremos à noite para essas praias ensurdecedoras
E o longo e suave relâmpago do mar,
Aqui, por uma única hora na ampla paisagem estrelada,
Seremos felizes, pois os mortos são livres.

SÓ

Estou só, apesar do amor,
Apesar de tudo que eu tomo e que dou –
Apesar de toda a sua ternura,
Às vezes não estou feliz por estar viva.

Estou só, como se estivesse de pé
No mais alto pico triste e acizentado do mundo,
Sobre mim, apenas neve rodopiante
Acima de mim, um espaço infinito se desenrola;

Com a terra escondida e o paraíso escondido,
Só o próprio orgulho do meu espírito
Para me manter distante da paz daqueles
Que não estão sós, tendo morrido.



Cemitério de São Pedro

Georg Trakl

O texto: Seleção com cinco poemas de Georg Trakl: “Cemitério de São Pedro” (“St.-Peters-Friedhof”), publicado no jornal austríaco *Salzburger Volksblatt*, em 10 de julho de 1909; uma espécie de homenagem ao local em que o poeta gostava de passear ao entardecer. E também: “Os corvos” (“Die Raben”), “No inverno” (“Im Winter”), “Rondel” e “Canto dum melro em Cativeiro” (“Gesang einer gefangenen Amsel”), que fazem parte da “fase madura” do poeta, escritos a partir de 1912, e que integram a coletânea *Die Dichtungen* (1938), oferecendo uma mostra de sua lírica, considerada hermética.

Textos traduzidos: Trakl, Georg. “St.-Peters-Friedhof”. In: *Salzburger Volksblatt*, 10. Juli 1909; *Die Dichtungen*. Salzburg: Otto Müller Verlag, 1938.

O autor: Georg Trakl (1887-1914), poeta austríaco, nasceu em Salzburgo. Considerado um dos maiores poetas expressionistas de língua alemã do século XX, foi militar e farmacêutico, o que favoreceu seu vício em drogas e cujos efeitos se refletiram em sua lírica. De sensibilidade romântica, deu voz a um profundo desencanto com o mundo moderno, uma religiosidade desesperançada e uma aguda percepção do sofrimento humano. Em sua vida boêmia e literária, teve contato com a vanguarda do Expressionismo, movimento do qual se tornou expoente ímpar e dissonante. Em vida, publicou *Gedichte* (*Poesias*), em 1913. Suicidou-se aos 27 anos, de superdose de cocaína.

O tradutor: Marcos Müller é formado pelo Goethe-Institut Porto Alegre. É tradutor do alemão, francês, inglês e grego antigo. Participou das *Flores da Antologia Grega* (2019), publicada pelos *Cadernos de Tradução* (UFRGS), tendo traduzido Rufino, Cirilo, Luciano de Samósata, entre outros.

St.-Peters-Friedhof

*"Auf Gräbern, die im Dunkel trauern
Doch diese Trauer hat kein Leid."*

GEORG TRAKL

ST.-PETERS-FRIEDHOF

Ringsum ist Felseneinsamkeit.
Des Todes bleiche Blumen schauern
Auf Gräbern, die im Dunkel trauern –
Doch diese Trauer hat kein Leid.

Der Himmel lächelt still herab
In diesen traumverschlossenen Garten,
Wo stille Pilger seiner warten.
Es wacht das Kreuz auf jedem Grab.

Die Kirche ragt wie ein Gebet
Vor einem Bilde ewiger Gnaden,
Manch Licht brennt unter den Arkaden,
Das stumm für arme Seelen fleht –

Indes die Bäume blüh'n zur Nacht,
Daß sich des Todes Antlitz hülle
In ihrer Schönheit schimmernde Fülle,
Die Tote tiefer träumen macht.

DIE RABEN

Über den schwarzen Winkel hasten
Am Mittag die Raben mit hartem Schrei.
Ihr Schatten streift an der Hirschkuh vorbei
Und manchmal sieht man sie mürrisch rasten.

O wie sie die braune Stille stören,
In der ein Acker sich verzückt,
Wie ein Weib, das schwere Ahnung berückt,
Und manchmal kann man sie keifen hören

Um ein Aas, das sie irgendwo wittern,
Und plötzlich richten nach Nord sie den Flug
Und schwinden wie ein Leichenzug
In Lüften, die von Wollust zittern.

IM WINTER

Der Acker leuchtet weiß und kalt.
Der Himmel ist einsam und ungeheuer.
Dohlen kreisen über dem Weiher
Und Jäger steigen nieder vom Wald.

Ein Schweigen in schwarzen Wipfeln wohnt.
Ein Feuerschein huscht aus den Hütten.
Bisweilen schellt sehr fern ein Schlitten
Und langsam steigt der graue Mond.

Ein Wild verblutet sanft am Rain
Und Raben plätschern in blutigen Gossen.
Das Rohr bebt gelb und aufgeschossen.
Frost, Rauch, ein Schritt im leeren Hain.

RONDEL

Verflossen ist das Gold der Tage,
Des Abends braun und blaue Farben:
Des Hirten sanfte Flöten starben,
Des Abends blau und braune Farben;
Verflossen ist das Gold der Tage.

GESANG EINER GEFANGENEN AMSEL

Für Ludwig von Ficker

Dunkler Odem im grünen Gezweig.
Blaue Blümchen umschweben das Antlitz
Des Einsamen, den goldnen Schritt
Ersterbend unter dem Ölbaum.
Aufflattert mit trunknem Flügel die Nacht.
So leise blutet Demut,
Tau, der langsam tropft vom blühenden Dorn.
Strahlender Arme Erbarmen
Umfängt ein brechendes Herz.

Cemitério de São Pedro

"Em tumbas que de noite gemem
Mas tal gemer não sente dor."

GEORG TRAKL

CEMITÉRIO DE SÃO PEDRO

Pétrea solidão derredor.
Da Morte murchas flores fremem
Em tumbas que de noite gemem –
Mas tal gemer não sente dor.

Quieto o céu sorri sobranceiro
A esse jardim fechado em sonhos,
Cuidam-no peregrins guardonhos.
Vela a cruz em cada carneiro.

Ergue-se a igreja como prece
Ante imagem de eterna graça,
Luz sob arcadas esvoaça,
E pobres almas favorece –

Florindo as frondes ao luar,
E a face da Morte se cubra
Com sua abundância aurirrubra,
A Morta a fundo faz sonhar.

OS CORVOS

No negro rincão se precipitam
Gritando os corvos ao meio-dia.
Sua sombra as corças tripudia,
Que amiúde ranzinzas hesitam.

Oh como estorvam a parda calma,
Na qual a campina se arrebata,
Como mulher que a cisma azorata,
E amiúde o bando se desalma

Sobre umas carniças que fareja,
E de repente ruma pro norte
E some qual cortejo da morte
Nos ares que a volúpia chameja.

NO INVERNO

O campo branco e gélido resta.
O céu fulgura imenso e pressago.
Gralhas a gravitar sobre o lago.
Caçadores descem a floresta.

Silêncio em negras copas flutua.
Da cabana escapole um lampejo.
Longe ecoa um trenó boscarejo,
E sem pressa sobe a baça lua.

Na encosta esvai-se em sangue uma caça,
E corvos chapinham no valeiro.
O lúteo junco treme ligeiro.
Fumo, geada, uma passada lassa.

RONDEL

Ausente está o ouro dos dias,
Desabam tons brônzeos e blaus:
Dos hirtos pastores os flautos,
Desabam blaus e brônzeos tons;
Ausente está o ouro dos dias.

CANTO DUM MELRO EM CATIVEIRO

A Ludwig von Ficker[1]

Bafejo soturno em verde ramagem.
Florzinhas azuis circunvoam a face
Do solitário e o passo dourado
A vasquejar sob a oliveira.
Adeja com bêbadas asas a noite.
Tão manso sangra desestima,
Rocio gotejando lento de sarça florente.
Compaixão de braços radiantes
Envolve um coração partindo.

---

[1] Editor-fundador da revista austríaca *Der Brenner* (1910), amigo próximo de Trakl. (n.t.)

Despertar

Carlo Michelstaedter

O texto: Seleção com sete poemas de Carlo Michelstaedter, pertencentes ao livro *Poesie* (*Poesias*), compostos entre 1905 e 1910: "Se ando, vou sozinho" ("Se camminando vado solitário"), "A noite" ("La notte"), "Cai a chuva triste sem descanso" ("Cade la pioggia triste senza posa"), "Que te valeu a forte esperança" ("Che ti valse la forte speranza"), "Amigo – me circunda o vasto mar" ("Amico – mi circonda il vasto mare"), "O canto das crisálidas" ("Il canto delle crisalidi") e "Despertar" ("Risveglio"). Sua poesia, que apenas toca superficialmente os modelos literários italianos da época, se mescla com seu pensamento, uma vez que os temas próprios de sua reflexão filosófica, o amor e a morte, o universo e o nada, aparecem também em sua lírica que, imersa em uma atmosfera notadamente "marítima", se caracteriza por versar sobre as relações ocultas que existem entre o ser e a natureza e que o racional tem por função restringir.

Texto traduzido: Michelstaedter, Carlo. *Poesie* (1905-1910). A cura di Sergio Campailla. Milano: Adelphi, 1987.

O autor: Carlo Michelstaedter (1887-1910), poeta e filósofo italiano de origem hebraica, nasceu em Gorizia. Ainda no ginásio, teve contato com os primeiros textos filosóficos antigos, das tragédias gregas aos escritos pré-socráticos, de Platão a Schopenhauer, quando iniciou seu interesse pela filosofia ocidental. Cursou Letras em Florença, onde, ao lado dos estudos, deu início à composição de uma série de ensaios, poesias, resenhas teatrais, além de se dedicar à pintura e ao desenho, e escrever sua principal tese, *La persuasione e la rettorica*, que define seu pensamento filosófico-existencial. Após escrever no frontispício de sua tese "Hei de me apagar", suicidou-se aos 23 anos, com um tiro na cabeça.

O tradutor: Gleiton Lentz, editor da (n.t.), é pós-doutor em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), doutor em Literatura (UFSC/Università di Firenze), tradutor e revisor. Dedica-se ao estudo das escritas antigas e suas literaturas, incluindo a maia e a suméria.

"Eu apenas sou, distante."

"Io son solo, lontano."

RISVEGLIO

"Io son solo, lontano, io son diverso
volo per altri cieli è la mia vita."

CARLO MICHELSTAEDTER

*

Se camminando vado solitario
per campagne deserte e abbandonate
se parlo con gli amici, di risate
ebbri, e di vita,

se studio, o sogno, se lavoro o rido
o se uno slancio d'arte mi trasporta
se miro la natura ora risorta
a vita nuova,

Te sola, del mio cor dominatrice
te sola penso, a te freme ogni fibra
a te il pensiero unicamente vibra
a te adorata.

A te mi spinge con crescente furia
una forza che pria non m'era nota,
senza di te la vita mi par vuota
triste ed oscura.

Ogni energia latente in me si sveglia
all'appello possente dell'amore,

vorrei che tu vedessi entro al mio cuore
la fiamma ardente.

Vorrei levarmi verso l'infinito
etere e a lui gridar la mia passione,
vorrei comunicar la ribellione
all'universo.

Vorrei che la natura palpitasse
del palpito che l'animo mi scuote...
vorrei che nelle tue pupille immote
splendesse amore. –

Ma dimmi, perché sfuggi tu il mio sguardo
fanciulla? O tu non lo comprendi ancora
il fuoco che possente mi divora?...
e tu l'accendi...

Non trovo pace che se a te vicino:
io ti vorrei seguir per ogni dove
e bever l'aria che da te si muove
né mai lasciarti. –

31 marzo 1905

LA NOTTE

Tace la notte intorno a me solenne
le ore vanno e sfilan le memorie
siccome un nero e funebre convoglio.

Del cielo nelle oscurità remote
nell'ombra amica che con man soave
le grevi forme della chiesa lambe,
nell'ombra amica che gl'uomini culla
col lento canto della pace eterna
vedo di forme strane scatenarsi
una ridda veloce e affascinante
vedo la mente umana abbacinata
chinar la fronte...

Ma il mio pensiero innalzasi sdegnoso
e squarcia il manto della notte bruna
libero, e vola, –
vola alla luce pura trionfante
vola al sole del vero, dove i forti
stan combattendo l'immortale agone
cinti le terapie d'agili corone,
vola esultante.

I

Cade la pioggia triste senza posa
a stilla a stilla
e si dissolve. Trema
la luce d'ogni cosa. Ed ogni cosa
sembra che debba
nell'ombra densa dileguare e quasi
nebbia bianchiccia perdersi e morire
mentre filtri voluttuosamente
oltre i diafani fili di pioggia
come lame d'acciaio vibranti.

Così l'anima mia si discolora
e si dissolve indefinitamente
che fra le tenui spire l'universo
volle abbracciare.

Ahi! che svanita come nebbia bianca
nell'ombra folta della notte eterna
è la natura e l'anima smarrita
palpita e soffre orribilmente sola
sola e cerca l'oblio.

II

"Guardi dove cammina! o 'che 'gli è cieco?".
M'erutta in faccia con fetor di vino
un popolano dondolando l'anca.
In vasta curva costeggiando il fiume
tremola ancor la luce dei fanali
e l'Arno scorre sonnacchioso e grigio,
l'acque melmose.
Spicca dei colli ancor la massa oscura
e San Miniato avvolto nella nebbia
ombra nell'ombra, –
fiaccola rossa dai camini neri

batte nell'aria, e l'alito affannoso
ferve di vita.
E risponde dall'anima mia triste
un'ansiosa brama di vittoria
ed un bisogno amaro di carezze:
forza incosciente – fiaccola fumosa.

III

O vita, o vita ancor mi tieni, indarno
l'anima si divincola, ed indarno
cerca di penetrar il tuo mistero
cerca abbracciare in un amplesso immenso
ogni tuo aspetto. –
Amore e morte, l'universo e '1 nulla
necessità crudele della vita
tu mi rifiuti.

Febbraio 1907

*

Che ti valse la forte speranza, che ti valse la fede che non crolla
che ti valse la dura disciplina, l’ansia che t’arse il core
o mortale che chiedi la tua sorte, se dopo il tormento diuturno
se dopo la rinuncia estrema – non muore la brama insaziata
la forza bruta e selvaggia, se ancora nel tedio muto
insiste e vivo ti tiene; – perché tu senta la morte
tua ogni istante nell’ora che lenta scorre e mai finita
perché tu speri disperando e attenda ciò che non può venire
perché il dolore cieco più forte sia del dolore che vide
la stessa vanità di sé stesso? – Tu sei come colui nella notte
vide l’oscurità vana ed attese da dio chiedendo la divina luce
e d’ora in ora il fiero cuor nutrendo
di più forte volere e la speranza
esaltando più viva, quando il giorno
con la luce pietosa
alla vita mortale
ogni cosa mortale riadulava
non ei si scosse che con l’occhio fiso
vedeva pur la notte senza stelle. –
Come il tuo corpo che il sole accarezza
gode ed accoglie avido la luce
perché non anche l’animo rivolgi
ai lieti e cari giochi? Vedi intorno
fin dove giunge il guardo, la campagna
ride alla luce amica

*

Amico – mi circonda il vasto mare
con mille luci – io guardo all'orizzonte
dove il cielo ed il mare
lor vita fondon infinitamente. –
Ma altrove la natura aneddotizza
la terra spiega le sue lunghe dita
ed il sole racconta a forti tratti
le coste cui il mare rode ai piedi
ed i verdi vigneti su coronano.
E giù: alle coste in seno accende il sole
bianchi paesi intorno ai campanili
e giù nel mare bianche vele erranti
alla ventura. –

A me d'accanto, sullo stesso scoglio
sta la fanciulla e vibra come un'alga,
siccome un'alga all'onda varia e infida
φιλοβαθεία. –
S'avviva al sole il bronzo dei capelli
ed i suoi occhi di colomba tremuli
guardano il mare e guardano la costa
illuminata. –
Ma sotto il velo dell'aria serena
sente il mistero eterno d'ogni cosa
costretta a divenire senza posa
nell'infinito.
Sente nel sol la voce dolorosa
dell'universo, – e l'abisso l'attira
l'agita con un brivido d'orrore
siccome l'onda suol l'alga marina
che le tenaci aggrappa
radici nell'abisso e ride al sole. –

Amico io guardo ancora all'orizzonte
dove il cielo ed il mare
la vita fondon infinitamente.
Guardo e chiedo la vita

la vita della mia forza selvaggia
perch'io plasmi il mio mondo e perché il sole
di me possa narrar l'ombra e le luci –
la vita che mi dia pace sicura
nella pienezza dell'essere.

E gli occhi tremuli della colomba
vedranno nella gioia e nella pace
l'abisso della mia forza selvaggia –
e le onde varie della mia esistenza
l'agiteranno or lievi or tempestose
come l'onda del mar l'alga marina
che le tenaci aggrappa
radici nell'abisso e ride al sole. –

Pirano, agosto 1908

IL CANTO DELLE CRISALIDI

Vita, morte,
la vita nella morte;
morte, vita,
la morte nella vita.

Noi col filo
col filo della vita
nostra sorte
filammo a questa morte.

E più forte
è il sogno della vita –
se la morte
a vivere ci aita

ma la vita
la vita non è vita
se la morte
la morte è nella vita

e la morte
morte non è finita
se più forte
per lei vive la vita.

Ma se vita
sarà la nostra morte
nella vita
viviam solo la morte

morte, vita,
la morte nella vita;
vita, morte,
la vita nella morte. –

RISVEGLIO

Giaccio fra l’erbe
sulla schiena del monte, e beve il sole
il mio corpo che il vento m’accarezza
e sfiorano il mio capo i fiori e l’erbe
ch’agita il vento
e lo sciame ronzante degli insetti. –
Delle rondini il volo affaccendato
segna di curve rotte il cielo azzurro
e trae nell’alto vasti cerchi il largo
volo dei falchi...
Vita?! Vita?! qui l’erbe, qui la terra,
qui il vento, qui gl’insetti, qui gli uccelli,
e pur fra questi sente vede gode
sta sotto il vento a farsi vellicare
sta sotto il sole a suggere il calore
sta sotto il cielo sulla buona terra
questo ch’io chiamo “io”, ma ch’io non sono.
No, non son questo corpo, queste membra
prostrate qui fra l’erbe sulla terra,
più ch’io non sia gli insetti o l’erbe o i fiori
o i falchi su nell’aria o il vento o il sole.
Io son solo, lontano, io son diverso –
altro sole, altro vento e più superbo
volo per altri cieli è la mia vita...
Ma ora qui che aspetto, e la mia vita
perché non vive, perché non avviene?
Che è questa luce, che è questo calore,
questo ronzar confuso, questa terra,
questo cielo che incombe? M’è straniero
l’aspetto d’ogni cosa, m’è nemica
questa natura! basta! voglio uscire
da questa trama d’incubi! la vita!
la mia vita! il mio sole!

Ma pel cielo
montan le nubi su dall’orizzonte,
già lambiscono il sole, già alla terra

invidiano la luce ed il calore.
Un brivido percorre la natura
e rigido mi corre per le membra
al soffiare del vento. Ma che faccio
schiacciato sulla terra qui fra l'erbe?
Ora mi levo, che ora ho un fine certo,
ora ho freddo, ora ho fame, ora m'affretto,
ora so la mia vita,
che la stessa ignoranza m'è sapere –
la natura inimica ora m'è cara
che mi darà riparo e nutrimento,
ora vado a ronzar come gl'insetti. –

Sul S. Valentin, giugno 1910

DESPERTAR

"Eu apenas sou, distante, sou diferente
voo para outros céus é a minha vida."

CARLO MICHELSTAEDTER

*

Se ando, vou sozinho
por campos desertos e abandonados
se falo com os amigos, de alegrias,
ébrios, e da vida,

se estudo, ou sonho, se trabalho ou rio
ou se um impulso de arte me transporta
se diviso a natureza ora ressurgida
a uma nova vida,

Só em ti, do meu coração soberana,
Só em ti penso, a ti freme cada fibra
A ti somente o pensamento vibra
A ti adorada.

A ti me empurra com crescente fúria
uma força que antes não conhecia,
sem ti a vida me parece vazia
triste e obscura.

Toda energia latente em mim desperta
ao poderoso chamado do amor,

quisera que tu visses dentro do meu coração
a chama ardente.

Quisera subir ao infinito
éter e a ele clamar minha paixão,
quisera informar a rebelião
ao universo.

Quisera que a natureza pulsasse
com o latejo que me estremece a alma...
quisera que nas tuas pupilas imotas
resplandecesse o amor. –

Mas, diz-me, por que foges tu do meu olhar
senhorita? Ou tu não compreendeste ainda
o fogo que poderoso me devora? ...
e tu o acendes...

Não encontro paz que seja perto de ti:
quisera seguir-te onde quer que seja
e embeber-me do ar que de ti emana
nem jamais te deixar. –

31 de março de 1905

A NOITE

Cala solene ao meu redor a noite
as horas vão e passam os recordos
como em um negro e fúnebre cortejo.

Do céu pelas escuridões remotas
na sombra amiga que com mão suave
as graves formas da capela roça
na sombra amiga que os homens embala
com o lento canto da paz eterna
vejo de estranhas formas irromper
um tropel mui veloz e fascinante
e vejo a mente humana deslumbrada
curvar a fronte...

Mas meu pensar se eleva desdenhoso
e rasga o manto da soturna noite
e livre, voa, –
voa rumo à luz pura triunfante
voa ao sol verdadeiro, onde os fortes
estão lutando no imortal agone
as faces de ágeis coroas cingidas,
voa exultante.

I

Cai a chuva triste sem descanso
gota a gota
e se dissolve. Treme
a luz de tudo. E tudo
parece que deveria
na densa sombra desaparecer e quase
a névoa esbranquiçada se perde e morre
enquanto se filtra voluptuosamente
além dos fios diáfanos da chuva
como lâminas de aço vibrantes.

Assim minha alma descolore
e se dissolve indefinidamente
pois entre as tênues espirais o universo
queria abraçar.

Ai! que esvaeceu como névoa branca
na espessa sombra da noite eterna
a natureza enquanto a alma perdida
pulsa e sofre terrivelmente sozinha
sozinha e busca o esquecimento.

II

"Olha por onde anda! Até parece cego?".
Bafeja-me na cara com fedor de vinho
um popular balançando o quadril.
Em uma larga curva que costeia o rio
tremula ainda a luz dos faróis
e o Arno flui sonolento e cinzento,
as águas lodosas.
A massa escura ainda se sobressai das colinas
e San Miniato envolto em neblina
sombra na sombra, –
a tocha vermelha das chaminés enegrecidas

tremula no ar, e a respiração ofegante
ferve de vida.
E responde desde minha alma triste
um ansioso desejo de vitória
e uma amarga necessidade de carícias:
força inconsciente – tocha fumegante.

III

Ó vida, ó vida que ainda me tens, em vão
a alma se debate, e em vão
tenta penetrar teu mistério
tenta abraçar em um enorme amplexo
todos os teus aspectos. –
Amor e morte, o universo e o nada
cruel necessidade da vida
tu me recusas.

Fevereiro de 1907

*

Que te valeu a forte esperança, que te valeu a fé que não desmorona
que te valeu a dura disciplina, a ansiedade que te fez arder o coração
ó mortal que pergunta ao destino, se depois do tormento diuturno
se depois da renúncia extrema – não morre o desejo insaciável
a força bruta e selvagem, se ainda em emudecido tédio
insiste e te mantém vivo; – para que tu sintas a morte
tua a cada instante na hora que escorre lentamente e nunca termina
porque tu esperas desesperado e esperas o que não pode vir
porque a dor cega é mais forte que a dor que viu
a própria vaidade de si mesmo? – Tu és como aquele que na noite
viu a vã escuridão e esperou que deus desse a luz divina
nutrindo de hora em hora o coração altivo
de um forte querer e exaltando
a esperança com vivacidade, quando o dia
com a luz piedosa
à vida mortal
tudo que era mortal readulava
e não tremia senão com o olhar fixo
que via a noite sem estrelas. –
Como teu corpo que acaricia o sol
goza e acolhe com avidez a luz
por que a alma também não se inclina
aos ledos e caros jogos? Vê ao redor
até onde alcança o olhar, o campo
ri da luz amiga

*

Amigo – me circunda o vasto mar
com mil luzes – eu olho para o horizonte
onde o céu e o mar
fundem suas vidas infinitamente. –
Mas alhures a natureza anedotiza
a terra estende seus longos dedos
e o sol aparece em grandes intervalos
nas costas onde o mar rói os pés
e nos verdes vinhedos coroados acima.
E abaixo: no seio das costas o sol ilumina
as brancas aldeias ao redor dos campanários
e abaixo no mar velas brancas errantes
à sorte. –

Ao meu lado, na mesma rocha
está a menina, que vibra como uma alga,
tal como uma alga na onda variada e infida
φιλοβαθεία[1]. –
Aviva-se ao sol o bronze dos cabelos
e seus olhos trêmulos de colombina
olham para o mar e olham para a costa
iluminada. –
Mas sob o véu do ar sereno
sente o mistério eterno de tudo
forçada a ficar sem descanso
até o infinito.
Ouve no sol a voz dolorosa
do universo, – e o abismo atrai-a
sacode-a com calafrios de horror
assim como a onda faz com a alga marinha
que tenazmente se agarra
às raízes no abismo e ri ao sol. –

Amigo, ainda olho para o horizonte
onde o céu e o mar

---

[1] *φιλοβαθεία*: “amiga das profundezas”, refere-se a Argia Cassini, a quem Michelstaedter dedica o poema. (n.t.)

a vida fundem infinitamente.
Eu olho e peço vida
a vida de minha força selvagem
para que eu plasme o meu mundo e para que o sol
possa narrar minha sombra e luzes –
a vida que me dá paz segura
na plenitude do ser.

E os olhos trêmulos da colombina
verão na alegria e na paz
o abismo de minha força selvagem –
e as variadas ondas da minha existência
se agitarão ora leves ora tempestuosas
como a onda do mar na alga marinha
que tenazmente se agarra
às raízes no abismo e ri ao sol. –

Piran, agosto de 1908

O CANTO DAS CRISÁLIDAS

Vida, morte,
a vida na morte;
morte, vida,
a morte na vida.

Nós e o fio
com o fio da vida
nossa sorte
fugimos dessa morte.

E mais forte
é o sonho da vida –
se a morte
a viver nos valida

mas a vida
a vida não é vida
se a morte
a morte é na vida

e a morte
morte não é infinda
se mais forte
para ela vive a vida.

Mas se a vida
será nossa morte
nesta vida
vivamos só a morte

morte, vida,
a morte na vida;
vida, morte,
a vida na morte. –

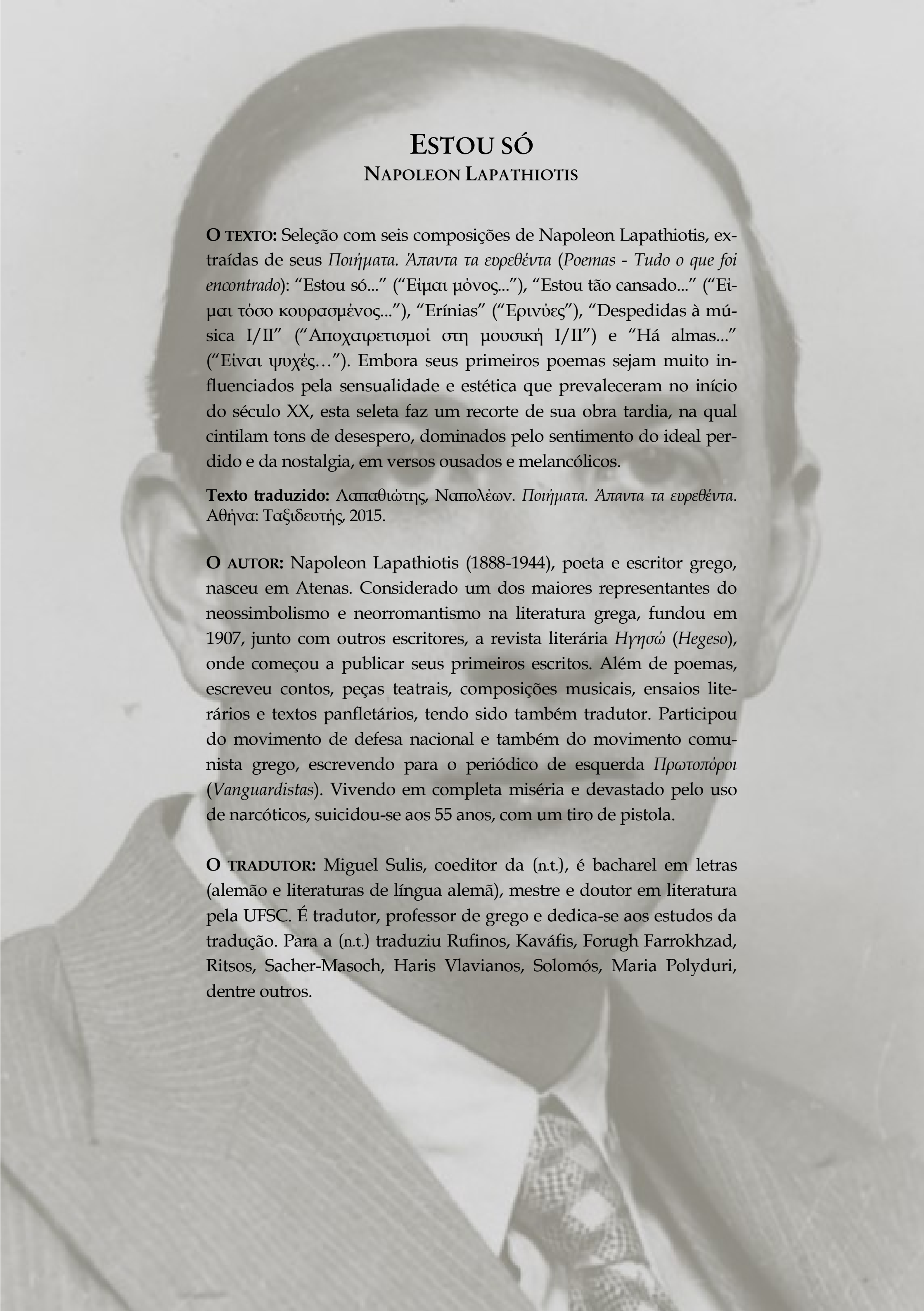
DESPERTAR

Jazo na relva
na encosta do monte, e o sol bebe
o meu corpo que o vento acaricia
e roçam-me a cabeça ervas e flores
que agita o vento
e o enxame sibilante dos insetos. –
Das andorinhas o voo azafamado
marca de curvas rotas o céu azul
e traz no alto vastos círculos o longo
voo dos falcões...
Vida? Vida? Aqui a relva, aqui a terra,
aqui o vento, aqui os insetos, aqui os pássaros,
e assim mesmo entre eles sente vê goza
fica sob o vento a se beliscar
fica sob o sol a sorver calor
fica sob o céu sobre a boa terra
esse que eu chamo "eu", mas que eu não sou.
Não, não sou esse corpo, esses membros
prostrados na relva aqui sobre a terra,
mais do que eu possa ser os insetos ou a relva ou as flores
ou os falcões lá no ar ou o vento ou o sol.
Eu apenas sou, distante, sou diferente –
outro sol, outro vento, e mais soberbo
voo para outros céus é a minha vida...
Mas agora aqui o que espero, e a minha vida
por que não vive, por que não acontece?
O que é essa luz, o que é esse calor,
esse zumbir confuso, essa terra,
esse céu que ameaça? É-me estrangeiro
o aspecto de cada coisa, me é inimiga
essa natureza! basta! quero sair
desta trama de íncubos! a vida!
a minha vida! o meu sol!

                                        Mas pelo céu
sobem as nuvens desde o horizonte,
já roçam o sol, já da terra

invejam a luz e o calor.
Um arrepio percorre a natureza
e rígido me corre pelos membros
ao soprar o vento. Mas o que faço
comprimido sobre a terra aqui na relva?
Agora me levanto, pois agora tenho um fim certo,
agora tenho frio, agora tenho fome, agora me apresso,
Agora sei a minha vida,
já que a mesma ignorância conheço –
a natureza inimiga ora me é querida
que me dará abrigo e sustento
agora vou zumbir como os insetos. –

Ao sul de São Valentim, junho de 1910



Estou só
Napoleon Lapathiotis

O texto: Seleção com seis composições de Napoleon Lapathiotis, extraídas de seus *Ποιήματα. Άπαντα τα ευρεθέντα* (*Poemas - Tudo o que foi encontrado*): "Estou só..." ("Είμαι μόνος..."), "Estou tão cansado..." ("Είμαι τόσο κουρασμένος..."), "Erínias" ("Ερινύες"), "Despedidas à música I/II" ("Αποχαιρετισμοί στη μουσική I/II") e "Há almas..." ("Είναι ψυχές…"). Embora seus primeiros poemas sejam muito influenciados pela sensualidade e estética que prevaleceram no início do século XX, esta seleta faz um recorte de sua obra tardia, na qual cintilam tons de desespero, dominados pelo sentimento do ideal perdido e da nostalgia, em versos ousados e melancólicos.

Texto traduzido: Λαπαθιώτης, Ναπολέων. *Ποιήματα. Άπαντα τα ευρεθέντα*. Αθήνα: Ταξιδευτής, 2015.

O autor: Napoleon Lapathiotis (1888-1944), poeta e escritor grego, nasceu em Atenas. Considerado um dos maiores representantes do neossimbolismo e neorromantismo na literatura grega, fundou em 1907, junto com outros escritores, a revista literária *Ηγησώ* (*Hegeso*), onde começou a publicar seus primeiros escritos. Além de poemas, escreveu contos, peças teatrais, composições musicais, ensaios literários e textos panfletários, tendo sido também tradutor. Participou do movimento de defesa nacional e também do movimento comunista grego, escrevendo para o periódico de esquerda *Πρωτοπόροι* (*Vanguardistas*). Vivendo em completa miséria e devastado pelo uso de narcóticos, suicidou-se aos 55 anos, com um tiro de pistola.

O tradutor: Miguel Sulis, coeditor da (n.t.), é bacharel em letras (alemão e literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor, professor de grego e dedica-se aos estudos da tradução. Para a (n.t.) traduziu Rufinos, Kaváfis, Forugh Farrokhzad, Ritsos, Sacher-Masoch, Haris Vlavianos, Solomós, Maria Polyduri, dentre outros.

"Minhas mãos estão tão cansadas!"

"Τα χέρια μου είναι τόσο κουρασμένα!"

ΕΙΜΑΙ ΜΟΝΟΣ

"Και πάλι σταματώ. Δεν επιμένω.
Θα προτιμούσα μάλλον να πεθάνω."

ΝΑΠΟΛΕΩΝ ΛΑΠΑΘΙΩΤΗΣ

ΕΙΜΑΙ ΜΟΝΟΣ…

Είμαι μόνος. Βραδιάζει. Τι να κάνω…
Τα χέρια μου είναι τόσο απελπισμένα!
Τα χέρια μου είναι τόσο κουρασμένα!
Τα αφήνω και γλιστρούν αργά στο πιάνο…

Παίζω στην τύχη, κάτι αγαπημένο,
Κάτι παλιό, και γνώριμο, και πλάνο...
Και πάλι σταματώ. Δεν επιμένω.
Θα προτιμούσα μάλλον να πεθάνω…

ΕΙΜΑΙ ΤΟΣΟ ΚΟΥΡΑΣΜΕΝΟΣ...

Είμαι τόσο κουρασμένος απ' τα λόγια τα ειπωμένα
κι απ' τα λόγια που θα πούμε, – κι απ' τους άλλους, κι από μένα
κι απ' το κάλεσμα του στίχου, με το μάταιο λυρισμό,
που η ψυχή μου δεν ελπίζει παρά μόνο στο Λιμάνι
και στο σάλπισμα της Μοίρας, που μια μέρα θα σημάνει
τον Αιώνιο Γυρισμό!

Τότε, μόνο, λυτρωμένος απ' της γης την ιστορία,
μες στων κόσμων και των άστρων την ατέρμονη πορεία,
φως ανέσπερο, χυμένο σε μιαν έξαλλη στροφή,
το Τραγούδι το Μεγάλο, που ποτέ δεν έχω γράψει,
το στερνό μου το Τραγούδι, – σα μια δόξα που θ' ανάψει,
τότε, μόνο, θα γραφεί!...

ΕΡΙΝΥΕΣ

Παλιά τραγούδια μακρινά, χαμένα από καιρό
Μες σε στιγμές αγγελικές ή μέσα στ' όνειρό μου,
Τώρα που, εντός μου, τίποτα δεν μένει πια γερό
Το βράδυ που σας θυμηθώ μοιάζει με βράδυ τρόμου·

κι εσάς, που πάντα φύλαγα, για μια παρηγοριά,
– σα μια στερνή και μαγική παρηγοριά δική μου,
σας βλέπω τώρα, ξαφνικά, ν' αλλάζετε θωριά
και να 'στε απ' όλες τις πληγές, η πιο μαρτυρική μου!

Γι' αυτό, σφαλώντας τη ματιά πηγαίνω να χαθώ.
μες στους πικρούς σας εμπαιγμούς και μες στις ειρωνείες,
τώρα που τίποτα γερό δεν έμεινε κι ορθό,
– τραγούδια μου Ερινύες!...

ΑΠΟΧΑΙΡΕΤΙΣΜΟΙ ΣΤΗ ΜΟΥΣΙΚΗ

I

Τ' όνειρο μου πια δεν είναι να χαρώ, μήτε να ζήσω,
μα να πω μια λέξη μόνο, σα μια φλόγα, – και να σβήσω.

Κι αν ακόμα ζω του κάκου, και γυρνώ στη γην απάνω,
μόνον ένα πια μου μένει, – να την πω και να πεθάνω…

Κι όμως ούτε αυτή τη λέξη δε μου δόθηκεν ακόμα
να την πω, – και μου παιδεύει την ψυχή μου και το στόμα.

Μήτε καν αυτή τη λέξη, την απέραντα θλιμμένη,
μήτε τρόπος να τη μάθω, μήτε χρόνος δε μου μένει.

Κι αφού τα άχαρά μου χείλη δεν την πρόφεραν ακόμα,
θα την πάρω – και σαν ξένοι, θα χαθούμε μες στο χώμα…

ΑΠΟΧΑΙΡΕΤΙΣΜΟΙ ΣΤΗ ΜΟΥΣΙΚΗ

ΙΙ

Μόνος ήρθα κάποιο βράδυ, – κι ήσαν όλοι, γύρω μόνοι,
κι όλοι ξένοι, τραγουδάμε, μες στη νύχτα που σιμώνει

Κι όσο ζω, κι όσο μαθαίνω, τόσο νιώθω, αλίμονο μου,
το βαθύ και το μεγάλο κι απροσμέτρητο κενό μου!

Τη στιγμή του σταυρωμού μου και για μόνη συντροφιά μου,
μόλις ένιωσα τα χέρια που σταυρώσαν τα καρφιά μου…

Μόνος ήρθα, κάποιο βράδυ, μόνος πόνεσα για λίγο,
μόνος έζησα του κάκου, – κι όπως ήρθα και θα φύγω.

Τ’ είναι τάχα, για τους άλλους, ο χαμός ενός ατόμου;
– κι όπως ήρθα, και θα φύγω, μόνος μες στο θάνατό μου...

ΕΙΝΑΙ ΨΥΧΕΣ…

Είναι ψυχές πλασμένες από μάρμαρο
κι άλλες από χαμόγελο, είτε πόνο,
– κι είναι και μια πλασμένη από τριαντάφυλλα,
όμως, εκείνη, δεν τη φανερώνω!

Πόσο η καρδιά μου θα 'τρεμε, αν την έλεγα!
Βάνω μια κλειδαριά γερή στο στόμα!
Τόσοι σοφοί που βρίσκονται τριγύρω μου
και δεν τη μάντεψε κανείς, ακόμα;…

Είναι ψυχές πλασμένες από κρύσταλλο
κι άλλες ψυχές με κλάματα έχουν γίνει.
– κι είναι και μια πλασμένη από ροδόσταμο·
μα δε θα σας την πω, ποτέ μου, εκείνη!

Όρκο έβαλα να μην την πω, ως τον τάφο μου,
μα πάλι... ποιος ξέρει... – καμιάν ώρα...
Κάτι μου καίει τα χείλη μου! Καλύτερα
να κλείσω το τραγούδι μου από τώρα...

Estou só

"E novamente paro. Não insisto.
Antes preferiria morrer."

NAPOLEON LAPATHIOTIS

ESTOU SÓ...

Estou só. Anoitece. O que fazer...
Minhas mãos estão tão desesperadas!
Minhas mãos estão tão cansadas!
Deixo-as e deslizam lentas sobre o piano...

Toco algo por sorte, algo amado,
algo antigo, e conhecido, e encantador...
E novamente paro. Não insisto.
Antes preferiria morrer...

ESTOU TÃO CANSADO...

Estou tão cansado das palavras ditas
e das palavras que diremos – e dos outros, e de mim
e do chamado do verso, com o lirismo vão,
que minha alma nada espera além do Porto
e da trombeta do Destino que um dia soará
o Eterno Retorno!

Só então, da história da terra libertado,
no curso sem fim dos mundos e das estrelas,
luz sem ocaso, derramada em furiosa curva,
a Grande Canção, que jamais escrevi,
minha Canção derradeira, – como glória que arderá,
só então será escrita!...

ERÍNIAS

Antigas canções distantes, perdidas desde há muito
em momentos angelicais ou em meio a meu sonho,
Agora que, dentro de mim, nada mais resta de firme
A noite em que vos recordo parece noite de terror;

e vós, que sempre guardei, para algum consolo,
– como um meu consolo derradeiro e mágico,
vos vejo agora, de repente, mudando de aparência
e sendo de todas minhas feridas, meu maior martírio!

Por isso, com o olhar errante vou me perder
em vossas provocações amargas e ironias,
agora que nada mais resta de firme e em pé,
– minhas canções Erínias!...

DESPEDIDAS À MÚSICA

I

Meu sonho não mais é ser feliz, nem viver,
mas dizer só uma palavra, como chama, – e apagar.

E se por mal ainda viver, e voltar à terra,
só me resta isto, – dizê-la e morrer…

E contudo nem mesmo esta palavra ainda me foi dada
para dizer, – e brinca com minha alma e minha boca.

Nem mesmo esta palavra, infinitamente triste,
nem maneira de aprendê-la, nem tempo ainda me resta.

E pois que meus lábios desgraçados ainda não a pronunciaram,
Vou levá-la – e como estranhos, nos perderemos na terra…

DESPEDIDAS À MÚSICA

II

Vim só em algum entardecer, – e todos ao redor estavam sós,
e todos estranhos, cantamos, na noite que se aproximava

E quanto mais vivo, e mais aprendo, tanto mais sinto, ai de mim,
o meu vazio profundo e grandioso, e incomensurável!

Ao momento de minha crucificação e como única companhia,
só senti as mãos que cruzaram os meus pregos...

Vim só em algum entardecer, senti dor sozinho por um tempo,
só vivi, por mal, – e como vim assim partirei.

O que será que é, para os outros, a perda de uma pessoa?
– como vim, eu partirei, sozinho em minha morte...

HÁ ALMAS...

Há almas feitas de mármore
e outras de sorriso, ou dor,
– e há ainda uma feita de rosas,
mas, aquela, não a revelo!

Como meu coração tremeria, se a dissesse!
Ponho um cadeado firme na boca!
Tantos sábios se encontram ao meu redor
e ninguém adivinhou ainda?…

Há almas feitas de cristal
e outras almas com prantos foram feitas.
– e há ainda uma feita de água de rosas;
mas não vos direi sobre ela nunca!

Jurei não a dizer, até o túmulo,
mas de novo… quem sabe… – alguma hora…
Algo queima meus lábios! Melhor
fechar minha canção a partir de agora...

Eu no fundo do mar

Alfonsina Storni

O texto: Seleção de três poemas de Alfonsina Storni que revelam a dupla relação de encanto e melancolia da poeta em relação ao mar e à natureza: “Eu no fundo do mar” (“Yo en el fondo del mar”) e “Solidão” (“Soledad”), de *Mundo de siete pozos* (1934), e “Vou dormir” (“Voy a dormir”), de *Mascarilla y trébol* (1938).

Texto traduzido: Storni, Alfonsina. *Poemas*. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2017.

A autora: Alfonsina Storni (1892-1938), poeta e escritora argentina, nasceu em Capriasca, na Suíça, e se criou na Argentina. Publicou seu primeiro livro, *La inquietude del rosal*, em 1916, consagrando-se com *Ocre*, de 1925, que marcou um novo rumo de sua poesia, por se aprofundar na temática feminina, enquanto que, em suas últimas obras, *Mundo de siete pozos* (1934) e *Mascarilla y trébol* (1938), adotou um estilo mais livre. Em seus poemas, aborda questões relacionadas ao universo feminino e utiliza elementos que remetem à natureza, em especial ao mar. Em 1938, deixou escrito um último poema intitulado “Vou dormir”, enviado ao jornal *La Nación*. Após descobrir um câncer, suicidou-se aos 46 anos, lançando-se ao mar.

A tradutora: Luciana Lima Silva é escritora, professora, tradutora e doutoranda em Teoria e História Literária na Unicamp. Desenvolve pesquisa sobre migração/imigração, violência e fronteiras em obras de escritoras. Para a (n.t.) traduziu Gloria E. Anzaldúa.

"Diga-lhe que não insista, que não estou."

"Le dices que no insista, que he salido."

YO EN EL FONDO DEL MAR

"En el fondo del mar hay una
casa de cristal."

ALFONSINA STORNI

YO EN EL FONDO DEL MAR

En el fondo del mar
hay una casa
de cristal.

A una avenida
de madréporas,
da.

Un gran pez de oro,
a las cinco,
me viene a saludar.

Me trae
un rojo ramo
de flores de coral.

Duermo en una cama
un poco más azul
que el mar.

Un pulpo
me hace guiños
a través del cristal.

En el bosque verde
que me circunda
– din don... din dan –
se balancean y cantan
las sirenas
de nácar verdemar.

Y sobre mi cabeza
arden, en el crepúsculo,
las erizadas puntas del mar.

SOLEDAD

Podría tirar mi corazón
desde aquí, sobre un tejado:
mi corazón rodaría
sin ser visto.

Podría gritar
mi dolor
hasta partir en dos mi cuerpo:
sería disuelto
por las aguas del río.

Podría danzar
sobre la azotea
la danza negra de la muerte:
el viento se llevaría
mi danza.

Podría,
soltando la llama de mi pecho,
echarla a rodar
como los fuegos fatuos:
las lámparas eléctricas
la apagarían...

VOY A DORMIR

Dientes de flores, cofia de rocío,
manos de hierbas, tú, nodriza fina,
tenme prestas las sábanas terrosas
y el edredón de musgos escardados.

Voy a dormir, nodriza mía, acuéstame.
Ponme una lámpara a la cabecera;
una constelación; la que te guste;
todas son buenas: bájala un poquito.

Déjame sola: oyes romper los brotes...
te acuna un pie celeste desde arriba
y un pájaro te traza unos compases

para que olvides... Gracias. Ah, un encargo:
si él llama nuevamente por teléfono
le dices que no insista, que he salido...

EU NO FUNDO DO MAR

"No fundo do mar há uma
casa de cristal."

ALFONSINA STORNI

EU NO FUNDO DO MAR

No fundo do mar
há uma casa
de cristal.

Para uma avenida
de madrepérolas,
dá.

Um grande peixe dourado,
às cinco,
vem me saudar.

Traz-me
um ramo vermelho
de flores de coral.

Durmo em uma cama
um pouco mais azul
que o mar.

Um polvo
pisca para mim
através do cristal.

No bosque verde
que me cerca
– din don… din dan –
balançam e cantam
as sereias
de nácar verde-mar.

E sobre minha cabeça
ardem, ao entardecer,
as ouriçadas cristas do mar.

SOLIDÃO

Poderia atirar meu coração
daqui, em um telhado:
meu coração rolaria
sem ser visto.

Poderia gritar
minha dor
até cindir meu corpo:
ele se decomporia
nas águas do rio.

Poderia dançar
no terraço
a dança negra da morte:
o vento levaria
minha dança.

Poderia,
soltando a chama do meu peito,
colocá-la em combustão,
como os fogos-fátuos:
as lâmpadas elétricas
a apagariam...

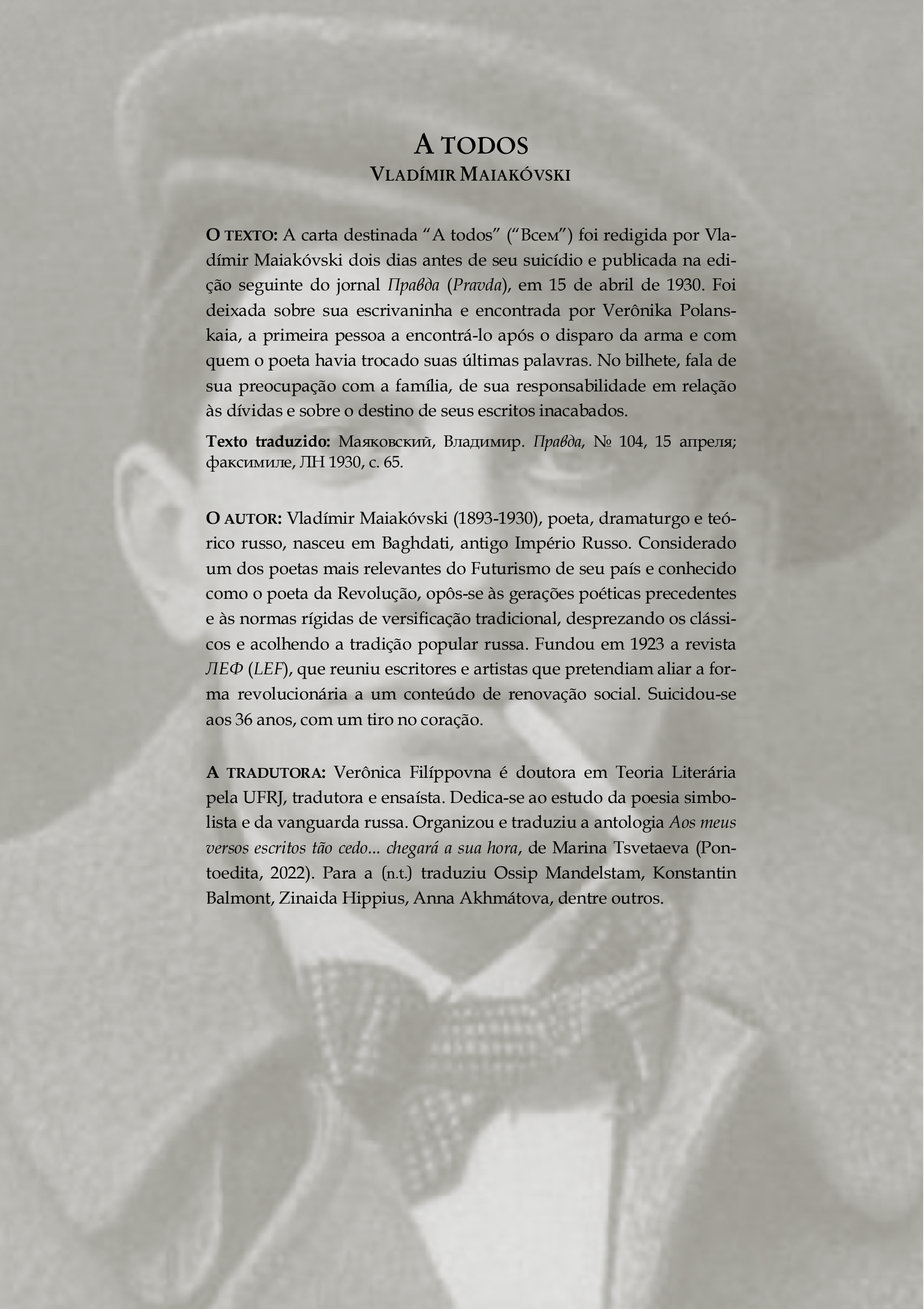
VOU DORMIR

Dentes de flores, touca de orvalho,
mãos de ervas, tu, nobre nutriz,
arruma-me os lençóis terrosos
e o edredom de musgos escardeados.

Vou dormir, minha nutriz, deita-me.
Põe uma luminária na minha cabeceira;
uma constelação; a que te agradar;
todas são boas; diminua-a um pouquinho.

Deixa-me só: ouças o eclodir dos brotos...
Embala-te um pé lá do alto do céu
e um pássaro te traz algumas melodias

para que esqueças... Agradeço. Ah, um pedido:
se ele telefonar novamente
diz-lhe que não insista, que não estou...



A todos

Vladímir Maiakóvski

O texto: A carta destinada "A todos" ("Всем") foi redigida por Vladímir Maiakóvski dois dias antes de seu suicídio e publicada na edição seguinte do jornal *Правда* (*Pravda*), em 15 de abril de 1930. Foi deixada sobre sua escrivaninha e encontrada por Verônika Polanskaia, a primeira pessoa a encontrá-lo após o disparo da arma e com quem o poeta havia trocado suas últimas palavras. No bilhete, fala de sua preocupação com a família, de sua responsabilidade em relação às dívidas e sobre o destino de seus escritos inacabados.

Texto traduzido: Маяковский, Владимир. *Правда*, № 104, 15 апреля; факсимиле, ЛН 1930, с. 65.

O autor: Vladímir Maiakóvski (1893-1930), poeta, dramaturgo e teórico russo, nasceu em Baghdati, antigo Império Russo. Considerado um dos poetas mais relevantes do Futurismo de seu país e conhecido como o poeta da Revolução, opôs-se às gerações poéticas precedentes e às normas rígidas de versificação tradicional, desprezando os clássicos e acolhendo a tradição popular russa. Fundou em 1923 a revista *ЛЕФ* (*LEF*), que reuniu escritores e artistas que pretendiam aliar a forma revolucionária a um conteúdo de renovação social. Suicidou-se aos 36 anos, com um tiro no coração.

A tradutora: Verônica Filíppovna é doutora em Teoria Literária pela UFRJ, tradutora e ensaísta. Dedica-se ao estudo da poesia simbolista e da vanguarda russa. Organizou e traduziu a antologia *Aos meus versos escritos tão cedo... chegará a sua hora*, de Marina Tsvetaeva (Pontoedita, 2022). Para a (n.t.) traduziu Ossip Mandelstam, Konstantin Balmont, Zinaida Hippius, Anna Akhmátova, dentre outros.

“Estou quite com a vida.”

“Я с жизнью в расчете.”

Всем

“Как говорят – «инцидент исперчен»,
любовная лодка разбилась о быт.”

ВЛАДИМИР МАЯКОВСКИЙ

В том, что умираю, не вините никого и, пожалуйста, не сплетничайте. Покойник этого ужасно не любил.

Мама, сестры и товарищи, простите – это не способ (другим не советую), но у меня выходов нет.

Лиля – люби меня.

Товарищ правительство, моя семья – это Лиля Брик, мама, сестры и Вероника Витольдовна Полонская.

Если ты устроишь им сносную жизнь – спасибо.

Начатые стихи отдайте Брикам, они разберутся.

Как говорят –
«инцидент исперчен»,
любовная лодка
разбилась о быт.
Я с жизнью в расчете
и не к чему перечень
взаимных болей,
бед
и обид.
Счастливо оставаться.

Владимир Маяковский.

12/IV-30 г.

Товарищи Вапповцы, не считайте меня малодушным.
Сериозно – ничего не поделаешь. Привет.
Ермилову скажите, что жаль – снял лозунг, надо бы доругаться.

В. М.

В столе у меня 2000 руб. – внесите в налог.
Остальное получите с Гиза.

В. М.

A TODOS

"Como dizem - 'caso encerrado',
o barco do amor naufragou na rotina."

VLADÍMIR MAIAKÓVSKI

Não culpem ninguém por minha morte e, por favor, não fofoquem. O defunto detestava isso.

Mãe, irmãs e camaradas, me desculpem – este não é o melhor caminho (não aconselho a ninguém), mas não tive saída.

Lília – ama-me.

Camarada governo – minha família são Lília Brik, minha mãe, minhas irmãs e Verônika Vitoldovna Polonskaia.

Se lhes der uma vida decente – obrigado.

Dê os poemas inacabados aos Brik, eles saberão o que fazer.

Como dizem –
"caso encerrado",
o barco do amor
naufragou na rotina.
Estou quite com a vida,
e sem nenhuma lista
de dores mútuas,
atribulações
e ressentimentos.
Felicitações aos que ficam.

Vladimir Maiakóvski

12/IV-30

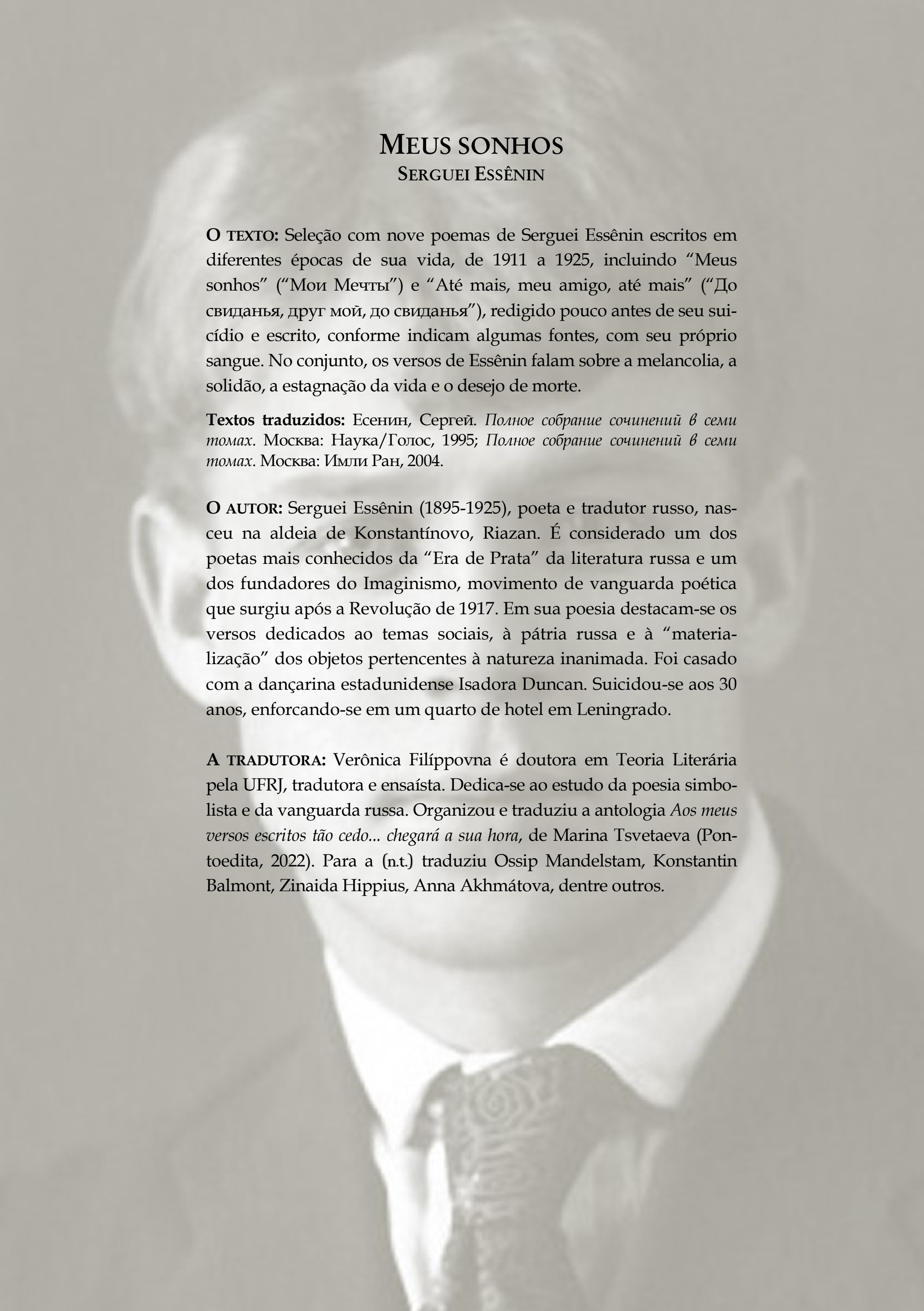
Camarada Vappovitsi, não me considere um covarde.
Quer saber – ninguém pode fazer nada. Saudações.
Diga a Ermilov que é uma pena – ter tirado o lema, deveria ter lutado.

V.M.

Na minha mesa tem 2 mil rublos – para pagar os tributos.
O restante deve ser pego na GIZ[1].

V.M.

[1] Giz ou Gosizdat: editora estatal soviética. (n.t.)



Meus sonhos

Serguei Essênin

O texto: Seleção com nove poemas de Serguei Essênin escritos em diferentes épocas de sua vida, de 1911 a 1925, incluindo "Meus sonhos" ("Мои Мечты") e "Até mais, meu amigo, até mais" ("До свиданья, друг мой, до свиданья"), redigido pouco antes de seu suicídio e escrito, conforme indicam algumas fontes, com seu próprio sangue. No conjunto, os versos de Essênin falam sobre a melancolia, a solidão, a estagnação da vida e o desejo de morte.

Textos traduzidos: Есенин, Сергей. *Полное собрание сочинений в семи томах*. Москва: Наука/Голос, 1995; *Полное собрание сочинений в семи томах*. Москва: Имли Ран, 2004.

O autor: Serguei Essênin (1895-1925), poeta e tradutor russo, nasceu na aldeia de Konstantínovo, Riazan. É considerado um dos poetas mais conhecidos da "Era de Prata" da literatura russa e um dos fundadores do Imaginismo, movimento de vanguarda poética que surgiu após a Revolução de 1917. Em sua poesia destacam-se os versos dedicados ao temas sociais, à pátria russa e à "materialização" dos objetos pertencentes à natureza inanimada. Foi casado com a dançarina estadunidense Isadora Duncan. Suicidou-se aos 30 anos, enforcando-se em um quarto de hotel em Leningrado.

A tradutora: Verônica Filíppovna é doutora em Teoria Literária pela UFRJ, tradutora e ensaísta. Dedica-se ao estudo da poesia simbolista e da vanguarda russa. Organizou e traduziu a antologia *Aos meus versos escritos tão cedo... chegará a sua hora*, de Marina Tsvetaeva (Pontoedita, 2022). Para a (n.t.) traduziu Ossip Mandelstam, Konstantin Balmont, Zinaida Hippius, Anna Akhmátova, dentre outros.

Мои мечты

“Кто я? Что я? Только лишь мечтатель,
Перстень счастья, ищущий во мглею.”

СЕРГЕЙ ЕСЕНИН

* * *

Я ль виноват, что я поэт
Тяжелых мук и горькой доли,
Не по своей же стал я воле –
Таким уж родился на свет.

Я ль виноват, что жизнь мне не мила,
И что я всех люблю и вместе ненавижу,
И знаю о себе, чего еще не вижу, –
Ведь этот дар мне муза принесла.

Я знаю – в жизни счастья нет,
Она есть бред, мечта души больной,
И знаю – скучен всем напев унылый мой,
Но я не виноват – такой уж я поэт.

<1911-1912>

СЛЕЗЫ

Слезы… опять эти горькие слезы,
Безотрадная грусть и печаль;
Снова мрак… и разбитые грезы
Унеслись в бесконечную даль.

Что же дальше? Опять эти муки?
Нет, довольно… Пора отдохнуть
И забыть эти грустные звуки,
Уж и так истомилася грудь.

Кто поет там под сенью березы?
Звуки будто знакомые мне –
Это слезы опять… Это слезы
И тоска по родной стороне.

Но ведь я же на родине милой,
А в слезах истомил свою грудь.
Эх… лишь, видно, в холодной могиле
Я забыться могу и заснуть.

<1911-1912>

* * *

Не видать за туманною далью,
Что там будет со мной впереди,
Что там... счастье, иль веет печалью,
Или отдых для бедной груди.

Или эти седые туманы
Снова будут печалить меня,
Наносить сердцу скорбные раны
И опять снова жечь без огня.

Но сквозь сумрак в туманной дали
Загорается, вижу, заря;
Это смерть для печальной земли,
Это смерть, но покой для меня.

<1911-1912>

МОИ МЕЧТЫ

Мои мечты стремятся вдаль,
Где слышны вопли и рыданья,
Чужую разделить печаль
И муки тяжкого страданья.

Я там могу найти себе
Отраду в жизни, упоенье,
И там, наперекор судьбе,
Искать я буду вдохновенья.

<1911-1912>

ЮНОСТЬ

Мечты и слезы,
Цветы и грезы
Тебе дарю.

От тихой ласки
И нежной сказки
Я весь горю.

А сколько муки
Святые звуки
Наносят мне!

Но силой тертой
Пошлю все к черту.
Иди ко мне.

<1914>

* * *

Вот оно, глупое счастье
С белыми окнами в сад!
По пруду лебедем красным
Плавает тихий закат.

Здравствуй, златое затишье
С тенью березы в воде!
Галочья стая на крыше
Служит вечерню звезде.

Где-то за садом, несмело,
Там, где калина цветет,
Нежная девушка в белом
Нежную песню поет.

Стелется синею рясой
С поля ночной холодок...
Глупое, милое счастье,
Свежая розовость щек!

1918

* * *

Да! Теперь решено. Без возврата
Я покинул родные поля.
Уж не будут листвою крылатой
Надо мною звенеть тополя.

Низкий дом без меня ссутулится,
Старый пес мой давно издох.
На московских изогнутых улицах
Умереть, знать, судил мне Бог.

Я люблю этот город вязевый,
Пусть обрюзг он и пусть одрях.
Золотая дремотная Азия
Опочила на куполах.

А когда ночью светит месяц,
Когда светит... черт знает как!
Я иду, головою свесясь,
Переулком в знакомый кабак.

Шум и гам в этом логове жутком,
Но всю ночь, напролёт, до зари,
Я читаю стихи проституткам
И с бандитами жарю спирт.

Сердце бьется все чаще и чаще,
И уж я говорю невпопад:
– Я такой же, как вы, пропащий,
Мне теперь не уйти назад.

Низкий дом без меня ссутулится,
Старый пес мой давно издох.
На московских изогнутых улицах
Умереть, знать, судил мне Бог.

1922

* * *

Кто я? Что я? Только лишь мечтатель,
Перстень счастья ищущий во мгле,
Эту жизнь живу я словно кстати,
Заодно с другими на земле.

И с тобой целуюсь по привычке,
Потому что многих целовал,
И, как будто зажигая спички,
Говорю любовные слова.

«Дорогая», «милая», «навеки»,
А в уме всегда одно и то ж,
Если тронуть страсти в человеке,
То, конечно, правды не найдешь.

Оттого душе моей не жестко
Ни желать, ни требовать огня,
Ты, моя ходячая березка,
Создана для многих и меня.

Но, всегда ища себе родную
И томясь в неласковом плену,
Я тебя нисколько не ревную,
Я тебя нисколько не кляну.

Кто я? Что я? Только лишь мечтатель,
Синь очей утративший во мгле,
И тебя любил я только кстати,
Заодно с другими на земле.

<1925>

* * *

До свиданья, друг мой, до свиданья.
Милый мой, ты у меня в груди.
Предназначенное расставанье
Обещает встречу впереди.

До свиданья, друг мой, без руки, без слова,
Не грусти и не печаль бровей, –
В этой жизни умирать не ново,
Но и жить, конечно, не новей.

<1925>

MEUS SONHOS

"Quem sou eu? O que eu sou? Apenas um sonhador,
De olhos azuis perdido na escuridão."

SERGUEI ESSÊNIN

* * *

É minha culpa que eu seja poeta
De angústia severa e destino amargo,
Não foi por vontade própria –
Eu nasci assim.

É minha culpa se desisto da vida,
E amo e odeio todos ao mesmo tempo,
E se sei coisas sobre mim, ainda desconhecidas, –
Afinal, esse é o presente da musa para mim.

Eu sei – não há felicidade na vida,
Ela é uma ilusão, o sonho de uma alma doente,
E sei – minha triste melodia aborrece a todos,
Mas não é minha culpa – se sou um poeta assim.

<1911-1912>

LÁGRIMAS

Lágrimas... de novo estas lágrimas amargas,
Melancolia, tristeza e dor;
Outra vez escuridão... e sonhos partidos,
Soltos numa distância sem fim.

O que acontecerá? Outra vez esta angústia?
Não, basta... É hora de descansar.
E esquecer estes sons tristes,
Deste peito tão cansado.

Quem canta à sombra das bétulas?
O som me parece familiar –
Outra vez lágrimas... Lágrimas
De saudade da terra distante.

Mas estou na terra querida,
Estas lágrimas fatigaram meu peito.
Eh... talvez, apenas, numa fria tumba
Poderei esquecer e adormecer.

<1911-1912>

* * *

Não ver além do horizonte enevoado,
O que vai acontecer comigo adiante,
O que há... felicidade, ou golpes de tristeza,
Ou descanso para o meu pobre peito.

Ou estas névoas cinzentas
Outra vez hão de me deixar triste,
Rasgando graves feridas no coração
E de novo arder sem fogo.

Mas o crepúsculo no horizonte enevoado
Acende-se, vejo, o alvorecer;
É a morte para a terra triste,
É a morte, mas paz para mim.

<1911-1912>

MEUS SONHOS

Meus sonhos anseiam distância,
Onde se escutam gritos e soluços,
Com o estranho dividirei tristeza
E a dor de um sofrimento severo.

Lá, eu poderei encontrar
Alegria na vida, êxtase,
E lá, apesar do destino,
Vou buscar inspiração.

<1911-1912>

JUVENTUDE

Sonhos e lágrimas,
Flores e devaneios
        Ofereço a ti.

De uma carícia suave
A um conto terno
        Sou chamas.

Quanta angústia
E sons sagrados
        Me deram!

Mas pela ousadia da argúcia
Que vá tudo para o inferno.
        Vem até mim.

<1914>

* * *

E aqui, a estúpida felicidade,
Com janelas brancas para o jardim!
Na lagoa, como um belo cisne,
Flutua silenciosamente o ocaso.

Bem-vinda, tranquilidade dourada,
Com a sombra da bétula na água!
Um bando de gralhas no telhado
Serve à estrela vespertina.

Nalgum lugar, atrás do jardim,
Ali, onde a urtiga floresce,
Uma doce jovem de branco
Canta uma canção suave.

Estende-se, como uma sonata azul,
Sobre o campo, o frio noturno...
A estúpida felicidade amada,
O fresco rubor das bochechas!

<1918>

* * *

Sim! Agora está decidido. Não tem volta.
Deixei os campos da terra natal.
Não serão mais folhagem alada
Sobre mim, preciso tocar álamos.

A casa virá abaixo com minha ausência,
Há tempos meu cachorro está morto.
Nas sinuosas ruas de Moscou
Morrerei, e saberei que Deus me julgou.

Amo essa cidade de olmos,
Deixe-a encher e envelhecer.
O sonho da Ásia dourada
Repousa sobre as cúpulas.

E à noite, quando brilha a lua,
Quando brilha... o diabo sabe!
Sigo, com a cabeça baixa,
Por becos até entrar numa taberna.

O ruído e a algazarra deste covil são horríveis,
Mas a noite inteira, até o amanhecer,
Leio poemas para as prostitutas,
E com os ladrões me embriago.

O coração bate mais e mais,
E inconveniente eu falo:
"Estou como tu, morto,
Agora não posso voltar atrás".

A casa virá abaixo com minha ausência,
Há tempos meu cachorro está morto.
Nas sinuosas ruas de Moscou
Morrerei, e saberei que Deus me julgou.

1922

* * *

Quem sou eu? O que eu sou? Apenas um sonhador,
Buscando o anel da felicidade na escuridão.
Vivo esta vida como se fosse por acaso,
Tal qual os outros na terra.

E beijo-te por costume,
Porque muitas outras já beijei,
E, como se riscasse um fósforo,
Falo palavras de amor.

“Querida”, “amada”, “para sempre”,
Mas na minha mente é sempre o mesmo,
Se despertares a paixão em outra pessoa,
Bem, é certo, não encontrarás a verdade.

Por isso não é difícil para minha alma
Nem desejar, nem exigir fogo,
Tu, minha bétula andarilha,
És feita para muitos e para mim.

Mas sempre buscando por mim mesmo
E definhando num cativeiro cruel,
Não sinto ciúmes de ti,
Não te faço promessas.

Quem sou eu? O que eu sou? Apenas um sonhador,
De olhos azuis perdido na escuridão,
Eu te amei apenas por acaso,
Junto com outros na terra.

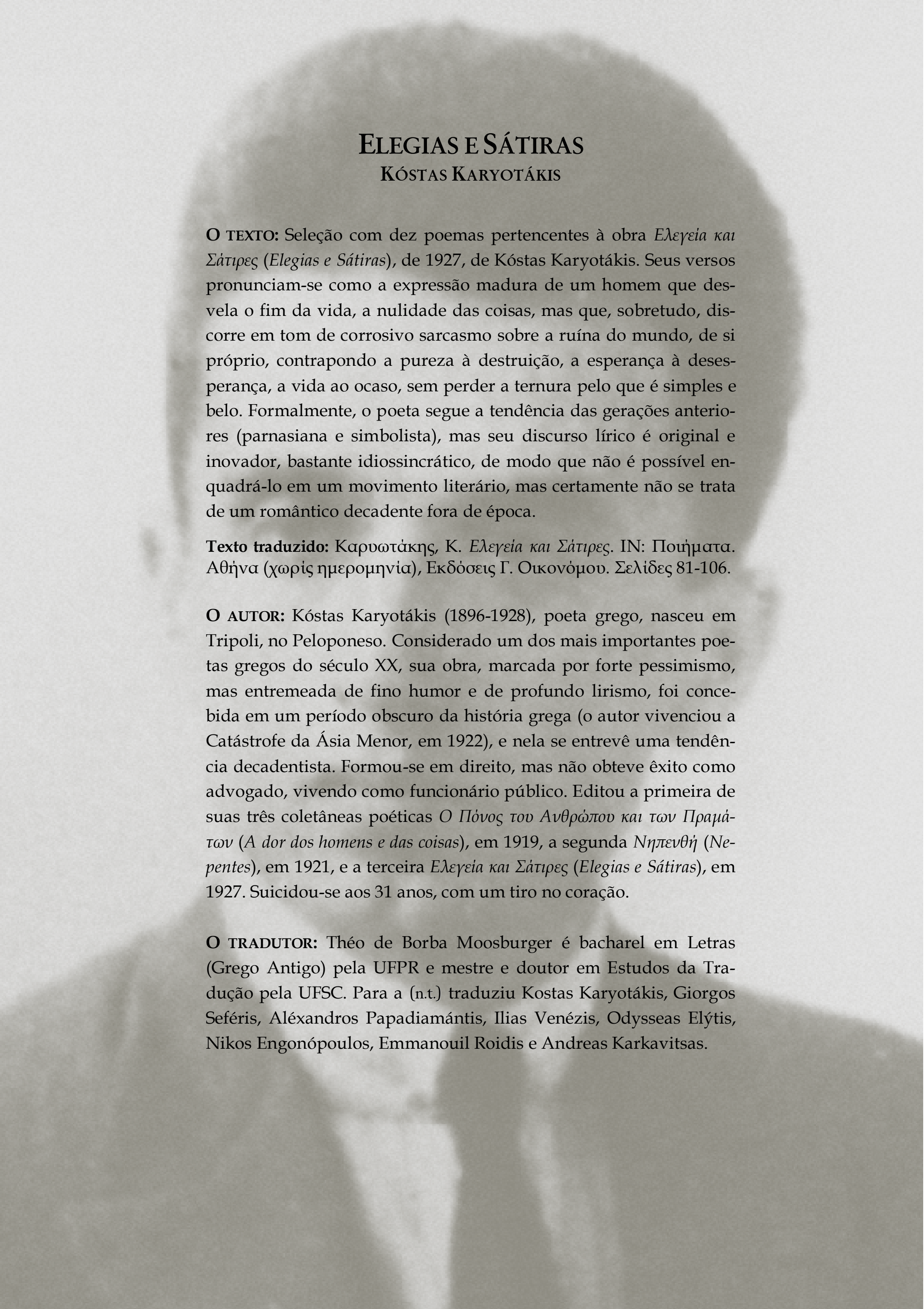
<1925>

* * *

Até logo, meu amigo, até logo.
Meu querido, estás em meu peito.
Uma separação planejada
Promete um encontro no futuro.

Até logo, meu amigo, sem mãos, sem palavras,
Não fiques triste e não faças cara feia –
Nesta vida morrer não é novo,
E viver, sequer, é novidade.

<1925>



Elegias e Sátiras

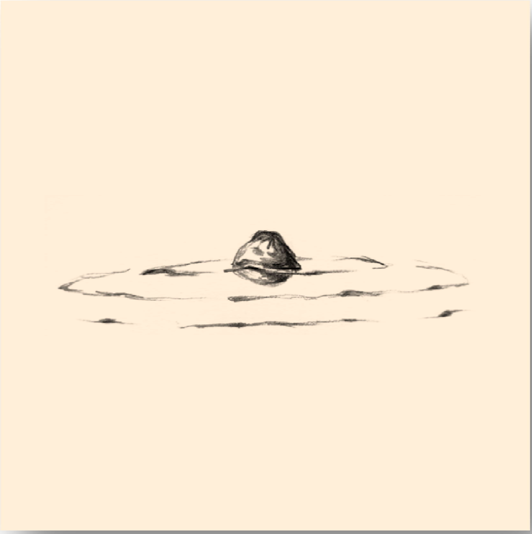
Kóstas Karyotákis

O texto: Seleção com dez poemas pertencentes à obra *Ελεγεία και Σάτιρες* (*Elegias e Sátiras*), de 1927, de Kóstas Karyotákis. Seus versos pronunciam-se como a expressão madura de um homem que desvela o fim da vida, a nulidade das coisas, mas que, sobretudo, discorre em tom de corrosivo sarcasmo sobre a ruína do mundo, de si próprio, contrapondo a pureza à destruição, a esperança à desesperança, a vida ao ocaso, sem perder a ternura pelo que é simples e belo. Formalmente, o poeta segue a tendência das gerações anteriores (parnasiana e simbolista), mas seu discurso lírico é original e inovador, bastante idiossincrático, de modo que não é possível enquadrá-lo em um movimento literário, mas certamente não se trata de um romântico decadente fora de época.

Texto traduzido: Καρυωτάκης, Κ. *Ελεγεία και Σάτιρες*. IN: Ποιήματα. Αθήνα (χωρίς ημερομηνία), Εκδόσεις Γ. Οικονόμου. Σελίδες 81-106.

O autor: Kóstas Karyotákis (1896-1928), poeta grego, nasceu em Tripoli, no Peloponeso. Considerado um dos mais importantes poetas gregos do século XX, sua obra, marcada por forte pessimismo, mas entremeada de fino humor e de profundo lirismo, foi concebida em um período obscuro da história grega (o autor vivenciou a Catástrofe da Ásia Menor, em 1922), e nela se entrevê uma tendência decadentista. Formou-se em direito, mas não obteve êxito como advogado, vivendo como funcionário público. Editou a primeira de suas três coletâneas poéticas *Ο Πόνος του Ανθρώπου και των Πραμάτων* (*A dor dos homens e das coisas*), em 1919, a segunda *Νηπενθή* (*Nepentes*), em 1921, e a terceira *Ελεγεία και Σάτιρες* (*Elegias e Sátiras*), em 1927. Suicidou-se aos 31 anos, com um tiro no coração.

O tradutor: Théo de Borba Moosburger é bacharel em Letras (Grego Antigo) pela UFPR e mestre e doutor em Estudos da Tradução pela UFSC. Para a (n.t.) traduziu Kostas Karyotákis, Giorgos Seféris, Aléxandros Papadiamántis, Ilias Venézis, Odysseas Elýtis, Nikos Engonópoulos, Emmanouil Roidis e Andreas Karkavitsas.



"Para embalares a minha eterna tristeza."

"Να μου λικνίζεις την αιώνια θλίψη μου."

Ελεγεια και Σατιρες

*"Φύγε κι άσε με μοναχό, που βλέπω να πληθαίνει
απάνω η νύχτα, και βαθιά να γίνονται τα χάη."*

ΚΩΣΤΑΣ ΚΑΡΥΩΤΑΚΗΣ

ΥΣΤΕΡΟΦΗΜΙΑ

Το θάνατό μας χρειάζεται η άμετρη γύρω φύση
και τον ζητούν τα πορφυρά στόματα των ανθών.
Αν έρθει πάλιν η άνοιξη, πάλι θα μας αφήσει,
κι ύστερα πια μήτε σκιές δεν είμεθα σκιών.

Το θάνατό μας καρτερεί το λαμπρό φως του ηλίου.
Τέτοια θα δούμε ακόμη μια δύση θριαμβική,
κι ύστερα φεύγουμεν από τα βράδια του Απριλίου,
στα σκοτεινά πηγαίνοντας βασίλεια πέρα κει.

Μόνο μπορεί να μείνουνε κατόπι μας οι στίχοι
δέκα μονάχα στίχοι μας να μείνουνε, καθώς
τα περιστέρια που σκορπούν οι ναυαγοί στην τύχη,
κι όταν φέρουν το μήνυμα δεν είναι πια καιρός.

*

Ο κήπος είμαι που άλλοτε με τ' άνθη του ευωδούσε
κι εγέμιζε με χαρωπό τιτίβισμα πουλιών,
που με κρυφομιλήματα και ψίθυρο φιλιών,
τη νύχτα, στη σκιάδα του, η αγάπη επερπατούσε.

Ο κήπος είμαι που έμεινε χρόνια πολλά στην ίδια
θέση, μάταια προσμένοντας κάποιαν επιστροφή,
που αντί λουλούδια τώρα πια στ' αγκάθια έχει ταφεί,
που σώπασαν τ' αηδόνια του και πνίγεται στα φίδια.

ΤΕΛΕΥΤΑΙΟ ΤΑΞΙΔΙ

Καλό ταξίδι, αλαργινό καράβι μου, στου απείρου
και στης νυχτός την αγκαλιά, με τα χρυσά σου φώτα!
Να 'μουν στην πλώρη σου ήθελα, για να κοιτάζω γύρου
σε λιτανεία να περνούν τα ονείρατα τα πρώτα.

Η τρικυμία στο πέλαγος και στη ζωή να παύει,
μακριά μαζί σου φεύγοντας πέτρα να ρίχνω πίσω,
να μου λικνίζεις την αιώνια θλίψη μου, καράβι,
δίχως να ξέρω πού με πας και δίχως να γυρίσω!

*

Όλα τα πράγματά μου έμειναν όπως
να 'χω πεθάνει πριν από καιρούς.
Σκόνη στη σκόνη εγέμισεν ο τόπος,
και γράφω με το δάχτυλο σταυρούς.

Όλα τα πράγματά μου αναθυμούνται
μιαν ώρα που περάσαμε μαζί,
σ' εκείνη τα βιβλία μου λησμονούνται,
σ' εκείνη το ρολόι ακόμα ζει.

Ήταν ευτυχισμένη τότε η ώρα,
ήταν ένα δείλι ζωγραφιστό.
Έχω πεθάνει τόσα χρόνια τώρα,
κι έμεινε το παράθυρο κλειστό.

Κανένας, ούτε ο ήλιος, πια δε μπαίνει.
Το ερημικό μου σπίτι αντιβοεί
στην ώρα κείνη ακόμα, που σημαίνει,
αυτή μονάχα, βράδυ και πρωί.

Δεν ξέρω δω ποιός είναι τώρα ο τόπος,
δεν ξέρω ποιός χαράζει τους σταυρούς,
κι όλα τα πράγματά μου έμειναν όπως
να 'χω πεθάνει πριν από καιρούς.

*

Τί νέοι που φτάσαμεν εδώ, στο έρμο νησί, στο χείλος
του κόσμου, δώθε απ' τ' όνειρο και κείθε από τη γη!
Όταν απομακρύνθηκεν ο τελευταίος μας φίλος,
ήρθαμε αγάλι σέρνοντας την αιωνία πληγή.

Με μάτι βλέπουμε αδειανό, με βήμα τσακισμένο
τον ίδιο δρόμο παίρνουμε καθένας μοναχός,
νιώθουμε τ' άρρωστο κορμί, που εβάρυνε, σαν ξένο,
υπόκωφος από μακριά η φωνή μας φτάνει αχός.

Η ζωή διαβαίνει, πέρα στον ορίζοντα σειρήνα,
μα θάνατο, καθημερνό θάνατο και χολή
μόνο, για μας η ζωή θα φέρει, όσο αν γελά η αχτίνα
του ήλιου και οι αύρες πνέουνε. Κι είμαστε νέοι, πολύ

νέοι, και μας άφησεν εδώ, μια νύχτα, σ' ένα βράχο,
το πλοίο που τώρα χάνεται στου απείρου την καρδιά,
χάνεται και ρωτιόμαστε τί να 'χουμε, τί να 'χω,
που σβήνουμε όλοι, φεύγουμ' έτσι νέοι, σχεδόν παιδιά!

ΕΠΙΣΤΡΟΦΗ

Εγώ δεν επλανήθηκα σε δάση απάρθενα, βουερά,
μηδέ η ριπή μ' εχτύπησε του ωκεανίου ανέμου.
Σκλάβο πουλί, τ' ανώφελα πηγαίνω σέρνοντας φτερά
και δε θα ιδώ τους ουρανούς που νοσταλγώ, ποτέ μου.

Μα πάντα, ω φύση, αλίμονο! πόσο η ψυχή μου ταπεινή
λάτρισσα στο παραμικρό γίνεται μάντεμά σου,
και πόσο, τώρα που η βραδιά θα πέσει φθινοπωρινή,
το καθετί περσότερο μου λέει την ομορφιά σου!

Με μιαν ακρούλα σύννεφου ταξιδεμένου με καλείς,
με το χρυσό χαμόγελο του μαραμένου βρύου,
μ' ένα χορτάρι ανάμεσα στις πλάκες όλες της αυλής,
που το σαλεύει μοναχό η πνοή του Σεπτεμβρίου.

Και τη φωνή σου ακούγοντας, τη μυστικιά, τη δυνατή,
ω φύση, θά 'ρθω κάποτε φέρνοντας το σταυρό μου.
Θα 'ναι το χώμα σου ελαφρό, και θα 'ναι πάντα ονειρευτή
η ώρα με τ' αναπάντεχο τέλος του μάταιου δρόμου!

*

Φύγε κι άσε με μοναχό, που βλέπω να πληθαίνει
απάνω η νύχτα, και βαθιά να γίνονται τα χάη.
Ούτε του πόνου η θύμηση σε λίγο πια δε μένει,
κι είμαι άνθος που φυλλορροεί στο χέρι σου και πάει.

Φύγε καθώς τα χρόνια κείνα εφύγανε, που μόνον
μια λέξη σου ήταν, στη ζωή, για μένα σαν παιάνας.
Τώρα τα χείλη μου διψούν το φίλημα της μάνας,
της μάνας γης, και ανοίγονται στο γέλιο των αιώνων.

Φύγε, η καρδιά μου νοσταλγεί την άπειρη γαλήνη!
Ταράζει και η ανάσα σου τα μαύρα της Στυγός
νερά, που με πηγαίνουν, όπως είμαι ναυαγός,
εκεί, στο απόλυτο Μηδέν, στην Απεραντοσύνη.

ΚΡΙΤΙΚΗ

Δεν είναι πια τραγούδι αυτό, δεν είναι αχός
ανθρώπινος. Ακούγεται να φτάνει
σαν τελευταία κραυγή, στα βάθη της νυχτός,
κάποιου πὄχει πεθάνει.

*

Θέλω να φύγω πια αποδώ, θέλω να φύγω πέρα,
σε κάποιο τόπο αγνώριστο και νέο,
θέλω να γίνω μια χρυσή σκόνη μες στον αιθέρα,
απλό στοιχείο, ελεύθερο, γενναίο.

Σαν όνειρο να φαίνονται απαλό και να μιλούνε
έως την ψυχή τα πράγματα του κόσμου,
ωραία να ’ναι τα πρόσωπα και να χαμογελούνε,
ωραίος ακόμη ο ίδιος εαυτός μου.

Σκοτάδι τόσο εκεί μπορεί να μην υπάρχει, θεέ μου,
στη νύχτα, στην απόγνωση των τόπων,
στο φοβερό στερέωμα, στην ωρυγή του ανέμου,
στα βλέμματα, στα λόγια των ανθρώπων.

Να μην υπάρχει τίποτε, τίποτε πια, μα λίγη
χαρά και ικανοποίησις να μένει,
κι όλοι να λένε τάχα πως έχουν για πάντα φύγει,
όλοι πως είναι τάχα πεθαμένοι.

ΗΛΥΣΙΑ

(Τόσο πολύ τα σώματα κουράστηκαν,
που ελύγισαν, εκόπηκαν στα δύο.)
Κι έφυγαν οι ψυχές, πατούνε μόνες των,
αργά, τη χλόη σαν ανοιχτό βιβλίο.

(Τα σώματα κυλούν χάμου, συσπείρονται
στρεβλωμένα.) Και φαίνονται στο βάθος
τριαντάφυλλα κρατώντας, να πηγαίνουνε
με τ' όνειρο οι ψυχές και με το πάθος.

(Χώμα στο χώμα γίνονται τα σώματα.)
Μα κείθε απ' τον ορίζοντα, σαν ήλιοι
δύουν οι ψυχές, τον ουρανό που φόρεσαν,
ή σαν απλά χαμόγελα σε χείλη.

Elegias e Sátiras

“Vai e deixa-me sozinho, que vejo crescer
em cima a noite, e profundos tornarem-se os caos.”

KÓSTAS KARYOTÁKIS

FAMA PÓSTUMA

A imensurável natureza que nos cerca precisa de nossa morte,
e a requerem as purpúreas bocas das flores.
Se vier novamente a primavera, novamente há de nos deixar,
e depois já não somos nem sombras de sombras.

A brilhante luz do Sol anseia por nossa morte.
De tal sorte veremos ainda um entardecer triunfal,
e depois partimos das noites de abril,
rumando aos sombrios reinos lá adiante.

Pode ser que apenas permaneçam depois de nós os versos,
que permaneçam dez apenas versos nossos, como
os pombos que os náufragos dispersam à sorte,
e quando entregam a mensagem já é tarde demais.

⁂

O jardim sou eu que outrora com suas flores recendia
e se enchia com o alegre gorjeio de pássaros,
que com cochichos e sussurro de beijos,
de noite, em sua sombra, o amor passeava.

O jardim sou eu que ficou por muitos anos no mesmo
lugar, em vão aguardando algum retorno,
que, não em flores, mas nos espinhos agora está sepulto,
cujos rouxinóis calaram-se e o sufocam as serpentes.

ÚLTIMA VIAGEM

Boa viagem, meu longínquo barco, no regaço
do infinito e da noite, com tuas luzes douradas!
Estar na tua proa eu queria, para observar ao redor,
em procissão, passarem os sonhos primeiros.

Para cessar a tempestade no mar e na vida,
longe contigo fugindo, para eu deixar para trás as agruras,
para embalares a minha eterna tristeza, barco,
sem que eu saiba aonde me levas, e sem retorno!

*

Todas as minhas coisas ficaram como
se há tempos tivesse eu já morrido.
Poeira sobre a poeira acumulou-se aqui,
e cruzes vou traçando com o dedo.

Todas as minhas coisas rememoram
um instante que juntos nós passamos,
nela os meus livros são esquecidos,
nela o meu relógio ainda vive.

Era feliz, então, a hora,
era um entardecer desenhado.
Eu já estou morto há tantos anos,
e permaneceu cerrada a janela.

Ninguém, nem o sol, entra mais.
A minha casa deserta ressoa
àquela hora ainda, que soa,
só ela, noite e dia.

Não sei que lugar é este agora,
não sei quem traça as cruzes,
e todas as minhas coisas ficaram como
se há tempos tivesse eu já morrido.

*

Quão jovens chegamos aqui, à erma ilha, à borda
do mundo, para cá do sonho e para lá da terra!
Quando se afastou o nosso último amigo,
viemos lentamente arrastando a eterna chaga.

Enxergamos com olhos esvaziados, com passos mancos
tomamos o mesmo caminho, cada um sozinho,
sentimos o corpo doente, que pesou, como estranho,
abafada de longe a nossa voz chega um ruído.

A vida atravessa, além do horizonte uma sereia,
mas é morte, diária morte e fel,
apenas, que a vida nos trará, ainda que sorriam os raios
do sol e que as brisas soprem. E somos jovens, muito

jovens, e nos deixou aqui, uma noite, num escolho,
o navio que ora se perde no coração do infinito,
perde-se e perguntamo-nos o que temos, o que tenho,
que nos esvaímos todos, partimos assim jovens, quase crianças!

RETORNO

Eu não vagueei por bosques virgens, ruidosos,
tampouco me atingiu o vento do oceano.
Um pássaro escravo, vou-me arrastando as inúteis asas,
e não verei os céus de que sinto saudades, jamais.

Mas sempre, ó natureza, ai! como a minha alma reles
adoradora se torna da tua mínima predição,
e como, agora que a noite outonal cairá,
cada coisa me conta mais ainda a tua beleza!

Com um cantinho de nuvem viajada me chamas,
com o sorriso dourado do musgo fenecido,
com uma erva entre todas as lajes do pátio,
que, sozinha, o sopro de setembro move.

E ouvindo a tua voz, a secreta, a forte,
ó natureza, acabarei por vir trazendo a minha cruz.
Será a tua terra leve, e será sempre sonhada
a hora com o inesperado fim do caminho vão!

VAI, MEU CORAÇÃO SENTE SAUDADE...

Vai e deixa-me sozinho, que vejo crescer
em cima a noite, e profundos tornarem-se os caos.
Nem da dor a memória daqui a pouco não resta mais,
e sou uma flor que se desfolha em tua mão e se vai.

Vai, assim como se foram aqueles anos, quando só
uma palavra tua era, na vida, para mim como canto triunfal.
Agora meus lábios têm sede do beijo da mãe,
da mãe terra, e descerram-se no riso dos séculos.

Vai, meu coração sente saudades da paz infinita!
Até a tua respiração agita do Estígio as negras
águas, que me levam, náufrago que sou,
lá ao absoluto Zero, à Infinidade.

CRÍTICA

Não é mais uma canção isto, não é um som
humano. Parece que chega
como último berro, nas profundezas da noite,
de alguém que já morreu.

*

Quero fugir daqui, quero fugir para longe,
para algum lugar irreconhecível e novo,
quero tornar-me uma poeira dourada no éter,
um simples elemento, livre, destemido.

Que se mostrem como um sonho suave, e falem
até à alma, as coisas do mundo,
que sejam belos os rostos e que sorriam,
que seja belo até mesmo o meu eu.

Tamanha escuridão talvez não haja lá, meu Deus,
na noite, no desespero dos lugares,
no terrível firmamento, no berro do vento,
nos olhares, nas palavras dos homens.

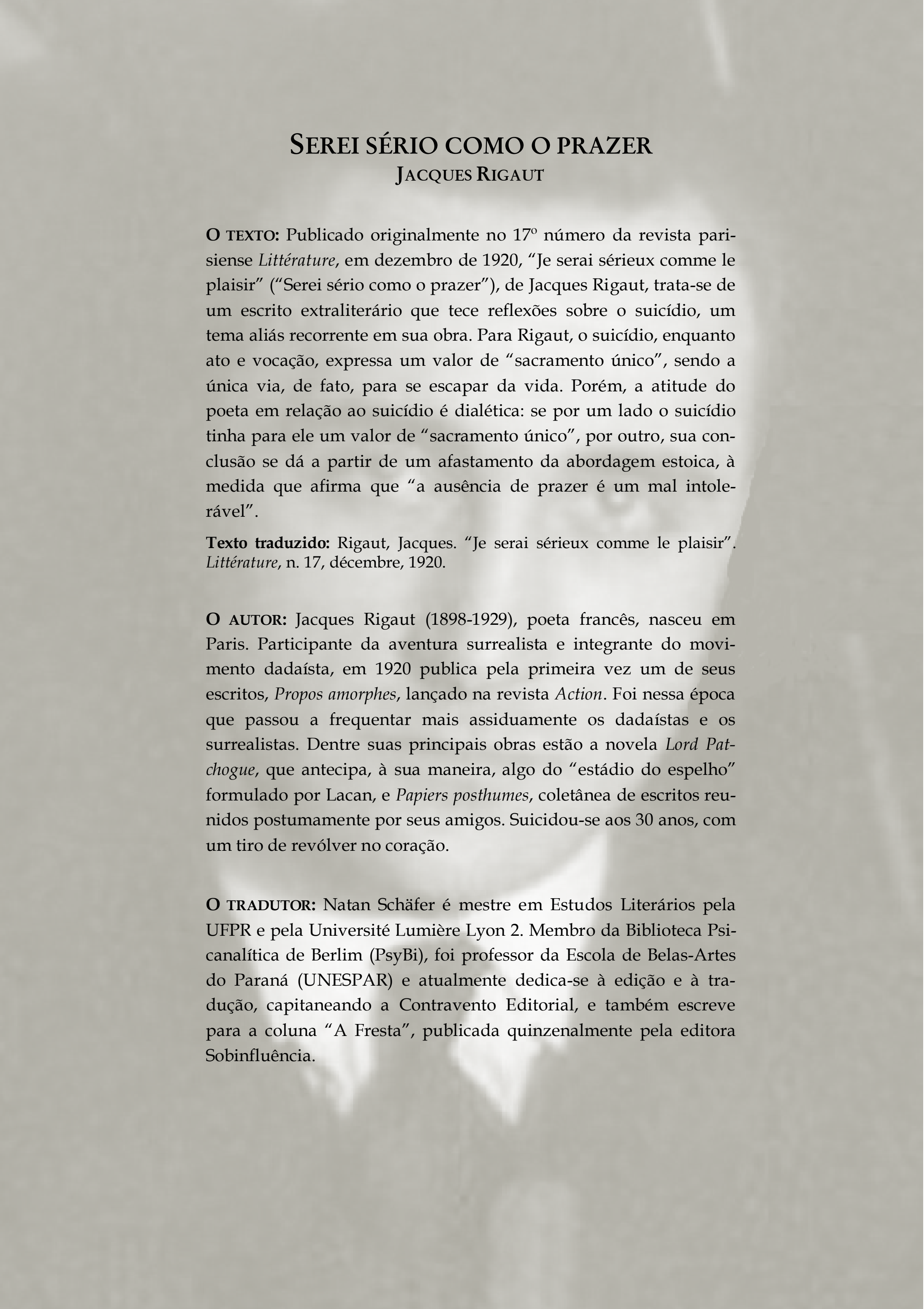
Que não haja nada, mais nada, mas pouca
alegria e satisfação que restem,
e que todos digam que já devem ter ido para sempre,
que devem todos estar mortos.

HELÍSIA

(Tanto se cansaram os corpos,
que se dobraram, se cortaram em dois.)
E foram-se as almas, pisam sozinhas,
lentamente, a relva como um livro aberto.

(Os corpos rolam ao chão, enroscam-se
contorcidos.) E aparecem ao fundo,
segurando rosas, as almas, indo
embora com o sonho e com a paixão.

(Terra na terra tornam-se os corpos.)
Mas para lá do horizonte, como sóis,
as almas afundam o céu que vestiram,
ou como simples sorrisos em lábios.



Serei sério como o prazer

Jacques Rigaut

O texto: Publicado originalmente no 17º número da revista parisiense *Littérature*, em dezembro de 1920, "Je serai sérieux comme le plaisir" ("Serei sério como o prazer"), de Jacques Rigaut, trata-se de um escrito extraliterário que tece reflexões sobre o suicídio, um tema aliás recorrente em sua obra. Para Rigaut, o suicídio, enquanto ato e vocação, expressa um valor de "sacramento único", sendo a única via, de fato, para se escapar da vida. Porém, a atitude do poeta em relação ao suicídio é dialética: se por um lado o suicídio tinha para ele um valor de "sacramento único", por outro, sua conclusão se dá a partir de um afastamento da abordagem estoica, à medida que afirma que "a ausência de prazer é um mal intolerável".

Texto traduzido: Rigaut, Jacques. "Je serai sérieux comme le plaisir". *Littérature*, n. 17, décembre, 1920.

O autor: Jacques Rigaut (1898-1929), poeta francês, nasceu em Paris. Participante da aventura surrealista e integrante do movimento dadaísta, em 1920 publica pela primeira vez um de seus escritos, *Propos amorphes*, lançado na revista *Action*. Foi nessa época que passou a frequentar mais assiduamente os dadaístas e os surrealistas. Dentre suas principais obras estão a novela *Lord Patchogue*, que antecipa, à sua maneira, algo do "estádio do espelho" formulado por Lacan, e *Papiers posthumes*, coletânea de escritos reunidos postumamente por seus amigos. Suicidou-se aos 30 anos, com um tiro de revólver no coração.

O tradutor: Natan Schäfer é mestre em Estudos Literários pela UFPR e pela Université Lumière Lyon 2. Membro da Biblioteca Psicanalítica de Berlim (PsyBi), foi professor da Escola de Belas-Artes do Paraná (UNESPAR) e atualmente dedica-se à edição e à tradução, capitaneando a Contravento Editorial, e também escreve para a coluna "A Fresta", publicada quinzenalmente pela editora Sobinfluência.

"Mas eis aí a fantasia em seu rebentar."

"Mais voilà la fantaisie à son éclatement."

Je serai sérieux comme le plaisir

*"Il n'y a pas de raisons de vivre, mais il n'y a pas
de raisons de mourir non plus."*

JACQUES RIGAUT

Je serai sérieux comme le plaisir. Les gens ne savent pas ce qu'ils disent. Il n'y a pas de raisons de vivre, mais il n'y a pas de raisons de mourir non plus. La seule façon qui nous soit laissée de témoigner notre dédain de la vie, c'est de l'accepter. La vie ne vaut pas qu'on se donne la peine de la quitter. On peut par charité l'éviter à quelques-uns, mais à soi-même ? Le désespoir, l'indifférence, les trahisons, la fidélité, la solitude, la famille, la liberté, la pesanteur, l'argent, la pauvreté ; l'amour, l'absence d'amour, la syphilis, la santé, le sommeil, l'insomnie, le désir, l'impuissance, la platitude, l'art, l'honnêteté, le déshonneur, la médiocrité, l'intelligence, il n'y a pas là de quoi fouetter un chat. Nous savons trop de quoi ces choses sont faites pour y prendre garde ; juste bonnes à propager quelques négligeables suicides-accidents. (Il y a bien, sans doute, la souffrance du corps. Moi, je me porte bien : tant pis pour ceux qui ont mal au foie. Il s'en faut que j'aie le goût des victimes, mais je n'en veux pas aux gens quand ils jugent qu'ils ne peuvent endurer un cancer). Et puis, n'est-ce pas, ce qui nous libère, ce qui nous ôte toute chance de souffrance, c'est ce revolver avec lequel nous nous tuerons ce soir si c'est notre bon plaisir. La contrariété et le désespoir ne sont jamais, d'ailleurs, que de nouvelles raisons de s'attacher à la vie. C'est bien commode, le suicide : je ne cesse pas d'y penser ; c'est trop commode : je ne me suis pas tué. Un regret subsiste : on ne voudrait pas partir avant de s'être compromis ; on voudrait, en sortant, entraîner avec soi Notre-Dame, l'amour ou la République.

Le suicide doit être une vocation. Il y a un sang qui tourne et qui réclame une justification à son interminable circuit. Il y a dans les doigts l'impatience de ne se serrer que sur le creux de la main. Il y a le prurit d'une activité qui se retourne sur son dépositaire, si le malheureux a négligé de savoir lui choisir un but. Désirs sans images. Désirs d'impossible. Ici se dresse la limite entre les souffrances qui ont un nom et un objet, et celle-là, anonyme et autogène. C'est pour l'esprit une sorte de puberté, ainsi qu'on la décrit dans les romans (car, naturellement, j'ai été corrompu trop jeune pour avoir connu une crise à l'époque où commence le ventre) mais on en sort autrement que par le suicide.

Je n'ai pas pris grand chose au sérieux ; enfant, je tirais la langue aux pauvresses qui dans la rue abordaient ma mère pour lui demander l'aumône, et je pinçais, en cachette, leurs marmots qui pleuraient de froid ; quand mon bon père, mourant, prétendit me confier ses derniers désirs et m'appela près de son lit, j'empoignai la servante en chantant : *Tes parents faut les balancer, – Tu verras comme on va s'aimer…* Chaque fois que j'ai pu tromper la confiance d'un ami, je crois n'y avoir pas manqué. Mais le mérite est mince à railler la bonté, à berner la charité, et le plus sûr élément de comique c'est de priver les gens de leur petite vie, sans motifs, pour rire. Les enfants, eux, ne s'y trompent pas et savent goûter tout le plaisir qu'il y a à jeter la panique dans une fourmilière, ou à écraser deux mouches surprises en train de forniquer. Pendant la guerre j'ai jeté une grenade dans une cagna où deux camarades s'apprêtaient, avant de partir en permission. Quel éclat de rire en voyant le visage de ma maîtresse, qui s'attendait à recevoir une caresse, s'épouvanter quand je l'ai eu frappée de mon coup de poing américain, et son corps s'abattre quelques pas plus loin ; et quel spectacle, ces gens qui luttaient pour sortir du Gaumont-Palace, après que j'y eus mis le feu ! Ce soir, vous n'avez rien à craindre, j'ai la fantaisie d'être sérieux. – Il n'y a évidemment pas un mot de vrai dans cette histoire et je suis le plus sage petit garçon de Paris, mais je me suis si souvent complu à me figurer que j'avais accompli ou que j'allais accomplir d'aussi honorables exploits, qu'il n'y a pas là non plus un mensonge. Quand même, je me suis moqué de pas mal de choses ! D'une seule au monde, je n'ai réussi à me moquer : le plaisir. Si j'étais encore capable de honte ou d'amour-propre, vous pensez bien que je ne me laisserais pas aller à une si pénible confidence. Un autre jour je vous expliquerai pourquoi je ne mens jamais : on n'a rien à cacher à ses domestiques. Revenons plutôt au plaisir, qui, lui, se charge bien de vous rattraper et de vous entraîner, avec deux petites notes de musique, l'idée de la peau et bien d'autres encore. Tant que je n'aurai pas surmonté le goût du plaisir, je serai sensible au vertige du suicide, je le sais bien.

La première fois que je me suis tué, c'est pour embêter ma maîtresse. Cette vertueuse créature refusa brusquement de coucher avec moi, cédant au remords, disait-elle, de tromper son amant-chef d'emploi. Je ne sais pas bien si je l'aimais, je me doute que quinze jours d'éloignement eussent singulièrement diminué le besoin que j'avais d'elle : son refus m'exaspéra. Comment l'atteindre ? Ai-je dit qu'elle m'avait gardé une profonde et durable tendresse ? Je me suis tué pour embêter ma maîtresse. On me pardonne ce suicide quand on considère mon extrême jeunesse à l'époque de cette aventure.

La deuxième fois que je me suis tué, c'est par paresse. Pauvre, ayant pour tout travail une horreur anticipée, je me suis tué un jour, sans convictions, comme j'avais vécu. On ne me tient pas rigueur de cette mort, quand on voit quelle mine florissante j'ai aujourd'hui.

La troisième fois… je vous fais grâce du récit de mes autres suicides, pourvu que vous consentiez à écouter encore celui-ci : Je venais de me coucher, après une soirée où mon ennui n'avait certainement pas été plus assiégeant que les autres soirs. Je pris la décision et, en même temps, je me le rappelle très précisément, j'articulai la seule raison : Et puis, zut ! Je me levai et j'allai chercher l'unique arme de la maison, un petit revolver qu'avait acheté un de mes grand-pères, chargé de balles également vieilles. (On verra tout à l'heure pourquoi j'insiste sur ce détail). Couchant nu dans mon lit, j'étais nu dans ma chambre. Il faisait froid. Je me hâtai de m'enfouir sous mes couvertures. J'avais armé le chien, je sentis le froid de l'acier dans ma bouche. À ce moment il est vraisemblable que je sentais mon cœur battre, ainsi que je le sentais battre en écoutant le sifflement d'un obus avant qu'il n'éclatât, comme en présence de l'irréparable pas encore consommé. J'ai pressé sur la gâchette, le chien s'est abattu, le coup n'était pas parti. J'ai alors posé mon arme sur une petite table, probablement en riant un peu nerveusement. Dix minutes après, je dormais. Je crois, que je viens de faire une remarque un peu importante, si tant est que… naturellement ! Il va de moi que je ne songeai pas un instant à tirer une seconde balle. Ce qui importait, c'était d'avoir pris la décision de mourir, et non que je mourusse.

Un homme qu'épargnent les ennuis et l'ennui, trouve peut-être dans le suicide l'accomplissement du geste le plus désintéressé, pourvu qu'il ne soit pas curieux de la mort ! Je ne sais absolument pas quand et comment j'ai pu penser ainsi, ce qui d'ailleurs ne me gêne guère. Mais voilà tout de même l'acte le plus absurde, et la fantaisie à son éclatement, et la désinvolture plus loin que le sommeil et la compromission la plus pure.

Serei sério como o prazer

"Não há razões para viver, mas tampouco
há razões para morrer."

JACQUES RIGAUT

Serei sério como o prazer. As pessoas não sabem o que dizem. Não há razões para viver, mas tampouco há razões para morrer. A única maneira que nos é oferecida para testemunhar nosso desdém pela vida é aceitá-la. A vida não vale tanto para nos preocuparmos em deixá-la. Por caridade, até podemos evitá-la para alguns, mas a si mesmo? O desespero, a indiferença, as traições, a fidelidade, a solidão, a família, a liberdade, a gravidade, o dinheiro, a pobreza; o amor, a ausência de amor, a sífilis, a saúde, o sono, a insônia, o desejo, a impotência, a platitude, a arte, a honestidade, a desonra, a mediocridade, a inteligência, não há porque se importar com isso. Sabemos muito bem de que essas coisas são feitas para tomarmos cuidado com elas; muito convenientes para propagar alguns suicídios-acidentes insignificantes (Sem dúvida, o sofrimento do corpo faz parte disso. Quanto a mim, comporto-me bem: tanto faz para aqueles que sofrem do fígado. Estou longe de sentir afeição pelas vítimas, mas não recrimino as pessoas quando elas julgam não poder suportar um câncer). E depois, aquilo que nos liberta, aquilo que nos tira toda possibilidade de sofrimento, é o revólver com o qual nos mataremos esta noite se for a nosso bel-prazer, não é mesmo? Aliás, a contrariedade e o desespero não passam jamais de novas razões para aferrar-se à vida. O suicídio é muito conveniente: não paro de pensar nisso; é conveniente demais: eu não me matei. Um arrependimento subsiste: não gostaríamos de partir antes de nos comprometermos; ao sair, gostaríamos de levar conosco Notre-Dame, o amor ou a República.

O suicídio deve ser uma vocação. Há um sangue que circula e reclama uma justificativa ao seu interminável circuito. Há nos dedos a impaciência de fechar-se sobre nada mais que a palma da mão. Há o prurido de uma atividade que se volta contra seu depositário, se o infeliz negligenciou saber escolher-lhe um objetivo. Desejos sem imagens. Desejos impossíveis. Aqui se ergue o limite entre os sofrimentos que têm um nome e um objeto, e aquele outro, anônimo e autógeno. É para o espírito uma espécie de puberdade, assim como ela foi descrita nos romances (pois, naturalmente, fui corrompido ainda muito jovem para ter conhecido uma crise quando a barriga começa a crescer), mas o único modo de sairmos dela é o suicídio.

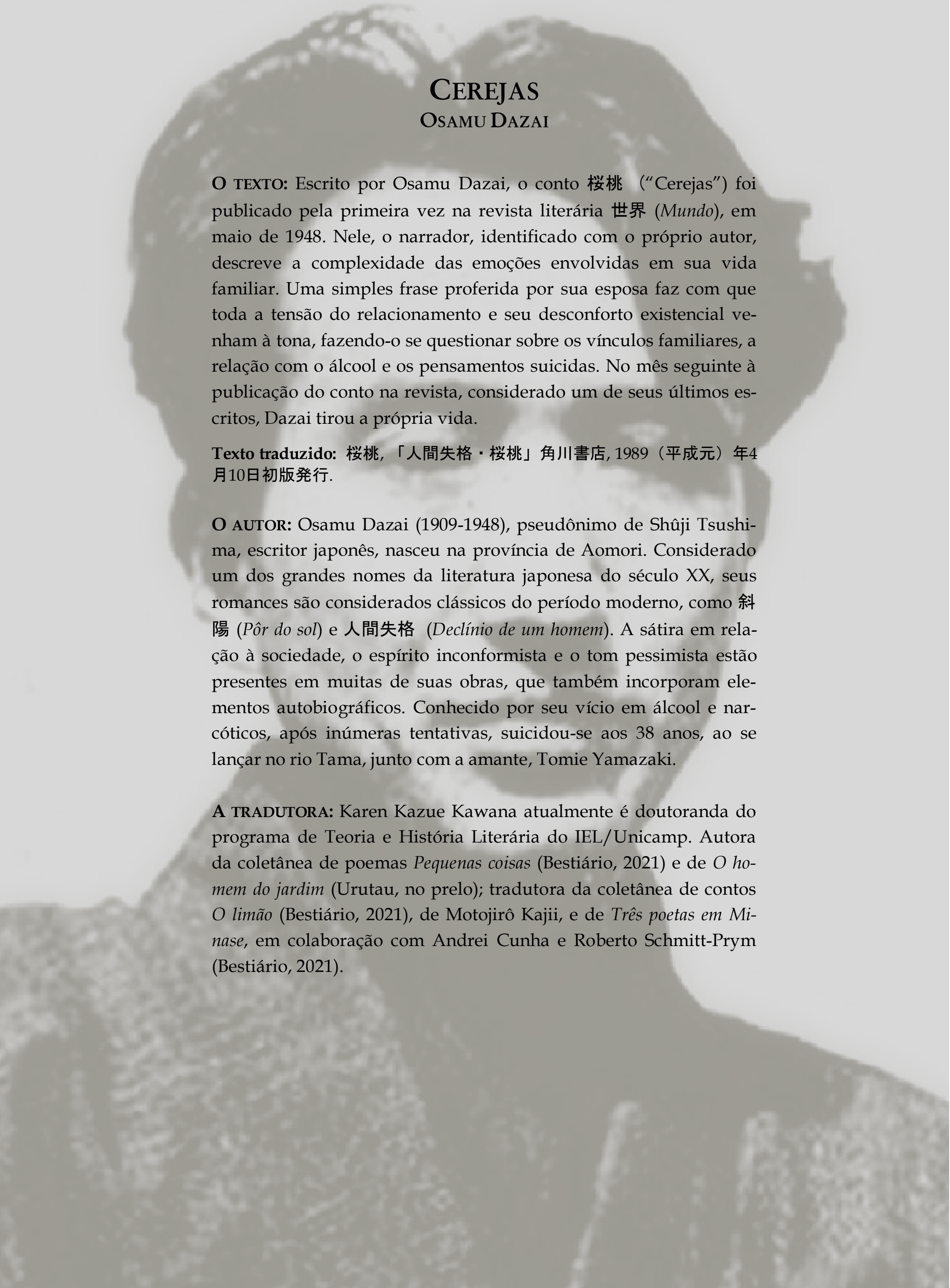
Não levei muita coisa a sério; quando criança, mostrava a língua às miseráveis que abordavam minha mãe na rua para pedir esmola, e beliscava, escondido, seus pirralhos que choravam de frio; quando moribundo, meu bom pai pretendeu me confiar seus últimos desejos, chamando-me para perto de seu leito, peguei a serviçal cantando: *Teus pais, é preciso balançar, – Tu vais ver como vamos nos amar*... Acredito que jamais perdi uma oportunidade de enganar a confiança de um amigo. Mas o mérito de zombar da bondade e enganar a caridade é pequeno, e o mais garantido elemento da comédia é privar as pessoas de sua vidinha, sem motivo, só para dar risada. As crianças, por outro lado, não se enganam e sabem aproveitar todo o prazer que há em provocar pânico em um formigueiro ou esmagar duas moscas surpreendidas enquanto fornicavam. Durante a guerra, joguei uma granada dentro de uma cabana onde dois camaradas se arrumavam, antes de sair de permissão. Que gargalhada ao ver o rosto de minha amante, que esperava receber uma carícia, se assustar quando a atingi com meu soco-inglês, e ver depois seu corpo cair alguns passos à frente; e que espetáculo, ver as pessoas lutando para sair do Gaumont-Palace depois de eu ter ateado fogo nele! Esta noite não tens nada a temer, minha fantasia é ser sério. – Evidentemente, nesta história não há uma só palavra que seja verdade e eu sou o menininho mais bem-comportado de Paris, mas muitas vezes me comprazia em imaginar que realizei ou iria realizar proezas semelhantes, pois nisso não há mentira alguma. Ainda assim, zombei de uma porção de coisas! De apenas uma coisa no mundo não consegui zombar: o prazer. Se eu ainda fosse capaz de sentir vergonha ou amor-próprio, poderias pensar que eu não me permitiria chegar a uma tão dolorosa confidência. Outro dia te explicarei por que jamais minto: não há nada o que esconder da criadagem. Portanto, voltemos ao prazer, que ele se encarrega de capturar e provocar-te, com duas notinhas musicais, a ideia da pele e muito mais. Se eu não tivesse superado o gosto pelo prazer, seria sensível à vertigem do suicídio, bem sei.

A primeira vez que me matei foi para provocar minha amante. Esta criatura virtuosa recusou-se bruscamente a deitar comigo, cedendo ao remorso, dizia ela, de enganar seu amante e chefe. Não sei bem se a amava, e tenho minhas dúvidas de que quinze dias de distanciamento teriam feito diminuir singularmente a necessidade que eu tinha dela: sua recusa me exasperava. Como atingi-la? Já disse que ela manteve uma profunda e duradoura ternura por mim? Eu me matei para irritar minha amante. Serei perdoado deste suicídio quando considerarem minha extrema juventude na época dessa aventura.

A segunda vez que me matei foi por preguiça. Pobre, tendo um horror antecipado a todo e qualquer trabalho, um dia me matei, sem convicções, como tinha vivido. Ninguém guarda rancor contra mim por esta morte quando veem o bom aspecto que tenho hoje.

A terceira vez… vou te poupar da história de meus outros suicídios, desde que consintas em escutar ainda este: eu havia acabado de deitar, depois de uma noite em que meu tédio certamente não me importunou mais do que em outras noites. Tomei a decisão e, ao mesmo tempo, lembro-me muito precisamente, articulei a única razão: e depois, cacete! Levantei-me e fui atrás da única arma da casa, um pequeno revólver que havia comprado de um de meus avôs, carregado de balas igualmente velhas (Logo veremos porque insisto nesse detalhe). Deitando nu em minha cama, estava nu em meu quarto. Estava frio. Corri para me enfiar debaixo das cobertas. Engatilhei o revólver e senti o aço frio em minha boca. Nesse momento é provável que tenha sentido meu coração bater, assim como o senti bater ao ouvir o assobio de um obus antes de estourar, como se estivesse na presença de algo irreparável ainda não consumado. Puxei o gatilho, o tambor foi acionado e a bala não disparou. Então, coloquei a arma em uma mesinha, provavelmente rindo meio nervoso. Dez minutos depois, eu estava dormindo. Creio que acabo de fazer uma observação meio importante, se é que… naturalmente! É óbvio que jamais sonhei, por um instante sequer, em atirar uma segunda vez. O que importava era ter tomado a decisão de morrer, e não que eu morresse.

Um homem que se poupa dos tédios e do tédio talvez encontre no suicídio a realização do gesto mais desinteressado, desde que não tenha curiosidade sobre a morte! Absolutamente, não sei quando e como pude pensar assim, o que, aliás, não me constrange nem um pouco. Mas eis aí, ainda assim, o ato mais absurdo, a fantasia em seu rebentar, a desenvoltura mais distante do que o sono e o comprometimento mais puro.



Cerejas
Osamu Dazai

O texto: Escrito por Osamu Dazai, o conto 桜桃（"Cerejas") foi publicado pela primeira vez na revista literária 世界 (*Mundo*), em maio de 1948. Nele, o narrador, identificado com o próprio autor, descreve a complexidade das emoções envolvidas em sua vida familiar. Uma simples frase proferida por sua esposa faz com que toda a tensão do relacionamento e seu desconforto existencial venham à tona, fazendo-o se questionar sobre os vínculos familiares, a relação com o álcool e os pensamentos suicidas. No mês seguinte à publicação do conto na revista, considerado um de seus últimos escritos, Dazai tirou a própria vida.

Texto traduzido: 桜桃, 「人間失格・桜桃」角川書店, 1989（平成元）年4月10日初版発行.

O autor: Osamu Dazai (1909-1948), pseudônimo de Shûji Tsushima, escritor japonês, nasceu na província de Aomori. Considerado um dos grandes nomes da literatura japonesa do século XX, seus romances são considerados clássicos do período moderno, como 斜陽 (*Pôr do sol*) e 人間失格（*Declínio de um homem*). A sátira em relação à sociedade, o espírito inconformista e o tom pessimista estão presentes em muitas de suas obras, que também incorporam elementos autobiográficos. Conhecido por seu vício em álcool e narcóticos, após inúmeras tentativas, suicidou-se aos 38 anos, ao se lançar no rio Tama, junto com a amante, Tomie Yamazaki.

A tradutora: Karen Kazue Kawana atualmente é doutoranda do programa de Teoria e História Literária do IEL/Unicamp. Autora da coletânea de poemas *Pequenas coisas* (Bestiário, 2021) e de *O homem do jardim* (Urutau, no prelo); tradutora da coletânea de contos *O limão* (Bestiário, 2021), de Motojirô Kajii, e de *Três poetas em Minase*, em colaboração com Andrei Cunha e Roberto Schmitt-Prym (Bestiário, 2021).

“Quando estou deprimido...”
「私は、悲しい時に。」

桜桃

「子供たちは、桜桃など、見た事も無いかもしれない。」

太宰治

われ、山にむかいて、目を挙(あ)ぐ。
——詩篇、第百二十一。

子供より親が大事、と思いたい。子供のために、などと古風な道学者みたいな事を殊勝らしく考えてみても、何、子供よりも、その親のほうが弱いのだ。少くとも、私の家庭においては、そうである。まさか、自分が老人になってから、子供に助けられ、世話になろうなどという図々しい虫(むし)のよい下心は、まったく持ち合わせてはいないけれども、この親は、その家庭において、常に子供たちのご機嫌(きげん)ばかり伺っている。子供、といっても、私のところの子供たちは、皆まだひどく幼い。長女は七歳、長男は四歳、次女は一歳である。それでも、既にそれぞれ、両親を圧倒し掛けている。父と母は、さながら子供たちの下男下女の趣きを呈しているのである。

夏、家族全部三畳間に集まり、大にぎやか、大混乱の夕食をしたため、父はタオルでやたらに顔の汗を拭(ふ)き、

「めし食って大汗かくもげびた事、と柳多留(やなぎだる)にあったけれども、どうも、こんなに子供たちがうるさくては、いかにお上品なお父(とう)さんといえども、汗が流れる」

と、ひとりぶつぶつ不平を言い出す。

母は、一歳の次女におっぱいを含ませながら、そうして、お父さんと長女と長男のお給仕をするやら、子供たちのこぼしたものを拭くやら、拾うやら、鼻をかんでやるやら、八面六臂（はちめんろっぴ）のすさまじい働きをして、
「お父さんは、お鼻に一ばん汗をおかきになるようね。いつも、せわしくお鼻を拭いていらっしゃる」
父は苦笑して、
「それじゃ、お前はどこだ。内股（うちまた）かね？」
「お上品なお父さんですこと」
「いや、何もお前、医学的な話じゃないか。上品も下品も無い」
「私はね」
と母は少しまじめな顔になり、
「この、お乳とお乳のあいだに、……涙の谷、……」
涙の谷。
父は黙して、食事をつづけた。

私は家庭に在（あ）っては、いつも冗談を言っている。それこそ「心には悩みわずらう」事の多いゆえに、「おもてには快楽（けらく）」をよそわざるを得ない、とでも言おうか。いや、家庭に在る時ばかりでなく、私は人に接する時でも、心がどんなにつらくても、からだがどんなに苦しくても、ほとんど必死で、楽しい雰囲気（ふんいき）を創（つく）る事に努力する。そうして、客とわかれた後、私は疲労によろめき、お金の事、道徳の事、自殺の事を考える。いや、それは人に接する場合だけではない。小説を書く時も、それと同じである。私は、悲しい時に、かえって軽い楽しい物語の創造に努力する。自分では、もっとも、おいしい奉仕のつもりでいるのだが、人はそれに気づかず、太宰（だざい）という作家も、このごろは軽薄である、面白さだけで読者を釣る、すこぶる安易、と私をさげすむ。
人間が、人間に奉仕するというのは、悪い事であろうか。もったいぶって、なかなか笑わぬというのは、善（よ）い事であろうか。
つまり、私は、糞真面目（くそまじめ）で興覚めな、**気まずい事**に堪え切れないのだ。私は、私の家庭においても、絶えず冗談を言い、薄氷を踏む思いで冗談を

言い、一部の読者、批評家の想像を裏切り、私の部屋の畳は新しく、机上は整頓(せいとん)せられ、夫婦はいたわり、尊敬し合い、夫は妻を打った事など無いのは無論、出て行け、出て行きます、などの乱暴な口争いした事さえ一度も無かったし、父も母も負けずに子供を可愛がり、子供たちも父母に陽気によくなつく。

しかし、これは外見。母が胸をあけると、涙の谷、父の寝汗も、いよいよひどく、夫婦は互いに相手の苦痛を知っているのだが、それに、さわらないように努めて、父が冗談を言えば、母も笑う。

しかし、その時、涙の谷、と母に言われて父は黙し、何か冗談を言って切りかえそうと思っても、とっさにうまい言葉が浮かばず、黙しつづけると、いよいよ気まずさが積り、さすがの「通人」の父も、とうとう、まじめな顔になってしまって、

「誰(だれ)か、人を雇いなさい。どうしたって、そうしなければ、いけない」

と、母の機嫌(きげん)を損じないように、おっかなびっくり、ひとりごとのように呟(つぶや)く。

子供が三人。父は家事には全然、無能である。蒲団(ふとん)さえ自分で上げない。そうして、ただもう馬鹿げた冗談ばかり言っている。配給だの、登録だの、そんな事は何も知らない。全然、宿屋住いでもしているような形。来客。饗応(きょうおう)。仕事部屋(しごとべや)にお弁当を持って出かけて、それっきり一週間も御帰宅にならない事もある。仕事、仕事、といつも騒いでいるけれども、一日に二、三枚くらいしかお出来にならないようである。あとは、酒。飲みすぎると、げっそり痩(や)せてしまって寝込む。そのうえ、あちこちに若い女の友達(ともだち)などもある様子だ。

子供、……七歳の長女も、ことしの春に生れた次女も、少し風邪をひき易(やす)いけれども、まずまあ人並。しかし、四歳の長男は、痩せこけていて、まだ立てない。言葉は、アアとかダアとか言うきりで一語も話せず、また人の言葉を聞きわける事も出来ない。這(は)って歩いていて、ウンコもオシッコも教えない。それでいて、ごはんは実にたくさん食べる。けれども、いつも痩せて小さく、髪の毛も薄く、少しも成長しない。

父も母も、この長男について、深く話し合うことを避ける。白痴、唖（おし）、……それを一言でも口に出して言って、二人で肯定し合うのは、あまりに悲惨だからである。母は時々、この子を固く抱きしめる。父はしばしば発作的に、この子を抱いて川に飛び込み死んでしまいたく思う。

「唖の次男を斬殺（ざんさつ）す。×日正午すぎ×区×町×番地×商、何某（五三）さんは自宅六畳間で次男何某（一八）君の頭を薪割（まきわり）で一撃して殺害、自分はハサミで喉（のど）を突いたが死に切れず附近の医院に収容したが危篤（きとく）、同家では最近二女某（二二）さんに養子を迎えたが、次男が唖の上に少し頭が悪いので娘可愛さから思い余ったもの」

こんな新聞の記事もまた、私にヤケ酒を飲ませるのである。

ああ、ただ単に、発育がおくれているというだけの事であってくれたら！　この長男が、いまに急に成長し、父母の心配を憤り嘲笑（ちょうしょう）するようになってくれたら！　夫婦は親戚（しんせき）にも友人にも誰にも告げず、ひそかに心でそれを念じながら、表面は何も気にしていないみたいに、長男をからかって笑っている。

母も精一ぱいの努力で生きているのだろうが、父もまた、一生懸命であった。もともと、あまりたくさん書ける小説家では無いのである。極端な小心者なのである。それが公衆の面前に引き出され、へどもどしながら書いているのである。書くのがつらくて、ヤケ酒に救いを求める。ヤケ酒というのは、自分の思っていることを主張できない、もどっかしさ、いまいましさで飲む酒の事である。いつでも、自分の思っていることをハッキリ主張できるひとは、ヤケ酒なんか飲まない。（女に酒飲みの少いのは、この理由からである）

私は議論をして、勝ったためしが無い。必ず負けるのである。相手の確信の強さ、自己肯定のすさまじさに圧倒せられるのである。そうして私は沈黙する。しかし、だんだん考えてみると、相手の身勝手に気がつき、ただこっちばかりが悪いのではないのが確信せられて来るのだが、いちど言い負けたくせに、またしつこく戦闘開始するのも陰惨だし、それに私には言い争いは殴（なぐ）り合いと同じくらいにいつまでも不快な憎しみとして残るので、怒りにふるえながらも笑い、沈黙し、それから、いろいろさまざま考え、ついヤケ酒という事になるのである。

はっきり言おう。くどくどと、あちこち持ってまわった書き方をしたが、実はこの小説、夫婦喧嘩（ふうふげんか）の小説なのである。
「涙の谷」
それが導火線であった。この夫婦は既に述べたとおり、手荒なことはもちろん、口汚く（くちぎたな）罵り（ののし）合った事さえないすこぶるおとなしい一組ではあるが、しかし、それだけまた一触即発の危険におののいているところもあった。両方が無言で、相手の悪さの証拠固めをしているような危険、一枚の札（ふだ）をちらと見ては伏せ、また一枚ちらと見ては伏せ、いつか、出し抜けに、さあ出来ましたと札をそろえて眼前にひろげられるような危険、それが夫婦を互いに遠慮深くさせていたと言って言えないところが無いでも無かった。妻のほうはとにかく、夫のほうは、たたけばたたくほど、いくらでもホコリの出そうな男なのである。
「涙の谷」
そう言われて、夫は、ひがんだ。しかし、言い争いは好まない。沈黙した。お前はおれに、いくぶんあてつける気持で、そう言ったのだろうが、しかし、泣いているのはお前だけでない。おれだって、お前に負けず、子供の事は考えている。自分の家庭は大事だと思っている。子供が夜中に、へんな咳（せき）一つしても、きっと眼（め）がさめて、たまらない気持になる。もう少し、ましな家に引越して、お前や子供たちをよろこばせてあげたくてならぬが、しかし、おれには、どうしてもそこまで手が廻（まわ）らないのだ。これでもう、精一ぱいなのだ。おれだって、凶暴（きょうぼう）な魔物ではない。妻子を見殺しにして平然、というような「度胸」を持ってはいないのだ。配給や登録の事だって、知らないのではない、知る**ひま**が無いのだ。……父は、そう心の中で呟（つぶや）き、しかし、それを言い出す自信も無く、また、言い出して母から何か切りかえされたら、ぐうの音（ね）も出ないような気もして、
「誰か、ひとを雇いなさい」
と、ひとりごとみたいに、わずかに主張してみた次第なのだ。
母も、いったい、無口なほうである。しかし、言うことに、いつも、つめたい自信を持っていた。（この母に限らず、どこの女も、たいていそんなものであるが）

「でも、なかなか、来てくれるひともありませんから」
「捜せば、きっと見つかりますよ。来てくれるひとが無いんじゃ無い、**いて**くれるひとが無いんじゃないかな？」
「私が、ひとを使うのが下手(へた)だとおっしゃるのですか？」
「そんな、……」
　父はまた黙した。じつは、そう思っていたのだ。しかし、黙した。
　ああ、誰かひとり、雇ってくれたらいい。母が末の子を背負って、用足しに外に出かけると、父はあとの二人の子の世話を見なければならぬ。そうして、来客が毎日、きまって十人くらいずつある。
「仕事部屋のほうへ、出かけたいんだけど」
「これからですか？」
「そう。どうしても、今夜のうちに書き上げなければならない仕事があるんだ」
　それは、嘘(うそ)でなかった。しかし、家の中の憂鬱(ゆううつ)から、のがれたい気もあったのである。
「今夜は、私、妹のところへ行って来たいと思っているのですけど」
　それも、私は知っていた。妹は重態なのだ。しかし、女房が見舞いに行けば、私は子供のお守りをしていなければならぬ。
「だから、ひとを雇って、……」
　言いかけて、私は、よした。女房の身内のひとの事に少しでも、ふれると、ひどく二人の気持がややこしくなる。
　生きるという事は、たいへんな事だ。あちこちから鎖がからまっていて、少しでも動くと、血が噴(ふ)き出す。
　私は黙って立って、六畳間の机の引出しから稿料のはいっている封筒を取り出し、袂(たもと)につっ込んで、それから原稿用紙と辞典を黒い風呂敷に包み、物体でないみたいに、ふわりと外に出る。
　もう、仕事どころではない。自殺の事ばかり考えている。そうして、酒を飲む場所へまっすぐに行く。
「いらっしゃい」
「飲もう。きょうはまた、ばかに綺麗(きれい)な縞(しま)を、……」
「わるくないでしょう？　あなたの好(す)く縞だと思っていたの」

「きょうは、夫婦喧嘩でね、陰(いん)にこもってやりきれねえんだ。飲もう。今夜は泊るぜ。だんぜん泊る」

子供より親が大事、と思いたい。子供よりも、その親のほうが弱いのだ。

桜桃が出た。

私の家では、子供たちに、ぜいたくなものを食べさせない。子供たちは、桜桃など、見た事も無いかもしれない。食べさせたら、よろこぶだろう。父が持って帰ったら、よろこぶだろう。蔓(つる)を糸でつないで、首にかけると、桜桃は、珊瑚(さんご)の首飾りのように見えるだろう。

しかし、父は、大皿に盛られた桜桃を、極めてまずそうに食べては種を吐(は)き、食べては種を吐き、食べては種を吐き、そうして心の中で虚勢みたいに呟く言葉は、子供よりも親が大事。

Cerejas

"Talvez eles nunca tenham visto cerejas na vida."

OSAMU DAZAI

Elevo os olhos na direção das colinas.
– Salmos, 121 –

Desejo acreditar que os pais precisem de mais cuidados do que os filhos. Pensar coisas do tipo "É pelos meus filhos!", como um moralista antiquado, pode ser louvável, mas, como assim? Os pais são mais frágeis do que os filhos. Ao menos em casa isso é verdadeiro. No entanto, o perverso desígnio de me aproveitar de meus filhos, vivendo às suas custas como um verme asqueroso depois de velho, não me passa pela cabeça; nesta casa, os pais estão sempre zelando pelo bem-estar dos filhos. Falo em filhos, porém, os meus ainda são todos muito novos. A mais velha tem sete, o do meio tem quatro e a caçula tem um ano. Apesar disso, cada um deles, à sua maneira, dá um enorme trabalho aos pais. Pai e mãe são os serviçais dos filhos.

Verão, a família inteira se reúne na sala de três tatames[1] para um jantar alvoroçado e caótico, o pai enxuga o suor do rosto e começa a reclamar sozinho:

– Suar depois de comer é vulgar, isso está até no *Yanagidaru*[2], mas com filhos assim bagunceiros, o suor escorre até de um pai tão fino quanto eu.

A mãe, com admirável habilidade, se divide em várias frentes: dá de mamar à bebê de um ano, em seguida, serve o pai, a filha mais velha e o filho do

[1] Tipo de esteira retangular feita com palha entrelaçada usada como revestimento no piso das casas japonesas em estilo tradicional. A medida padrão é de 180 cm por 90 cm. Também serve para indicar a medida de um cômodo. (n.t.)
[2] Coletâneas de poemas do período Edo (1603-1868), de conteúdo cômico e satírico. (n.t.)

meio; enxuga o que as crianças derramam, recolhe a comida e faz com que elas assoem o nariz.

– O nariz do papai é o que mais fica suado, não é mesmo? Ele não para de enxugar o nariz.

O pai ri.

– E você, onde fica mais suada? Entre as coxas?

– Mas o papai não é mesmo fino?

– Ora, é uma questão fisiológica. Não tem nada a ver com ser fino ou grosso.

– Eu – o rosto da mãe adquire uma expressão um pouco mais séria –, aqui, entre meus seios... há um vale de lágrimas...

Um vale de lágrimas.

O pai se calou e a refeição prosseguiu.

Estou sempre brincando quando estou em casa. Digamos que, quando várias coisas "atormentam o coração", não há remédio senão "botar uma fachada alegre". Mas não é apenas quando estou em casa, mesmo quando estou na companhia de outras pessoas, por mais que meu coração esteja pesado, por maior que seja o sofrimento físico, eu me esforço desesperadamente para criar uma atmosfera alegre. Então, depois que me despeço delas, cambaleio exausto e penso em dinheiro, moral e suicídio. Mas não é apenas quando estou na companhia de outras pessoas. O mesmo ocorre quando escrevo. Eu me esforço ainda mais para criar histórias leves e divertidas quando estou deprimido. De minha parte, a intenção é agradar ao paladar dos leitores, mas as pessoas ignoram isso e me tratam com desdém: "Ultimamente, esse escritor, o tal de Dazai, anda muito superficial, atrai os leitores só com textos alegres, de humor fácil".

Se um ser humano tenta agradar aos outros, isso é ruim? Se dar ares superiores, sem esboçar qualquer sorriso, isso é bom?

Em suma, eu não suporto coisas sem graça e desagradáveis, que acabem com meu prazer. Estou sempre brincando, mesmo em casa, brinco como se pisasse em ovos e traio a imaginação de parte dos leitores e dos críticos com os tatames novos da minha sala, a ordem que reina sobre a escrivaninha e o carinho e o respeito que existe entre o casal; obviamente, nunca bati em minha mulher. "Suma daqui!", "Vou sumir mesmo!". Nunca trocamos palavras agressivas desse tipo uma vez sequer. Tanto o pai quanto a mãe, sem

exceção, se desvelam amorosamente pelos filhos; estes, por sua vez, também se apegam alegremente aos pais.

Entretanto, isso são só aparências. A mãe desabafa e fala em "um vale de lágrimas", enquanto o suor noturno do pai piora cada vez mais. Embora o casal tenha consciência do sofrimento mútuo, ambos se esforçam para não tocar no assunto; o pai brinca, a mãe ri.

Entretanto, nessa ocasião, a mãe disse "um vale de lágrimas" e o pai se calou, e, mesmo querendo retrucar com algum gracejo, nada espirituoso lhe ocorreu de imediato. Enquanto o silêncio se prolongava, a sensação de desconforto foi aumentando até que, por fim, mesmo um pai tão "versado em mundanidades" quanto ele adquiriu uma expressão séria.

– Arrume alguém para ajudá-la. Faça isso, não há outro jeito – murmurou ele, como se para si mesmo, cheio de dedos, tentando não ferir os sentimentos da mãe.

Três filhos. O pai é um inútil quando se trata dos serviços domésticos. Sequer recolhe os acolchoados da cama. Não faz mais que dizer bobagens. Racionamento, registro civil, não entende dessas coisas. É como se morasse em uma pensão. Fosse um hóspede. Apenas recebendo serviços. Ele vai para o quarto alugado no qual trabalha levando sua marmita e, às vezes, passa uma semana sem voltar para casa. "Tenho que trabalhar, trabalhar!", repete ele sempre, porém, parece não produzir mais do que duas ou três páginas por dia. E há a bebida. Quando bebe demais, emagrece como um varapau e fica de cama. Além disso, parece ter jovens amigas aqui e ali.

Os filhos... tanto a mais velha, de sete, quanto a caçula, que nasceu na primavera deste ano, se resfriam facilmente, mas, de resto, são crianças normais. O menino de quatro, no entanto, é só pele e osso e ainda não fica em pé. Não fala nenhuma palavra, só "aah!" e "daa!", e também não entende o que as pessoas lhe dizem. Anda pela casa rastejando, não aprendeu a fazer xixi nem coco sozinho. Apesar disso, ele come bastante. Porém, é miúdo e franzino, de cabelos ralos, não cresce nem um centímetro.

Pai e mãe evitam ter uma conversa séria a respeito desse filho[3]. Débil, mudo... Seria muito trágico se pronunciassem qualquer uma dessas palavras e concordassem. Às vezes, a mãe abraça o menino com força. O pai pensa em morrer, atirando-se ao rio, tomado por uma espécie de desvario, agarrado ao menino com frequência.

[3] Masaki (1944-1960), filho do autor, nasceu com Síndrome de Down e morreu de pneumonia aos quinze anos. (n.t.)

“Rachou a cabeça do filho mudo. Depois do almoço, no dia x, no quarteirão x do bairro x, número x, o comerciante de x, Sr. X (53), assassinou o filho mudo, X (16), na sala de seis tatames de sua casa com um golpe de machado. Em seguida, enfiou uma tesoura no próprio pescoço, mas não morreu e foi admitido em uma clínica local em estado grave. A filha deste, Sra. X (22), havia se casado recentemente e seu marido havia adotado o sobrenome da família[4]. O gesto do pai teria sido motivado pelo amor à filha, já que o filho, além de mudo, tinha problemas mentais.”

Esse tipo de artigo de jornal também o fazia encher a cara.

Ah, se fosse apenas uma questão de atraso de desenvolvimento! Se, neste instante, este filho crescesse de súbito, ficasse ofendido e zombasse das preocupações dos pais! Sem mencionar esse desejo a parentes e a amigos, o casal ri, acha graça do filho e finge que está tudo bem, rezando interiormente e em segredo para que assim seja.

A mãe pode estar se desvelando ao máximo, mas o pai também se esforça. Por natureza, ele não é um escritor muito produtivo. É extremamente inseguro. Essa é a pessoa que foi arrastada diante do público e que escreve constrangida. Escrever é difícil, ele busca a salvação enchendo a cara. Uma pessoa enche a cara quando não consegue ganhar uma discussão, por frustração e desgosto. Quem consegue fazer valer sua opinião não enche a cara. (Por essa razão, há poucas mulheres que bebem).

Nunca tive a experiência de ganhar uma discussão. Sempre saio perdendo. Sou subjugado pela força da convicção e pela tremenda assertividade de meu opositor. E me calo. Entretanto, à medida que reflito, percebo o egoísmo de meu opositor, sou levado a crer que não estou de todo errado, mas, insistir e requentar a discussão depois de a ter perdido uma vez, é horrível. Além disso, a altercação me deixa com uma desagradável sensação de ódio, é como se tivesse me atracado com meu opositor, por isso, mesmo trêmulo de raiva, eu rio, fico quieto, então, reflito sobre várias coisas e, ao final, encho a cara.

Serei direto. Fiquei enrolando, escrevi sobre isso e aquilo, mas, na verdade, este texto é sobre uma briga de casal.

“Um vale de lágrimas”.

Esse foi o estopim. Como já mencionei antes, este casal é um par extremamente gentil, que nunca se pegou no tapa e muito menos trocou palavras de baixa calão. Entretanto, e por esse motivo, a situação era perigosa e tudo

---

[4] Quando o marido adota o sobrenome da esposa, ele entra para o registro de sua família. A prática permite que ele se torne o herdeiro quando não há um filho capaz de dar continuidade à linhagem e aos negócios da família da esposa. (n.t.)

poderia ir para os ares. Ambos recolhiam evidências da maldade mútua em silêncio – levantavam uma carta, olhavam-na de relance e a baixavam; olhavam de relance para outra carta e a baixavam novamente –, assim, havia o risco de, um dia, quando menos esperassem, um deles mostrar seu trunfo diante do outro. Pode-se dizer que era isso que fazia com que o casal vivesse cheio de dedos um com o outro. Deixemos a esposa de lado por ora, quanto ao marido, ele é o tipo de homem que, quanto mais tabefes levar, mais sujeira deverá soltar.

"Um vale de lágrimas".

Ao ouvir isso, o marido se sentiu ferido. Entretanto, ele não gosta de discutir. Ficou calado. "Você deve ter dito isso, em parte, com a intenção de me atingir, no entanto, não é só você quem chora. Eu penso nas crianças tanto quanto você. Dou valor à minha família. Quando as crianças dão uma tossida estranha no meio da noite, eu sempre desperto e morro de inquietação. Seria ótimo mudar para uma casa um pouco melhor para deixar você e as crianças felizes, entretanto, não tenho condições de fazer isso. Estou no meu limite. Não sou um monstro desalmado. Não tenho a 'coragem', de abandonar mulher e filhos com sangue-frio. Não é que eu não saiba nada sobre racionamento ou registro civil, eu não tenho é tempo para saber dessas coisas...", murmurou o pai em seu íntimo, entretanto, não se sentia seguro para expressar seus pensamentos, e, caso os expressasse e a mãe retrucasse, ele não conseguiria emitir um "a". Então, como se falasse para si mesmo, fez uma sugestão tímida:

– Arrume alguém para ajudá-la.

A mãe também é do tipo taciturno. Entretanto, havia sempre uma fria convicção em tudo o que ela dizia. (Isso não se aplica apenas a esta mãe, mas praticamente a todas as mulheres).

– Mas é difícil encontrar alguém para trabalhar aqui.

– Se procurar, com certeza, vai achar. Não é que não haja quem queira trabalhar aqui, o problema é que não há quem permaneça no serviço, não é mesmo?

– Você está dizendo que não sei lidar com as pessoas?

– Não foi o que quis dizer...

O pai se calou outra vez. Na realidade, era exatamente isso o que pensava. No entanto, ficou quieto.

Ah, seria tão bom se arrumasse alguém para ajudá-la! Quando a mãe sai carregando a caçula nas costas para fazer algo, o pai precisa cuidar dos outros dois filhos. E cerca de dez pessoas sempre o visitam todos os dias.

– Quero dar um pulo lá no meu escritório.

– Agora?

– Sim. Preciso terminar um texto ainda esta noite com urgência.

Não estava mentindo. Entretanto, também queria fugir do sentimento depressivo que pairava no interior da casa.

– Estava pensando em ir ver minha irmã esta noite.

Eu também sabia disso. A irmã dela estava muito enferma. Entretanto, se minha esposa fosse visitá-la, eu teria que cuidar das crianças.

– Por isso falei para arrumar alguém...

Comecei a dizer, mas me interrompi. Se envolvesse a família de minha esposa nessa história, a relação ficaria estremecida.

Viver é uma coisa terrível! Correntes me prendem de todos os lados, o sangue esguicha ao menor movimento.

Eu me levantei em silêncio, retirei o envelope com o dinheiro que havia recebido por um manuscrito de uma gaveta da escrivaninha da sala e o enfiei na manga do quimono, depois disso, embrulhei o papel que usava para escrever junto com um dicionário em um lenço preto e, como se não tivesse um corpo, deslizei para o lado de fora.

Já não tenho cabeça para escrever. Só consigo pensar em suicídio. E vou direto para um lugar onde possa beber.

– Seja bem-vindo!

– Bebamos! Você está vestindo o quimono de belas listras outra vez...

– Não me cai bem? Sabia que gostava desta estampa.

– Briguei com minha mulher hoje e estou deprimido. Bebamos! Vou passar a noite aqui. Nada vai me impedir!

Desejo acreditar que os pais precisem de mais cuidados do que os filhos. Os pais são mais frágeis do que os filhos.

Serviram cerejas.

Não permito que meus filhos tenham esses luxos em casa. Talvez eles nunca tenham visto cerejas na vida. Eles ficariam contentes se permitisse que comessem cerejas. Eles ficariam contentes se o pai voltasse para casa le-

vando-lhes algumas. Se prendesse as hastes com um fio e as colocasse ao redor do pescoço, elas pareceriam um colar de corais.

No entanto, o pai comia as cerejas amontoadas sobre prato como se elas estivessem ruins e cuspia as sementes – comia e cuspia a semente, comia e cuspia a semente – enquanto, em seu íntimo, murmurava em tom de bravata: "os pais precisam de mais cuidados do que os filhos"

Oração à poesia

Antonia Pozzi

O texto: Avessa ao hermetismo italiano que lhe fora contemporâneo, a poesia de Antonia Pozzi se caracteriza pelo vínculo objetivo e racional que estabelece com a realidade, elegendo a palavra poética como experiência fundamental. Para ela, a poesia de sua época estava distante de realizar plenamente o humano, sendo evasiva e introspectiva, de modo que precisava ser mais compensativa e resolutiva em relação à vida. Ao buscar descrever o mundo de dentro e o de fora através de um filtro estético, estabeleceu sua voz poética enquanto costurava sua escrita à própria vida. Esta seleção apresenta cinco poemas selecionados a partir de *Parole*, publicado postumamente em 1939: "Oração à poesia" ("Preghiera alla poesia"), "Tempo", "Voz de Mulher" ("Voce di Donna"), "Luzes livres" ("Luci libere") e "A vida sonhada" ("La vita sognata").

Texto traduzido: Pozzi, Antonia. *Parole*. A cura di Alessandra Cenni e Onorina Dino. Milano: Garzanti, 1989.

A autora: Antonia Pozzi (1912-1938), poeta italiana, nasceu em Milão. Estudiosa de estética e de Flaubert, é considerada uma das vozes mais originais da poesia moderna italiana, pois manifesta tanto influências do Crepuscularismo quanto do expressionismo alemão, ao desenhar atmosferas desoladas, mas carregadas de sensibilidade. Reservada como suas palavras, buscava transferir peso e substância às imagens e difundir sentimento nas coisas transfiguradas. Seus poemas, escritos entre 1929 e 1938, foram publicados postumamente em 1939, na antologia *Parole. Liriche*. Além da literatura, dedicou-se também à fotografia e ao piano. Em um período histórico marcado pelo fascismo, suicidou-se aos 26 anos, após ingerir uma dose excessiva de barbitúricos.

As tradutoras: Camila Vicentini Camargo é bacharela em Cinema e Audiovisual pela Universidade do Sul de Santa Catarina e graduanda em Letras Italiano, pela UFSC.

Cláudia Tavares Alves é doutora em Teoria e História Literária e graduada em Estudos Literários e Letras pela Unicamp. Tradutora, professora e pesquisadora, estuda a literatura italiana do século XX e contemporânea. Para a (n.t.), traduziu Goliarda Sapienza, Amelia Rosselli e Cesare Pavese.

"Que servem para chorar por ti."

"Che servono per piangere te."

PREGHIERA ALLA POESIA

"Poesia, mi confesso con te
che sei la mia voce profonda."

ANTONIA POZZI

PREGHIERA ALLA POESIA

Oh, tu bene mi pesi
l'anima, poesia:
tu sai se io manco e mi perdo,
tu che allora ti neghi
e taci.

Poesia, mi confesso con te
che sei la mia voce profonda:
tu lo sai,
tu lo sai che ho tradito,
ho camminato sul prato d'oro
che fu mio cuore,
ho rotto l'erba,
rovinato la terra –
poesia – quella terra
dove tu mi dicesti il più dolce
di tutti i tuoi canti,
dove un mattino per la prima volta
vidi volar nel sereno l'allodola
e con gli occhi cercai di salire –
Poesia, poesia che rimani
il mio profondo rimorso,

oh aiutami tu a ritrovare
il mio alto paese abbandonato –
Poesia che ti doni soltanto
a chi con occhi di pianto
si cerca –
oh rifammi tu degna di te,
poesia che mi guardi.

Pasturo, 23 agosto 1934

TEMPO

I

Mentre tu dormi
le stagioni passano
sulla montagna.

La neve in alto
struggendosi dà vita
al vento:
dietro la casa il prato parla,
la luce
beve orme di pioggia sui sentieri.

Mentre tu dormi
anni di sole passano
fra le cime dei làrici
e le nubi.

28 maggio 1935

II

Io posso cogliere i mughetti
mentre tu dormi
perché so dove crescono.
E la mia vera casa
con le sue porte e le sue pietre
sia lontana,
né io più la ritrovi,
ma vada errando
pei boschi
eternamente –
mentre tu dormi
ed i mughetti crescono
senza tregua.

28 maggio 1935

VOCE DI DONNA

Io nacqui sposa di te soldato.
So che a marce e a guerre
lunghe stagioni ti divelgon da me.

Curva sul focolare aduno bragi,
sopra il tuo letto ho disteso un vessillo –
ma se ti penso all'addiaccio
piove sul mio corpo autunnale
come su un bosco tagliato.

Quando balena il cielo di settembre
e pare un'arma gigantesca sui monti,
salvie rosse mi sbocciano sul cuore.
Che tu mi chiami,
che tu mi usi
con la fiducia che dai alle cose,
come acqua che versi sulle mani
o lana che ti avvolgi intorno al petto.

Sono la scarna siepe del tuo orto
che sta muta a fiorire
sotto convogli di zingare stelle.

18 settembre 1937

LUCI LIBERE

È un sole bianco che intenerisce
sui monumenti le donne di bronzo.

Vorresti sparire alle case, destarti
ove trascinano lenti carri
sbarre di ferro verso la campagna –

ché là pei fossi infuriano bambini
nell'acqua, all'aurora
e vi crollano immagini di pioppi.

Noi, per seguir la danza
di un vecchio organo
correremmo nel vento gli stradali…

A cuore scalzo
e con laceri pesi
di gioia.

27 gennaio 1938

LA VITA SOGNATA

Chi mi parla non sa
che io ho vissuto un'altra vita –
come chi dica
una fiaba
o una parabola santa.

Perché tu eri
la purità mia,
tu cui un'onda bianca
di tristezza cadeva sul volto
se ti chiamavo con labbra impure,
tu cui lacrime dolci
correvano nel profondo degli occhi
se guardavano in alto –
e così ti parevo più bella.

O velo
tu – della mia giovinezza,
mia veste chiara,
verità svanita –
o nodo
lucente – di tutta una vita
che fu sognata – forse –
oh, per averti sognata,
mia vita cara,
benedico i giorni che restano –
il ramo morto di tutti i giorni che restano,
che servono
per piangere te.

25 settembre 1933

Oração à poesia

"Poesia, eu confesso a ti
que és minha voz profunda."

ANTONIA POZZI

ORAÇÃO À POESIA

Ó, tu bem me pesas
a alma, poesia:
tu sabes se falto e me perco,
tu que agora te negas
e te calas.

Poesia, eu confesso a ti
que és minha voz profunda:
tu o sabes,
tu sabes que traí,
caminhei no prado de ouro
que fora meu coração,
rompi a relva,
arruinada a terra –
poesia – aquela terra
onde tu me disseras o mais doce
de todos os teus cantos,
onde uma manhã pela primeira vez
vira voar no sereno a cotovia
e com os olhos tentara subir –
Poesia, poesia que conservas
meu profundo remorso,

ó, ajuda-me tu a reencontrar
meu alto país abandonado –
Poesia que te entregas somente
a quem com olhos de pranto
se busca –
ó, refaz-me tu digna de ti,
poesia que me guardas.

Pasturo, 23 de agosto de 1934

TEMPO

I

Enquanto tu dormes
as estações passam
pela montanha.

A neve no alto
derretendo-se dá vida
ao vento:
detrás da casa o prado fala,
a luz
bebe rastros de chuva nos caminhos.

Enquanto tu dormes
anos de sol passam
entre os cumes dos lárices
e as nuvens.

28 de maio de 1935

II

Eu posso colher os *muguets*
enquanto tu dormes
porque sei onde crescem.
E que minha verdadeira casa
com suas portas e suas pedras
esteja longe,
nem eu mais a encontre,
mas vá vagando
pelos bosques
eternamente –
enquanto tu dormes
e os *muguets* crescem
sem trégua.

28 de maio de 1935

VOZ DE MULHER

Eu nasci esposa de ti soldado.
Sei que em marchas e em guerras
longas estações te arrancam de mim.

Curvada sobre a lareira junto brasas,
sobre teu leito estendi um vexilo –
mas se penso em ti ao relento
chove sobre meu corpo outonal
como sobre um bosque talhado.

Quando lampeja o céu de setembro
e parece uma arma gigantesca nos montes,
sálvias vermelhas desabrocham em meu coração.
Que tu me chames,
que tu me uses
com a confiança que dás às coisas,
como água que derramas nas mãos
ou lã que envolves em teu peito.

Sou a mirrada sebe do teu horto
que está muda a florir
sob comboios de estrelas zíngaras.

18 de setembro de 1937

LUZES LIVRES

É um sol branco que enternece
nos monumentos as mulheres de bronze.

Gostarias de desaparecer nas casas, despertar-te
onde lentas carruagens arrastam
barras de ferro em direção ao campo –

porque lá pelos fossos estão furiosas as crianças
na água, ao amanhecer
e desabam as imagens dos choupos.

Nós, para seguir a dança
de um velho órgão
correríamos ao vento pelas estradas…

De coração descalço
e com pesos lacerados
de alegria.

27 de janeiro de 1938

A VIDA SONHADA

Quem fala comigo não sabe
que eu vivi uma outra vida –
como quem diz
uma fábula
ou uma parábola santa.

Porque tu eras
minha pureza,
tu cuja onda branca
de tristeza caía sobre o rosto
se eu te chamava com lábios impuros,
tu cujas lágrimas doces
corriam no profundo dos olhos
se olhassem para cima –
e assim eu te parecia mais bela.

Ó, véu
tu – da minha juventude,
minha veste clara,
verdade esvaída –
ó, nó
luzente – de toda uma vida
que fora sonhada – talvez –
ó, por ter sonhado contigo,
minha cara vida,
abençoo os dias que restam –
o ramo morto de todos os dias que restam,
que servem
para chorar por ti.

25 de setembro de 1933

Breviário do caos
Albert Caraco

O texto: Excertos de *Bréviaire du Chaos*, de Albert Caraco, livro publicado em 1982 que se caracteriza por sua prosa mortuária e quase automática, como uma espécie de Litania do Caos. Os textos (não titulados) se destacam pela locução rudimentar, desprovida de qualquer preocupação estilística, com longas sentenças marcadas pelo excesso de vírgulas, como um caótico fluxo de consciência para a morte. No *breviário*, o autor aborda temas como o absurdo da história e a decadência da civilização, a alienação do homem moderno e a solidão das grandes cidades, a reificação e a massificação da subjetividade, a dissolução, a morte e o caos, onde o suicídio, curiosamente, não é enunciado uma vez sequer.

Texto traduzido: Caraco, Albert. *Bréviaire du Chaos*. Lausanne: L'Age d'Homme, 1999.

O autor: Albert Caraco (1919-1971), poeta, escritor e filósofo de origem turca, ascendência judaica e nacionalidade franco-uruguaia, nasceu na antiga Constantinopla. Personagem cosmopolita, viveu em Praga, Berlim, Viena, Paris e Montevidéu. Na Segunda Guerra, seus pais fugiriam para a América do Sul, passando pelo Rio de Janeiro e Buenos Aires antes de se instalarem no Uruguai. Ao retornar à Europa, sua visão de mundo se viu dominada pela evidência do mal e do caos contra os quais indivíduos e povos não têm defesa. Pela radicalidade de seu pensamento, aproxima-se de outros autores judeus, como Otto Weininger e Carlo Michelstaedter. Após a morte de seus pais, suicidou-se aos 52 anos, enforcando-se.

O tradutor: Rodrigo Menezes é doutor em Filosofia pela PUC-SP. Além de tradutor, é professor de idiomas, blogueiro e pesquisador acadêmico da obra de Cioran. Para a (n.t.) traduziu Cioran, Héctor Escobar Gutiérrez e Mihai Eminescu.

Bréviaire du chaos

*“Le chaos a parmi nous des autels
et nous l’y révérons déjà.”*

ALBERT CARACO

Nous tendons à la mort, comme la flèche au but et nous ne le manquons jamais, la mort est notre unique certitude et nous savons toujours que nous allons mourir, n’importe quand et n’importe où, n’importe la manière. Car la vie éternelle est un non-sens, l’éternité n’est pas la vie, la mort est le repos à quoi nous aspirons, vie et mort sont liées, ceux qui demandent autre chose réclament l’impossible n’obtiendront que la fumée, leur récompense.

Nous, qui ne nous payons de mots, nous consentons à disparaître et nous nous approuvons de consentir, nous n’avons pas choisi de naître et nous nous estimons heureux de ne survivre nulle part à cette vie, qui nous fut imposée plus qu’elle ne nous fut donnée, vie pleine de soucis et de douleurs, aux joies problématiques ou mauvaises. Qu’un homme soit heureux, qu’est-ce que cela prouve ? Le bonheur est un cas d’espèce et nous ne regardons qu’aux lois du genre, nous raisonnons à partir d’elles, c’est elles que nous méditons et que nous approfondissons, nous méprisons quiconque cherche le miracle et nous ne sommes gourmands de béatitudes, notre évidence nous suffit et notre précellence ne se renferme pas ailleurs.

§

Les villes, que nous habitons, sont les écoles de la mort, parce qu’elles sont inhumaines. Chacune est devenue le carrefour de la rumeur et du relent, chacune devenant un chaos d’édifices, où nous nous entassons par millions, en perdant nos raisons de vivre.

Malheureux sans remède nous nous sentons bon gré malgré engagés le long du labyrinthe de l'absurde et nous n'en sortirons que morts, car notre destinée est de multiplier toujours, à seule fin de périr innombrables. A chaque tour de roue, les villes, que nous habitons, avancent insensiblement l'une au-devant de l'autre, en aspirant à se confondre, c'est une marche au chaos absolu, dans la rumeur et le relent. A chaque tour de roue, le prix des terrains monte et dans le labyrinthe engloutissant l'espace libre, le revenu du placement élève, au jour le jour, un cent de murs. Car il est nécessaire que l'argent travaille et que les villes, que nous habitons, avancent, il est encore légitime qu'à chaque génération, leurs maisons doublent d'altitude et l'eau vînt elle à leur manquer un jour sur deux. Les bâtisseurs n'aspirent qu'à se soustraire à la destinée, qu'ils nous préparent, en allant vivre à la campagne.

§

Notre jeunesse se sent condamnée et c'est pourquoi les universités fermentent, elle a raison, nous avons tort et nous lui préparons une nouvelle guerre.

L'ordre et la guerre sont liés, notre morale ne l'ignore point, il suffit de se reporter à l'enseignement des grands moralistes : telle est l'unique certitude et nous n'imaginons l'état de paix perpétuelle, l'ordre n'y résisterait pas. Notre jeunesse a pénétré cette relation de convenance, elle a compris l'enchaînement de nos valeurs et de ses infortunes, c'est une découverte irréversible désormais.

Le paradoxe est qu'en ayant raison notre jeunesse a tort car en cet univers, que l'uniformité menace, les peuples ne sont pas contemporains les uns des autres, il est encore assez de nations où la jeunesse est prête à s'immoler. Nos jeunes gens croient ils qu'il suffit ici-bas de déclarer la paix au monde, pour que le monde vous écoute ? Nous sommes en Enfer et nous n'avons le choix que d'être des damnés que l'on tourmente ou les diables préposés à leur supplice.

§

L'Enfer, que nous portons en nous, répond à l'Enfer de nos villes, nos villes sont à la mesure de nos contenus mentaux, la volonté de mort préside à la fureur de vivre et nous ne parvenons à discerner laquelle nous inspire, nous nous précipitons dans les travaux recommencés et nous nous flattons de

nous élever aux cimes, la démesure nous possède et sans nous concevoir nous-mêmes, nous bâtissons toujours.

Le monde ne sera bientôt plus qu'un chantier où, pareils aux termites, des milliards d'aveugles, embesognés à perdre haleine, besogneront, dans la rumeur et le relent, comme des automates, avant que de se réveiller, un jour, en proie à la démence et de s'entr'égorger sans lassitude. En l'univers, où nous nous enfonçons, la démence est la forme que prendra la spontanéité de l'homme aliéné, de l'homme possédé, de l'homme dépassé par les moyens et devenu l'esclave de ses œuvres. La folie couve désormais sous nos immeubles de cinquante étages et malgré nos empressements à la déraciner, nous ne viendrons à bout de la réduire, elle est ce dieu nouveau, que nous n'apaiserons plus même en lui rendant une façon de culte : c'est notre mort qu'incessamment elle réclame toute.

§

S'il est un Dieu, le chaos et la mort figureront au nombre de Ses attributs, s'il n'en est point, cela revient au même, le chaos et la mort se suffisant jusqu'à la consommation des âges. N'importe ce que l'on encense, on est la proie de l'ombre et de la dissolution, n'importe ce que l'on adore, on n'évitera rien, les bons et les méchants n'ont qu'une destinée, un seul abîme accueille les saints et les monstres, l'idée du juste et de l'injustice n'a jamais été qu'un délire, auquel nous sommes attachés pour des raisons de convenance.

En vérité, la source des idées religieuses et morales est en l'homme, la chercher hors de l'homme est un non-sens, l'homme est un animal métaphysique et qui voudrait que l'univers n'existât que pour lui, mais l'univers l'ignore et l'homme se console de cette ignorance en peuplant l'étendue de dieux, dieux faits à son image. Ainsi nous parvenons à vivre en nous payant de raisons creuses, mais ces raisons si belles et si consolantes tombent à rien, quand nos yeux s'ouvrent sur la mort et le chaos, dont nous vivons enveloppés et toujours menacés. La foi n'est qu'une vanité parmi les vanités et l'art de tromper l'homme sur la nature de ce monde.

§

L'heure des exorcismes et des conjurations, elle est passée ; quoi qu'il arrive, il est passé, le temps de la prière. Nos religions ne nous servent plus

de rien et les croyants n'ont plus de raison d'être, car les premières nous égarent sur notre évidence et les seconds ne repenseront pas le monde : or, si le monde, que nous habitons, n'est repensé, nous n'y subsisterons trois générations de plus, nous ne pouvons-nous égarer trois générations de suite sur notre évidence.

Nous avons désormais des moyens, qui nous jugent, et nos systèmes inspirés ne sauraient prévaloir sur eux, le temps de la pensée prélude et l'heure de la méditation commence. En vérité, la masse de perdition, ce sont les croyants qui la forment, les croyants sont de trop entre notre avenir et nous, aussi la mort sera-t-elle leur récompense et jamais il n'en parut de plus juste. Il n'est pas bon que des aveugles nous gouvernent et qu'ils soient honorés, parce qu'ils sont aveugles : il n'est pas légitime que des Chefs d'État se fassent un titre de leur superstition ni qu'ils honorent désormais de leur présence les cérémonies d'un culte. Un homme digne de ce nom, au siècle d'à présent, ne croit à rien et s'en fait gloire.

§

Nous ne savons quels dieux adoreront les siècles à venir, nous croyons à l'avènement d'un ordre où le principe féminin prendra la place, que nous réservons au Père dans le Ciel, devenu parmi nous le Père du chaos et de la mort.

Nous approuvons la promotion de Marie : Marie, qui n'était rien dans les Quatre Évangiles, achève de monter au Ciel, dont elle prend possession au bout de deux mille ans, elle est *Magna Mater* ressuscitée et Jésus n'est plus que son appendice, mais il lui manque toujours une moitié d'elle-même. Les siècles à venir restaureront l'intégrité de la Déesse, car il ne suffit pas qu'elle soit Vierge et Mère, il faut encore qu'elle soit Prostituée et qu'elle absorbe la figure de Madeleine, où l'appoint de l'intégrité réside.

Alors et seulement alors, nous pourrons célébrer le mariage du Ciel et de la Terre, alors et seulement alors nous renoncerons à l'idée de sacrifice, alors et seulement alors la paix sera perpétuelle et le principe féminin maître absolu du monde, ainsi qu'avant l'Histoire, alors et seulement alors le mouvement s'arrêtera pour que l'immobilité règne, alors et seulement alors le centre sera reconquis et l'étendue organisée à partir de ce centre.

§

Nous ne sortons du faux que la fureur aidant, mais dès que nous nous ramenons, nous rentrons dans le faux et ne pouvant aller au vrai, sans tomber dans le désespoir et le déchaînement, nous parlons d'authenticité, pour n'avouer que nous mentons encore.

Nous sommes parvenus à mentir sur deux plans et nous les opposons, afin de nous persuader que l'objectivité garde ses droits, nous parlons même de dialectique au moment de changer de plan, le capital de la besogne est de nous agiter au lieu de nous mouvoir et de nous soustraire à la confrontation au lieu de la chercher.

Ainsi nous fermentons dans une sphère close, nous nous y donnons en spectacle et la logomachie triomphe à tous les coups, mais cette sphère est emportée par une Histoire devenue fatale et que nous déterminerons de moins en moins, un tourbillon auquel nos œuvres imprimèrent malgré nous une secousse décisive et que nos idées ne rattrapent. Nous avons cessé de nous concevoir nous-mêmes, nous ne nous prenons plus en charge et nous sombrons dans un état qui nous agrée et dont la catastrophe seule nous fera sortir, nous manquons de virilité face à notre évidence, nous sommes femmes devant le destin.

§

Le retour à la source est le premier devoir ou c'en est fait de l'homme. Aussi les rares penseurs dignes de ce nom s'occupent-ils d'ontologie et d'étymologie, afin de rétablir une métaphysique, alors que les petits esprits, soucieux d'être avec la mode, s'abîment dans la contemplation du social, ce détail subalterne.

Car la société n'est rien. C'est une forme et dont la masse de perdition sera le contenu, c'est la mêlée des somnambules spermatiques, c'est une chose méprisable infiniment et dont le philosophe n'aura point souci. L'Histoire est l'œuvre des grands hommes et le champ clos où se mesurent les élites, la foule est admise au spectacle et quand elle est enveloppée dans sa ruine, ses morts ne comptent pas plus que des mouches.

L'une des aberrations de notre temps est d'avoir multiplié le tombeau du Soldat Inconnu : nous avons, ce faisant, donné des gages aux pires d'entre les subvertisseurs, l'anonymat servant de bouclier à ceux que le chaos engendre, enfin le chaos a parmi nous des autels et nous l'y révérons déjà. Car les idoles

anonymes sont les portes et par où le chaos entre dans la place, les portes resteront ouvertes, afin que le chaos puisse tout envahir.

§

Le monde, que nous habitons, est dur, froid, sombre, injuste et méthodique, ses gouvernants sont ou des imbéciles pathétiques ou de profonds scélérats, aucun n'est plus à la mesure de cet âge, nous sommes dépassés, que nous soyons petits ou grands, la légitimité paraît inconcevable et le pouvoir n'est qu'un pouvoir de fait, un pis-aller auquel on se résigne.

Si l'on exterminait, de pôle en pôle, toutes les classes dominantes, rien ne serait changé, l'ordre instauré voilà cinquante siècles n'en serait même pas ému, la marche à la mort ne s'arrêterait plus un seul jour et les rebelles triomphants n'auraient plus que le choix d'être les légataires des traditions caduques et des impératifs absurdes.

La farce est terminée, la tragédie commence, le monde se fera toujours plus dur, plus froid, plus sombre et plus injuste, et malgré le chaos envahissant, toujours plus méthodique : c'est même l'alliance de l'esprit de système et du désordre qui me paraît son caractère le moins contestable, jamais il ne se verra plus de discipline et plus d'absurdité, plus de calcul et plus de paradoxes, enfin plus de problèmes résolus, mais résolus en pure perte.

§

Nos savants empliront le monde de jouets coûteux, ce sont de grands garçons, qui jouent à violenter la nature, et que nous admirons parfois à tort, car les services, qu'ils nous rendent, sont de plus en plus problématiques.

Nul ne peut désormais prévoir à quoi nous acheminent telle ou telle découverte, ce sont autant de voies où la Fatalité s'avance et non plus le genre de l'homme, la source a beau partir d'entre nos mains, le cours du fleuve nous échappe, le monde redevient inconnaissable et nous n'en pouvons convenir, sous peine de désespérer les simples, lesquels attendent le miracle et non la catastrophe.

Une remise en ordre est impossible désormais, le monde est en morceaux et nous n'imaginons plus de synthèse au fort d'un changement perpétuel, il faudrait arrêter le mouvement à seule fin de prendre un recul méthodique: or, nous ne sommes maîtres de freiner le flux qui nous emporte, les hommes

les mieux avertis éprouvent depuis des années qu'il est trop tard, nous allons au chaos, nous allons à la mort, nous préparons la catastrophe la plus énorme de toute l'Histoire, celle qui fermera l'Histoire et dont les survivants seront marqués pour tous les siècles.

§

Les leçons de l'Histoire sont pleines d'éloquence, mais nous ne voulons plus être éclairés par elles, nous récusons l'Histoire, à seule fin de pouvoir nier l'évidence et de persévérer en nos illusions, nous croyons au miracle et fût-ce en nous abandonnant à la fatalité, nous nous laissons aller à ce qui nous entraîne, avec l'espoir d'un changement que rien ne justifie, hors cette foi que nous avons en l'utopie.

Il s'agit d'une espèce de délire et qui s'est emparé des esprits les plus froids, les plus mathématiques et les plus cyniques, c'est la rançon qu'ils payent à l'idéalisme, et l'avenir se moquera de ces profonds calculateurs et de ces prétendus dialecticiens, à la merci d'idées obscures et confuses.

Nul responsable n'a parmi nous le courage de prévoir la catastrophe et moins encore de se l'avouer, l'impératif catégorique de ces temps est l'optimisme et fût-ce sur les bords du gouffre, nous sommes revenus à la magie verbale, nous conjurons et nous exorcisons, le plus étrange est que le ridicule de nos attitudes paraît désormais dans l'ordre, nos Chefs d'État ne sont plus que des thaumaturges et nous ne serons plus, sous eux, que des victimes consentantes.

§

Je suis l'un des prophètes de ces temps et le silence m'enveloppe. On a senti que j'avais quelque chose à dire et qu'on ne voulait pas apprendre. On s'en est défendu selon les procédés mis à la mode, on cherche à m'enterrer vivant et l'on n'aboutira qu'à rendre un jour mes partisans plus fanatiques.

Je persévère dans la voie que je me trace et cette voie est désormais ouverte, je n'y serai pas longtemps seul à marcher solitaire, mes idées manquaient à ce monde et ceux qui les adopteront y formeront un nouveau peuple, parmi les hommes d'ordre et les anarchistes.

Je ne suis pas davantage un anarchiste, les deux me font pareillement horreur et je m'établis au-dessus de leur querelle, je romps d'avec l'alternative en assignant un nouvel axe à la légalité, je veux que le principe féminin

préside à l'établissement de la Cité future et je déplace tous les signes, ce qui fut négatif ne doit plus l'être et ce qui ne l'est pas encore le deviendra sans faute, ma révolution la voilà toute, elle s'amorce sous nos yeux et mes idées la réfléchissent.

Ce n'est pas l'utopie que je professe, c'est une vérité que j'entrevois.

§

Pourquoi le pire est-il l'unique certitude, qui nous reste ? Il l'est pour deux raisons, la première étant l'impossible de freiner le mouvement qui nous emporte, et la seconde résidant en la nature même de ce mouvement.

Car à la vérité, le mouvement qui nous emporte, nous échappe et nous n'en sommes plus que les objets réduits à l'impuissance ; c'est un abîme que ce mouvement et nous nous y perdons, rien qu'à le mesurer. De plus il est sa propre raison d'être, il n'obéit à nul dessein que l'homme soit en possession de comprendre et selon toute probabilité – ce mouvement est désormais absurde. Ainsi l'absurdité devient fatale et la fatalité logique, c'est un enchaînement où tout conspire à nous désassembler et dans lequel nous nous sentons irresponsables.

Le pire est sûr et nous en sommes les complices, c'est une volupté de mort et qui devient une raison de vivre. Ainsi nous allons nous précipiter au-devant de l'inévitable, à l'égal de ces animaux devenus trop nombreux et qui ne songent plus qu'à se détruire en masse, et non par un excès d'esprit de sacrifice ou de spiritualité, comme on ne manquera de nous l'insinuer demain.

§

Nous ne pouvons survivre à l'état présent de ce monde, car l'état présent de ce monde n'a plus d'avenir. Nous allons mourir du présent et ceux qui survivront – ô combien rares ! – se retrouveront dans un autre monde, dont celui que nous habitons ne pouvait être la promesse.

Le futur rompra d'avec la réalité subie, il ne serait pas le futur s'il la continuait, entre nous-mêmes et nos lendemains s'étend le précipice où nous devons sombrer. Ainsi nous entrerons dans le chaos et dans la mort seconde, lourds de nos œuvres consubstantielles à la nuit, pour mieux nous enterrer sous elles, ainsi le passé nous suivra dans les ténèbres que nous approfondirons, afin qu'il n'en remonte.

Nous sommes prédestinés à fermer l'Histoire, l'Histoire devra mourir avec nous, nous touchons à l'expiration de la parenthèse ; nous consentons, et pleinement, à ce que nous n'éluderons, et rien ne nous effraye plus, nous attendons le pire ; nous ne nous attendons qu'au pire, nous avons sacrifié l'espérance, nous avons abdiqué la foi, nous sommes libres, plus libres que jamais, présents à notre mort et survivant à ces raisons de vivre que pour nous désormais la mort même remplace.

§

La voix profonde, que perçoivent tous ceux qui ne sont pas sourds, nous avertit de ce qui nous attend, nous savons que le mal est sans remède et que la créance au miracle est une impiété, nous savons que nous ne remonterons la pente et que nous nous approuverons de la descendre pour des raisons en apparence recevables, nous savons que nous allons éclater de pôle en pôle et périr dans l'embrasement que nos idées préparent à l'égal de nos moyens.

Le chaos sera bientôt notre dénominateur commun, nous le portons en nous et nous le trouverons en mille lieux ensemble, partout le chaos sera le futur de l'ordre, l'ordre déjà n'a plus de sens, il n'est plus qu'une mécanique vide et nous nous consumons à la perpétuer, afin qu'elle nous dévoue à l'irréparable. Nous élevons un temple à la Fatalité, nous l'honorons de sacrifices et l'heure n'est pas éloignée que nous nous offrirons nous-mêmes, le monde est plein de gens qui rêvent de mourir, en entraînant les autres dans la mort. L'on dirait que les hommes en surnombre distillent un poison qui se répand sur l'univers et qui rend l'œcumène inhabitable. Ainsi l'Enfer, loin d'être le néant, est la présence.

§

Nos religions sont les cancers de l'espèce et nous n'en guérirons que morts. Nous mourrons pour que nos religions périssent, la catastrophe engloutira les prêtres avec leurs fidèles. Les restes de l'humanité qui survivront au milieu des ruines, s'acharneront après les pierres subsistantes.

Je ris de voir les nations entretenir et restaurer les édifices, où s'engendra leur mort spirituelle, à l'heure qu'il fallait repenser l'univers ; je ris de voir cent peuples devenir conservateurs de leurs antiquités imaginaires ou réelles, à la merci de la prochaine catastrophe ; je ris de voir disputés au néant les temples dont le néant a la survivance et je professe que tout va mourir, les hommes à l'égal des pierres, les pierres à l'égal des hommes.

Demain, la mort célébrera ses noces avec le chaos et nous ornons déjà leurs tables, c’est pour leur fête que nous besognons. Nos édifices sont les pièces qui figureront au milieu de la chair des peuples immolés, émincés, bouillis et rôtis, dont les entrailles frémiront d’amour devant les bontés de la Providence et qui contempleront, au moment de leur agonie, le vide qu'ils imaginaient divin.

§

Il nous faut une Révélation nouvelle et qui proclame la caducité de celles que nous observons. Mais celles que nous observons sont là, leur poids de mort s’allie à la Fatalité qui nous écrase, ordre et chaos forment un tout que nous ne parvenons à rompre.

Les Anarchistes et les Nihilistes sont les derniers hommes raisonnables et sensibles parmi les sourds, qui marchent, et les aveugles qui militent, mais il ne suffit pas d’avoir raison au siècle d’à présent, ni de sentir, pour changer quoi que ce puisse être. Il faut remplacer l’ordre par un ordre et non par un désordre, et la morale par une morale et non par l’immoralité, comme la foi par une foi, non par un vide seulement, et les dieux morts par les divinités qui naissent.

Nous n’avons pas besoin d’agitateurs, nous avons besoin de prophètes, nous avons besoin de génies religieux à la mesure de ces temps, à la mesure de nos œuvres, car tous ceux dont nous révérons le souvenir et sans en excepter aucun, sont dépassés. Ils sont tous dépassés et ceux qui s’en réclament, les trahissent. Nulle tradition ne nous protège contre l’avenir, car l’avenir n’a pas de précédent et l’univers n’a plus d’asile.

§

Tout ce qui nous arrive était prévu de longue date et ceux auxquels la Tradition n’est pas étrangère, savaient ce monde condamné, mais ils ne trouvaient pas d’oreilles pour se faire entendre.

Le cœur de l’homme n’a pas varié, le cœur de l’homme est pareil à la mer profonde et ténébreuse, les changements n’ont lieu qu’à la surface où notre sensibilité réfléchit la lumière, mais quand nous descendons, nous retrouvons ce qui fut et sera : la philosophie n’y pénètre guère et seule la théologie a les clés de l’abîme.

Notre théologie fut l'aberration par excellence et nous en expions les crimes et les fautes : elle avait vomi la nature et la nature s'est vengée. Nous sommes des antiphysiques et nos religions prétendues révélées n'auront su que bâtir le tombeau de l'espèce. La folie de la croix est à présent celle de l'homme, la volupté du sacrifice est la dernière à la mesure de nos œuvres, le goût de mort sera la consommation de nos idées.

Dans le chaos, où nous nous enfonçons, il est plus de logique que dans l'ordre, l'ordre de mort où nous nous confirmâmes tant de siècles et qui se désassemble sous nos pas automatiques.

Breviário do caos

"O caos possui altares entre nós,
e já os reverenciamos."

ALBERT CARACO

Tendemos à morte, como a flecha ao alvo, e não a erramos nunca, a morte é nossa única certeza e sempre sabemos que vamos morrer, não importa quando, onde e como. Pois a vida eterna é um sem-sentido, a eternidade não é a vida, a morte é o repouso ao qual aspiramos, vida e morte estão ligadas, os que exigem outra coisa reivindicam o impossível e não obterão senão fumaça, sua recompensa.

Nós, que não nos consolamos com palavras, consentimos em desaparecer e nos aprovamos em consentir, não escolhemos nascer e nos julgamos bem-aventurados de não sobreviver em nenhuma parte a esta vida, que nos foi imposta antes que dada, vida plena de carências e de dores, de alegrias problemáticas ou malvadas. Que um homem seja feliz, o que isso prova? A felicidade é um caso de espécie e só olhamos para as leis do gênero, raciocinamos a partir delas, são elas que meditamos e aprofundamos, desprezamos quem quer que busque o milagre e não somos gulosos de beatitudes, nossa evidência nos basta e nossa excelência não está encerrada alhures.

§

As cidades, que habitamos, são escolas da morte porque são inumanas. Cada uma delas se tornou o cruzamento do rumor e do relento, cada uma se tornando um caos de edifícios, onde nos amontoamos aos milhões, perdendo nossas razões de viver.

Infelizes sem remédio nos sentimos quer queira quer não através do labirinto do absurdo e dele só sairemos mortos, pois nosso destino é o de reproduzir sempre, com o único fim de perecermos inumeráveis. A cada giro da roda, as cidades que habitamos avançam insensivelmente uma diante da outra, aspirando a confundir-se, é uma marcha ao caos absoluto, no rumor e no relento. A cada giro da roda, os preços dos terrenos aumentam e no labirinto que engolfa o espaço livre, o rendimento do investimento eleva, dia após dia, uma centena de muros. Pois é necessário que o dinheiro trabalhe e que as cidades, que habitamos, cresçam, é até legítimo que, a cada geração, suas casas dobrem de altura e falte água a cada dois dias. Os construtores não aspiram senão a subtrair-se ao destino que preparam para nós, indo viver no campo.

§

Nossa juventude se sente condenada e é por isso que as universidades estão fechando, ela tem razão, nós estamos errados e lhes preparando uma nova guerra.

A ordem e a guerra estão ligadas, nossa moral não o ignora, basta se referir aos ensinamentos dos grandes moralistas: tal é a única certeza e não podemos imaginar o estado de paz perpétua, a ordem não resistiria a isso. Nossa juventude penetrou nessa relação de conveniência, compreendeu o encadeamento entre nossos valores e seus infortúnios, é uma descoberta doravante irresistível.

O paradoxo é que tendo razão nossa juventude está errada, pois neste universo, que a uniformidade ameaça, os povos não são contemporâneos uns dos outros; há também muitas nações em que a juventude está pronta para imolar-se. Creem nossos jovens que basta declarar a paz ao mundo, aqui embaixo, para que o mundo os escute? Estamos no Inferno e não temos escolha senão entre ser condenados, que se atormentam, ou os diabos responsáveis pelo seu suplício.

§

O inferno que levamos em nós corresponde ao inferno de nossas cidades, nossas cidades são proporcionais aos nossos conteúdos mentais, a vontade de morte preside o furor de viver e não chegamos a discernir a que nos inspira, nos precipitamos em trabalhos intermináveis e nos orgulhamos de nos elevar

aos cumes, a desmesura nos possui e, sem nos concebermos, construímos sempre.

O mundo será em breve nada mais que um canteiro onde, semelhantes às formigas, milhões de cegos, atarefados a perder fôlego, labutarão, no rumor e no relento, como autômatos, até que, um dia, despertarão presas tomados pela demência e se degolarão uns aos outros. No universo, no qual nos obstinamos, a demência é a forma que tomará a espontaneidade do homem alienado, do homem de posses, do homem ultrapassado pelos meios e tornado escravo de suas obras. A loucura jaz ademais sob nossos imóveis de cinquenta andares e a despeito de nossa precipitação em extirpá-la, não chegaremos nem a reduzi-la, ela é esse novo deus que não mais apaziguaremos rendendo-lhe uma espécie de culto: é nossa morte que ela incessantemente reclama.

§

Se há um Deus, o caos e a morte figurarão em nome de Seus atributos, se não existe, dá na mesma, o caos e a morte se bastarão até a consumação dos tempos. Não importa o que se incense, somos presas da sombra e da dissolução, não importa o que se adore, não se evitará nada, os bons e os maus têm um mesmo destino, um mesmo abismo acolhe os santos e os monstros, a ideia do justo e da injustiça nunca passou de um delírio, ao qual nos apegamos por razões de conveniência.

Na verdade, a fonte das ideias religiosas e morais está no homem, buscá-la fora do homem é um sem-sentido, o homem é um animal metafísico que gostaria que o universo existisse só para ele, mas o universo o ignora e o homem se consola dessa ignorância povoando a terra de deuses, deuses feitos à sua imagem. Assim chegamos a viver nos consolando com razões ocas, mas essas razões tão belas e consoladoras são o mesmo que nada, quando nossos olhos se abrem sobre a morte e o caos, pelos quais vivemos envoltos e sempre ameaçados. A fé não passa de uma vaidade entre as vaidades, a arte de enganar o homem sobre a natureza deste mundo.

§

A hora dos exorcismos e das conjurações passou; o que quer que aconteça, passou o tempo da oração. Nossas religiões já não nos servem para nada e os crentes não têm mais razão alguma de ser, pois aquelas nos extraviam de

nossa evidência e estes não repensarão o mundo; ora, se o mundo, que habitamos, não é repensado, não subsistiremos mais do que três gerações, não poderemos nos extraviar de nossa evidência por mais três gerações seguidas.

Doravante temos meios, que nos julgam, e nossos sistemas inspirados não saberiam prevalecer sobre eles, o tempo do pensamento preludia e a hora da meditação começa. Em verdade, são os crentes que formam a massa da perdição, os crentes são demasiados entre o futuro e nós, também a morte será sua recompensa e nunca houve uma mais justa. Não é bom que sejamos governados por cegos, e que recebam honrarias, porque são cegos: não é legítimo que Chefes de Estado façam para si um título de sua superstição nem que honrem com sua presença as cerimônias de um culto. Um homem digno deste nome, no século presente, não acredita em nada e se glorifica por isso.

§

Não sabemos que deuses serão adorados pelos séculos por vir, acreditamos no advento de uma ordem em que o princípio feminino tomará o lugar que reservávamos para o Pai no Céu, doravante entre nós o Pai do caos e da morte.

Aprovamos a promoção de Maria: Maria, que não era nada nos Quatro Evangelhos, acaba de subir ao Céu, do qual toma pose ao cabo de dois mil anos, ela é a *Magna Mater* ressuscitada e Jesus não é senão o seu apêndice, mas lhe falta sempre uma metade dela mesma. Os séculos por vir restaurarão a integridade da Deusa, pois não basta que ela seja Virgem e Mãe, é preciso também que seja Prostituta e absorva a figura de Madalena, na qual reside o complemento da integridade.

Agora, e somente agora, poderemos celebrar as núpcias do Céu e da Terra, agora, e somente agora, a paz será perpétua, e o princípio feminino, mestre absoluto do mundo, tal como antes da História, agora e somente agora o movimento se deterá para que a imobilidade reine, agora e somente agora o centro será reconquistado e a extensão organizada a partir deste centro.

§

Não saímos do falso senão com o auxílio do furor, mas a partir do momento em que nos reagrupamos, recaímos no falso e, sem poder ir em di-

reção ao verdadeiro, sem cair no desespero e na ira, falamos de autenticidade, para não confessar que ainda mentimos.

Viemos a mentir em dois planos distintos e os opomos, a fim de nos persuadir de que a objetividade guarda os seus direitos, falamos até de dialética na hora de mudar de plano, o capital da labuta é o de nos agitar, em vez de nos mover, e de nos subtrair à confrontação, em vez de buscá-la.

Assim fermentamos em uma esfera cerrada, nos oferecemos aí em espetáculo e a logomaquia triunfa todas as vezes, mas essa esfera é arrastada por uma História que se tornou fatal e que determinaremos cada vez menos, um turbilhão ao qual nossas obras deram uma sacudida decisiva, a despeito de nós mesmos, e que nossas ideias não captam. Deixamos de nos conceber, não nos levamos mais em consideração e chafurdamos em um estado que nos agrada e do qual só a catástrofe nos permitirá sair, carecemos de virilidade em face da nossa evidência, somos mulheres diante do destino.

§

O retorno à fonte é o primeiro dever ou o homem está liquidado. Assim os raros pensadores dignos deste nome se ocupam de ontologia e de etimologia, a fim de restabelecer uma metafísica, ao passo que os pequenos espíritos, em sua necessidade de estar na moda, se abismam na contemplação do social, esse detalhe subalterno.

Pois a sociedade não é nada. É uma forma e cuja massa de perdição será o conteúdo, é a mistura de sonâmbulos espermáticos, uma coisa desprezível infinitamente e com a qual o filósofo não terá nenhuma preocupação. A História é obra dos grandes homens e o campo cerrado no qual se medem as elites, a massa é admitida ao espetáculo e quando se vê envolta em sua ruína, seus mortos não valem mais do que moscas.

Uma das aberrações dos nossos tempos é ter multiplicado a tumba do Soldado Desconhecido: demos, assim, munição aos piores dos subversores, o anonimato servindo de escudo aos que o caos engendra, enfim, o caos possui altares entre nós, e já os reverenciamos. Pois os ídolos anônimos são as portas pelas quais o caos entra no lugar, as portas permanecerão abertas, para que o caos possa invadir tudo.

§

O mundo, que habitamos, é duro, frio, sombrio, injusto e metódico, seus governantes são ou imbecis patéticos ou profundos celerados, nenhum outro

está mais à medida desta época, estamos ultrapassados, sejamos pequenos ou grandes, a legitimidade parece inconcebível e o poder não é senão um poder de fato, um mal menor ao qual nos resignamos.

Se fossem exterminados, de ponta a ponta, todas as classes dominantes, nada mudaria, a ordem instaurada há cinquenta séculos não seria nem abalada, a marcha em direção à morte não se deteria por um dia sequer e os rebeldes triunfantes não teriam outra escolha senão serem os legatários de tradições caducas e de imperativos absurdos[1].

A farsa terminou, a tragédia começa, o mundo será cada vez mais duro, mais frio, mais sombrio e mais injusto, e a despeito do caos cada vez maior, sempre mais metódico: é, com efeito, a aliança do espírito de sistema e do espírito de desordem que me parece o seu caráter menos contestável, haverá cada vez mais disciplina e mais absurdidade, mais cálculo e mais paradoxos, enfim, mais problemas resolvidos, mas resolvidos para nada.

§

Nossos sabichões entupirão o mundo de brinquedos caros, são crianças grandes, brincando de violentar a natureza, e que admiramos às vezes erradamente, pois os serviços que nos prestam são cada vez mais problemáticos.

Já ninguém pode prever a que nos conduzirá tal ou tal descoberta, são tantas as vias pelas quais avança a Fatalidade e não mais o gênero humano, a fonte se aparta de nossas mãos, o curso da enxurrada nos escapa, o mundo se torna incognoscível e não podemos consentir, sob risco de desesperar os simples, que esperam pelo milagre e não pela catástrofe.

Uma reordenação é doravante impossível, o mundo está em frangalhos e já não podemos imaginar uma síntese em meio de uma mudança perpétua, seria necessário deter o movimento com o único fim de tomar um recuo metódico: ora, não somos mestres para frear o fluxo que nos arrasta, os homens mais bem avisados sentem há anos que é tarde demais, nos encaminhamos ao caos, vamos em direção à morte, preparamos a catástrofe mais enorme de toda a História, a que encerrará a História e cujos sobreviventes serão marcados por todos os séculos.

---

[1] Provável alusão ao judaísmo, tradição religiosa em que se insere Albert Caraco, e à tradição judaico-cristã em geral. Os "imperativos absurdos" parecem aludir ao *imperativo categórico* de Kant, um dos conceitos principais de sua filosofia ética, tal como desenvolvida *na Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1785). Basicamente, o imperativo categórico prescreve que devemos agir sempre de maneira que as nossas ações e decisões fossem as mesmas que desejaríamos ver universalizadas, da parte de todos os indivíduos. (n.t.)

§

As lições da História são cheias de eloquência, mas não queremos mais ser iluminados por elas, recusamos a História, só para poder negar a evidência e perseverar em nossas ilusões, acreditamos no milagre e ainda que nos abandonemos à fatalidade, nos deixamos ir em direção ao que nos arrasta, com a esperança de uma mudança que nada justifica, fora dessa fé que depositamos na utopia.

Trata-se de uma espécie de delírio que toma conta dos espíritos mais frios, mais matemáticos e mais cínicos, é o tributo que pagam ao idealismo, e o futuro zombará desses profundos calculistas e desses pretensos dialéticos, à mercê de ideias obscuras e confusas.

Nenhum responsável dentre nós tem a coragem de prever a catástrofe e menos ainda de confessá-la a si, o imperativo categórico destes tempos é o otimismo e mesmo à beira do abismo, voltamos à magia verbal, conjuramos e exorcizamos, e o mais estranho é que o ridículo de nossas atitudes parece doravante conforme à ordem, nossos Chefes de Estado não passam de taumaturgos e nós não seremos mais, sob eles, vítimas consensuais.

§

Eu sou um dos profetas destes tempos e o silêncio me engolfa. Sentiram que eu tinha algo a dizer e não queriam escutar. Defenderam-se segundo os expedientes da moda, buscam enterrar-me vivo e só conseguirão um dia tornar meus partidários mais fanáticos.

Persevero na via que me tracei e esta via está doravante aberta, não estarei sozinho nela a marchar solitário por muito tempo, minhas ideias faziam falta a este mundo e os que as adotarem formarão um novo povo, entre os homens de ordem e os anarquistas.

Tampouco sou um anarquista, os dois me causam horror igualmente e me situo acima de sua querela, rompo com a alternativa atribuindo um novo eixo à legalidade, quero que o princípio feminino presida a fundação da Cidade futura e desloco todos os signos, o que fora negativo não deve mais sê-lo e o que ainda não é, sê-lo-á seguramente, eis toda a minha revolução, ela se inicia sob nossos olhos e as minhas ideias a refletem.

Não é a utopia que eu professo, é uma verdade que entrevejo.

§

Por que o pior é a única certeza que nos resta? Por duas razões, a primeira sendo a impossibilidade de frear o movimento que nos arrasta, e a segunda residindo na própria natureza desse movimento.

Pois na verdade esse movimento nos escapa e nele não somos senão objetos reduzidos à impotência; esse movimento é um abismo e nos perdemos nele, apenas medindo-o. Ademais ele é sua própria razão de ser, não obedece a nenhum desígnio que o homem seja capaz de compreender e com toda a probabilidade – este movimento é doravante absurdo. Assim a absurdidade se torna fatal, e a fatalidade lógica é um grilhão em que tudo conspira para nos desmontar, e no qual nos sentimos irresponsáveis.

O pior é certo e nós somos seus cúmplices, é uma volúpia de morte que se torna uma razão de viver. Assim nos precipitaremos diante do inevitável, a exemplo desses animais que se tornam muito numerosos e só desejam destruir-se em massa, e não por um excesso de espírito de sacrifício ou de espiritualidade, como não deixarão de insinuar para nós amanhã.

§

Não podemos sobreviver ao estado presente deste mundo, pois o estado presente deste mundo não tem futuro. Morreremos do presente e os que sobreviverem – e como serão raros! – se encontrarão em um outro mundo, do qual este que habitamos não poderia ser a promessa.

O futuro romperá com a realidade sofrida, não seria o futuro se a prolongasse, entre nós e nossos amanhãs se estende o precipício onde devemos mergulhar. Assim entraremos no caos e na morte segunda, pesados de nossas obras consubstanciais à noite, para melhor nos enterrarmos sob elas, e assim o passado nos seguirá nas trevas que aprofundaremos, a fim de que não retorne.

Estamos predestinados a encerrar a História, a História deverá morrer conosco, alcançamos a expiração do parêntese; consentimos, e plenamente, ao que não eludiremos, e nada nos aterroriza mais, esperamos pelo pior; não esperamos senão o pior, sacrificamos a esperança, abdicamos da fé, somos livres, mais livres do que nunca, presentes à nossa morte e sobrevivendo a essas razões de viver que para nós doravante a própria morte suplanta.

§

A voz profunda, ouvida por todos que não são surdos, nos adverte sobre o que nos aguarda, sabemos que o mal é irremediável e que a crença no milagre é uma impiedade, sabemos que não tornaremos a subir a ladeira e que consentiremos em descê-la por razões aparentemente válidas, sabemos que vamos explodir de ponta a ponta e perecer na conflagração que preparam nossas ideias, assim como nossos meios.

O caos logo será nosso denominador comum, o levamos em nós e o encontraremos em milhares de lugares juntos, por toda parte o caos será o futuro da ordem, a ordem já não tem nenhum sentido, não passa de uma mecânica vazia e nos consumimos a perpetuá-la, para que ela nos despache para o irreparável. Elevamos um templo à Fatalidade, a honramos com sacrifícios e não está distante a hora em que nos oferecemos a ela, o mundo está abarrotado de gente que sonha em morrer, levando os outros para a morte. Dir-se-á que os homens em número elevado destilam um veneno que se espalha pelo universo e torna o ecúmeno inabitável. Assim o Inferno, longe de ser o nada, é a presença.

§

Nossas religiões são o câncer da espécie e não nos curaremos delas senão mortos. Morremos para que nossas religiões pereçam, a catástrofe engolirá os padres com seus fiéis. Os restos da humanidade que sobreviverão em meio às ruínas se lançarão atrás das pedras restantes.

Eu rio ao ver as nações construírem e restaurarem os edifícios, onde será engendrada a sua morte espiritual, no momento em que seria preciso repensar o universo; eu rio ao ver centenas de povos tornarem-se os guardiões de suas antiguidades imaginárias ou reais, à mercê da próxima catástrofe; eu rio ao ver disputados com o nada os templos em que o nada detém a sobrevivência, e professo que tudo vai morrer, os homens assim como as pedras, as pedras assim como os homens.

Amanhã, a morte celebrará suas núpcias com o caos, e já preparamos as mesas, é para sua festa que labutamos. Nossos edifícios são as peças que figurarão no meio da carne dos povos imolados, trucidados, cozidos e assados, cujas entranhas tremerão de amor diante da generosidade da Providência, contemplando, no momento de sua agonia, o vazio que imaginavam divino.

§

Precisamos de uma nova Revelação que proclame a caducidade daquelas que observamos. Mas estas que observamos estão aí, seu peso de morte se alia à Fatalidade que nos esmaga, ordem e caos formam um todo que não conseguiremos transpor.

Os Anarquistas e os Niilistas são os últimos homens razoáveis e sensíveis em meio aos surdos, que marcham, e os cegos, que militam, mas não basta ter razão no presente século, nem sentir, para mudar o que quer que seja. É preciso suplantar a ordem por uma ordem e não por uma desordem, e a moral por uma moral e não pela imoralidade, como a fé por uma fé, não por um vazio somente, e os deuses mortos por divindades nascedouras.

Não temos necessidade de agitadores, temos necessidade de profetas, necessidade de gênios religiosos à medida destes tempos, à medida de nossas obras, pois todos aqueles cuja recordação reverenciamos estão, sem exceção, ultrapassados. Estão todos ultrapassados e aqueles que os reivindicam os traem. Nenhuma tradição pode nos proteger contra o porvir, pois o porvir não possui precedente e o universo não oferece mais asilo.

§

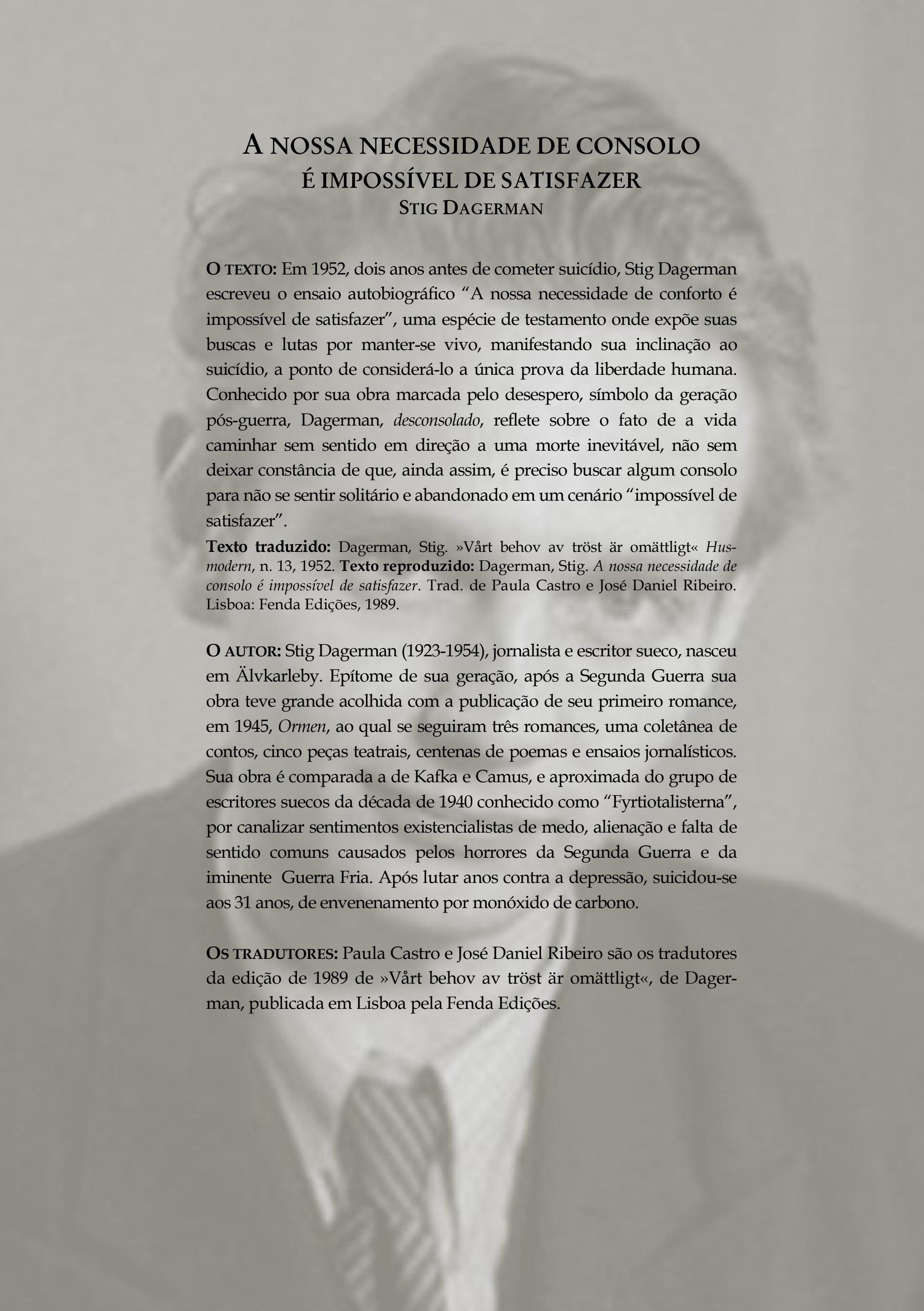
Tudo o que nos acontece estava previsto de longa data, e aqueles a quem a Tradição não é estranha sabiam que este mundo estava condenado, mas não encontravam ouvidos para escutá-los.

O coração do homem não variou, o coração do homem se assemelha ao mar profundo e tenebroso, as mudanças só ocorrem na superfície em que nossa sensibilidade reflete a luz, mas quando mergulhamos, encontramos o que foi e o que será: a filosofia não penetra aí e só a teologia tem as chaves do abismo.

Nossa teologia foi a aberração por excelência e somos nós a expiar seus crimes e seus erros: ela vomitou a natureza e a natureza se vingou. Somos antifísicos[2] e nossas religiões pretensamente relevadas só fizeram edificar a tumba da espécie. A loucura da cruz é agora a do homem, a volúpia do sacrifício é a última à medida de nossas obras, o gosto da morte será a consumação de nossas ideias. No caos em que chafurdamos, há mais lógica que

[2] *Antiphysiques,* no original francês, diferentemente de *antimétaphysiques*, como poderia parecer mais pertinente ao contexto temático. (n.t.)

na ordem, na ordem de morte em que nos reafirmamos há tantos séculos, e que se desfaz sob nossos passos automáticos.



A NOSSA NECESSIDADE DE CONSOLO É IMPOSSÍVEL DE SATISFAZER

STIG DAGERMAN

O TEXTO: Em 1952, dois anos antes de cometer suicídio, Stig Dagerman escreveu o ensaio autobiográfico “A nossa necessidade de conforto é impossível de satisfazer”, uma espécie de testamento onde expõe suas buscas e lutas por manter-se vivo, manifestando sua inclinação ao suicídio, a ponto de considerá-lo a única prova da liberdade humana. Conhecido por sua obra marcada pelo desespero, símbolo da geração pós-guerra, Dagerman, *desconsolado*, reflete sobre o fato de a vida caminhar sem sentido em direção a uma morte inevitável, não sem deixar constância de que, ainda assim, é preciso buscar algum consolo para não se sentir solitário e abandonado em um cenário “impossível de satisfazer”.

Texto traduzido: Dagerman, Stig. »Vårt behov av tröst är omättligt« *Husmodern*, n. 13, 1952. **Texto reproduzido:** Dagerman, Stig. *A nossa necessidade de consolo é impossível de satisfazer*. Trad. de Paula Castro e José Daniel Ribeiro. Lisboa: Fenda Edições, 1989.

O AUTOR: Stig Dagerman (1923-1954), jornalista e escritor sueco, nasceu em Älvkarleby. Epítome de sua geração, após a Segunda Guerra sua obra teve grande acolhida com a publicação de seu primeiro romance, em 1945, *Ormen*, ao qual se seguiram três romances, uma coletânea de contos, cinco peças teatrais, centenas de poemas e ensaios jornalísticos. Sua obra é comparada a de Kafka e Camus, e aproximada do grupo de escritores suecos da década de 1940 conhecido como “Fyrtiotalisterna”, por canalizar sentimentos existencialistas de medo, alienação e falta de sentido comuns causados pelos horrores da Segunda Guerra e da iminente Guerra Fria. Após lutar anos contra a depressão, suicidou-se aos 31 anos, de envenenamento por monóxido de carbono.

OS TRADUTORES: Paula Castro e José Daniel Ribeiro são os tradutores da edição de 1989 de »Vårt behov av tröst är omättligt«, de Dagerman, publicada em Lisboa pela Fenda Edições.

VÅRT BEHOV AV TRÖST ÄR OMÄTTLIGT

"Mitt liv är ingenting som skall mätas."

STIG DAGERMAN

Jag saknar tro och kan därför aldrig bli någon lycklig människa, ty en lycklig människa skall aldrig behöva frukta att hennes liv är ett meningslöst irrande mot den vissa döden.Jag har varken ärvt en god eller fast punkt på jorden varifrån jag skulle kunna tilldraga mig en guds uppmärksamhet. Jag har heller inte ärvt skeptikerns väl dolda raseri eller ateistens brinnande oskuld. Jag vågar därför inte kasta sten på henne som tror på ting, på vilka jag tvivlar eller på honom som dyrkar ett tvivel, som vore inte även det omgivet av mörker. Den stenen skulle träffa mig själv, ty om en sak är jag fast övertygad:att människans behov av tröst är omättligt.

Jag jagar själv tröst som en jägare ett villebråd. Var jag ser den skymta i skogarna skjuter jag. Ofta träffar jag bara tomma luften, men någon gång faller ett byte till mina fötter. Eftersom jag vet att tröstens beständighet är lika kort som vindens i en trädkrona skyndar jag mig att bemäktiga mig mitt offer.

Vad håller jag då i mina armar?

Eftersom jag är ensam: en älskad kvinna eller en olycklig medvandrare.

Eftersom jag är diktare: en båge av ord, vilkens spänning fyller mig med glädje och förskräckelse.

Eftersom jag är en fånge: en plötslig utsikt mot friheten.

Eftersom jag är hotad av döden: ett varmt levande djur, ett hånfullt klappande hjärta.

Eftersom jag är hotad av havet: ett skär av ståndaktig granit.

Men det finns också tröster som kommer till mig som objudna gäster och fyller mitt rum med gemena viskningar: Jag är din lust – älska alla! Jag är din talang – missbruka den så som dig själv! Jag är din njutningslystnad – endast gourmeter leva! Jag är din ensamhet – förakta människorna! Jag är din dödslängtan – skär!

Balansen är en smal tilja. Jag ser mitt liv hotat av två makter: å ena sidan av måttlöshetens glupska munnar, å andra sidan av den snara bitterhet som är sin egen föda. Men jag vill vägra att välja mellan orgien och askesen, även om priset blir en hud av myror. Det räcker inte för mig att veta, att allt kan ursäktas under hänvisning till lagen om den fria viljan. Det är inte en ursäkt för mitt liv jag söker, utan det som är motsatsen till ursäkt: försoning. Det går slutligen upp för mig, att all tröst som inte räknar med min frihet är bedräglig, är blotta spegelbilden av min förtvivlan. Ty när min förtvivlan säger: misströsta, ty dagen är omgiven av två nätter, ropar den falska tröstten: hoppas, ty natten är omgiven av två dagar.

Men människan behöver inte en tröst som är en vits utan en tröst som lyser. Och den som önskar bli en dålig människa, det vill säga en människa som handlar som kunde alla handlingar försvaras, bör åtminstone ha godheten att lägga märke till när hon blir det.

Ingen kan räkna upp alla de fall när tröst är av nöden. Ingen vet när skuggan faller och livet är inget problem som kan lösas genom att man dividerar ljuset med mörkret och dagarna med nätterna, utan en oberäknelig resa mellan platser som inte finns. Jag kan till exempel gå på stranden och plötsligt känna evighetens fruktansvärda utmaning mot min existens i havets ständiga rörelser och vindens ständiga flykt. Vad blir då tiden annat än en tröst för att intet mänskligt kan äga bestånd – och vilken usel tröst som endast gör schweizare rika!

Jag kan sitta framför en brasa i det tryggaste av alla rum och plötsligt erfara, hur döden omger mig. Den finns i elden, i alla vassa föremål omkring mig, i takets tyngd, den finns i vattnet, i snön, i hettan och i mitt blod.

Vad blir då den mänskliga tryggheten annat än en tröst för att döden står närmast livet – och vilken klen tröst som endast påminner om det den vill få oss att glömma!

Jag kan fylla alla mina vita papper med de skönaste kombinationer av ord som tänds i min hjärna. Eftersom jag längtar efter bekräftelse på att mitt liv inte är meningslöst och att jag inte är ensam på jorden samlar jag orden till en bok och skänker den åt världen. Världen ger mig i gengäld pengar och

berömmelse och tystnad. Men vad bryr jag mig om pengar och vad bryr jag mig om att jag bidrar till litteraturens förkovran – jag bryr mig endast om det jag aldrig får: bekräftelse på att mina ord rört vid världens hjärta. Vad blir då min talang annat än en tröst för att jag är ensam – men vilken fruktansvärd tröst som endast får mig att uppleva ensamheten med femdubbel styrka!

Jag kan se friheten förkroppsligas i ett djur som snabbt passerar i en glänta och höra en röst som viskar: lev enkelt och ta vad du vill ha och frukta inte lagarna. Men vad är detta goda råd annat än en tröst för att frihet icke existerar – och vilken obarmhärtig tröst för den som inser att det måste ta miljoner år för en människa att bli en ödla!

Jag kan slutligen upptäcka att denna jord är en massgrav, där kung Salomo, Ofelia och Himmler vilar sida vid sida. Jag kan därav lära mig att den grymme och den olyckliga åtnjuter samma död som den vise och att döden sålunda kan förefalla som en tröst för ett förfelat liv – men vilken gräslig tröst för den som i livet skulle vilja se en tröst för döden!

Jag äger ingen filosofi i vilken jag kan röra mig som fågeln i luften och fisken i vattnet. Allt jag äger är en duell och denna duell utspelas varje stund av mitt liv mellan de falska tröster, som endast ökar vanmakten och får min förtvivlan att djupna, och de sanna tröster, som leder mig mot den tillfälliga befrielsen. Jag borde kanske säga: den sanna tröst ty strängt taget finns för mig bara en sann tröst: den som låter mig veta att jag är en fri människa, en okränkbar individ, en inom mina gränser suverän person.

Men frihet börjar med slaveri och suveränitet med beroende. Det säkraste tecknet på min ofrihet är min fruktan för att leva. Det definitiva tecknet på min frihet är att min fruktan viker och famnar plats för oberoendets jämna glädje. Det låter som om jag behöver beroendet för att slutligen kunna få erfara trösten att jag är en fri människa och det är säkert sant. I ljuset av mina handlingar märker jag att hela mitt liv tycks ha till mål att skaffa kvarnstenar till min hals. Det som skulle kunna ge mig frihet ger mig slaveri och kvarnstenar i stället för bröd.

Andra människor har andra herrar. Mig förslavar till exempel min talang till den grad att jag inte längre vågar bruka den av fruktan för att ha mist den. Jag blir vidare en sådan slav under mitt namn, att jag knappt vågar skriva en rad av fruktan för att skada det. Och när depressionen slutligen kommer blir jag en slav också under den. Min högsta strävan blir att hålla den kvar, min största lust att känna att mitt enda värde låg i det jag tror mig ha förlorat: förmågan att pressa skönhet ur min förtvivlan, min olust och mina svagheter. Med bitter fröjd vill jag se mina hus falla i ruiner och mig själv insnöad i

glömska. Men depressionen har sju askar och i den sjunde ligger en kniv, ett rakblad, ett gift, ett djupt vatten och ett språng från hög höjd. Jag slutar som slav under alla dessa dödens redskap. De följer mig som hundar eller jag dem som en hund. Och jag tycker mig fatta att självmordet är det enda beviset på människans frihet.

Men från ett håll som jag ännu inte anar nalkas befrielsens under. Det kan ske på stranden och samma evighet som nyss väckte min fruktan bevittnar nu min födelse till frihet. Vari består då detta under? Helt enkelt i den plötsliga upptäckten att ingen, varken makter eller människor har rätt att ställa sådana krav på mig att min lust till liv förtvinar. Ty om den lusten inte finns – vad kan då finnas?

Eftersom jag står vid havet kan jag lära av havet. Ingen har rätt att begära av havet att det skall bära alla båtar eller av vinden att den ständigt skall fylla alla segel. Lika lite har någon rätt att begära av mig att mitt liv skall bli en fångenskap under funktioner. Inte plikten framför allt utan livet!

Jag, liksom varje människa måste ha rätt till ögonblick då jag får ta ett steg åt sidan och känna, att jag inte bara är en del i den massa, som kallas jordens befolkning, utan en självständigt verkande enhet.

Endast i det ögonblicket kan jag stå fri mot alla de fakta om livet som förut vållat min förtvivlan. Jag kan erkänna att havet och vinden visserligen kommer att överleva mig och att evigheten är obekymrad om mig. Men vem ber mig att bekymra mig om evigheten? Mitt liv är kort endast om jag placerar det på tidräkningens stupstock. Mina livsmöjligheter är begränsade endast om jag räknar antalet ord eller böcker jag kommer att hinna prestera innan jag dör. Men vem ber mig räkna? Tid är ett falskt mått för liv. Tid är ett i grunden värdlöst mätinstrument, ty det når bara mitt livs utanverk.

Men allt väsentligt som händer mig och ger mitt liv sitt underbara innehåll: mötet med en älskad människa, smekningen på huden, hjälpen i nöden, månskenet i ögonen, segelturen på havet, glädjen åt ett barn, rysningen inför skönheten, utspelas helt och hållet utanför tiden. Ty om jag möter skönheten en sekund eller hundra år är likgiltigt. Saligheten står inte endast vid sidan av tiden, den säger upp livets bekantskap med tiden.

Jag lyfter alltså tidens börda från axlarna och därmed också prestationskravets. Mitt liv är ingenting som skall mätas. Varken bockspränget eller soluppgången är några prestationer. Ett människoliv är heller ingen prestation utan ett växande in mot fulländningen. Och det fulländade presterar ingenting, det verkar i vila. Det är meningslöst att hävda att havet är till för att bära armador och delfiner. Det är vidare meningslöst

att påstå att människan är till för något annat än att leva. Hon matar visserligen maskiner eller skriver böcker men kunde lika gärna göra något annat. Det väsentliga förblir att hon gör vad hon gör under bibehållen frihet och med klart medvetande om att hon, liksom varje annan detalj i skapelsen, är ett självändamål. Hon vilar i sig själv som en sten i sanden.

Även mot dödens makt kan jag stå fri. Jag kan visserligen aldrig bli kvitt tanken att döden följer mina steg och ännu mindre förneka dess faktum. Men jag kan minska dess hot till intet genom att undvika att förankra mitt liv i så tillfälliga fästen som tideräkning och ryktbarhet.

Däremot står det inte i min makt att ständigt förbli vänd mot havet och jämföra dess frihet med min. Den tid kommer när jag måste vända mig om mot land och möta mitt förtrycks organisationer. Vad jag då tvingas erkänna är att människan skapat former åt sitt liv, som åtminstone skenbart är starkare än hon själv. Med all min nyvunna frihet kan jag inte krossa dem, endast sucka över dem. Däremot kan jag se vilka krav på människan som är orimliga och vilka som är oundvikliga. En sorts frihet, ser jag, är för alltid förbi. Det är den frihet som följer med förmånen att äga ett eget element Fisken har sitt, fågeln har sitt, landdjuret har sitt. Människan däremot rör sig med främlingens risker i dem alla. Ännu Thoreau hade skogen i Walden – men var finns nu den skog där människan kan bevisa att det är möjligt att leva ett liv i frihet utanför de stelnade samhällsformerna?

Jag måste svara: ingenstans.

Vill jag leva i frihet måste det tills vidare ske innanför formerna. Världen är alltså starkare än jag. Mot dess makt har jag ingenting annat att sätta än mig själv – men det är å andra sidan allt. Ty så länge jag inte låter mig övermannas är även jag en makt. Och min makt är fruktansvärd så länge jag har mina ords makt att sätta emot världens, ty den som bygger fängelser formulerar sämre än den som bygger frihet. Men min makt blir gränslös den dag jag endast har min tystnad att försvara min okränkbarhet med, ty på den levande tystnaden biter inga yxor.

Sådan är min enda tröst. Jag vet att återfallen i tröstlöshet är många och djupa, men minnet av befrielsens under bar mig som en vinge mot det svindlande målet: en tröst som är förmer än en tröst och större än en filosofi, nämligen ett skäl att leva.

A NOSSA NECESSIDADE DE CONSOLO
É IMPOSSÍVEL DE SATISFAZER

"Nem a vida é mensurável nem viver é uma tarefa."

STIG DAGERMAN

Sem fé, ouso pensar a vida como uma errância absurda a caminho da morte certa. Não me coube em herança qualquer deus, nem ponto fixo sobre a terra de onde algum pudesse ver-me. Tampouco me legaram o disfarçado furor do cético, a astúcia do racionalista ou a ardente candura do ateu. Não ouso por isso acusar os que só acreditam naquilo que duvido, nem os que fazem o culto da própria dúvida, como se não estivesse, também esta, rodeada de trevas. Seria eu, também, o acusado, pois de uma coisa estou certo: o ser humano tem uma necessidade de consolo impossível de satisfazer.

Procuro o que me pode consolar como o caçador persegue a caça, atirando sem hesitar sempre que algo se mexe na floresta. Quase sempre atinjo o vazio, mas, de tempos a tempos, não deixa de me tombar aos pés uma presa. Célere, corro a apoderar-me dela, pois sei quão fugaz é o consolo, sopro dum vento que mal sobe pela árvore. Debruço-me. Tenho-a!

Mas tenho o que entre os dedos? Se sou solitário – uma mulher amada, um desditoso companheiro de viagem. Se sou poeta ou prisioneiro – um arco de palavras com assombro reteso, uma súbita suspeita de liberdade. Se sou ameaçado pela morte ou pelo mar – um animal vivo e quente, coração que pulsa sarcástico; um recife de granito bem sólido.

Sendo tudo isso, é sempre escasso o que tenho!

As formas de consolo: se procuro umas, outras há que me perseguem sem que eu as convoque. Sussurram odiosas. Enchem-me o quarto de murmúrios.

O prazer: "Entrega-te sem restrições"!

O talento: "Usa-me tão mal como a mim mesmo"!

A minha sede de gozo: "Só os gulosos sabem viver"!

A solidão: "Despreza os homens"!

Este desejo de morte: "Fere, Mata"!»

Bem estreito é o fio da navalha! Entre dois perigos me equilibro: de um lado ameaça-me a ávida boca do excesso, do outro a amargura da avareza que de si mesma se alimenta.

E teimo na recusa de optar entre a orgia e a ascese, ainda que com isso me sujeite ao suplício em brasa dos desejos. Não sou livre nos meus atos, por isso tudo me pode ser desculpado.

O que procuro para a vida não é uma desculpa, mas exatamente o seu contrário: é o perdão que busco. Descubro, afinal, que se não levar em conta a minha liberdade, todo o consolo é enganador, mera imagem refletida do desespero. De fato, assim que o desespero me diz – "perca a esperança, o dia não passa de um momento de luz entre duas noites", há uma falsa voz que me grita – "tenha confiança, a noite não é mais que um momento de trevas entre dois dias".

A humanidade, porém, não é de palavras que precisa; anseia por um consolo que ilumine. E mesmo aquele que deseje tornar-se mau – agir como se todos os atos fossem defensáveis – deve ter ao menos a bondade de notar quando o consegue.

Ninguém pode enumerar todos os casos em que o consolo é uma necessidade. É impossível saber quando cairá o crepúsculo, impossível enumerar todos os casos em que o consolo se fará necessário. A vida não é um problema que possa resolver-se dividindo a luz pela escuridão ou os dias pelas noites, mas sim uma viagem imprevisível entre lugares que não existem.

Por vezes, à beira-mar, no perpétuo movimento das águas e no eterno fugir do vento, sinto o desafio que a eternidade me lança. Pergunto-me então o que vem a ser o tempo, e descubro que não passa do consolo que nos resta por não durarmos para sempre. Miserável consolo que só os Suíços enriquece…

Noites há em que, sentado à lareira, no quarto mais resguardado de todos, sinto subitamente a morte cercar-me: no fogo, nos objetos pontiagudos que me rodeiam, no peso do teto e na massa das paredes; na água, na neve, no calor, no meu sangue. Pergunto-me então o que vem a ser a nossa muito humana sensação de segurança, e percebo que não passa de um consolo para

o fato de a morte ser o que há de mais próximo à vida. Pobre consolo, que não cessa de nos recordar o que desejaria fazer-nos esquecer!

Decido encher todas as minhas páginas em branco com as mais belas combinações de palavras que seja capaz de engendrar. E depois, porque quero assegurar-me que a vida não é absurda e não me encontro só sobre a terra, reúno todas num livro e ofereço-o ao mundo. Este, retribui-me com a riqueza, a glória e o silêncio. Mas não sei que fazer com este dinheiro nem que prazer tirar de contribuir para o progresso da literatura, pois só desejo o que jamais obterei – a certeza de que as minhas palavras tocaram o coração do mundo. É então que me pergunto o que vem a ser o meu talento, e descubro que não passa de uma forma de me consolar da solidão. Risível consolo – que apenas me torna cinco vezes mais pesada a solidão.

Nesse animal que, veloz, atravessa a clareira, por vezes capaz de ver encarnada a liberdade e ouvir uma voz que me insinua: “Vive com simplicidade, frui do que desejas e não temas as leis”! Excelente conselho. Mas de que se trata senão de uma forma de consolo para o fato da liberdade não existir? Impiedoso consolo – para quem sabe que o Homem levou milhões de anos para não conseguir ser senão um lagarto, podre de indiferença!

Quando, por fim, me apercebo que esta terra é uma vala comum, onde Salomão, Ofélia e Himmler repousam lado a lado, concluo que tanto o crápula como a infeliz têm o mesmo fim que o sábio. Por isso, para uma vida falhada, a morte pode tornar-se numa forma de consolo – e bem atroz, sobretudo para quem na vida queria encontrar forma de vencer a morte.

Não possuo filosofia, em que possa mover-me como o peixe na água ou o pássaro no céu. Tudo em mim é um duelo, uma luta travada a cada minuto da vida entre falsas e verdadeiras formas de consolo. Umas não fazem senão aumentar a impotência e tornar-me mais fundo o desespero, outras são fonte de temporária libertação. Falsas e verdadeiras! Deveria antes dizer verdadeira, pois só existe uma consolação verdadeiramente real: a que me diz que sou um homem livre, um indivíduo inviolável, ser soberano no interior dos seus limites.

Mas a liberdade começa na escravidão e a soberania na dependência. O sinal mais vivo da servidão é o medo de viver. O definitivo sinal de liberdade é o fato de o medo deixar espaço ao gozo tranquilo da independência.

Dir-se-á que preciso ser dependente para conhecer o gozo de ser livre! É certamente verdade. À luz dos meus atos, percebo que toda a minha vida parece não ter tido por objetivo senão construir o seu próprio infortúnio: sempre me escravizou o que devia tornar-me livre.

Outros homens têm outros mestres. A mim o talento torna-me escravo ao ponto de não ousar em pregá-lo – tal é o medo de o ter perdido. Mais: subjugo-me de tal modo ao meu nome, que mal me atrevo a escrever uma linha, não vá esta manchá-lo. E, quando se instala a depressão, é dela que sou também escravo. O meu maior desejo é retê-la. O meu prazer mais forte, sentir que tudo o que valho residia no que julgo ter perdido: essa capacidade de gerar beleza a partir do que é em mim desespero, desgosto e fraqueza. Com amargo prazer desejo ver ruir o que arquitetei e ver-me, eu também, envolto na neve do esquecimento. Mas quê? A depressão é uma boneca russa, e na última boneca estão a faca, a lâmina de barbear, o veneno, as águas profundas e o salto para um grande abismo. De todos esses instrumentos de morte me torno escravo. Perseguem-me como cães, a não ser que o cão seja apenas eu. Parece-me então ser o suicídio a única prova da liberdade humana.

Porém – não sei ainda de onde nem como – sinto que se aproxima o milagre da libertação. E a eternidade, que há bem pouco me assombrava, testemunha agora este acesso à liberdade: esta descoberta súbita e simples de que ninguém, nenhum poder, nenhum ser humano, tem o direito de me forçar ao ponto de secar em mim o desejo de viver.

Que é do mar se os rios se recusam? Estou, afinal, perto do mar e da sua ciência. Ninguém pode exigir ao mar que traga todos os barcos, ou ao vento que encha todas as velas. De igual modo, ninguém tem o direito de me exigir que viva prisioneiro de certas funções. A minha divisa não é o dever antes de tudo, mas a vida acima de tudo. Como os outros homens, tenho direito a alguns momentos em que possa sentir-me à parte, em que possa saber que para além de pertencer a essa massa anônima chamada população mundial, sou também uma unidade autônoma.

Só nesses instantes me liberto de tudo o que na minha vida foi causa de desespero. Reconheço que o mar e o vento não deixarão de me sobreviver e que a eternidade nem sequer de mim se lembra. Por que me hei-de eu lembrar dela? A vida só é curta se a coloco no patíbulo do tempo. As suas possibilidades só são limitadas se me ponho a contar o número de palavras ou livros que a morte me dará ainda tempo de acender. Mas por que me hei-de eu pôr a contar? No fundo, o tempo de nada serve, inútil instrumento de medida que só regista o que a vida já me trouxe.

Na verdade, nada do que é importante e acontece e me faz vivo, tem a ver com o tempo. O encontro com um ser amado, uma carícia na pele, a ajuda no momento crítico, a voz solta de uma criança, o frio gume da beleza – nada disso tem horas e minutos. Tudo se passa como se não houvesse tempo. Que

importa se a beleza é minha durante um segundo ou por cem anos? A felicidade não só se situa à margem do tempo, como nega toda a relação deste com a vida.

Assim, num só movimento, liberto os ombros do peso de dois fardos: o tempo e as tarefas que teimam em me exigir. Nem a vida é mensurável nem viver é uma tarefa. O salto do cabrito ou o nascer do sol não são tarefas. Como há de sê-lo a vida humana – força surda a crescer na dor da perfeição? E o que é perfeito não desempenha tarefas. O que é perfeito labora em estado de repouso. É absurdo pretender que a função do mar seja exibir armadas e golfinhos. Evidentemente que o faz – mas preservando toda a sua liberdade. Que outra tarefa a do homem senão viver? Faz máquinas? Escreve livros? Faça o que fizer poderia muito bem fazer outra coisa. Não é isso que importa. Importa é saber-se livre como qualquer outro elemento da criação. Importa é saber-se um fim autônomo, que repousa em si mesmo como uma pedra sobre a areia.

Posso até isentar-me do poder da morte. É verdade que não consigo afastar a ideia que ela se me cola constantemente aos calcanhares. Muito menos sou capaz de lhe negar realidade. Mas posso aniquilar a sua ameaça, evitando escorar a minha vida em pontos de apoio tão precários como o tempo e a glória.

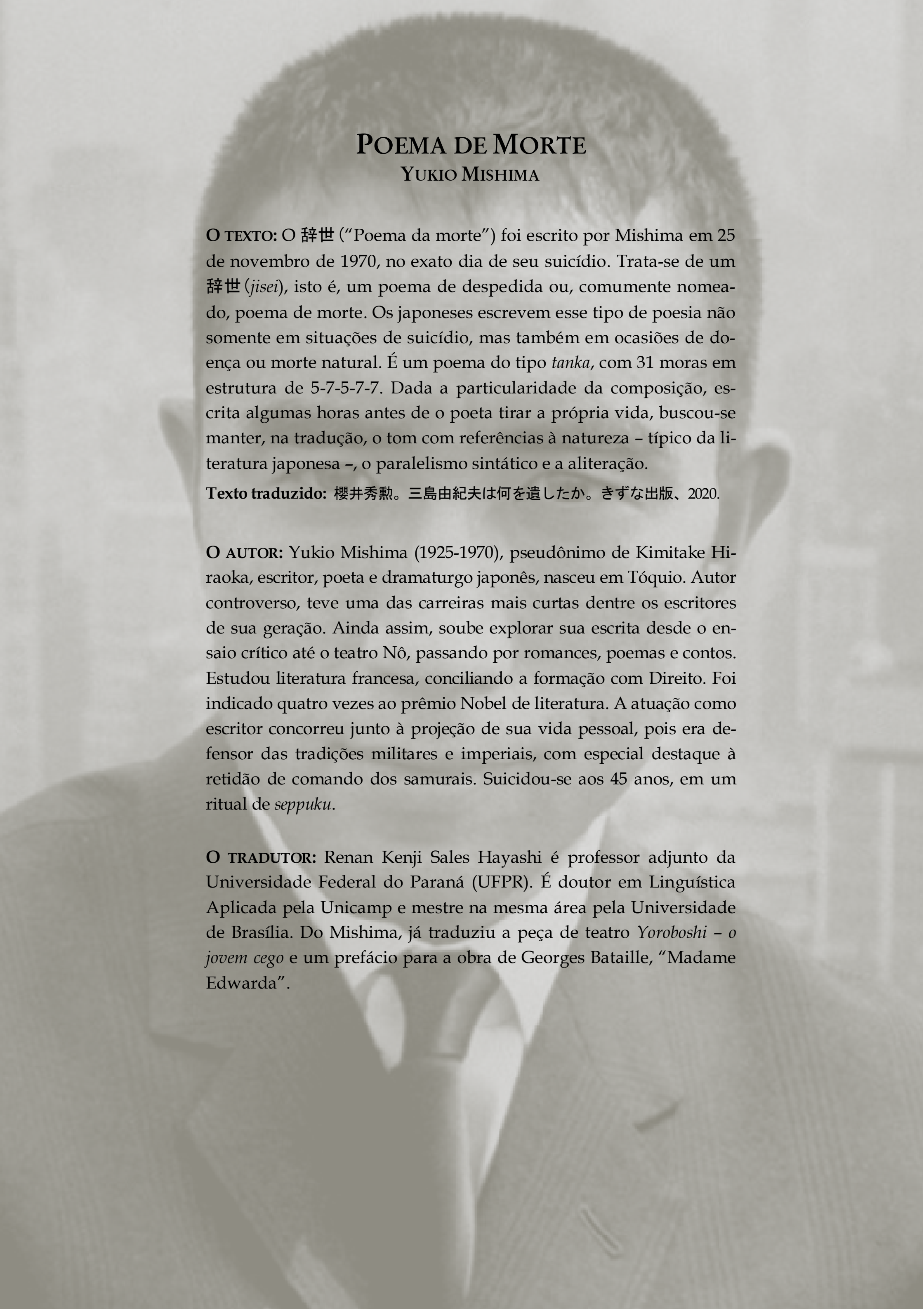
Aqui é que não é lugar de permanência: eternamente voltado para o mar a comparar a sua liberdade com a minha. Chegará o momento de retomar o caminho da terra e enfrentar os responsáveis pela opressão que me faz vítima. Serei forçado a reconhecer que o homem deu vida a formas que, pelo menos na aparência, se revelam mais fortes do que ele. Mesmo a minha recente liberdade não é suficiente para as fatigar, mas somente para suspirar sob o seu peso.

Entretanto, entre as exigências que pesam sobre o homem, sei distinguir as exigências absurdas das inelutáveis. E absurdo é termos perdido para sempre uma forma de liberdade: a que advém de se possuir um elemento próprio. O peixe, tal como o pássaro e o animal terrestre, têm o seu. Thoreau ainda podia contar com a floresta de Walden – mas onde está hoje a floresta na qual o ser humano prove que pode viver livre, e não limitado pelos rígidos moldes da sociedade?

Sou obrigado a responder: em parte alguma. Se desejo viver livre, é por enquanto necessário que o faça no interior desses moldes. Sei que o mundo é mais forte do que eu. E para resistir ao seu poder só me tenho a mim. O que já não é pouco. Se o número não me esmagar, sou, também eu, um poder. E

enquanto me for possível empurrar as palavras contra a força do mundo, esse poder será tremendo, pois quem constrói prisões expressa-se pior do que quem se bate pela liberdade. E no dia em que só o silêncio me restar como defesa, então será limitado, pois gume algum pode fender o silêncio vivo.

É este o meu único consolo. Sei que as recaídas no desespero serão profundas e numerosas, mas a lembrança do milagre da libertação leva-me como uma asa a um fim que me inebria: um consolo que seja mais do que apenas isso, e mais vasto que uma filosofia: que seja, enfim, uma razão de viver.



Poema de Morte

Yukio Mishima

O texto: O 辞世（"Poema da morte"） foi escrito por Mishima em 25 de novembro de 1970, no exato dia de seu suicídio. Trata-se de um 辞世（*jisei*）, isto é, um poema de despedida ou, comumente nomeado, poema de morte. Os japoneses escrevem esse tipo de poesia não somente em situações de suicídio, mas também em ocasiões de doença ou morte natural. É um poema do tipo *tanka*, com 31 moras em estrutura de 5-7-5-7-7. Dada a particularidade da composição, escrita algumas horas antes de o poeta tirar a própria vida, buscou-se manter, na tradução, o tom com referências à natureza – típico da literatura japonesa –, o paralelismo sintático e a aliteração.

Texto traduzido: 櫻井秀勲。三島由紀夫は何を遺したか。きずな出版、2020.

O autor: Yukio Mishima (1925-1970), pseudônimo de Kimitake Hiraoka, escritor, poeta e dramaturgo japonês, nasceu em Tóquio. Autor controverso, teve uma das carreiras mais curtas dentre os escritores de sua geração. Ainda assim, soube explorar sua escrita desde o ensaio crítico até o teatro Nô, passando por romances, poemas e contos. Estudou literatura francesa, conciliando a formação com Direito. Foi indicado quatro vezes ao prêmio Nobel de literatura. A atuação como escritor concorreu junto à projeção de sua vida pessoal, pois era defensor das tradições militares e imperiais, com especial destaque à retidão de comando dos samurais. Suicidou-se aos 45 anos, em um ritual de *seppuku*.

O tradutor: Renan Kenji Sales Hayashi é professor adjunto da Universidade Federal do Paraná (UFPR). É doutor em Linguística Aplicada pela Unicamp e mestre na mesma área pela Universidade de Brasília. Do Mishima, já traduziu a peça de teatro *Yoroboshi – o jovem cego* e um prefácio para a obra de Georges Bataille, "Madame Edwarda".

"Que tanto temem partir."

「 散るこそ花と」

辞世

「 吹く小夜嵐 」

三島 由紀夫

散るをいとふ
世にも人にも
さきがけて
散るこそ花と
吹く小夜嵐

Poema de Morte

"É a essência da flor."

YUKIO MISHIMA

Venta a tormenta,
Que antecipar o cair
Do mundo e também do humano
Que tanto temem partir
É a essência da flor

Adeus
José Agustín Goytisolo

O texto: *Palabras para Julia y otras canciones*, de José Agustín Goytisolo, consiste em uma antologia de poemas escritos para serem musicados. Publicado em 1979, traz no título o nome de seu poema mais conhecido, “Palabras para Julia”, dedicado à sua filha, o mesmo nome da mãe do autor, que faleceu após um bombardeio ordenado por Franco à capital catalã em 1938. A ditadura franquista atravessou a vida de Goytisolo do início ao fim, tornando-se um tema recorrente em sua obra, ainda que a esperança também dê cor a muitos de seus textos. Esta seleção apresenta quatro poemas que sintetizam toda uma época, pois falam não só de amor ou tristeza, liberdade ou censura, mas também sobre o impacto da ditadura na vida do autor: “Adeus” (“Adiós”), “Falta muito pouco tempo” (“Falta muy poco tiempo”), “À noite a sós” (“De noche a solas”) e “Mais que uma palavra” (“Más que uma palabra”).

Texto traduzido: Goytisolo, José Agustín. *Palabras para Julia y otras canciones*. Barcelona: Editorial Laia, 1980.

O autor: José Agustín Goytisolo (1928-1999), poeta, escritor e tradutor catalão, nasceu em Barcelona. Oriundo de uma família de escritores e associado à Geração de 1950, que buscava renovar a linguagem e as letras no cenário literário da época, a obra de Goytisolo se destaca por sua visão crítica e política da sociedade, enquanto sua poesia rompia com as tendências simbolistas e surrealistas da geração anterior a partir de uma linguagem mais realista, por vezes, neorromântica, usada para propor um novo humanismo e clamar pelo fim da tirania. Embora a família defenda a tese de convulsão, suicidou-se aos 70 anos, após se jogar pela janela de seu apartamento.

A tradutora: Gabriela Ghizzi Vescovi é graduada em Letras (licenciatura) e mestre em Teoria e História Literária pela Unicamp, onde atualmente cursa doutorado. É também pós-graduada em Tradução de Inglês pela Estácio. É pesquisadora da obra de Samuel Beckett, cuja poesia estudou e traduziu em sua dissertação, e cuja prosa madura investiga atualmente. Já traduziu também poesias de Jumoke Verissimo e Eva Gore-Booth.

“Senhor de minhas ilusões perdidas.”

“Señor de mis ilusiones perdidas.”

Adiós

"Ojalá que en mi camino
no te cruces otra vez."

JOSÉ AGUSTÍN GOYTISOLO

ADIÓS

Señor de todas las cosas
que yo tuve escúchame.
Nada de lo que tenía
me sirvió para después.

Nada de lo que tenía:
ni la mirada más pura
ni el amor ni la esperanza
ni tan sólo la alegría.

Señor de mis ilusiones
perdidas hasta más ver.
Ojalá que en mi camino
no te cruces otra vez.

FALTA MUY POCO TIEMPO

Emilio:
no quiero que te falte una canción
y que mueras de amor sin conocer el grito.

No quiero verte en bata
y abierto por la página trescientas
quiero que escuches la canción del agua.

No quiero que te amargues
enterrado entre fichas y papeles
quiero verte cantando por los mares.

Debes lanzar el grito
y renunciar a la fotografía
– a veces nunca sale el pajarito –.
No quiero verte así Emilio
falta muy poco tiempo para todo
y la voz nunca es tan voz como en el grito.

DE NOCHE A SOLAS

Aunque los teletipos y la radio
y miles de carteles y periódicos
sigan con la noticia hasta cansarse
alguien – quizá los hombres humillados
de América y del mundo o los poetas
o el perseguido que cobija aún
a la esperanza como a un niño enfermo –
alguien siente un rumor de noche a solas
que le impide dormir que va royendo
su pecho en inquietud entre las sábanas
un rumor apagado que persiste
en el sueño después cuando ya otorgan
reposo mas no paz los barbitúricos
y que no cesa y crece tal el ritmo
desbocado de un tren que se avecina
y entonces es cuando aparece el hombre
vistiendo su camisa ensangrentada
entonces es cuando lo que fue duda
retumba entre disparos y es certeza
y llega el sobresalto el despertar
entonces cuando vuelve ese fantasma.

MÁS QUE UNA PALABRA

La libertad es más que una palabra
la libertad es una chica alegre
la libertad es una parabellum o una flor
la libertad es tomarse el café donde uno quiere
la libertad es una perdiz herida
la libertad es negarse a morir en una cama de hospital
la libertad es real igual que un sueño
la libertad aparece y ya no está
la libertad hay que inventarla siempre
la libertad puede ser del esclavo y fallarle al señor
la libertad es gritar frente a la boca gris de los fusiles
la libertad es amar a quien te ama
la libertad es comer y repartir el pan
la libertad es no ocupar asiento en el festín de la ignominia
la libertad a veces es una simple línea fronteriza
la libertad es la vida o es la muerte
la libertad es la ira
la libertad se bebe y se respira
la libertad es cantar en tiempo de silencio
la libertad si quieres será tuya

pero
sólo por un momento
porque cuando la tengas
se escapará riendo entre tus manos
y tendrás que buscarla y perseguirla
por las calles ciudades praderas y desiertos
de todo el vasto mundo
porque se deja amar únicamente por amor por ganas
porque ella
es más hermosa que una pluma al viento.

ADEUS

"Espero que o meu caminho
não cruzes outra vez."

JOSÉ AGUSTÍN GOYTISOLO

ADEUS

Senhor de todas as coisas
que eu tive me escuta.
Nada do que eu tinha
me serviu tempos depois.

Nada do que eu tinha:
nem o olhar mais puro
nem o amor nem a esperança
nem ao menos a alegria.

Senhor das ilusões minhas
perdidas até mais ver.
Espero que o meu caminho
não cruzes outra vez.

FALTA MUY POCO TIEMPO

Emilio:
não quero que te falte uma canção
e que morras de amor sem conhecer o grito.

Não te quero de roupão
com a página trezentos aberta
quero que ouças da água a canção.

Não te quero amargurado
entre cartilhas e papéis enterrado
quero te ver cantando pelos mares.

Deves soltar o grito
e renunciar à fotografia
– às vezes não se vê o passarinho –.
Não quero te ver assim Emilio
falta muito pouco tempo para tudo
e a voz nunca é tão voz como no grito.

À NOITE A SÓS

Ainda que os teletipos e o rádio
e milhares de cartazes e jornais
sigam com a notícia até cansarem
alguém – talvez os homens humilhados
da América e do mundo ou os poetas
ou o perseguido que ainda ampara
a esperança como a uma criança –
alguém nota um rumor à noite a sós
que o impede de dormir e que corrói
seu peito de inquietude entre os lençóis
um rumor abafado que persiste
no sonho mais tarde quando permitem
repouso mas não paz os barbitúricos
e que não cessa e cresce como o ritmo
galopante de um trem que se avizinha
e é então quando aparece aquele homem
vestindo sua camisa ensanguentada
é então quando o que era dúvida
ressoa entre os disparos e se faz certeza
e chega o sobressalto do despertar
então quando retorna esse fantasma.

MAIS QUE UMA PALAVRA

A liberdade é mais que uma palavra
a liberdade é uma jovem alegre
a liberdade é um *parabellum* ou uma flor
a liberdade é tomar o café onde quiser
a liberdade é uma perdiz ferida
a liberdade é se recusar a morrer em um leito de hospital
a liberdade é real igual a um sonho
a liberdade aparece e já não está
a liberdade precisa ser inventada sempre
a liberdade pode ser do escravo e fugir do senhor
a liberdade é gritar frente à boca cinzenta dos fuzis
a liberdade é amar a quem te ama
a liberdade é comer e repartir o pão
a liberdade é não fazer parte do banquete da ignomínia
a liberdade às vezes é uma mera linha fronteiriça
a liberdade é a vida ou é a morte
a liberdade é a ira
a liberdade se bebe e se respira
a liberdade é cantar em tempos de silêncio
a liberdade se quiser será tua

mas
só por um momento
porque quando a segurares
ela escapará rindo de suas mãos
e precisarás buscá-la e persegui-la
pelas ruas cidades pradarias e desertos
de todo o vasto mundo
porque se deixa amar unicamente por amor por desejo
porque ela
é mais bela que uma pluma ao vento.

O fim e a maneira

Jean-Pierre Duprey

O texto: Publicado postumamente em 1965, o livro de poemas *La fin et la manière*, de Jean-Pierre Duprey, foi escrito em 1959, no ano de falecimento do poeta. Seu manuscrito inédito foi entregue ao poeta e amigo André Breton, que anos mais tarde o publicaria na editora parisiense Le Soleil Noir. Marcada pelo *negror*, o que lhe valeu a inclusão na *Anthologie de l'humour noir* (1940), de Breton, sua poesia apresenta um espectro noturno cuja diversidade não perde em nada para a sua contraparte, o espectro solar. Esta seleção, organizada a partir de *La fin et la manière*, traz os poemas: "Um açafrão de óxidos" ("Un safran de mars"), "Sabor de homem" ("Saveur d'homme"), "Ao esgar" ("À la grimace"), "Descida ao inverso" ("Descente aux envers") e "Bem longe do sol" ("De très loin du soleil").

Texto traduzido: Duprey, Jean-Pierre. *La fin et la manière*. Paris: Le Soleil Noir, 1965.

O autor: Jean-Pierre Duprey (1930-1959), poeta, pintor e escultor francês, nasceu em Rouen. Amigo de Breton, participou do movimento surrealista, e dentre suas obras se destacam *Derrière son double* (1950) e os póstumos *La fin et la manière* (1965) e *La forêt sacrilège* (1970). Abandonou a poesia no início dos anos 1950 para se dedicar inteiramente à escultura e à pintura. Após enviar seu último manuscrito inédito a Breton, *La fin et la manière*, suicidou-se aos 29 anos, enforcando-se em seu ateliê.

O tradutor: Natan Schäfer é mestre em Estudos Literários pela UFPR e pela Université Lumière Lyon 2. Membro da Biblioteca Psicanalítica de Berlim (PsyBi), foi professor da Escola de Belas-Artes do Paraná (UNESPAR) e atualmente dedica-se à edição e à tradução, capitaneando a Contravento Editorial, e também escreve para a coluna "A Fresta", publicada quinzenalmente pela editora Sobinfluência.

La fin et la manière

*"Moi, je n'aurais jamais dû me prendre
les pieds dans cette galaxie !"*

JEAN-PIERRE DUPREY

UN SAFRAN DE MARS

Le maître de l'Amour se maintient au carreau de lune. Ses yeux, tirés du blanc, découvrent l'ombre de Ce-qui n'est-pas.

« Donnez-nous, disait-on, ce qui manque à l'étincelle pour faire du bois, ce qui manque à la rivière pour mouler une forêt de feu ! »

La machine de l'Amour battait la campagne, hâtait les saisons. L'échelle de son ombre dépassait l'horizon.

Il y est un soleil et quelques allumettes perdues dans la boîte du vide…

Une étoile avec la chair de l'œuf.

Un grand rideau d'objets. Rien devant et tout APRÈS.

SAVEUR D'HOMME

Donnez-moi de quoi changer les pierres,
De quoi me faire des yeux
Avec autre chose que ma chair
Et des os avec la couleur de l'air ;
Et changez l'air dont j'étouffe
En un soupir qui le respire
Et me porte ma valise
De porte en porte ;
Qu'à ce soupir je pense : sourire
Derrière une autre porte.

Détestable saveur d'homme.

En vérité, une main ne tremble
Que pour vieillir sa mémoire ;
L'autre ne vieillit que d'avoir
Trop bougé de vie depuis le temps
Où le monde l'a basculée
Dans l'histoire du temps et du moment,
Qui, sans jamais se ressembler,
Se retrouve à chaque instant
Dans le sac noirci de son éternité.

À LA GRIMACE

Allez-vous-en, vous n'êtes pas joués ! Il fait si noir qu'on n'a jamais gravé les cartes. Allez-vous-en, on vous a joués. Le soleil n'a jamais fait partie des livraisons du jour et la terre n'est qu'une ride de vieillesse. Celui qui aime l'atome ne mange que du néant. Celui qui croit prendre un chemin ne prend que son corps par la fatigue.

J'avais pourtant trouvé de la viande dans les statues…et quelque chose de touchable qui s'insérait, ne quittait jamais la main, cette main, ma main.

Mais la main, l'ombre d'un geste, n'avait jamais quitté cette sépulture anticipée, ce grand dortoir des autres, peuplé, peuplé…

D'un grand fauteuil qui n'invite personne…

D'une clef œuvrée qui n'explique rien,

Trouvée dans la main

D'un pensionnaire de la maison détruite, quelqu'un payé très cher pour rien.

Et dans un coin du sommeil des autres, lui, là-bas, sa peau se déplace. A quoi t'entraînes-tu ? Qui donc te rêve ? Il n'a rien vu, rien entendu ; son corps l'avait porté à la dernière dimension nocturne, jusqu'à l'issue du dernier hasard.

Le dernier hasard…Un grand brouillard en place. En avant, drapeau noir ! Les démons, on vous somme, plus d'hésitation ! L'habitude de la réalité exige une belle autorité.

Moi, je n'aurais jamais dû me prendre les pieds dans cette galaxie !

DESCENTE AUX ENVERS

Là-bas, il se déplie, plus bas encore, il s'est surpris… Fantôme à chaque tournant du corps : dans le feu, affolé, dans la terre éthérée… c'est là qu'on le trouve, là, au lieudit où le soleil ne fait bouillir que la marmite des minuits.

Décor : La demeure sans fenêtre, aux regards sans porte, aux oreilles sans mur, ou seulement, seulement, alors, autour de la chambre ouverte par une blessure qui m'était faite.

Quelqu'un traduisit le langage des ombres: « Rien que le silence pour maudire ! » La voix avait l'absence du sel dans la lune.

La voix disait encore à quelqu'un : « Je t'abandonne ! »

Et ce quelqu'un venait à moi, penché sur ma mort ou inventé dans mon existence.

Quelqu'un ayant parlé, je me compris au piège de son trajet. Quelqu'un disait : « Ah là, cerveaux, si l'on vous tourne ! »

Et moi, je me prenais au piège de mon trajet d'ombre noyée où la mer couvait un œuf de patience.

Et quelqu'un : « Cerveau, que de pensées enterrées sans nom ! »

Et là, je me voyais descendre dans l'imagerie d'un sable toujours plus fin et, me suivant à la trace, entendais les sables perdus voyager des pas mouvants dans ma poitrine…

Et quelqu'un : « Cerveau, fantôme chaque fois ! »

Cela suffirait-il pour m'écarter de mes dents, pour m'éviter de mes yeux ?

J'inventais :

Qu'avant la mer, je me gorgeais de quelque sang où je coulais, moi-même liquide, vers ces rivières nommées : Merci.

Qu'avant le temps, je me secouais d'un vent nommé Merci, en une grande carcasse de rire dont je ne finirai plus de compter les morceaux.

En qu’avant tout… devant mon invention, je me dressai, muraille, je relevai la face, les yeux dans les yeux du Visiteur.

DE TRÈS LOIN DU SOLEIL

Il y a une cave dans une partie du ciel et les chiens taisent le nom de cette lune-là..

La mer penchée dedans, est un gage de larme.

Il y a aussi a la maison du ciel, toute blessée d'une fenêtre inquiète, ouverte sur une rue

Où donnent

De grands anneaux mouvants, de grands ciseaux d'ailes, utiles comme des dents.

Qui, sans ces oiseaux, s'occuperait de noircir l'aurore?

J'ai recopié ce monde en tant d'exemplaires que ses racines me changent les mains. et mon corps s'y déplace et le reste avec, avec ma bouche mordue à la suite des pierres.

Avec moi le crève-chêne

Et l'attrape-tête,

Le crêpe-temps

et l'oiseau sec du ciel, les animaux sans terre et des mains creuses de vent.

Maintenant quelquefois, dans le miroir désespérément ouvert, je me vois cuire un cœur soulevé d'un horrible battement jeté de très loin du soleil.

O FIM E A MANEIRA

"Eu, jamais devia ter metido
os pés nessa galáxia!"

JEAN-PIERRE DUPREY

UM AÇAFRÃO DE ÓXIDOS

O mestre do Amor fica à espreita da lua. Seus olhos, cansados do branco, descobrem a sombra d'Aquilo-que-não-é.

"Dê-nos, diziam, aquilo que falta à faísca para que faça madeira, aquilo que falta ao rio para que molde uma floresta de fogo!".

A máquina do Amor seguia campo afora e apressava as estações. A escala de sua sombra ultrapassava o horizonte.

Há um sol e alguns fósforos perdidos na caixa do vazio...

Uma estrela com a carne do ovo.

Uma grande cortina de objetos. Nada à frente e tudo ATRÁS.

SABOR DE HOMEM

Dê-me algo para transformar as pedras,
Algo para fazer-me olhos
Com outra coisa que não minha carne
E ossos da cor do ar;
E transformar o ar no qual sufoco
Em um suspiro que o respira
E porta minha valise
De porta em porta;
Que com este suspiro eu pense: sorriso
Atrás de outra porta.

Detestável sabor de homem.

Na verdade, uma mão somente treme
para envelhecer sua memória;
A outra somente envelhece por ter
Se movido demais desde o tempo
Em que o mundo a derrubou
Na história do tempo e do momento,
Quem, sem jamais se assemelhar,
Encontra-se a cada instante
Na bolsa enegrecida de sua eternidade.

AO ESGAR

Vai, tu não estás no jogo! Está tão escuro que jamais gravamos as cartas. Vai, foste colocado no jogo. O sol jamais fez parte das entregas do dia e a terra não passa de uma ruga de velhice. Aquele que ama o átomo come somente nada. Aquele que acredita tomar um caminho somente toma seu corpo pelo cansaço.

Eu havia, entretanto, encontrado carne nas estátuas… e alguma coisa palpável que penetrava, que jamais deixava a mão, esta mão, a minha mão.

Mas a mão, a sombra de um gesto, nunca havia deixado esta sepultura antecipada, este grande dormitório de outros, povoado, povoado…

Por uma grande poltrona que não convida ninguém…

Por uma chave forjada que não explica nada,

Encontrada na mão

De um hóspede da casa devastada, alguém a quem se paga muito bem por nada.

E em um canto do sono dos outros, ele, lá embaixo, sua pele se desloca. Por que te moves? Quem sonha contigo? Ele não viu nada, não ouviu nada; seu corpo o tinha levado à última dimensão noturna, até a saída do último acaso.

O último acaso… Um enorme nevoeiro em seu lugar. À frente, bandeira negra! Os demônios, nós os convocamos, chega de hesitação! O costume da realidade exige uma bela autoridade.

Eu, jamais devia ter metido os pés nessa galáxia!

DESCIDA AO INVERSO

Lá longe, ele se desdobra, mais embaixo ainda, ele se surpreende... Fantasma a cada reviravolta do corpo: no fogo, desvairado, na terra etérea... é onde o encontramos, ali, naquele exato lugar onde o sol se limita a ferver o caldeirão da meia-noite.

Cenário: A casa sem janela, com olhares sem porta, com orelhas sem parede, ou somente, somente então, em volta do quarto aberto por uma ferida que me fizeram.

Alguém traduziu a linguagem das sombras: "Nada além do silêncio para amaldiçoar!" A voz tinha a ausência do sal na lua.

A voz ainda dizia a alguém: "Eu te abandono!".

E esse alguém vinha até mim, debruçado sobre a morte ou inventado em minha existência.

Depois que alguém falou, percebi que cai na armadilha de seu trajeto. Alguém me dizia: "Ah, bem ali, cérebro, se te viramos!".

E eu caía na armadilha do meu trajeto de sombra afogada onde o mar chocava um ovo de paciência.

E alguém: "Cérebro, mas quantos pensamentos enterrados sem nome!".

E ali me via descendo nas imagens de uma areia cada vez mais fina e, seguindo meu rastro, ouvia as areias perdidas viajando com passos movediços em meu peito…

E alguém: "Cérebro, toda vez fantasma!"

Isso seria suficiente para me afastar de meus dentes, para evitar meus olhos?

Eu inventava:

Que antes do mar, fartava-me de algum sangue onde eu corria, eu mesmo líquido, em direção a estes riachos chamados: Obrigado.

Que antes do tempo, sacudia-me em um vento chamado Obrigado, em uma grande carcaça de riso da qual nunca mais vou terminar de contar os pedaços.

E que antes de tudo… diante da minha invenção, levantava-me, uma muralha, erguia o rosto, os olhos nos olhos do Visitante.

BEM LONGE DO SOL

Há uma cava em uma parte do céu e os cães calam o nome dessa lua…

O mar debruçado para dentro, é uma garantia de lágrima.

Há também na casa do céu, toda machucada por uma janela inquieta, aberta para uma rua

Onde se veem

Grandes anéis moventes, grandes tesouras com asas, úteis como dentes.

Sem esses pássaros, quem se ocuparia de escrever e enegrecer a aurora?

Copiei este mundo em tantos exemplares que suas raízes transformam minhas mãos. E meu corpo se desloca levando o resto consigo, com minha boca mordida seguindo as pedras.

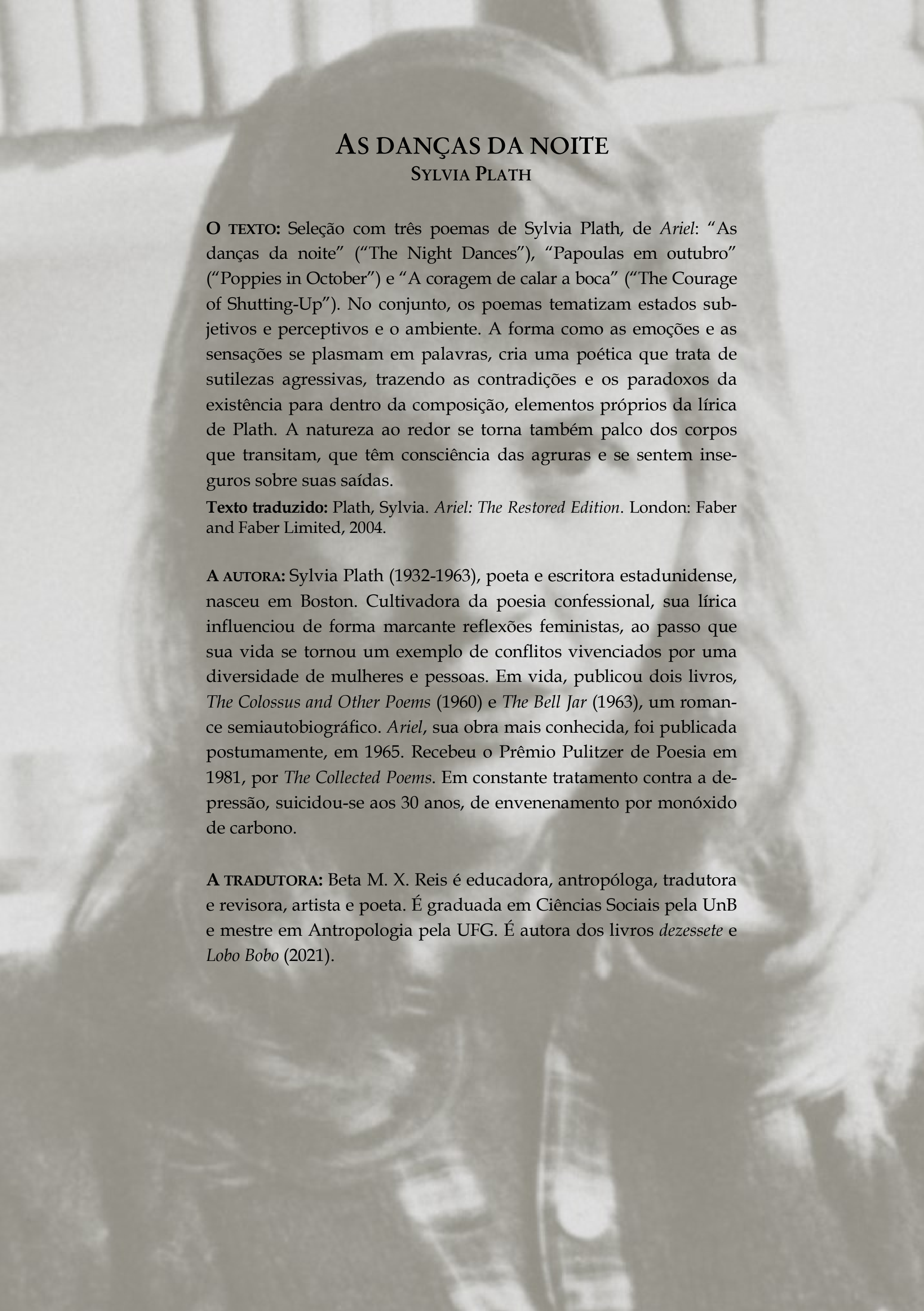
Comigo o pé-de-luto

E o pega-cabeça,

A fita-tempo

e o pássaro seco do céu, os animais desterrados e as mãos abanando ao vento.

Agora, às vezes, no espelho desesperadamente aberto, me vejo cozinhar um coração erguido por uma batida horrível lançada lá de longe do sol.



As danças da noite
Sylvia Plath

O texto: Seleção com três poemas de Sylvia Plath, de *Ariel*: "As danças da noite" ("The Night Dances"), "Papoulas em outubro" ("Poppies in October") e "A coragem de calar a boca" ("The Courage of Shutting-Up"). No conjunto, os poemas tematizam estados subjetivos e perceptivos e o ambiente. A forma como as emoções e as sensações se plasmam em palavras, cria uma poética que trata de sutilezas agressivas, trazendo as contradições e os paradoxos da existência para dentro da composição, elementos próprios da lírica de Plath. A natureza ao redor se torna também palco dos corpos que transitam, que têm consciência das agruras e se sentem inseguros sobre suas saídas.

Texto traduzido: Plath, Sylvia. *Ariel: The Restored Edition*. London: Faber and Faber Limited, 2004.

A autora: Sylvia Plath (1932-1963), poeta e escritora estadunidense, nasceu em Boston. Cultivadora da poesia confessional, sua lírica influenciou de forma marcante reflexões feministas, ao passo que sua vida se tornou um exemplo de conflitos vivenciados por uma diversidade de mulheres e pessoas. Em vida, publicou dois livros, *The Colossus and Other Poems* (1960) e *The Bell Jar* (1963), um romance semiautobiográfico. *Ariel*, sua obra mais conhecida, foi publicada postumamente, em 1965. Recebeu o Prêmio Pulitzer de Poesia em 1981, por *The Collected Poems*. Em constante tratamento contra a depressão, suicidou-se aos 30 anos, de envenenamento por monóxido de carbono.

A tradutora: Beta M. X. Reis é educadora, antropóloga, tradutora e revisora, artista e poeta. É graduada em Ciências Sociais pela UnB e mestre em Antropologia pela UFG. É autora dos livros *dezessete* e *Lobo Bobo* (2021).

"Tocando e derretendo. Em lugar algum."

"Touching and melting. Nowhere.."

THE NIGHT DANCES

"And how will your night dances lose themselves."

SYLVIA PLATH

THE NIGHT DANCES

A smile fell in the grass.
Irretrievable!

And how will your night dances
Lose themselves. In mathematics?

Such pure leaps and spirals –
Surely they travel

The world forever, I shall not entirely
Sit emptied of beauties, the gift

Of your small breath, the drenched grass
Smell of your sleeps, lilies, lilies.

Their flesh bears no relation.
Cold folds of ego, the calla,

And the tiger, embellishing itself –
Spots, and a spread of hot petals.

The comets
Have such a space to cross,

Such coldness, forgetfulness.
So your gestures flake off –

Warm and human, then their pink light
Bleeding and peeling

Through the black amnesias of heaven.
Why am I given

These lamps, these planets
Falling like blessings, like flakes

Six sided, white
On my eyes, my lips, my hair

Touching and melting.
Nowhere.

POPPIES IN OCTOBER

for Helder and Suzette Macedo

Even the sun-clouds this morning cannot manage such skirts.
Nor the woman in the ambulance
Whose red heart blooms through her coat so astoundingly –

A gift, a love gift
Utterly unasked for
By a sky

Palely and flamily
Igniting its carbon monoxides, by eyes
Dulled to a halt under bowlers.

O my God, what am I
That these late mouths should cry open
In a forest of frost, in a dawn of cornflowers!

THE COURAGE OF SHUTTING-UP

The courage of the shut mouth, in spite of artillery!
The line pink and quiet, a worm, basking.
There are black disks behind it, the disks of outrage,
And the outrage of a sky, the lined brain of it.
The disks revolve, they ask to be heard,

Loaded, as they are, with accounts of bastardies.
Bastardies, usages, desertions and doubleness,
The needle journeying in its groove,
Silver beast between two dark canyons,
A great surgeon, now a tattooist,

Tattooing over and over the same blue grievances,
The snakes, the babies, the tits
On mermaids and two-legged dreamgirls.
The surgeon is quiet, he does not speak.
He has seen too much death, his hands are full of it.

So the disks of the brain revolve, like the muzzles of cannon.
Then there is that antique billhook, the tongue,
Indefatigable, purple. Must it be cut out?
It has nine tails, it is dangerous.
And the noise it flays from the air, once it gets going!

No, the tongue, too, has been put by
Hung up in the library with the engravings of Rangoon
And the fox heads, the otter heads, the heads of dead rabbits.
It is a marvelous object –
The things it has pierced in its time!

But how about the eyes, the eyes, the eyes?
Mirrors can kill and talk, they are terrible rooms
In which a torture goes on one can only watch.
The face that lived in this mirror is the face of a dead man.
Do not worry about the eyes –

They may be white and shy, they are no stool pigeons,
Their death rays folded like flags
Of a country no longer heard of,
An obstinate independency
Insolvent among the mountains.

As danças da noite

"E como suas danças da noite se perderão?"

SYLVIA PLATH

AS DANÇAS DA NOITE

Sorriso que cai à grama.
Irreparável!

E como suas danças da noite
Se perderão? Na matemática?

Tais saltos puros e espirais –
Com certeza viajam

O mundo para sempre, e não irei me sentar
Inteiramente vazia de beleza, a graça dada

De seu respirar curto, a grama encharcada
Aroma de seus cochilos, lírios, lírios.

A carne delas não se encaixa.
Frias dobras do ego, a flor

E o tigre, apronta-se –
Pintas, e um espalhar de pétalas quentes.

Os cometas
Têm um longo espaço à frente,

Tanta frieza, esquecimento.
Então, seus gestos se desfazem –

Mornos e humanos, com sua luz rosa
Sangrando e rasgando

Por entre amnésias negras do céu.
Porque me são dadas

Essas lâmpadas, esses planetas,
Em queda como bênçãos, como flocos

De seis lados, brancos
Em meus olhos, meus lábios, meus cabelos

Tocando e derretendo.
Em lugar algum.

PAPOULAS EM OUTUBRO

para Helder e Suzette Macedo

Nem as nuvens solares desta manhã suportam essas saias.
Sequer a mulher na ambulância
Com o coração vermelho, florescendo espanto pelo casaco –

Uma lembrancinha, uma lembrancinha de amor
Jamais pedida
Pelo céu

E pálido e flamejante
Acende seu monóxido de carbono, por olhos
Exauridos, até que pausam sob chapéus.

Ó Deus meu, o que sou eu
Que essas últimas bocas possam gritar alto
Em uma floresta de gelo, na aurora de botões de solteiro!

A CORAGEM DE CALAR A BOCA

A coragem da boca calada, a despeito da artilharia;
A linha rosa e quieta, uma minhoca, lagartixando.
Há discos pretos atrás dela, discos de ultraje,
E o ultraje de um céu, com o cérebro em linhas.
Os discos dão voltas, pedindo para serem ouvidos.

Repletos, como estão, de relatos sobre bastardos.
Bastardos, maus-tratos, deserções e duplicidade,
Agulha que viaja em sua ranhura,
Fera prateada entre duas fendas escuras,
Um grande cirurgião, agora um tatuador,

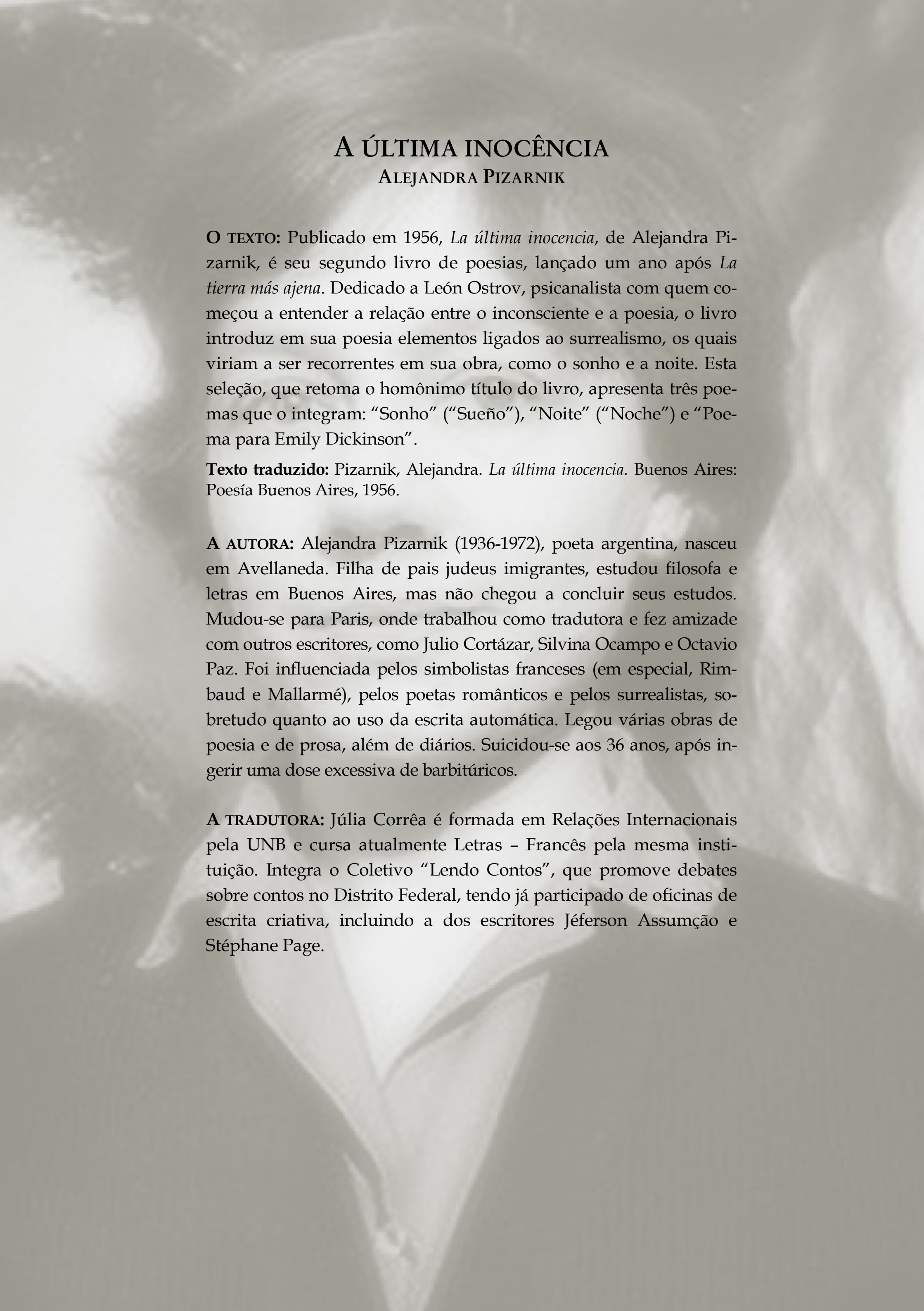
Tatuando sobre e sem cessar os mesmos rancores, triste azul,
As cobras, os bebês, os peitos
Nas sereias e em bípedes garotas dos sonhos.
O cirurgião quieto, nada fala.
Viu morte em demasia, suas mãos estão de saco cheio.

Então os discos do cérebro às voltas, qual rosnados de canhão.
E há aquela foice antiga, a língua,
Infatigável, roxa. Deverá ser decepada?
Com suas nove caudas, é perigosa.
E os ruídos com que escalpela o ar, quando começa.

Não, a língua também foi deixada de lado
Pendurada na biblioteca entre gravuras de Rangoon.
E cabeças de raposa, cabeças de lontra, cabeças de coelhos mortos.
Maravilhoso objeto –
As coisas que perfurou no passado!

Mas e os olhos, os olhos, os olhos?
Espelhos podem matar e falar, são aposentos terríveis
Onde a tortura segue e só se pode assistir.
A face que morava neste espelho é a de um homem morto.
Não esquente com os olhos –

Podem até ser tímidos e brancos, não são caguetas.
Seus raios mortíferos desfraldados qual bandeiras
De um país que ninguém mais menciona,
Independência obstinada
Insolvente entre as montanhas.



A última inocência

Alejandra Pizarnik

O texto: Publicado em 1956, *La última inocencia*, de Alejandra Pizarnik, é seu segundo livro de poesias, lançado um ano após *La tierra más ajena*. Dedicado a León Ostrov, psicanalista com quem começou a entender a relação entre o inconsciente e a poesia, o livro introduz em sua poesia elementos ligados ao surrealismo, os quais viriam a ser recorrentes em sua obra, como o sonho e a noite. Esta seleção, que retoma o homônimo título do livro, apresenta três poemas que o integram: “Sonho” (“Sueño”), “Noite” (“Noche”) e “Poema para Emily Dickinson”.

Texto traduzido: Pizarnik, Alejandra. *La última inocencia*. Buenos Aires: Poesía Buenos Aires, 1956.

A autora: Alejandra Pizarnik (1936-1972), poeta argentina, nasceu em Avellaneda. Filha de pais judeus imigrantes, estudou filosofa e letras em Buenos Aires, mas não chegou a concluir seus estudos. Mudou-se para Paris, onde trabalhou como tradutora e fez amizade com outros escritores, como Julio Cortázar, Silvina Ocampo e Octavio Paz. Foi influenciada pelos simbolistas franceses (em especial, Rimbaud e Mallarmé), pelos poetas românticos e pelos surrealistas, sobretudo quanto ao uso da escrita automática. Legou várias obras de poesia e de prosa, além de diários. Suicidou-se aos 36 anos, após ingerir uma dose excessiva de barbitúricos.

A tradutora: Júlia Corrêa é formada em Relações Internacionais pela UNB e cursa atualmente Letras – Francês pela mesma instituição. Integra o Coletivo “Lendo Contos”, que promove debates sobre contos no Distrito Federal, tendo já participado de oficinas de escrita criativa, incluindo a dos escritores Jéferson Assumção e Stéphane Page.

"A carta encontrará as mãos da alma."

"La carta encontrará las manos del alma."

La última inocencia

"¡Quiero salir! Cancerbero del alma:
¡Deja, déjame traspasar tu sonrisa!"

ALEJANDRA PIZARNIK

SUEÑO

Estallará la isla del recuerdo
La vida será un acto de candor
Prisión
para los días sin retorno
Mañana
los monstruos del bosque destruirán la playa
sobre el vidrio del misterio
Mañana
la carta desconocida encontrará las manos del alma

NOCHE

Quoi, toujours? Entre moi sans cesse et
Le bonheur!
G. DE NERVAL

Tal vez esta noche no es noche
debe ser un sol horrendo, o
lo otro, o cualquier cosa...
¡Qué sé yo! ¡Faltan palabras,
falta candor, falta poesía
cuando la sangre llora y llora!

¡Pudiera ser tan feliz esta noche!
Si sólo me fuera dado palpar
las sombras, oír pasos
decir <buenas noches> a cualquiera
que pasease a su perro,
miraría la luna, dijera su
extraña lactescencia, tropezaría
con piedras al azar, como se hace.

Pero hay algo que rompe la piel,
una ciega furia
que corre por mi venas.
¡Quiero salir! Cancerbero del alma:
¡Deja, déjame traspasar tu sonrisa!

¡Pudiera ser tan feliz esta noche!
Aún quedan ensueños rezagados.

¡Y tantos libros! ¡Y tantas luces!
¡Y mis pocos años! ¿Por qué no?
La muerte está lejana. No me mira.

¡Tanta vida Señor!
¿Para qué tanta vida?

POEMA PARA EMILY DICKINSON

Del otro lado de la noche
la espera su nombre,
su subrepticio anhelo de vivir,
¡del otro lado de la noche!

Algo llora en el aire,
los sonidos diseñan el alba.

Ella piensa en la eternidad.

A ÚLTIMA INOCÊNCIA

"Quero sair! Cérbero da alma:
Deixa, deixa-me transpor teu sorriso!"

ALEJANDRA PIZARNIK

SONHO

Explodirá a ilha da lembrança
A vida será um ato de candura
Prisão
para os dias sem retorno
Amanhã
os monstros do bosque destruirão a praia
sobre o vidro do mistério
Amanhã
a carta desconhecida encontrará as mãos da alma

NOITE

O que, sempre? Entre mim sem cessar
e a Felicidade!
G. DE NERVAL

Talvez esta noite não é noite
deve ser um sol horrendo, ou
o outro, ou qualquer coisa…
Que sei eu! Faltam palavras,
falta candura, falta poesia
quando o sangue chora e chora!

Poderia ser tão feliz esta noite!
Se só me fosse dado apalpar
as sombras, ouvir passos
dizer <boa noite> a qualquer um
que passeasse com seu cão
olharia a lua, dissesse sua
estranha lactescência, tropeçaria
com pedras ao azar, como se faz.

Mas há algo que rompe a pele,
uma fúria cega
que corre por minhas veias.
Quero sair! Cérbero da alma:
Deixa, deixa-me transpor teu sorriso!

Poderia ser tão feliz esta noite!
Ainda restam devaneios defasados.

E tantos livros! E tantas luzes!
E meus poucos anos! Por que não?
A morte está longe. Não me vê.

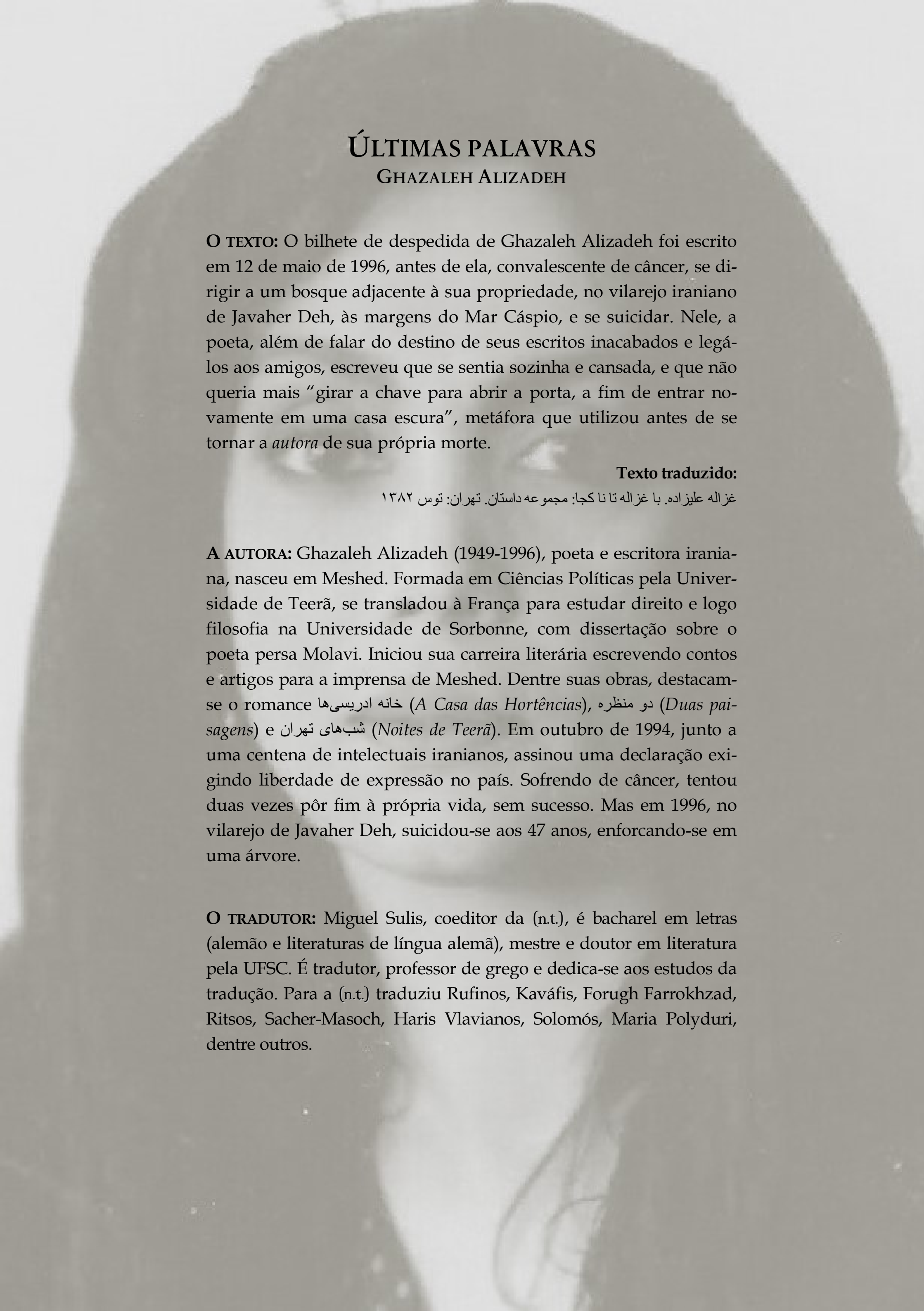
Tanta vida Senhor!
Para que tanta vida?

POEMA PARA EMILY DICKINSON

Do outro lado da noite
esperando seu nome
seu sub-reptício desejo de viver
do outro lado da noite!

Algo chora no ar
os sons desenham a aurora.

Ela pensa na eternidade.



ÚLTIMAS PALAVRAS
GHAZALEH ALIZADEH

O TEXTO: O bilhete de despedida de Ghazaleh Alizadeh foi escrito em 12 de maio de 1996, antes de ela, convalescente de câncer, se dirigir a um bosque adjacente à sua propriedade, no vilarejo iraniano de Javaher Deh, às margens do Mar Cáspio, e se suicidar. Nele, a poeta, além de falar do destino de seus escritos inacabados e legá-los aos amigos, escreveu que se sentia sozinha e cansada, e que não queria mais "girar a chave para abrir a porta, a fim de entrar novamente em uma casa escura", metáfora que utilizou antes de se tornar a *autora* de sua própria morte.

Texto traduzido:

غزاله علیزاده. با غزاله تا نا کجا: مجموعه داستان. تهران: توس ۱۳۸۲

A AUTORA: Ghazaleh Alizadeh (1949-1996), poeta e escritora iraniana, nasceu em Meshed. Formada em Ciências Políticas pela Universidade de Teerã, se transladou à França para estudar direito e logo filosofia na Universidade de Sorbonne, com dissertação sobre o poeta persa Molavi. Iniciou sua carreira literária escrevendo contos e artigos para a imprensa de Meshed. Dentre suas obras, destacam-se o romance خانه ادریسی‌ها (*A Casa das Hortências*), دو منظره (*Duas paisagens*) e شب‌های تهران (*Noites de Teerã*). Em outubro de 1994, junto a uma centena de intelectuais iranianos, assinou uma declaração exigindo liberdade de expressão no país. Sofrendo de câncer, tentou duas vezes pôr fim à própria vida, sem sucesso. Mas em 1996, no vilarejo de Javaher Deh, suicidou-se aos 47 anos, enforcando-se em uma árvore.

O TRADUTOR: Miguel Sulis, coeditor da (n.t.), é bacharel em letras (alemão e literaturas de língua alemã), mestre e doutor em literatura pela UFSC. É tradutor, professor de grego e dedica-se aos estudos da tradução. Para a (n.t.) traduziu Rufinos, Kaváfis, Forugh Farrokhzad, Ritsos, Sacher-Masoch, Haris Vlavianos, Solomós, Maria Polyduri, dentre outros.

کلمات اخر

”چقدر کلید در قفل بچرخانم و قدم بگذارم به خانه‌ای تاریک .“

غزاله علیزاده

آقای‌دکتربراهنی و آقای‌گلشیری و کوشان عزیز؛

رسیدگی به نوشته‌های ناتمام خودم را به شما عزیزان واگذار می‌کنم. ساعت یک‌ونیم است، خسته‌ام. باید بروم. لطف کنید و نگذارید گم‌وگور شوند و در صورت امکان چاپشان کنید. نمی‌گویم بسوزانید. از هیچ‌کس متنفر نیستم. برای دوست‌داشتن نوشته‌ام .

تنها و خسته‌ام برای همین می‌روم. دیگر حوصله ندارم. چقدر کلید در قفل بچرخانم و قدم بگذارم به خانه‌ای تاریک. من غلام خانه‌های روشنم.

از خانم دانشور عزیز خداحافظی می‌کنم. چقدر به همه و به من محبت کرده‌است. چقدر به او احترام می‌گذارم. بانوی رمان، بانوی عطوفت و یک هنرمند راست و درست. با شفقت بسیار .خداحافظ دوستان عزیزم.

ÚLTIMAS PALAVRAS

"Quantas vezes devo girar a chave
na fechadura e entrar em uma casa escura?"

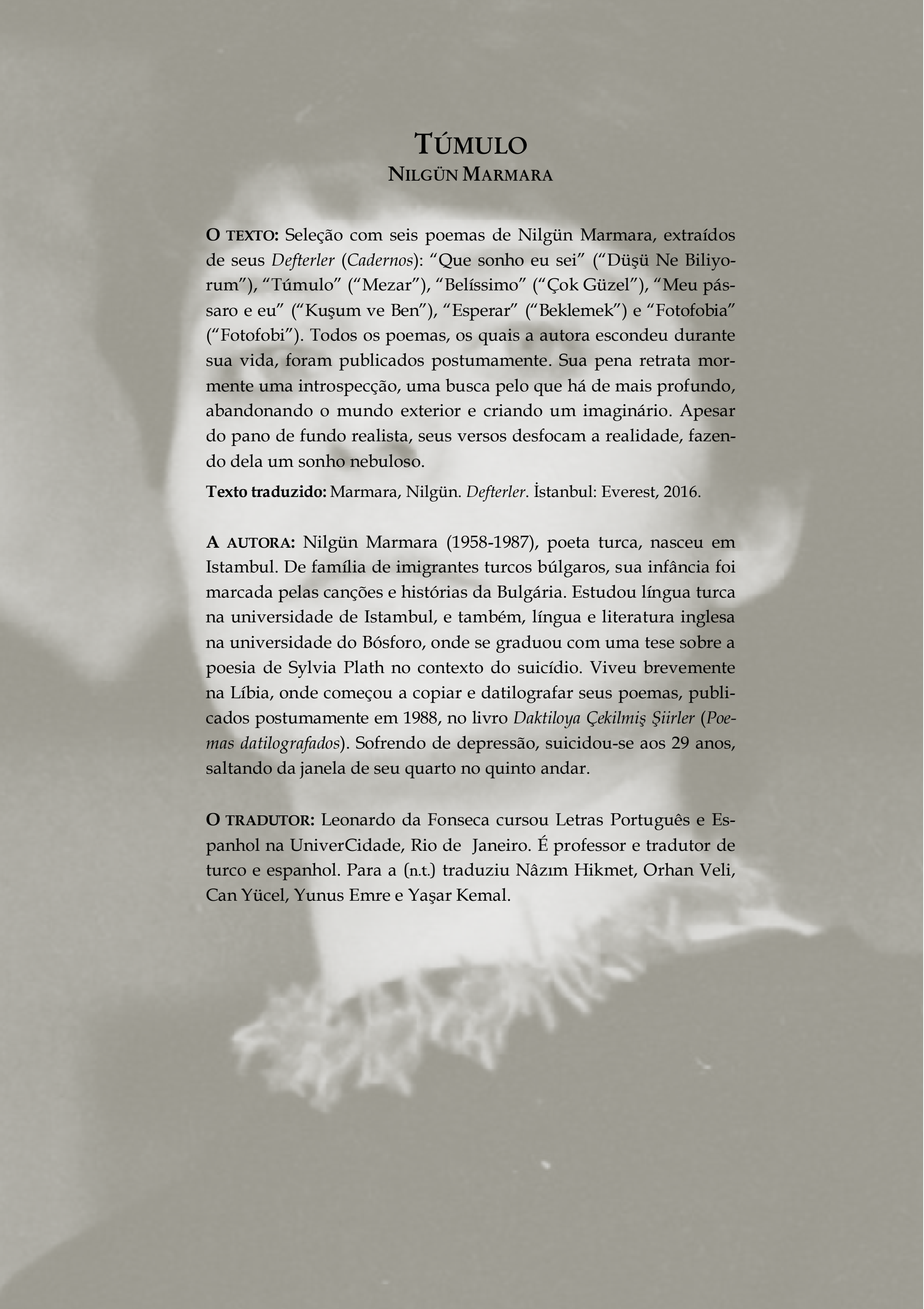
GHAZALEH ALIZADEH

Senhor doutor Baraheni e senhor Golshiri e amado Kushan;

Deixo o cuidado de meus escritos inacabados com vocês, amados. A hora é uma e meia e estou cansada. Eu preciso partir. Por favor não deixem que se percam e se possível publiquem. Não digo para queimar. Não odeio ninguém. Escrevi para o amor.

Sozinha e cansada, é por isso que vou. Não estou mais entediada. Quantas vezes devo girar a chave na fechadura e entrar em uma casa escura? Sou uma escrava de casas brilhantes.

Despeço-me da amada senhora Daneshvar, quanto ela amou a todos e a mim, quanto eu a respeito. A dama do romance. A dama da compaixão e uma artista verdadeira, com grande compaixão. Adeus meus amados amigos.



Túmulo

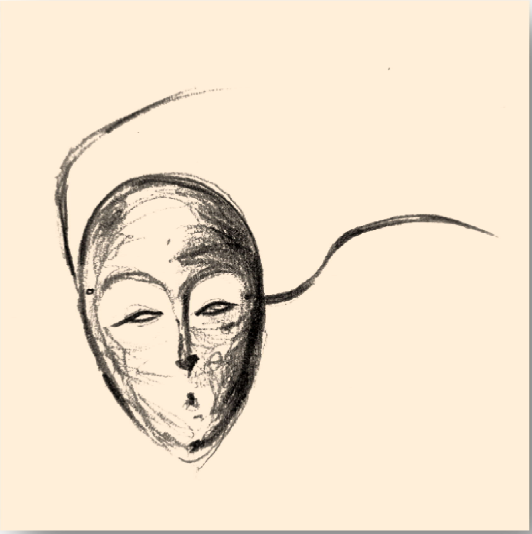
Nilgün Marmara

O texto: Seleção com seis poemas de Nilgün Marmara, extraídos de seus *Defterler* (*Cadernos*): "Que sonho eu sei" ("Düşü Ne Biliyorum"), "Túmulo" ("Mezar"), "Belíssimo" ("Çok Güzel"), "Meu pássaro e eu" ("Kuşum ve Ben"), "Esperar" ("Beklemek") e "Fotofobia" ("Fotofobi"). Todos os poemas, os quais a autora escondeu durante sua vida, foram publicados postumamente. Sua pena retrata mormente uma introspecção, uma busca pelo que há de mais profundo, abandonando o mundo exterior e criando um imaginário. Apesar do pano de fundo realista, seus versos desfocam a realidade, fazendo dela um sonho nebuloso.

Texto traduzido: Marmara, Nilgün. *Defterler*. İstanbul: Everest, 2016.

A autora: Nilgün Marmara (1958-1987), poeta turca, nasceu em Istambul. De família de imigrantes turcos búlgaros, sua infância foi marcada pelas canções e histórias da Bulgária. Estudou língua turca na universidade de Istambul, e também, língua e literatura inglesa na universidade do Bósforo, onde se graduou com uma tese sobre a poesia de Sylvia Plath no contexto do suicídio. Viveu brevemente na Líbia, onde começou a copiar e datilografar seus poemas, publicados postumamente em 1988, no livro *Daktiloya Çekilmiş Şiirler* (*Poemas datilografados*). Sofrendo de depressão, suicidou-se aos 29 anos, saltando da janela de seu quarto no quinto andar.

O tradutor: Leonardo da Fonseca cursou Letras Português e Espanhol na UniverCidade, Rio de Janeiro. É professor e tradutor de turco e espanhol. Para a (n.t.) traduziu Nâzım Hikmet, Orhan Veli, Can Yücel, Yunus Emre e Yaşar Kemal.



“Monólogo esgotado.”

“Tükenirdi monolog.”

MEZAR

"Maskelerinizi kuşanıp yalanlarınızı çoğaltın
hepiniz mezarısınız kendinizin."

NİLGÜN MARMARA

DÜŞÜ NE BİLİYORUM

Kimdi o kedi, zamanın
eşyayı örseleyen korkusunda
eğerek kuşları yemlerine,
bana ve suçlarıma dolanan?

Gök kaçınca üzerimizden ve
yıldız dengi çözüldüğünde
neydi yaklaşan
yanan yatağından aslanlar geçirmiş
ve gömütünün kapağı hep açık olana?

Yedi tül ardında yazgı uşağı,
görüldüğünde tek boyutlu düzlüktür o
ve bağlanmıştır körler
örümcek salyası kablolarla birbirine
sevişirken,
iskeletin sevincini aklın yangınına
döndüren, fil kuyruğu gerdanlıklarla.

Yine de, zaman kedisi
pençesi ensemde, üzünç kemiğimden

çekerken beni kendi göğüne,
bir kahkaha bölüyor dokusunu

düşler marketinin,

uyanıyorum küstah sözcüklerle:
Ey, iki adımlık yerküre
senin bütün arka bahçelerini
gördüm ben!

MEZAR

tükenirdi monolog
kaçarken içine düştüğüm kara toplum
big bang sonrası büyük yalnızlık bilinmeyeni
saçlarında titreyen iblisler karartırken güneşi
üstüste gömülürken
saydam yaşamlar
bir yankı duyulurdu hiç'likten
bütün yalnızlıklarınızın ilenci
korusun çoğulluklarınızı
cinnet koyun erdemin adını
maskelerinizi kuşanıp yalanlarınızı çoğaltın
hepiniz mezarısınız kendinizin...

ÇOK GÜZEL

Durma artık burada uysal âşık!
Aydınlık milinin yatağında.
Bilemiyoruz belki de meşe o ağacın adı,
Anlayamıyoruz varolduğumuzu gölgesinde
ağırbaşlılığının.
Veda geliyor şimdi, öğretmek için
sergilenmeyi, uçuşan geriye dönen
vakitte.

Kime, kime gönderiyor incelen yapraklarını
yüzün, kavisin beyaz yanağıyla?

Bu aklıkta, minarem mavi benim.
Işığım denize kayıyor, bir sayıklama
izleğiyle, bir zamanlar pay verdiğimiz
insanlığa!

KUŞUM VE BEN

Kuşum ve ben bir aynada
uyuyoruz, kafesimiz yatağımız
yüzlerimiz eşlerine baka baka
sonsuz kar altında uyuyoruz
kuşum ve ben.

Eşim ve ben kızıl bir bağla
bağlıyız birbirimize
Çözülürse yoksulluk sevinir
Aynamızın içinde tek bu bağ...
Kızıl kıskanç eşim kuşum ve ben...

BEKLEMEK

taşıl kaygısı kaotik özlem
neydi beklediğimiz ve gelecek olan
salt acı
sonsuz yeşil sonsuz gelişkin bir orman
içinde göllerini nehirlerini çağlayanlarını
gök kuşaklarını yitirdiğimiz kara sözcük
yokluğun dayattığı doğurgan sözcük: acı
bir deniz kızının uçma tutkusu
belleğin unutuş çılgınlıklarında
bilinmeyen organizmalar dönüştürürken
bedenlerimizi duygularımızı ben'imizi
çürüyorduk... kaçış yoktu... çıkış da...

yeşil maytap patlatan sahte mesihin sözleri
yalandı acımasızdı efendilerin belirlediği
ölçtüğü biçtiği yaşattığı kendimiz
umarsız öte benler=nesneler
ağlayın
ağlayın ve kanayın
yok olduğunuz irin zamanında

FOTOFOBİ

Yaslı yüreğin gözyaşı yasası
Nasıl da kaçınılmaz kızkardeş!
Sabah artı acısıyla

Örtünce karanlığın
Sonsuz olanağını,
Ses bilmeyen için ne kadar uzak!

Sabah irkiltmez mi kızkardeş?
Birden ışık...
Birden çok gerçek...

Gün sızısı artık
Gelecek ağrısı...

Túmulo

"Vistam suas máscaras e multipliquem suas mentiras
vocês são todos seus próprios túmulos."

NILGÜN MARMARA

QUE SONHO EU SEI

Quem era aquele gato no seu medo
do tempo de destruir as coisas,
dobrando os pássaros para sua presa
enrolado em mim e em meus crimes?

Quando o céu fugiu de nós e
quando a estrela manifestou
o que estava vindo,
os leões passaram por sua cama em chamas
e aquele cujo túmulo está sempre aberto?

Escrava do destino por trás de sete véus,
é um plano unidimensional quando vista,
e com os olhos vendados,
a saliva de aranha interligada por cabos
enquanto faz amor,
a alegria do esqueleto ao fogo da mente
girando, com colares de rabo de elefante.

Ainda assim, o gato do tempo
garra no meu pescoço, no osso do pescoço

me puxando para o seu céu,
uma gargalhada quebra o seu tecido,

mercado dos sonhos,

acordo com palavras insolentes:
Ó terra de dois passos,
todos os seus quintais
eu vi!

TÚMULO

monólogo esgotado
a sociedade negra em que caí enquanto eu fugia
o desconhecido da grande solidão após o *big bang*
os demônios com seu cabelo, tremendo, escurecem o sol
enquanto vidas transparentes
são enterradas
um eco foi ouvido do nada,
que a maldição de toda a sua solidão
abençoe todos os seus
coloquem a loucura em nome da virtude
vistam suas máscaras e multipliquem suas mentiras
vocês são todos seus próprios túmulos...

BELÍSSIMO

Não pare aqui, amante calmo!
À beira da cama de luz.
Não sabemos, talvez seja carvalho, o nome dessa árvore.
Não podemos entender que existimos na sombra
da sua dignidade.
O adeus está chegando agora, para ensinar
a ser exibido, o que voa, volta atrás
no tempo.

A quem, a quem ele está enviando suas folhas finas,
seu rosto com a bochecha branca arredondada?

Nesta alvorada, meu minarete é azul, é meu.
Minha luz está mergulhando no mar, é um delírio
com o tema cuja parte, demos uma vez
para a humanidade.

MEU PÁSSARO E EU

Meu pássaro e eu em um espelho
dormimos, nossa gaiola é nossa cama.
Nossos rostos olham para seus pares
dormimos sob a neve sem fim,
meu pássaro e eu.

Meu esposo e eu amarramos uma corda vermelha,
estamos ligados um ao outro.
Quando é decidido, a pobreza se alegra.
Este vínculo é o único em nosso espelho...
Meu esposo pássaro, vermelho, ciumento e eu...

ESPERAR

ansiedade petrificada, caótica é minha saudade,
o que estamos esperando e o que está por vir ?
é apenas dor,
um verde sem fim, a floresta infinitamente desenvolvida,
cujos lagos e rios transbordam
maldição, perdemos o arco-íris,
a palavra fecunda imposta pela ausência: dor,
a paixão de uma sereia por voar
no frenesi de esquecer, a memória
transformando organismos desconhecidos,
nossos corpos, nossos sentimentos, nosso ego,
estávamos apodrecendo... não havia escapatória... nem saída...

o falso messias, cujas palavras explodiram, estrelinhas verdes,
a mentira foi cruel, os mestres determinaram
o que medimos, o que vivemos, nós mesmos,
somos toupeiras desesperadas = objetos,
chorar
chorar e sangrar
na hora do seu desaparecimento.

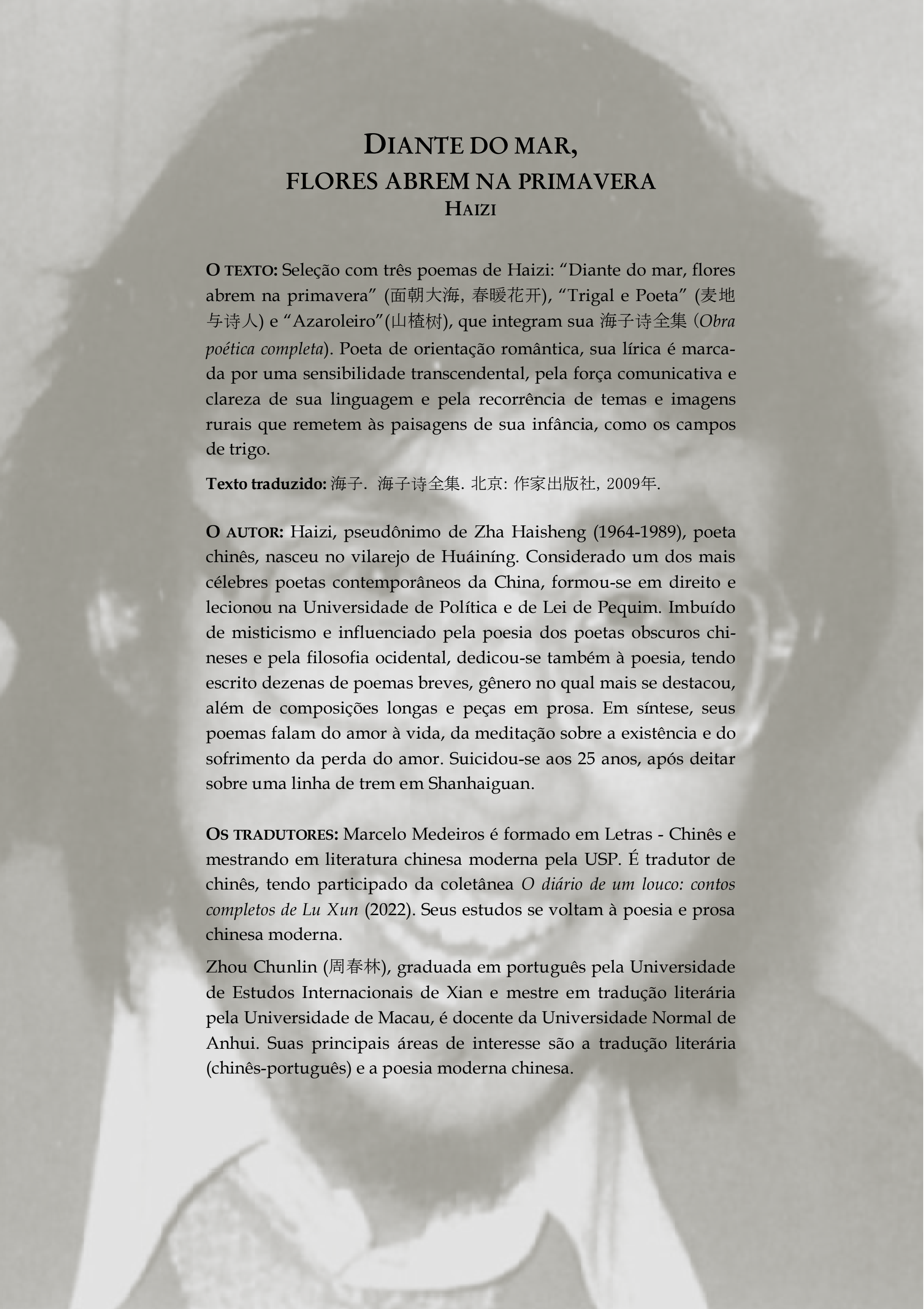
FOTOFOBIA

A lei das lágrimas do coração enlutado.
Como também são inevitáveis, irmã!
A manhã surge com sua dor

Cobrindo a escuridão
De Infinitas possibilidades.
O quão distante é para quem não conhece o som!

A manhã não assusta, irmã?
Em um momento, a luz...
Noutro, muitas verdades...

A luz do dia é agora
A dor é futura...



DIANTE DO MAR, FLORES ABREM NA PRIMAVERA

HAIZI

O TEXTO: Seleção com três poemas de Haizi: "Diante do mar, flores abrem na primavera" (面朝大海，春暖花开), "Trigal e Poeta" (麦地与诗人) e "Azaroleiro"(山楂树), que integram sua 海子诗全集（*Obra poética completa*). Poeta de orientação romântica, sua lírica é marcada por uma sensibilidade transcendental, pela força comunicativa e clareza de sua linguagem e pela recorrência de temas e imagens rurais que remetem às paisagens de sua infância, como os campos de trigo.

Texto traduzido: 海子．海子诗全集．北京：作家出版社，2009年．

O AUTOR: Haizi, pseudônimo de Zha Haisheng (1964-1989), poeta chinês, nasceu no vilarejo de Huáiníng. Considerado um dos mais célebres poetas contemporâneos da China, formou-se em direito e lecionou na Universidade de Política e de Lei de Pequim. Imbuído de misticismo e influenciado pela poesia dos poetas obscuros chineses e pela filosofia ocidental, dedicou-se também à poesia, tendo escrito dezenas de poemas breves, gênero no qual mais se destacou, além de composições longas e peças em prosa. Em síntese, seus poemas falam do amor à vida, da meditação sobre a existência e do sofrimento da perda do amor. Suicidou-se aos 25 anos, após deitar sobre uma linha de trem em Shanhaiguan.

OS TRADUTORES: Marcelo Medeiros é formado em Letras - Chinês e mestrando em literatura chinesa moderna pela USP. É tradutor de chinês, tendo participado da coletânea *O diário de um louco: contos completos de Lu Xun* (2022). Seus estudos se voltam à poesia e prosa chinesa moderna.

Zhou Chunlin (周春林), graduada em português pela Universidade de Estudos Internacionais de Xian e mestre em tradução literária pela Universidade de Macau, é docente da Universidade Normal de Anhui. Suas principais áreas de interesse são a tradução literária (chinês-português) e a poesia moderna chinesa.

"Espero que possas ser feliz neste mundo efêmero."

「愿你在尘世获得幸福」

面朝大海春暖花开

「从明天起，做一个幸福的人
我有一所房子，面朝大海」

海子

面朝大海，春暖花开

从明天起，做一个幸福的人
喂马、劈柴，周游世界
从明天起，关心粮食和蔬菜
我有一所房子，面朝大海，春暖花开
从明天起，和每一个亲人通信
告诉他们我的幸福
那幸福的闪电告诉我的
我将告诉每一个人
给每一条河每一座山取一个温暖的名字
陌生人，我也为你祝福
愿你有一个灿烂的前程
愿你有情人终成眷属
愿你在尘世获得幸福
我只愿面朝大海，春暖花开

麦地与诗人

询问
在青麦地上跑着
雪和太阳的光芒
诗人，你无力偿还
麦地和光芒的情义
一种愿望
一种善良
你无力偿还
你无力偿还
一颗放射光芒的星辰
在你头顶寂寞燃烧

答复
麦地
别人看见你
觉得你温暖，美丽
我则站在你痛苦质问的中心
被你灼伤
我站在太阳 痛苦的芒上
麦地
神秘的质问者啊
当我痛苦地站在你的面前
你不能说我一无所有
你不能说我两手空空
麦地啊，人类的痛苦
是他放射的诗歌和光芒！

山楂树

今夜我不会遇见你
今夜我遇见了世上的一切
但不会遇见你。
一棵夏季最后
火红的山楂树
象一辆高大女神的自行车
象一女孩 畏惧群山
呆呆站在门口
她不会向我
跑来!
我走过黄昏
像风吹向远处的平原
我将在暮色中抱住一棵孤独的树干
山楂树! 一闪而过 啊! 山楂
我要在你的乳房下坐到天亮。
又小又美丽的山楂的乳房
在高大女神的自行车上
在农奴的手上
在夜晚就要熄灭

Diante do mar, flores abrem na primavera

"A partir de amanhã serei uma pessoa feliz
Em uma casa de frente ao mar."

HAIZI

DIANTE DO MAR, FLORES ABREM NA PRIMAVERA

A partir de amanhã serei uma pessoa feliz
Dar água aos cavalos, cortar lenha, viajar por todo o mundo
A partir de amanhã me preocuparei com grãos e vegetais
Em uma casa de frente ao mar, onde flores abrem na primavera
A partir de amanhã escreverei para todos os meus amados
Contar-lhes-ei da minha felicidade
O que o raio da felicidade me contou
Eu irei contar para todas as pessoas,
E darei um nome caloroso a cada rio e montanha
Desconhecido, eu também te desejo felicidades!
Espero que tenhas um futuro brilhante
Espero que encontres um amante para a vida toda
Espero que possas ser feliz neste mundo efêmero
Eu só desejo olhar o mar enquanto as flores abrem na primavera!

TRIGAL E POETA

Pergunta
Correndo no trigal verde
Luz de neve e sol brilhando
Poeta, tu não tens como retribuir
Os laços amigos do trigal e do brilho
Um certo desejo
Uma tal simpatia
Tu não tens como retribuir
Tu não tens como retribuir
Uma estrela vai brilhando
Sobre tua cabeça arde solitária

Replica
Trigal
Outras pessoas conseguem te ver
Sentem que és belo e cálido
Porém, permaneço no coração de teu doloroso questionamento
Sendo queimado por teu fogo
Permaneço sob as agulhas duras do sol
Ah, terra de trigo,
Inquiridor misterioso
Quando permaneço com essa dor em tua frente
Tu não podes dizer que não tenho nada neste mundo
Tu não podes dizer que minhas duas mãos estão vazias
Ah, trigal, a dor da humanidade
É a poesia e o brilho que irradias!

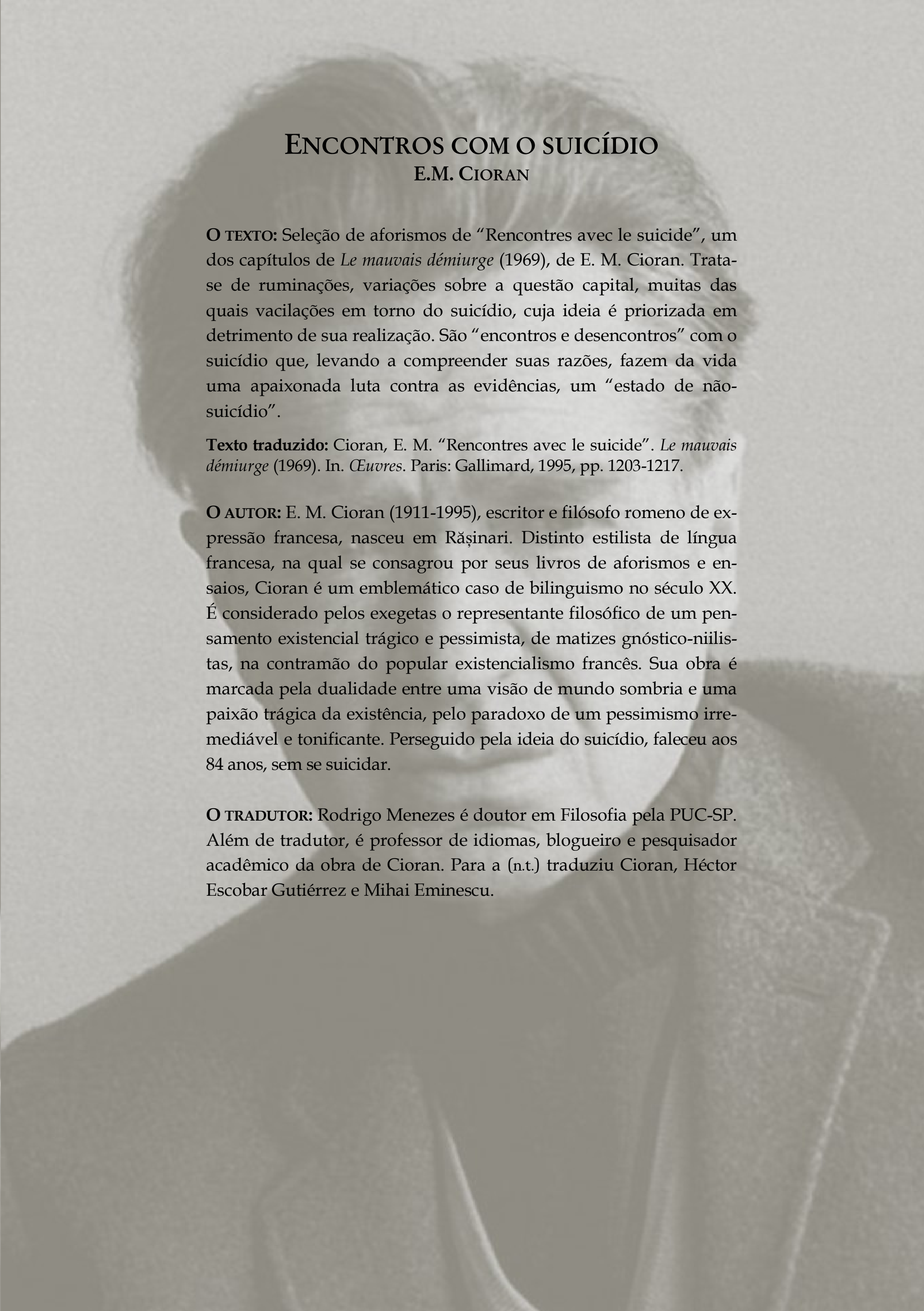
AZAROLEIRO DA MONTANHA[1]

Hoje à noite não te encontrarei
Hoje à noite encontrarei tudo deste mundo
Mas não te encontrarei.
O último azaroleiro
A avermelhar no verão
Parece a bicicleta da musa
Parece a menina que tem medo de montanhas
Parada diante da entrada da casa
Ela não virá em minha direção
Correndo!
Ando até o crepúsculo
Com o vento soprando nas planícies distantes
No crepúsculo abraçarei um pequeno galho
Azaroleiro! Brilhas como um raio! Azaroleiro!
Sob teu seio descansarei até o dia raiar,
Pequeno e belo seio do azaroleiro.
Na bicicleta da minha grande musa,
Na mão do servo,
E na noite ele vai se apagar.

[1] Azaroleiro (山楂树) é um arbusto de frutos vermelhos comestíveis, de sabor e aparência semelhante à maçã. (n.t.)

post scriptum

(n.t.)|Códice de Dresden



Encontros com o suicídio

E.M. Cioran

O texto: Seleção de aforismos de “Rencontres avec le suicide”, um dos capítulos de *Le mauvais démiurge* (1969), de E. M. Cioran. Trata-se de ruminações, variações sobre a questão capital, muitas das quais vacilações em torno do suicídio, cuja ideia é priorizada em detrimento de sua realização. São “encontros e desencontros” com o suicídio que, levando a compreender suas razões, fazem da vida uma apaixonada luta contra as evidências, um “estado de não-suicídio”.

Texto traduzido: Cioran, E. M. “Rencontres avec le suicide”. *Le mauvais démiurge* (1969). In. *Œuvres*. Paris: Gallimard, 1995, pp. 1203-1217.

O autor: E. M. Cioran (1911-1995), escritor e filósofo romeno de expressão francesa, nasceu em Rășinari. Distinto estilista de língua francesa, na qual se consagrou por seus livros de aforismos e ensaios, Cioran é um emblemático caso de bilinguismo no século XX. É considerado pelos exegetas o representante filosófico de um pensamento existencial trágico e pessimista, de matizes gnóstico-niilistas, na contramão do popular existencialismo francês. Sua obra é marcada pela dualidade entre uma visão de mundo sombria e uma paixão trágica da existência, pelo paradoxo de um pessimismo irremediável e tonificante. Perseguido pela ideia do suicídio, faleceu aos 84 anos, sem se suicidar.

O tradutor: Rodrigo Menezes é doutor em Filosofia pela PUC-SP. Além de tradutor, é professor de idiomas, blogueiro e pesquisador acadêmico da obra de Cioran. Para a (n.t.) traduziu Cioran, Héctor Escobar Gutiérrez e Mihai Eminescu.

"Sem a ideia do suicídio, eu me mataria no ato!"

"Sans l'idée du suicide, on se tuerait sur-le-champ !"

RENCONTRES AVEC LE SUICIDE

"Il y a autant de raisons de se supprimer
que de raisons de continuer."

E.M. CIORAN

Il existe en nous une tentation, plutôt qu'une volonté, de mourir. Car s'il nous était donné de *vouloir* la mort, qui n'en profiterait dès la première contrariété ? Un autre empêchement joue encore : l'idée de se tuer paraît incroyablement neuve à celui qui en est possédé ; il s'imagine donc exécuter un acte *sans précédent* ; cette illusion l'occupe et le flatte, et lui fait perdre un temps précieux.

§

Le suicide est un accomplissement brusque, une délivrance fulgurante : c'est le nirvâna par la violence.

§

Quand nous saisit l'idée d'en finir, un espace s'étend devant nous, une vaste possibilité en dehors du temps et de l'éternité elle-même, une ouverture vertigineuse, un espoir de mourir *par-delà* la mort.

Se tuer, c'est, de fait, rivaliser avec la mort, c'est démontrer qu'on peut faire mieux qu'elle, c'est lui jouer un tour et, succès non négligeable, se racheter à ses propres yeux. On se rassure, on se persuade ainsi qu'on n'est pas le dernier, que l'on mérite quelque respect. On se dit : Jusqu'à présent, incapable de prendre une initiative, je n'avais nulle estime pour moi ; maintenant tout change : en me détruisant, je détruis du même coup toutes les

raisons que j'avais de me mépriser, je regagne confiance, je suis quelqu'un pour toujours…

§

Attendre la mort, c'est la subir, c'est la ravaler au rang d'un processus, c'est se résigner à un dénouement dont on ignore la date, le mode et le décor. On est loin de l'acte absolu. Rien de commun entre l'obsession du suicide et le sentiment de la mort, – j'entends ce sentiment profond, constant, d'une fin en soi, d'une fatalité de périr comme telle, inséparable d'un arrière-plan cosmique et indépendante de ce drame du moi, au centre de toute forme d'autodestruction. La mort n'est pas nécessairement ressentie comme délivrance ; le suicide délivre toujours : il est summum, il est paroxysme de salut. On devrait par décence choisir soi-même le moment de disparaître. Il est avilissant de s'éteindre comme on s'éteint, il est intolérable d'être exposé à une fin sur laquelle on ne peut rien, qui vous guette, vous abat, vous précipite dans l'innommable. Peut-être le moment viendra-t-il où la mort naturelle sera tout à fait déconsidérée, où l'on enrichira les catéchismes d'une formule nouvelle : « Dispensez-nous, Seigneur, la faveur et la force d'en finir, la grâce de nous effacer à temps. »

La conspiration millénaire contre le suicide est cause de l'encombrement et de la sclérose des sociétés. Il nous appartient d'apprendre à nous détruire *au bon moment*, à courir allégrement vers notre spectre. Tant que nous ne nous y résoudrons pas, nous mériterons nos humiliations. Quand on a épuisé sa raison d'être, il est odieux de s'obstiner. Mais c'est bien l'indignité de la mort naturelle que l'on aperçoit, de quelque côté que l'on regarde.

« En retrouvant, après plusieurs années, une personne que l'on a connue enfant, le premier regard fait presque toujours supposer que quelque grand malheur a dû la frapper » (Leopardi). Durer, c'est s'amoindrir : l'existence est perte d'être. Puisque nul ne disparaît quand il le faudrait, on devrait rappeler à l'ordre quiconque se survit, l'encourager et, au besoin, l'aider à écourter ses jours. À partir d'un moment donné, persévérer, c'est consentir à déchoir. Mais comment être certain de son déclin ? Ne peut-on pas se méprendre sur les symptômes ? La conscience de déchoir n'implique-t-elle pas une supériorité sur sa déchéance ? et, dans ce cas, est-on encore déchu ? Comment, encore une foi, savoir qu'on a commencé à dégringoler, comment déterminer ce moment ? – L'erreur est sans doute possible mais elle n'importe guère puisque, de toutes manières, on ne meurt jamais à temps. On va à la dérive,

et c'est seulement lorsqu'on coule que l'on s'avoue épave. Et il est trop tard alors pour sombrer de son propre gré.

§

Cela fait du bien de penser qu'on va se tuer. Point de sujet plus reposant : dès qu'on l'aborde, on respire. Méditer sur lui rend presque aussi libre que l'acte même.

Plus je suis en marge des instants, plus la perspective de m'en abstraire à jamais me réincorpore à l'existence, me met de plain-pied avec les vivants, me confère une espèce d'honorabilité. Cette perspective, dont je ne puis me passer, m'a tiré de tous mes abattements, elle m'a permis surtout de traverser ces époques où je n'avais nul grief contre personne, où j'étais comblé. Sans son secours, sans l'espoir qu'elle dispense, le paradis me paraîtrait le pire des supplices. Combien de fois ne me suis-je pas dit que, sans l'idée du suicide, on se tuerait sur-le-champ ! L'esprit dont elle s'empare, la choie, l'idolâtre, en attend des miracles. Tel un homme en train de se noyer qui se cramponnerait à l'idée du naufrage.

§

Il y a autant de raisons de se supprimer que de raisons de continuer, avec cette différence toutefois que ces dernières ont plus d'ancienneté et de solidité ; elles pèsent plus lourd que les autres parce qu'elles se confondent avec nos origines, alors que les premières, fruits de l'expérience, étant nécessairement plus récentes, sont à la fois plus pressantes et plus incertaines.

§

Le même qui dit : « Je n'ai pas le courage de me tuer », taxera, l'instant d'après, de lâcheté un exploit devant lequel les plus vaillants reculent. On se tue, ne cesse-t-on de répéter, par faiblesse, pour n'avoir pas à affronter la douleur ou la honte. Seulement on ne voit pas que ce sont les faibles précisément qui, loin d'essayer d'y échapper, s'en accommodent au contraire et qu'il faut de la vigueur pour s'en arracher d'une manière décisive. À la vérité, il est plus aisé de se tuer que de vaincre un préjugé plus ancien que l'homme, ou tout au moins que les religions, si tristement imperméables au geste suprême. Tant que l'Église sévissait, l'aliéné seul jouissait d'un régime de fa-

veur, lui seul avait le droit d'attenter à ses jours : son cadavre n'était pas profané ni pendu. Entre le stoïcisme antique et la « libre pensée » moderne, entre, mettons, Sénèque et Hume, le suicide subit, l'intermède cathare mis à part, une longue éclipse, – âge sombre en effet pour tous ceux qui, voulant mourir, n'osaient enfreindre l'interdiction de se donner la mort.

§

Celui qui n'a jamais envisagé de se tuer s'y décidera bien plus promptement que celui qui ne cesse d'y penser. Tout acte crucial étant plus facile à accomplir par irréflexion que par examen, l'esprit vierge de suicide, une fois qu'il s'y sent poussé, n'aura aucune défense contre cette impulsion subite ; il sera aveuglé et secoué par la révélation d'une issue définitive, qu'il n'avait pas considérée auparavant ; – alors que l'autre pourra toujours retarder un geste qu'il a indéfiniment pesé et repesé, qu'il connaît à fond et auquel il se résoudra sans passion, s'il s'y résout jamais.

§

Les horreurs dont l'univers regorge font partie intégrante de sa substance ; sans elles, il cesserait *physiquement* d'exister. En tirer les dernières conséquences, ce n'est pas là commettre un « beau » suicide. Seul mérite l'épithète celui qui surgit de rien, sans motif apparent, « sans raison » : le suicide pur. C'est lui – défi à toutes les majuscules – qui humilie, qui écrase Dieu, la Providence et jusqu'au Destin.

§

Nous avons désappris l'art de nous tuer *à froid*. Les Anciens fuirent les derniers qui y excellaient. Nous ne concevons plus que le suicide passionné, fiévreux, le suicide comme état inspiré ; pour ce qui est du détachement, c'est en convulsionnaires que nous en rêvons. Ces sages d'avant la Croix, ils savaient rompre avec ce monde ou s'y résigner, sans drame ni lyrisme. Leur manière s'est perdue, ainsi que l'assise de leur imperturbabilité : une Providence usurpatrice vint déloger le Fatum de partout. Et nos courons le retrouver, pour y chercher un soutien, quand aucun autre ne saurait nos aider ni séduire.

§

Dans cette petite île de la Méditerranée, bien avant le jour, je faisais sur le chemin qui me conduisait vers la falaise la plus abrupte, des réflexions de concierge en vacances : j'aurais cette villa, je la peindrais en ocre, j'y ferais mettre une autre palissade, etc. Malgré *mon* idée, je m'agrippais à la moindre vétille : je contemplais les agaves, je lambinais, j'escamotais par des digressions l'urgence de mon propos. Un chien se mit à aboyer, puis me fit fête et me suivit. On ne peut imaginer, si on ne l'a ressenti, le réconfort que vous apporte une bête qui vient vous tenir compagnie alors que les dieux vous ont tourné les dos.

§

L'obsession du suicide est le propre de celui qui ne peut ni vivre ni mourir, et dont l'attention ne s'écarte jamais de cette double impossibilité.

§

Si ce monde émanait d'un dieu honorable, se tuer serait une audace, une provocation sans nom. Mais comme il y a tout lieu de penser qu'il s'agit de l'œuvre d'un sous-dieu, on ne voit pas pourquoi on se gênerait. *Qui* ménager ? Grand profiteur de l'effacement de la foi, le suicide sera de plus en plus aisé et, par là même, moins mystérieux puisqu'il aura usé son prestige d'anathème. Piquant et méritoire jadis, il entre maintenant dans les mœurs, il gagne du terrain, et, s'il cesse d'être insolite, son avenir en revanche semble assuré. À l'intérieur de univers religieux, il apparaissait comme une insanité et une trahison, comme le forfait par excellence. Comment croire et s'anéantir ? Rabattons-nous sur l'hypothèse du sousdieu, qui a l'avantage de permettre les gestes extrêmes, la victoire radicale sur un monde taré.

On peut se figurer ce créateur, conscient enfin de son égarement, s'en déclarer coupable : il se désiste, se retire, et, par un ultime souci d'élégance, se fait justice. Il disparaît ainsi avec son œuvre, sans que l'homme y soit pour rien. Telle serait la version améliorée du Jugement dernier.

§

Les suicidés préfigurent les destinées lointaines de l'humanité. Ce sont des annonciateurs, et, comme tels, on doit les respecter ; leur heure viendra ; on les célébrera, on leur rendra un hommage public et on dira qu'eux seuls, *dans le passé*, avaient tout entrevu, tout deviné. On dira encore qu'ils avaient pris les devants, qu'ils s'étaient sacrifiés pour indiquer la voie, qu'ils furent à leur façon des martyrs : ne s'étaient-ils pas tués en des temps où nul n'y était tenu, et quand la mort naturelle battait son plein ? Ils surent avant les autres que *l'impossibilité* pure et simple sera un jour le lot de tous, au lieu d'être une malédiction, un privilège.

Des précurseurs, ainsi on les appellera ; et ils furent à l'égal de ceux qui, sensibles à la souveraineté du mal, ont incriminé la Création : les manichéens au début de l'ère chrétienne, et singulièrement leurs disciples tardifs, les cathares. L'admirable est que cette incrimination était chez ces derniers plus fréquente parmi les gens du peuple que parmi les lettrés. Pour s'en convaincre, il n'est que de consulter le *Manuel de l'Inquisiteur* de Bernard Gui ou n'importe quel rapport de l'époque sur les idées et les agissements des « hérétiques ». On y verra – détail réconfortant – telle femme de mégissier ou de marchand de bois aux prises avec Lucifer ou dénonçant nos premiers ancêtres coupables de « l'acte le plus satanique qui soit ». Ces sectaires, ces visionnaires plutôt, si curieusement détrompés au milieu de leur ferveur, investis du don de déceler les pièges diaboliques derrière tous nos actes importants, savaient au besoin se laisser mourir de faim, et cet exploit, nullement inhabituel parmi eux, marquait le sommet de leur doctrine. Se mettre en *endura*, jeûner jusqu'à l'épuisement complet, était une pratique, consécutive à l'initiation, et qui avait pour mission de préserver le « consolé », par une mort rapide, du danger d'apostasie ou de toutes sortes de tentations.

Le dégoût du côté *utile* de la sexualité, l'horreur de procréer, fait partie de la remise en cause de la Création : à quoi bon multiplier des monstres ? S'il eût triomphé et qu'il fût demeuré fidèle à lui-même, le catharisme eût abouti à un suicide collectif. Une telle réussite n'était guère possible : si avancés qu'ils fussent, les esprits n'étaient pas suffisamment mûrs. Aujourd'hui même, ils sont encore loin de l'être, et il faudra attendre encore longtemps avant que l'humanité ne se mette en *endura*. En admettant qu'elle s'y mette jamais.

§

Pourquoi je ne me tue pas ? – Si je savais *exactement* ce qui m'en empêche, je n'aurais plus de questions à me poser puisque j'aurais répondu à toutes.

§

Le difficile, pour celui qui a renoncé à demi, est de faire le reste. L'existence lui pèse sans doute mais il n'a pas épuisé sa surprise d'exister. De là viennent ses irrésolutions, et le repentir de s'être arrêté à mi-chemin, sans chance aucune de mener à bien un dessein conçu de longue date. Un raté du renoncement.

Encontros com o suicídio

"Há tantas razões para suprimir-se quanto para continuar."

E.M. CIORAN

Há em nós uma tentação, mais que uma vontade, de morrer. Pois se nos fosse dado *querer* a morte, quem não se aproveitaria disso à primeira contrariedade? Outro empecilho se impõe ainda: a ideia de se matar parece incrivelmente nova para quem está por ela possuído; ele imagina executar então um ato *sem precedentes*; esta ilusão o ocupa e o lisonjeia, fazendo-o perder um tempo precioso.

§

O suicídio é uma realização brusca, uma libertação fulgurante: é o nirvana pela violência.

§

Quando somos invadidos pela ideia de acabar com tudo, um espaço se estende diante de nós, uma vasta possibilidade fora do tempo e da própria eternidade, uma abertura vertiginosa, uma esperança de morrer *para além* da morte.

Matar-se é, de fato, rivalizar com a morte, é mostrar que se pode fazer melhor que ela, é trapacear com ela e, êxito não desprezível, redimir-se a seus próprios olhos. Tranquiliza-se, persuade-se assim de que não se é o último, que se merece algum respeito. Diz-se: Até o presente, incapaz de tomar uma iniciativa, eu não tinha nenhuma estima por mim mesmo; agora tudo muda

de figura: destruindo-me, destruo de uma só vez todas as razões que eu tinha de me desprezar, retomo confiança, sou alguém para sempre...

§

Esperar a morte é sofrê-la, é promovê-la ao nível de um processo, é resignar-se a um desenlace do qual se ignora a data, o modo e o cenário. Está-se longe do ato absoluto. Não há nada em comum entre a obsessão do suicídio e o sentimento da morte – refiro-me a esse sentimento profundo, constante, de um fim em si mesmo, de uma fatalidade de perecer enquanto tal, inseparável de um pano de fundo cósmico e independente desse drama do eu, no centro de toda forma de autodestruição. A morte não é necessariamente sentida como libertação; o suicídio liberta sempre: é o apogeu, o paroxismo da salvação. Dever-se-ia, por decência, escolher por si mesmo o momento de desaparecer. É aviltante prolongar-se como se costuma prolongar-se, é intolerável ser exposto a um fim sobre o qual não temos nenhum poder, que nos espreita, nos abate, nos precipita no inominável. Talvez chegue o momento em que a morte natural será totalmente desconsiderada, em que o catecismo será enriquecido de uma nova fórmula: "Dai-nos, Senhor, o favor e a força de acabar com tudo, a graça de nos apagar do tempo."

A conspiração milenar contra o suicídio é a causa do congestionamento e da esclerose das sociedades. Cabe a nós aprender a destruir-nos no momento certo, a correr alegremente para nosso espectro. Enquanto não nos resolvemos a isto, merecemos nossas humilhações. Quando se esgotou sua razão de ser, é odioso obstinar-se. Mas é justa a indignidade da morte natural que se percebe, por onde quer que se olhe.

"Ao se reencontrar, após muitos anos, uma pessoa que se conheceu na infância, o primeiro olhar sempre faz supor quase sempre que algum grande infortúnio deve tê-la marcado" (Leopardi). Durar é diminuir-se: a existência é perda de ser. Posto que ninguém desaparece quando seria necessário, dever-se-ia chamar a atenção de quem quer que sobreviva a si próprio, encorajá-lo e, se necessário, ajudá-lo a encurtar seus dias. A partir de determinado momento, perseverar é consentir em decair. Mas, como estar certo de seu declínio? Não se pode equivocar-se sobre os sintomas? A consciência de decair não implica uma superioridade sobre o declínio? E, neste caso, ainda se está decaído? Como, uma vez mais, saber que se começou a degringolar, como determinar esse momento? – O erro é sem dúvida possível, mas não importa nem um pouco porque, de qualquer maneira, não se morre nunca a tempo.

Vai-se à deriva, e é apenas quando se afunda que se confessa naufragado. E então é tarde demais para soçobrar de bom grado.

§

Faz bem pensar que é possível se suicidar. Nenhum assunto é mais tranquilizante: assim que o abordamos, respiramos. Meditar sobre ele torna quase tão livre quanto o ato em si.

Quanto mais à margem dos instantes estou, mais a perspectiva de subtrair-me para sempre me reincorpora à existência, me coloca em pé de igualdade com os viventes, me confere uma espécie de honorabilidade. Essa perspectiva, sem a qual não posso passar, me tirou de todos meus abatimentos e, sobretudo, me permitiu atravessar aquelas épocas em que não tinha nenhum agravo contra ninguém, em que eu estava repleto. Sem o seu socorro, sem a esperança que ela me proporciona, o paraíso me pareceria o pior dos suplícios. Quantas vezes disse para mim mesmo que, sem a ideia do suicídio, eu me mataria no ato! O espírito de que se apodera a mima, a idolatra, espera dela milagres. Como um homem em vias de se afogar que se aferrasse à ideia do naufrágio.

§

Há tantas razões para suprimir-se quanto para continuar, com a diferença de que estas últimas detêm mais antiguidade e solidez; elas pesam mais do que as outras porque se confundem com as nossas origens, ao passo que as primeiras, frutos da experiência, sendo necessariamente mais recentes, são ao mesmo tempo mais prementes e mais incertas.

§

O mesmo que diz: “Não tenho coragem de me matar”, tachará de covardia, no instante seguinte, uma proeza diante da qual os mais valentes recuam. Matamos-nos, repete-se incessantemente, por fraqueza, para não ter que enfrentar a dor ou a vergonha. Só que não vê que são precisamente os fracos que, longe de tentar escapar, se acomodam a ele, e que é preciso vigor para subtrair-se de maneira definitiva. Na verdade, é mais fácil matar-se do que vencer um preconceito mais antigo do que o homem, ou ao menos do que as religiões, tão tristemente impermeáveis ao gesto supremo. Enquanto a Igreja se impunha, somente o alienado desfrutava de um regime de favor, só ele

tinha o direito de atentar contra os seus dias: seu cadáver não era profanado nem suspendido. Entre o estoicismo antigo e o "livre pensamento" moderno, entre, digamos, Sêneca e Hume, o suicídio sofre, à exceção do intermédio cátaro, um longo eclipse – era sombria, de fato, para todos os que, querendo morrer, não ousavam infringir a interdição de se dar à morte.

§

Aquele que nunca imaginou se matar decidirá fazê-lo muito mais prontamente do que aquele que pensa nisso incessantemente. Todo ato crucial sendo mais facilmente realizável por irreflexão do que por exame, o espírito virgem de suicídio, uma vez que se sente possuído por ele, não terá nenhuma defesa contra esse impulso súbito; será cegado e chacoalhado pela revelação de um desenlace definitivo, que ele não tinha considerado antes – ao passo que o outro poderá sempre retardar um gesto que foi pesado e repesado indefinidamente, que ele conhece a fundo e ao qual se dedicará sem paixão, se um dia resolver fazê-lo.

§

Os horrores que abundam no universo são parte integrante da sua substância; sem eles, cessaria *fisicamente* de existir. Tirar disso as últimas consequências não é cometer um "belo" suicídio. Só merece o epíteto aquele que surge do nada, sem motivo aparente, "sem razão": o suicídio puro. É ele – desafio a todas as maiúsculas – que humilha, que esmaga Deus, a Providência e até o Destino.

§

Desaprendemos a arte de matar-nos *friamente*. Os Antigos foram os últimos a se sobressair nela. Não concebemos senão o suicídio apaixonado, febril, o suicídio como estado inspirado; quanto ao desprendimento, é como convulsionários que sonhamos com ele. Aqueles sábios de antes da Cruz sabiam romper com este mundo ou resignar-se a ele, sem drama nem lirismo. Seu costume está perdido, assim como o fundamento de sua imperturbabilidade: uma Providência usurpadora veio desalojar o Fatum de todas as partes. E nós corremos para reencontrá-lo, para buscar nele um sustento, quando nenhum outro saberia nos ajudar nem seduzir.

§

Naquela ilhota do Mediterrâneo, bem antes de amanhecer, eu fazia, pelo caminho que me levava à falésia mais abrupta, reflexões de porteiro de férias: possuirei esta *villa*, a pintarei de ocre, colocarei outra cerca, etc. A despeito da *minha* ideia, eu me preocupava com a menor insignificância: contemplava os agaves, me demorava, escamoteava com digressões a urgência do meu propósito. Um cão se pôs a latir, em seguida fez festa para mim e me seguiu. Não se pode imaginar, sem tê-lo experimentado, o reconforto que nos dá um animal que nos vem fazer companhia quando os deuses nos deram as costas.

§

A obsessão do suicídio é própria de quem não pode viver nem morrer, e cuja atenção não se aparta jamais dessa dupla impossibilidade.

§

Se este mundo emanasse de um deus honorável, matar-se seria uma audácia, uma provocação inominável. Mas como tudo leva a crer que se trata da obra de um subdeus, não se vê porque alguém se incomodaria. *Quem* poupar? Grande beneficiado do eclipse da fé, o suicídio será cada vez mais fácil e, por isso mesmo, menos misterioso, posto que terá gastado seu prestígio de anátema. Outrora picante e meritório, entra agora nos costumes, ganha terreno e, se ele cessa de ser insólito, seu futuro parece, em compensação, garantido. No interior do universo religioso, ele aparecia como uma insanidade e uma traição, como a feitoria por excelência. Como crer e aniquilar-se? Atenhamo-nos à hipótese do subdeus, que tem a vantagem de permitir os gestos extremos, a vitória radical sobre um mundo insano.

Pode-se figurar esse criador, enfim consciente do seu desvario, declarando-se culpado: ele desiste, retira-se, e, por um último prurido de elegância, faz-se justiça. Desaparece assim com sua obra, sem que o homem conte para nada. Tal seria a versão melhorada do Juízo Final.

§

Os suicidas prefiguram o destino longínquo da humanidade. São anunciadores e, enquanto tais, devem ser respeitados: sua hora chegará; serão celebrados, lhes farão homenagens públicas e dirão que somente eles, *no pas-*

sado, haviam entrevisto tudo, adivinhado tudo. Dirão ainda que tomaram a dianteira, que se sacrificaram para indicar o caminho, que foram, ao seu modo, mártires: não se mataram em um tempo quando ninguém era levado a isso, e quando a morte natural estava no seu auge? Souberam antes dos outros que a *impossibilidade* pura e simples seria um dia o lote de todos, em vez de uma maldição, um privilégio.

Precursores, assim serão chamados; e o foram tanto quanto aqueles que, sensíveis à soberania do mal, incriminavam a Criação: os maniqueus no início da era cristã e, singularmente, seus discípulos tardios, os cátaros. O admirável é que essa incriminação, no caso destes últimos, era mais frequente em meio ao povo do que entre os letrados. Para convencer-se disto, basta consultar o *Manual do Inquisidor* de Bernardo Gui, ou qualquer relato da época sobre as ideias e práticas dos "heréticos". Aí se verá – detalhe reconfortante – a esposa de um carpinteiro ou de um comerciante de madeira às voltas com Lúcifer, ou acusando os nossos primeiros ancestrais do "ato mais satânico que existe". Aqueles sectários, ou antes visionários, tão curiosamente desenganados em meio ao seu fervor, investidos do dom de discernir as armadilhas diabólicas por detrás de todos os nossos atos importantes, sabiam, se necessário, deixar-se morrer de fome, e essa proeza, nem um pouco inabitual entre eles, marcava o ápice de sua doutrina. Colocar-se em *endura*, jejuar até o esgotamento completo, era uma prática, consecutiva à iniciação, que tinha por missão preservar o "consolado", por uma morte rápida, do perigo de apostasia e de todas as espécies de tentações.

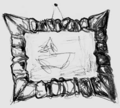
O desgosto pelo aspecto *útil* da sexualidade, o horror da procriação, fazia parte de recolocar em causa a Criação: para quê multiplicar monstros? Se tivesse triunfado e permanecido fiel a si mesmo, o catarismo teria culminado em um suicídio coletivo. Semelhante êxito não era nem um pouco possível: por mais avançados que fossem, os espíritos não estavam suficientemente maduros. Inclusive hoje, ainda estão longe disso, e será preciso esperar por muito tempo até que a humanidade se coloque em *endura.* Admitindo-se que o fará algum dia.

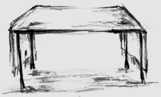
§

Por que não me mato? Se eu soubesse *exatamente* o que me impede, não teria mais questões a me colocar, pois teria respondido a todas.

§

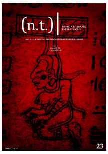
O difícil, para quem renunciou pela metade, é fazer o que falta. A existência sem dúvida lhe pesa, mas ele não esgotou sua surpresa de existir. Daí vêm suas irresoluções, e o arrependimento de se ter detido a meio-caminho, sem nenhuma chance de levar a cabo um desígnio concebido de longa data. Um fracassado da renúncia.





INDEX

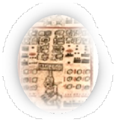
CAPA:



Detalhe de Ixtab, Códice de Dresden (México)
ARQUIVO (n.t.)

INTERNA:
Isabela Sancho (p. 3)
Ilustração para “Poema de morte”, de Yukio Mishima
Lápis preto sobre fundo branco
ARQUIVO (n.t.)

VINHETAS:



Códice de Dresden (pp. 11, 59 e 411)
Detalhe da pág. 53
Manuscrito em papel amate
SAXON STATE LIBRARY, DRESDEN

ENTRADA:
Palácio de Nimrud (lugar) (pp. 60-61)
Detalhe de *Escribas assírios fazendo registros*, 730 a.C.
Relevo
ARQUIVO (n.t.)

CONTRACAPA:
Escritório de Tradução em Tijuana, México
Foto
ARQUIVO (n.t.)

Isabela Sancho | www.isabelasancho.com
Série **Eu Sou!** 2022 – 20 ilustrações
Lápis preto sobre fundo branco, 6x6
ARQUIVO (n.t.)

Yeghia **T**emirtchipashian (p. 88)
Ilustração para “Só”

Ángel **G**anivet (p. 100)
Ilustração para “Os corvos”

Léon **D**eubel (p. 121)
Ilustração para “Sofrimentos”

Urmuz (p. 141)
Ilustração para “Filme documentário da morte”

Sara **T**easdale (p. 149)
Ilustração para “Só”

Carlo **M**ichelstaedter (p. 170)
Ilustração para “Despertar”

Napoleon **L**apathiotis (p. 194)
Ilustração para “Estou só”

Alfonsina **S**torni (p. 208)
Ilustração para “Vou dormir”

Vladímir **M**aiakóvski (p. 218)
Ilustração para “A todos”

Kóstas **K**aryotákis (p. 243)
Ilustração para “Última viagem”

Jacques **R**igaut (p. 265)
Ilustração para “Serei sério como o prazer”

Osamu **D**azai (p. 273)
Ilustração para “Cerejas”

Antonia **P**ozzi (p. 289)
Ilustração para “A vida sonhada”

Yukio **M**ishima (p. 338)
Ilustração para “Poema de morte”

José **A**gustín **G**oytisolo (p. 342)
Ilustração para “Adeus”

Sylvia **P**lath (p. 365)
Ilustração para “As danças da noite”

Alejandra **P**izarnik (p. 377)
Ilustração para “Sonho”

Nilgün **M**armara (p. 388)
Ilustração para “Túmulo”

Haizi (p. 404)
Ilustração para “Diante do mar, flores abrem na primavera”

E. **M**. **C**ioran (p. 413)
Ilustração para “Encontros com o suicídio”

BIBLIOGRAFIA

Editorial: Códice de Dresden e Suicidário

Bibliografia multidisciplinar acerca do suicídio e temas relacionados: abordagens filosóficas, psicológicas e/ou psicanalíticas, sociológicas, historiográficas e literárias.

Alvarez, Alfred. *O Deus selvagem:* um estudo do suicídio. Trad. de Sônia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

André, Wiillian; Amaral, Lara Luiza Oliveira; Pinezi, Gabriel (Orgs.). *Literatura e suicídio*. Campo Mourão: FECILCAM, 2020.

Ariès, Philippe. *O homem diante da morte*. Trad. de Luíza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

Artaud, Antonin. *Van Gogh. O suicidado pela sociedade*. Trad. de Rui Veiga. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

Ashton, Jennifer. *Vida após suicídio*. Trad. de Sônia Augusto. São Paulo: nVersos, 2020.

Barbagli, Marzio. *O suicídio no Ocidente e no Oriente*. Trad. de Federico Carotti. Petrópolis: Vozes, 2019.

Bertolote, José Manoel. *O suicídio e sua prevenção*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

Cabrera, Julio. *A Ética e suas negações:* não nascer, suicídio e pequenos assassinatos. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

Camus, Albert. *O Mito de Sísifo*. Trad. de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2012.

Cassorla, R. M. S. *Estudos sobre suicídio:* psicanálise e saúde mental. São Paulo: Blucher, 2021.

______. *Suicídio:* fatores inconscientes e aspectos socioculturais (uma introdução). São Paulo: Blucher, 2017.

Conselho Federal de Psicologia. *O suicídio e os desafios para a psicologia.* Brasília: CFP, 2013.

D'Oliveira, Carlos Felipe (Org.). *Levantamento bibliográfico sobre os temas:* suicídio, sobreviventes, família. Ministério da Saúde. Maio de 2006.

Dunker, Christian Ingo Lez. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

______. *Uma biografia da depressão*. São Paulo: Paidós, 2021.

Durkheim, Émile. *O suicídio:* estudo de sociologia. Trad. de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

Fine, Carla. *Sem tempo de dizer adeus*. Trad. de Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

Fukumitsu, Karina Okajima. *Sobreviventes enlutados por suicídio:* cuidados e intervenções. São Paulo: Summus Editorial, 2019.

______ (Org.). *Vida, morte e luto:* atualidades brasileiras. São Paulo: Summus Editorial, 2018.

Iannini, Gilson (Org.). *Vamos falar sobre suicídio?* São Paulo: Cult Produções Artísticas, 2022.

Kellehear, Allan. *Uma história social do morrer*. Trad. de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

Marquetti, Fernanda (Org.). *Suicídio:* escutas do silêncio. São Paulo: Editora Unifesp, 2018.

Marx, Karl. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006.

Minois, Georges. *História do suicídio:* a sociedade ocidental diante da morte voluntária. Trad. de Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

Puente, Fernando Rey (Org.). *Os filósofos e o suicídio*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

Ratey, John J.; Johnson, Catherine. *Síndromes silenciosas*. Trad. de Heliete Vaitsman. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

Solomon, Andrew. *O demônio do meio-dia:* uma anatomia da depressão. Trad. de Myriam Campello. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

______. *Um crime da solidão:* reflexões sobre o suicídio. Trad. de Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BIBLIOGRAFIA

“Se te queres matar...” - Para uma Crítica da razão suicida

Ensaio trilíngue de Julio Cabrera

Agostinho de Hipona. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1994.

Agustín de Hipona. *De la Trinidad*. In: *Obras de San Agustín* (tomo V). Trad. de Fr. Luis Arias, O. S. A. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1956.

Antonioni, Michelangelo. *As amigas* (1955).

Arcand, Denys. *As invasões bárbaras* (2003).

Augustine of Hippo. *On the Trinity. Books 8-15*. Edited by Gareth B. Matthews. Transl. by Stephen McKenna. Cambridge/New York/Melbourne: Cambridge University Press, 2003.

Campos, Álvaro de Campos (Fernando Pessoa). *Poesias*. Lisboa: Ática, 1993.

Bauman, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Bauman, Zygmunt. *Modernidad y Holocausto*. Trad. de Ana Mendoza. Madrid: Ediciones Sequitur, 2006.

Benatar, David. *Better never to have been.* Oxford: Oxford University Press, 2006.

Cabrera, Julio. “Antinatalism and Negative Ethics”. In. Lochmanová, Kateřina (ed.). *History of Antinatalism: How Philosophy Has Challenged the Question of Procreation.* Amazon Services International, 2020, p. 167-188.

Cabrera, Julio. *Crítica de la Moral Afirmativa*. 2ª ed. Barcelona: Gedisa, 2014.

Cabrera, Julio. *Discomfort and Moral Impediment*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2019.

Cabrera, Julio. *Mal-estar e Moralidade. Situação humana, ética e procriação responsável*. Brasília: Editora da UnB, 2018.

Cabrera, Julio. *Projeto de ética negativa*. São Paulo: Mandacaru, 1989. (Reeditado com o título: *A Ética e suas negações: não nascer, suicídio e pequenos assassinatos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011). Prefácio e capítulo 1 disponíveis em inglês (“Parenthood and Abstention”) em: https://misantropiaemelancolia.wordpress.com/2017/10/24/project-of-negative-ethics/

Dworkin, Ronald. *Domínio da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Dworkin, Ronald. *El dominio de la vida: una discusión acerca del aborto, la eutanasia y la libertad individual.* Trad. de Ricardo Caracciolo y Victor Ferreres. Barcelona: Ariel, 1994.

Dworkin, Ronald. *Life's Dominion*. New York: Alfred A. Knopf, 1993.

Erasmo de Rotterdam. *Elogio da loucura*. São Paulo: Editora Hedra, 2013.

Erasmo de Rotterdam. *Elogio de la locura*. Barcelona: Editorial Austral, 2011.

Erasmus of Rotterdam. *The Praise of Folly*. Transl. from the Latin, with an Essay & Commentary, by Hoyt Hopewell Hudson. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2015.

Kant, Immanuel. *Crítica da Razão prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Kant, Immanuel. *Crítica de la Razón práctica*. Dulce María Granja Castro. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

Kant, Immanuel. *Critique of Practical Reason*. Transl. by Werner S. Pluhar. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2002.

Kant, Immanuel. *Lecciones de ética*. Barcelona: Editorial Crítica, 1988.

Kant, Immanuel. *Lições de ética*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

Malle, Louis. *Trinta anos esta noite (O fogo fátuo)* (1963).

Orwell, George. *1984*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

Pessoa, Fernando. *Poems of Fernando Pessoa*. Transl. and edited by Edwin Honig & Susan M. Brown. San Francisco: City Light Books, 1998.

Rossellini, Roberto. *Roma, cidade aberta* (1945).

Sartre, Jean-Paul. *El Ser y la Nada*. Buenos Aires: Losada, 2013.

Sartre, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

Schopenhauer, Arthur. *El Mundo como Voluntad y Representación I.* Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2005.

Schopenhauer, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação I*. São Paulo: Unesp, 2005.

Verneuil, Henri. *O clã dos sicilianos* (1969).

A (n.t.) | 23º acabou-se de editar em 10 de julho de 2022.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond** Grego e russo: **Palatino Linotype**
Cuneiforme: **Sego Historic** Japonês: MingLiu Chinês: Ms Mincho Armênio: **Sylfaen** Farsi: **Sakkal Majalla**

ABOGADOS ASOC.
TRADUCCIONES
TRADUCCIONES
Grupo Profesional
COPIAS
Tels. 686-20-08
608-71-42
TRADUCCIONES
TRADUCCIONES
686-20-08
608-71-42
COPIAS